

WILMA REGINA ALVES DA SILVA

RELATOS ETNOGRÁFICOS À MEIA-NOITE: O UNIVERSO ESTÉTICO DOS GÓTICOS  
NA CIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANTROPOLOGIA)

PUC-/SP

SÃO PAULO

2006

WILMA REGINA ALVES DA SILVA

RELATOS ETNOGRÁFICOS À MEIA-NOITE: O UNIVERSO ESTÉTICO DOS GÓTICOS  
NA CIDADE DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais (Antropologia), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Regina da Costa.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANTROPOLOGIA)

PUC-/SP

SÃO PAULO

2006

WILMA REGINA ALVES DA SILVA

RELATOS ETNOGRÁFICOS À MEIA-NOITE: O UNIVERSO ESTÉTICO DOS GÓTICOS  
NA CIDADE DE SÃO PAULO

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANTROPOLOGIA)

PUC-/SP

SÃO PAULO

2006

Dedico este trabalho à minha querida mãe, Regina, por ter feito de minha infância um grande livro de aventuras e histórias, ensinando-me a respeitar as diferenças entre as pessoas, as crenças e as idéias, e mostrando-me que não há nada mais belo no mundo que a mente humana e suas criações, em especial, suas histórias, mitos e simbologias. Aprendi tudo isso com você, inclusive, a não ter medo de escuro, fantasmas, vampiros, bruxas e bichos-papões.

## RESUMO

A juventude das metrópoles atuais tem se mostrado como uma das principais incógnitas daqueles que habitam as cidades. Ora nos encantando, ora nos assustando com ações para as quais não encontramos respostas lógicas, quem são, como vivem e o que pensam são apenas algumas das muitas perguntas que fazemos ao vislumbrar suas mais distintas formas de se apresentarem nas ruas da cidade, em especial, quando este transitar se faz à noite, hora do dia que comumente vincula-se a noção de rebeldia e atitudes amorais. Com roupas pretas, rostos maquiados, fisionomia sombria, os góticos que transitam pelas noites da cidade de São Paulo carregam, em seu discurso e estética todas as características que acima foram apontadas, sendo considerados, muitas vezes, como seres demoníacos e fantasmagóricos. Esta dissertação preocupou-se, pois, com a compreensão do imaginário e da estética desses jovens paulistanos, refazendo, junto a eles, alguns de seus trajetos pelas noites de São Paulo, bem como o freqüentar de alguns de seus espaços privados, em especial o bar Madame Satã. Tratando-se de relatos etnográficos pelos espaços góticos da cidade de São Paulo, esta pesquisa, dividida em três capítulos, teve como maior objetivo demonstrar que para os “novos góticos” paulistanos, diferentemente do que se conhecia na década de 1980, o mito do vampiro e o movimento gótico possuem uma co-relação e, o fio que alinhava esses dois aspectos é a estética, que acopla, em si, como demonstram Delleuze e Guattari (2005), a vivência mítica e o nomadismo daquele que perambula sobre o espaço, tendo, no vagar, a busca pelo sentido de sua vida, e uma vivência de tempo diferente daqueles que não compreendem suas simbologias. É, portanto, a eterna busca humana por um sentido. Dos principais desafios de observação, destacou-se: 1) compreender quais são as mensagens que os góticos querem e transmitem à sociedade paulistana através de sua estética mortuária; e, 2) Apontar e estudar quais são as simbologias e mitos que fazem com que esta estética, européia a princípio, seja utilizada enquanto construção identitária de um grupo seletivo na cidade de São Paulo, vislumbrado, em especial, no vestuário, local por eles freqüentados, gosto musical, artístico e formas de demonstrar o próprio corpo. Conhecendo esses jovens de perto, em seus espaços de convívio na cidade de São Paulo, estudou-se, também, as principais obras artísticas – em especial a literária moderna, cuja maior

referência está na escritora norte-americana Anne Rice. Estas obras, como se verá ao longo dos capítulos, tiveram grande contribuição na construção de suas noções estéticas atuais, a exemplo da forma como discursam, as verdades de cada jovem que frequenta o movimento, a forma como utilizam de seus corpos para passarem mensagens sem precisar verbalizá-las, suas maneiras de olhar, dançar, ou mesmo de sentar e caminhar.

**Palavras-Chaves:** Góticos; Estética; Erotismo; Madame Satã; Juventude.

## ABSTRACT

The metropolis youth nowadays has showed itself as one of the main unknown members for those who live in the cities. Though enchanting us, or scaring us with actions which we can't find logical answers to, who they are, how they live and what they think are just some of the questions that we make when we see the most different forms that are used when they present themselves in the streets, overall when this passing happens at night, a time of day that is usually linked to the idea of rebelliousness and amoral attitudes. With black clothes, make up in their faces, dark look, the gothic ones that pass through São Paulo city carry, in their speech and aesthetic all the characteristics that were pointed before, being considered, lots of times, as demoniac and phantasmagoric beings. This dissertation worried, because, with the comprehension of the imaginary and aesthetic of these young people from São Paulo, remaking, with them, the trajectory through the nights of the city, as well as frequenting some of their privet spaces, in special the Madame Satã bar. In the matter of ethnographic stories through the gothic spaces in the city of São Paulo, this research, divided in three chapters, had, as its major objective, the will to show that the "new gothics" of this city, in contrast of what is known from the decade of 1980, the myth of vampire and the gothic movement possess a relation that go both ways and, the line that aligned these two aspects is the aesthetic, that connects itself, as Delleuze and Guattari demonstrate (2005), the mythic living and the nomadism of those who walk through the space, having the search of life's meaning in this perambulation and a living of timing that is different of those that don't comprehend their symbologies. Therefore, it is the eternal human search for a meaning. From the main challenges of observation, it was distinguished: 1) comprehend what are the messages that gothic people want and transmit to the society of São Paulo through their mortuary aesthetic; and, 2) Point and study what are the symbologies and myths that make this aesthetic, at first european, being used as identity construction of a selected group in the city of São Paulo, seeing, in special, the clothes, the places that they often frequent, their musical and arty taste and ways of showing their bodies. Knowing these young people from inside, in their coexisting places in São Paulo city, it studied, as well, the main artworks – specially the modern literature,

whose major reference is in the American writer Anne Rice – since it had the hypotheses that these help to build their aesthetic notions today, for instance, the way they speech, the truth of each young person that frequent the movement, the way they use their bodies to pass messages with no need of verbalizing them, their ways of staring, dancing or even sitting and walking.

**Key-Words:** Gothics; Aesthetic; Eroticism; Madame Satã; Youth



## AGRADECIMENTOS

Escrever é um ato delicado e trabalhoso. Escrever uma dissertação de mestrado é como cuidar do crescimento de uma criança, já me disseram alguns amigos pesquisadores. Há medos, angústias, palpites de todos os que já se tornaram mestres do ofício, dicas de livros e até documentários na televisão para que continuemos ou desistamos do processo. Em uma família como a minha, onde todos são pesquisadores e professores (eu, meus pais, meu marido), este fato torna-se ainda mais recorrente e desafiador. A questão é que, elaborar uma pesquisa e demonstrá-la em forma de dissertação de mestrado, fez-me lembrar de uma aula da Prof<sup>a</sup> Carmem Junqueira, em que nos relatou que, para os indígenas, “é preciso uma tribo inteira para se educar uma criança”. Portanto, aqui agradeço a todos os índios da minha tribo e de tribos vizinhas ou distantes, como meus amigos da biologia, da física, da educação, da filosofia, da história, da geografia, das ciências da religião, da teologia, mas, que, de alguma maneira, ajudaram-me nesta difícil e deliciosa tarefa.

Aos queridos amigos e professores do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP pelo incentivo, apoio e conhecimentos a mim passados em todos esses anos de convívio. Ao meu eterno professor e amigo, Edin Sued Abumanssur, por ter acolhido minhas loucuras de investigação e me “iniciado” na Antropologia, em especial pelo apoio constante. À amiga Prof<sup>a</sup> Cleide Silvério, pela confiança em meu trabalho e em minha competência profissional; aos amigos Prof. Silas Guerriero, Prof. Décio Cunha, Prof. Afonso Soares, Prof<sup>a</sup>. Celina Cabrera Q. de Moraes, Prof<sup>a</sup>. Carmen Junqueira, Prof<sup>a</sup>. Norma Telles, Prof<sup>a</sup>. Lili e Prof<sup>a</sup>. Josy, pela forma carinhosa com que se apaixonaram pelo meu trabalho e as inúmeras vezes que me questionaram: “e aí, está pronto?? Conte-me um pouco do que anda escrevendo”.

Aos amigos e professores Sérgio Eugênio Menino, pelas provocações e trocas teóricas sobre religiosidade e estética e Tarcísio Cunha, pelos debates intrigantes sobre a estética, o tempo e a arte. À amiga Cleide Cruz, por ter salvado parte dos dados da dissertação das garras do terrível HD riscado. As minhas queridas irmãs e amigas Carolina Simionato e Ana Maria G. Francisco, pelas horas de companheirismo em que fugir da

dissertação tornava-se fundamental para sua continuidade. Aos amigos Alexandre, Yara, Jefferson e Mário - todos professores também, lógico – pela companhia no programa de pós-graduação e as inúmeras conversas que acrescentaram, e muito, nesta pesquisa.

Em especial à minha família. A minha querida mãe, Regina Maria Enéas, pela revisão do texto, pelas idéias, pela coragem, pelo incentivo e pelas trocas e debates teóricos. Obrigada por ter acreditado em mim desde o início. Ao meu pai, Renaldo Alves da Silva, que, a seu modo, mostrou-se sempre preocupado com minha pesquisa. Obrigada pela teimosia de todas as vezes que eu dizia: “chega, isso não vai levar a lugar algum”, ter aparecido com algum livro ou filme e o famoso discurso: “sei que você está cansada, mas será que isso poderia te ajudar de alguma forma?”.

Ao meu amado e querido marido, Ronaldo Lauria Justo, pelo esforço de estudar comigo a antropologia, compreender as belezas de visitas noturnas em espaços sombrios da cidade, mesmo sendo de uma área tão diferente de pesquisa, mas se propondo e agregando muito com as horas de conversas, revisões de textos, colaboração metodológica e incentivos constantes para meu crescimento profissional, compreendendo o stress do final desta jornada e as horas (muitas, é verdade) de ausência. No fim, sempre dizia, “vida de pesquisador não é fácil... se precisar estou aqui... fazendo pesquisa de criaturas que não mudam de opinião” (fazia menção, em especial, aos seus polens e eras geológicas).

Ao meu querido irmão, André Luiz Tadeu e cunhada, Mayte Hueza, pelas ajudas pontuais (sempre pedidas de última hora), quer em gravação de músicas, filmes ou mesmo no apoio técnico com o computador, gravador, abstract...

Sem menor importância, e com os devidos créditos, agradeço, com o risco de esquecer alguns, a todos os góticos que me ajudaram, ao longo de todos esses anos, a acumular conhecimento. Aos góticos de Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Londres, Paris, Nova York, Nova Orleans, Toronto e, em especial, de São Paulo, pelas idas a bares, fotos, músicas, entrevistas e boa-vontade para com minhas inúmeras perguntas e questionamentos. Aos administradores das casas Madame Satã, Salamandra e Oficina Mooca; ao grupo Thorns e aos administradores das lojas da Galeria do Rock em São Paulo, em destaque a casa Profecias; aos administradores dos cemitérios da cidade de São Paulo, cujo trabalho constante em recuperar o valor histórico e artístico das obras que lá se encontram foi um dos mais bonitos que presenciei nos últimos anos; carinho especial a

Popó, o coveiro-guia turístico cemiterial, cuja colaboração foi essencial em todas as visitas realizadas, em especial ao Cemitério da Consolação e Cemitério São Paulo; aos funcionários das bibliotecas da FFLECH e de Letras da USP, pela paciência e ajuda na busca de documentos e textos que, segundo eles, “mais ninguém se interessava”; a Cid, pelas trocas de experiência da noite de São Paulo.

A todos os entrevistados, por terem participado de nossas reuniões, sempre colaborando com seus diversos pontos de vista e textos que escreviam para colaborar, de alguma forma, com a pesquisa. A equipe de imprensa de Anne Rice, pelo envio de materiais e entrevistas. À própria Anne Rice, com respeito. Ao Prof. Maffesoli, pela ajuda preciosa no envio de dicas e trabalhos sobre os góticos em Paris. Aos professores Luiz Henrique de Toledo e José Paulo Florenzano, pelas contribuições importantíssimas, animadas, desafiadoras e trabalhosas em minha qualificação.

Aos meus queridos alunos, de todas as instituições em que leciono, pela confiança em meu trabalho e em minha pessoa, pela ajuda maravilhosa que me deram ao ensinar-me, todos os dias, o desafio que é encontrar luz onde apenas vemos escuridão. Obrigada por terem compreendido minha ausência da sala de aula no último mês de realização deste trabalho. As queridas amigas Prof<sup>a</sup> Maria Elizabete Antonioli e Prof<sup>a</sup> Ana Gracinda Queluz, que tanto ensinam a mim e minha mãe, além das oportunidades que nos oferecem para nosso crescimento profissional.

E, finalmente, à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Márcia Regina da Costa, pelas inúmeras dicas, conversas e incentivo na construção deste trabalho, sem a qual não teria sido possível a conclusão desta. Obrigada por ter aceitado este desafio.

A todos vocês, muito obrigada.



*“Cada um de nós está hoje eletronicamente conectado ao globo inteiro e, entretanto, todos nos sentimos sós. Somos bombardeados pela violência, pela divisão, pela desintegração e pela traição. O ceticismo passou a ser uma virtude. O cinismo e a exigência de provas para tudo converteram-se em pensamento esclarecido. Alguém ainda se admira que as pessoas hoje se sintam mais deprimidas e derrotadas do que em qualquer outra ocasião da história do homem? Será que existe alguma coisa que a ciência considere sagrada?”*

Dan Brown, em Anjos e Demônios.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – O Vampiro Lestat (Tom Cruise, em “Entrevista com o Vampiro” .....	12
Ilustração 2 – O Choro da Vampira (RPG, “Vampiro, a máscara”) .....	22
Ilustração 3 – Ozzy Osborne .....	27
Ilustração 4 – Alice Cooper .....	28
Ilustração 5 – Cena do filme “Fome de Viver” .....	29
Ilustração 6 – Cena do filme “Garotos Perdidos” .....	29
Ilustração 7 – Tom Cruise, como o Vampiro Lestat; Brad Pitt, como o Vampiro Louis e Antonio Bandeiras, como o Vampiro Armand, em “Entrevista com o Vampiro” .....	31
Ilustração 8 – Álvares de Azevedo .....	46
Ilustração 9 – Bela Lugosi .....	48
Ilustração 10 – Bauhaus .....	48
Ilustração 11 – Anne Rice .....	63
Ilustração 12 – Vampiras ( RPG, “Vampiro, a Máscara”) .....	74
Ilustração 13 – Fachada da casa noturna Madame Satã .....	79
Ilustração 14 – Bar e pátio externo da casa noturna Madame Satã .....	84
Ilustração 15 – “O Corvo” (Erick Draven), na interpretação de Brandon Lee	105
Ilustração 16 – John Constantine, interpretação de Keanu Reeves .....	107
Ilustração 17 – David Bowie .....	119
Ilustração 18 – Marilyn Mayson .....	120
Ilustração 19 – Lestat e Akasha, cena do filme “A Rainha dos Condenados”	126
Ilustração 20 – Folder do “Vamp Festival 8” .....	127
Ilustração 21 – Cover da banda “Paradise Lost”, no Vamp Festival de novembro de 2005 .....	129
Ilustração 22 – Góticos no último Vamp Festival – novembro de 2005 .....	129
Ilustração 23 – Diálogo entre Erick Draven e o Guardião dos Mortos, “O Corvo” .....	133

Ilustração 24 – O Vampiro e sua próxima vítima (RPG, “Vampiro, a máscara”).....	139
Ilustração 25 – Fausto, de Goethe .....	160
Ilustração 26 – Lestat (Tom Cruise) .....	166
Ilustração 27 – Lestat (Stuart Townsend) .....	168
Ilustração 28 – Máscaras – O Teatro dos Vampiros (RPG, “Vampiro, a máscara”) .....	180
Ilustração 29 – Pôster – filme “A Cidade dos Anjos” .....	200
Ilustração 30 – “O Corvo” (Vincent Perez) .....	211

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01 – Quadro de Resumo das 05 (cinco) principais obras de Anne Rice (Crônicas Vampirescas) .....	170
Tabela 02 – Atividade Profissional .....	220
Tabela 03 – Nível Escolar .....	221



## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade .....	219
Gráfico 2 – Sexo .....	219
Gráfico 3 - Profissão .....	220
Gráfico 4 – Idiomas .....	222
Gráfico 5 – Quais as pessoas que você considera ser sua família? .....	222
Gráfico 6 – Quais são seus hobbies? .....	223
Gráfico 7 – Você pratica alguma atividade artística? .....	224
Gráfico 8 – Qual seu estilo musical predileto? .....	224
Gráfico 9 – Qual sua banda ou cantor (a) predileto? .....	225
Gráfico 10 – Qual filme ou programa lhe marcou mais em sua infância? .....	225
Gráfico 11 – Qual filme mais lhe marcou em sua vida? .....	226
Gráfico 12 - Qual seu tipo de filme preferido? .....	226
Gráfico 13 – Você tem o hábito da leitura? .....	227
Gráfico 14 – Qual tipo de material você costuma a ler com frequência? .....	227
Gráfico 15 – Quais são as obras literárias que você mais gostou? .....	228
Gráfico 16 – Você viaja frequentemente ou já viajou? .....	228
Gráfico 17 – Quais foram os principais destinos e os principais motivos? ...	229
Gráfico 18 – Uma cor .....	230
Gráfico 19 – Uma imagem .....	230
Gráfico 20 – Um amuleto .....	231
Gráfico 21 – Um Símbolo .....	231
Gráfico 22 – Religião .....	232
Gráfico 23 – Deus .....	232
Gráfico 24 – Diabo .....	233
Gráfico 25 – Morte .....	233
Gráfico 26 – Estar vivo é .....	234
Gráfico 27 – Estar morto é .....	234
Gráfico 28 – Opção sexual .....	235
Gráfico 29 – Tatuagem .....	235

Gráfico 30 – Preconceito .....	236
Gráfico 31 – Amor .....	236
Gráfico 32 – Paixão .....	237
Gráfico 33 – Seu Corpo .....	237
Gráfico 34 – Dinheiro .....	238

## SUMÁRIO

<b>Resumo .....</b>	<b>05</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>07</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>09</b>
<b>Índice de Ilustrações .....</b>	<b>14</b>
<b>Índice de Tabelas .....</b>	<b>16</b>
<b>Índice de Gráficos .....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1 – Apresentação .....</b>	<b>24</b>
• Breve histórico sobre os góticos na cidade de São Paulo .....	26
1.1 O Recorte Teórico .....	35
1.2 O Recorte Metodológico .....	61
1.2.1 A Iniciação Científica e o RPG .....	64
1.2.2 O Perfil Gótico na cidade de São Paulo e as demais entrevistas realizadas .....	69
<b>Capítulo 2 – Madame Satã: corpo, erotismo e mito na estética gótica .....</b>	<b>77</b>
2.1 O Cenário .....	79
2.2 O Público .....	87
I – A Diferença entre Darks e Góticos .....	88
II – Ser Gótico é ... ..	90
III – O Mito do Vampiro e de outros seres obscuros .....	92
A. Re-Ligare .....	95
B. Os Vampiros .....	98
C. O Corvo .....	102
D. Hellblazer: John Constantine .....	106

IV – Sub-divisão entre os góticos .....	108
A. Gótico .....	108
B. Dark .....	109
C. Doom .....	110
D. Vampiros “Life Style” .....	110
E. Psycho Vampir .....	111
F. Vampiros “Body Modification” .....	111
V – Gênero e Sexualidade .....	115
VI – O Corpo e os Adereços Estéticos .....	125

### **Capítulo 3 – Semelhanças Estéticas e Simbólicas entre o discurso gótico e a literatura de Anne Rice ..... 141**

3.1 O Individualismo: base de comparação entre góticos e Anne Rice ...	144
I – A Literatura Gótica – As Simbologias da Literatura e o retrato da modernidade .....	150
II – A 2ª Fase da Literatura Gótica .....	155
III – Fausto .....	159
3.2 Lestat de Lioncourt .....	162
3.3 As histórias de Anne Rice e os Góticos em São Paulo .....	172
I – O Teatro e a Máscara .....	173
II – A Música .....	186
A. Gothic Rock .....	195
B. Industrial / E.B.M (Eletronic Body Music) .....	195
C. Etheral .....	195
D. Dark Ambient/ dark Atmospheric .....	195
E. New Age .....	196
F. Medieval e Renascentista .....	196
G. Música clássica e neoclássica (erudita) .....	196
H. Metal .....	197

<b>Considerações Finais .....</b>	<b>201</b>
• Os caminhos da pesquisa .....	202
1) Apresentação do cenário – a casa noturna Madame Satã .....	206
2) Apresentação do público que frequenta o bar .....	206
3) descrição das principais semelhanças estéticas e simbólicas entre o discurso gótico e a literatura de Anne Rice .....	207
• Apresentando o fim para se pensar num novo começo .....	208
 <b>Anexos .....</b>	 <b>211</b>
• Anexo A – O circuito gótico na cidade de São Paulo .....	212
• Anexo B – perfil gótico da cidade de São Paulo .....	215
• Anexo C – Questionários da 2ª e da 3ª fase das entrevistas .....	239
• Anexo D – Góticos e o Jogo de RPG .....	242
• Anexo E – Comunidades Góticas no Orkut: estética e violência .....	248
• Anexo F – Listas Góticas de Discussão na Internet .....	262
 <b>Referências Bibliográficas .....</b>	 <b>270</b>
• Bibliografia e Materiais Especiais .....	270
• Filmografia .....	290
• Sites e Blogs Góticos Pesquisados .....	294



*”Descemos juntos o corredor. Não, eu não estava gostando daquilo. Não queria estar ali. Era um lugar assombrado. Mas as verdadeiras assombrações nada têm a ver com fantasmas, afinal; têm a ver com a ameaça da memória. Aquele ali tinha sido o meu quarto. O meu quarto.*

*Ele estava lutando com a porta dos fundos, tentando ajeitar a velha moldura. Fiz-lhe um sinal para que saísse para a varanda e então eu dei o empurrão de que a porta necessitava. Ela ficou trancada.*

*- Posso consertar todas para você, se quiser – afirmei. – Sabe, deixar tudo como antes.*

*- Agora não tem importância – ele respondeu. – Quer vir comigo, dar um passeio?*

*Descemos juntos pela velha passagem de carruagens, a água correndo pelo pequeno bueiro. Olhei para trás uma vez. Vi-a parada ali, usando o velho vestido branco com a faixa azul. Só que não estava olhando para mim. Eu estava morto, ela achava ...”*

# CAPÍTULO 1

## APRESENTAÇÃO

*“Agora, desçamos ao mundo das trevas”,  
principliou a dizer o poeta, soturnamente, “irei  
à frente, serás o segundo”.*

Dante Alighieri, “A Divina Comédia”.

Faltam dez minutos para a meia noite. Numa rua escura, do centro velho da cidade de São Paulo, observam-se dezenas de pessoas. Mulheres vestidas com roupas justas e pretas, grandes saltos e maquiadas de forma a ressaltar a palidez do rosto: olhos muito escuros, boca com tons pretos e vinho. Unhas negras. Ao lado, alguns jovens sentados no chão com garrações de vinho e copos plásticos na mão. A todo instante, mais e mais jovens chegam a este cenário e aglomeram-se em frente a um casarão todo pintado de preto.

Esta é uma cena corriqueira para aqueles que freqüentam as noites dos finais de semana de algumas partes da cidade de São Paulo. Conhecidos por muitos como darks, denominação esta cunhada na década de 1980 pelo jornalista Pepe Escobar, então repórter de Folha de S.Paulo e da revista de crítica musical BIZZ, esses jovens sombrios e misteriosos constituem a chamada Tribo Urbana dos Góticos, que é o objeto de investigação desta dissertação.



Trata-se, aqui, de descrever relatos de um recorte etnográfico<sup>1</sup> de alguns espaços específicos frequentados pelos góticos nas noites paulistanas, em especial da casa noturna Madame Satã, cujo objetivo maior é demonstrar que para os “novos góticos”, diferentemente do que se conhecia na década de 1980, como se verá a seguir quando exporei um breve histórico destes na cidade de São Paulo, jogadores de RPG<sup>2</sup> ou não, da cidade de São Paulo, o mito do vampiro e o movimento gótico possuem uma co-relação e, o fio que alinhava esses dois aspectos é a estética, que acopla, em si, como demonstram Delleuze e Guattari (2005), a vivência mítica e o nomadismo daquele que perambula sobre o espaço, tendo, no vagar, a busca pelo sentido de sua vida, e uma vivência de tempo diferente daqueles que não compreendem suas simbologias. É, portanto, a eterna busca

---

<sup>1</sup> Sabe-se que a palavra etnografia, na Antropologia, é bastante discutida por diversos autores, principalmente no que diz respeito aos "estudos das diferentes etnias". Porém, nesta dissertação, faço uso dessa palavra como sendo um registro descrito de uma dada cultura, sobre indivíduos que se diferenciam por sua especificidade sociocultural. Para Magnani, essa prática é denominada de um olhar “de perto e de dentro”, em contrastes com visões que foram classificadas como “de fora e de longe”, a saber: “ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõem recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica. Identificar essas práticas significa que o recorte escolhido faz sentido tanto para os próprios atores como para o analista: trata-se de uma totalidade empírica definida, mas que, capaz de ter os elementos que os estruturam reconhecíveis como padrões, pode ser descrita, formalizada, constituindo um modelo mais geral. Aponta para uma lógica que transcende o contexto original, com poder descritivo e explicativo (...) a meta é seguir em busca de uma lógica mais geral. Do olhar *de perto e de dentro*, próprio da etnografia, para um *olhar distanciado*, em direção, aí sim, a uma etnografia da cidade, procurando desvelar a presença de princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração. É somente por referência a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando-o, o domínio em que se movem os atores sociais, imersos em seus próprios arranjos, ainda que coletivos” (MAGNANI, 2002: 25-26). Optou-se nesta dissertação mostrar alguns espaços específicos frequentados pelos góticos na cidade de São Paulo e não em todos os espaços possíveis, mesmo que os mesmos tenham sido visitados para a construção deste trabalho, irei me referir a prática da etnografia feita para esta pesquisa como “relatos etnográficos”, deixando claro que falarei sobre a parte e não do todo existente.

<sup>2</sup> RPG é a sigla para Role-Playing Games, ou Jogo de Interpretação, que possui hoje grande popularidade em todo o mundo, em diferentes faixas etárias, uma vez que mescla a narrativa com a busca da vitória presente em qualquer jogo. Resumidamente, os jogadores criam suas personagens, segundo uma série de regras e especificações dadas nos livros de referências, e vão criando ações para os mesmos, interagindo com os demais e, assim, dando continuidade à primeira narrativa que ouviram ou leram antes do início de cada jogo. Cada jogo possui um narrador, ou mestre do jogo. É este mestre que indica os caminhos pelos quais os jogadores deverão ir e, dependendo da ação dos jogadores, o mestre continua sua narrativa. É importante destacar que as atitudes e reações dos personagens de cada jogador são escolhidas exclusivamente por eles e que, o resultado das ações dos personagens e suas conseqüências são definidas pelos mestres. A única exceção a esta regra são as personagens que fazem parte da história, mas não são representados pelos jogadores. Estes personagens são criados ficam aos cuidados dos mestres, e os mesmos só adentram a um jogo para poder interagir com os jogadores e dar mais elementos às histórias.

humana por um sentido, como nos relata a bela história de Edgar Alan Poe (1840), “O Homem das Multidões”.<sup>3</sup>

Para que este objetivo fosse alcançado, optei, nesta dissertação, por alguns desafios de observação, dos quais destaco:

1. Compreender quais são as mensagens que os góticos querem e transmitem à sociedade paulistana através de sua estética mortuária;
2. Apontar e estudar quais são as simbologias e mitos que fazem com que esta estética, européia a princípio, seja utilizada enquanto construção identitária de um grupo seletivo na cidade de São Paulo, vislumbrado, em especial, no vestuário, local por eles frequentados, gosto musical, artístico e formas de demonstrar o próprio corpo.

Para tanto, este trabalho preocupou-se não só em conhecer os góticos em seus espaços de convívio na cidade de São Paulo, como também em estudar as obras artísticas – em especial a literária – que os ajudam a construir suas noções estéticas atuais. Para entender aquilo que chamei, no início desta apresentação, como “novos góticos”, bem como dos procedimentos metodológicos e dos referenciais teóricos aqui utilizados, faz-se necessário, inicialmente, conhecer, de forma geral, quem são os góticos e como eles surgiram na cidade de São Paulo.

## **Breve Histórico sobre os Góticos na cidade de São Paulo**

Os Góticos têm sua primeira aparição enquanto tribo<sup>4</sup>, na cidade de São Paulo, no final da década de 1970, quando o movimento *underground*, movimento pelo qual, alguns

---

<sup>3</sup> Essa história é narrada por um homem que vai a Londres fazer um tratamento de saúde e se diverte observando, do saguão do hotel, a multidão que passa na rua. No começo, o narrador vê apenas uma massa indistinta. Em breve, porém, desce aos detalhes e consegue ver padrões de roupas, comportamentos, jeito de andar. O interessante é notar que vários públicos começam a surgir a sua frente: escreventes, homens de negócios, advogados, homens em momentos de lazer. A certa altura um homem chama sua atenção. É um senhor entre 60 e 70 anos e sua fisionomia apresenta um misto de triunfo, alegria, terror e desespero. A impressão que tem é tão forte que o narrador passa a segui-lo. O homem perseguido então envereda pela rua repleta de gente e, chegando à praça, passa a andar em círculos, confundindo-se com a multidão. Quando o fluxo diminui, o senhor sente-se angustiado e procura outra multidão. A narrativa de Edgar Alan Poe acompanha durante toda a noite sua busca por agrupamentos humanos. No final, o escritor o abandona com um comentário: “esse velho é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa estar só. É o homem das multidões. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos. O pior coração do mundo é mais espesso do que o Hortulus Animae e talvez seja uma das grandes misericórdias de Deus o fato de que ele jamais se deixa ler”.

<sup>4</sup> O uso da expressão (conceito) “tribos urbanas” é demasiadamente polêmica no campo acadêmico, sendo adotada por uns e repudiada por outros. Tendo estudado os principais teóricos da área, como pode ser

grupos se manifestam especialmente no que diz respeito a obras de cultura e arte, na tentativa de quebrar a ordem aceita e estabelecida como padrão pela sociedade, trazendo novas idéias e valores (COELHO, 1999: 99-101), tornam-se ainda mais popular nos países da América do Norte e da Europa Ocidental.

Quando este movimento chega ao Brasil, uma de suas primeiras e mais fortes manifestações dá-se no campo musical, através da popularização do rock (*heavy metal* e *punk*). É, em 1980, que o Brasil começa a conhecer efetivamente bandas como The Mission, Siouxsie and The Banshees e The Cure, consideradas, pela crítica musical e pelos góticos de todo o mundo, como precursoras desta estética em meados de 1970<sup>5</sup>. É com nomes como Pink Floyd, Black Sabbath, Bauhaus e Alice Cooper que, nesta época, os góticos começam a ganhar destaque junto a outros movimentos juvenis, sobretudo os punks, quer pela batida diferente das canções – geralmente mais fortes que as então conhecidas, mesclando-se a letras melódicas e românticas, sempre dando um caráter de lamento – quer pela forma como esses se apresentavam esteticamente para seu público – privilegiando a cor preta que contrastava com rostos pálidos e maquiados.

### ILUSTRAÇÃO 3

---

observado ao longo dos capítulos e na bibliografia desta dissertação, e concordando com Magnani (1992) quando diz que esta categoria deve ser um referencial, mas não um rótulo de atitudes, optei em usá-la no intuito de nortear meus estudos, como faz Blass (2004) e Pais (2004). Faço chamadas a muitos trabalhos, mas em especial aos do Prof. Michel Maffesoli (1998, 2001 e 2004), que atribui, como característica básica para se chamar um grupo de tribo, uma certa vivência estética e nômade, que intermedia as criações identitária de um grupo de jovens dentro de uma dada cidade, ou seja, dá sentido a escolha e o usos de suas máscaras simbólicas com as quais irão se comunicar com os transeuntes das cidades. Os conceitos de estética e nomadismo serão trabalhados nesta dissertação à luz dos teóricos centrais do tema, Guattari e Delleuze, no entanto, compreendo que a releitura destes, através da explanação do conceito de tribos urbanas (ou neotribalismo, para Maffesoli), é importante para a compreensão das simbologias dos góticos na cidade de São Paulo, como demonstrarei no apontamento dos referenciais teóricos utilizados na pesquisa.

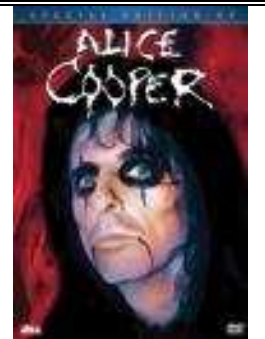
<sup>5</sup> De todas essas bandas, a mais conhecida e expressiva no mundo e no Brasil é a “The Cure”, criada em meados da década de 1970, em Londres, tendo com o vocalista e líder da banda Robert Smith. Desde então, seus sucessos têm sido copiados em todos os cantos do mundo, em especial o visual dos componentes da banda, que ressaltam em suas canções o negro, o fúnebre e as atitudes plásticas (ou mascaradas) das pessoas que vivem nas cidades.



**Ozzy Osborne** (inglês, nascido em 03/12/1948), líder e vocalista da banda Black Sabbath até o ano de 1979, tendo saído em 1980 para fazer carreira solo. Ozzy é conhecido mundialmente por sua excentricidade, casamento duradouro com Sharon (que foi sua empresária no início da carreira) e loucuras de performance no palco, tal como o dia em que mordeu um morcego vivo num show. Teve problemas sérios durante anos por conta de alcoolismo e drogas, sendo internado por diversas vezes. Hoje, vive a maior parte do tempo em reclusão em sua residência, aparecendo na mídia apenas para receber homenagens ou fazer shows especiais em todo o mundo.

#### ILUSTRAÇÃO 4

**Alice Cooper** é o nome artístico de Vincent Damon Furnier (americano, nascido em 04/02/1948). Inicialmente, o nome era de sua banda de rock dos anos 1960 (homenagem à obra “Alice no País das Maravilhas”). Seguindo carreira solo após 1974, tornou-se conhecido por suas apresentações ao vivo, freqüentemente teatrais e com apelos à violência, cheias de maquiagem, cadeiras elétricas, guilhotinas, cabeças decapitadas artificiais e sangue falso. O humor negro, freqüentemente, faz parte de seus trabalhos e entrevistas.



As canções ouvidas por essa tribo acabaram por ganhar destaque, também por terem sido utilizadas em trilhas sonoras de filmes norte-americanos de grande destaque mundial, tais como “Fome de Viver” (“The Hunger”, EUA, 1983. Direção de Tony Scott, em que Catherine Deneuve e David Bowie fazem papéis de vampiros modernos e sensuais), embalada pela música “Bela Lugosi’s dead”, de Bauhaus, e “Garotos Perdidos” (“The Lost Boys”, EUA, 1987, com a direção de Joel Schumacher, faz um paralelo com a clássica história de “Pinóchio”, em que meninos arteiros e mal-criados são levados a um parque de diversões para se tornarem burros, só que, no caso de “Garotos Perdidos” estes se tornam vampiros, arruaceiros, jovens e que andam sempre em grupo para afirmarem para si e para o outro o porquê de sua existência), cuja trilha ficou a cargo da banda Echo and the Bunnymen, que regravou o clássico “people are strange”,<sup>6</sup> do vocalista do grupo The Doors, Morrison, de 1967.

---

<sup>6</sup> “Pessoas são estranhas, quando você é um estranho. Rostos parecem feios, quando você está sozinho. Mulheres parecem malvadas, quando você é indesejado. As ruas são irregulares, quando você está pra baixo. Quando você é um estranho, rostos vêm de fora da chuva. Quando você é um estranho, ninguém lembra seu nome. Quando você é um estranho...”.

**ILUSTRAÇÃO 5 – CENA DO FILME “FOME DE VIVER”**



**ILUSTRAÇÃO 6 – CENA DO FILME “GAROTOS PERDIDOS”**



Após um momento de grande destaque nacional, a partir de 1986, o grupo acabou retraindo-se, protegendo-se assim da mídia, que o tinha como alvo para demonstrar aspectos da solidão e depressão juvenil. As explicações para tal acontecimento são dadas, na maioria das vezes, pelos próprios integrantes da tribo que acreditam, a exemplo do depoimento de C.H.F (42 anos, integrante da tribo desde os 18 anos) que:

Tudo naquela época foi diferente. O Brasil mudou muito, passávamos a maior parte do tempo falando de política e quando percebemos já estávamos mais preocupados com a forma como íamos pagar nossas contas após a faculdade do que em manter o nosso estilo sombrio de forma aparente. Começamos a nos afastar dos bares, que na época viraram cult e acabaram agregando um pouco da cultura pop que começava, a exemplo de Renato Russo e João Gordo que freqüentavam o Madame Satã. Para nós, acho que existia uma certa deturpação do

que queríamos ver. Então paramos de freqüentar espaços mais públicos, mas no quintal de nossa casa ainda mantínhamos nossas bandas, nossos acervos e gosto pela cultura gótica. Hoje, de certa forma, está virando modismo de novo. Mas não creio que seja tanto pelo gosto musical, mas sim por uma depressão que transpassa o movimento.

Foi após o ano de 1994 que os góticos começaram a retomar certo destaque nacional para o público em geral, reaparecendo na mídia através de personagens de novelas, filmes e, principalmente, mesclada à cultura do RPG – role-playing games – que amparada pela oportunidade de interação e criação de espaços compartilhados, dá oportunidade para que a cultura saia de seu aspecto “secreto” e reservado, que mantinha até então, para novamente crescer em popularidade e número na cidade de São Paulo.

No Brasil, em especial na cidade de São Paulo, observa-se esse movimento quando do lançamento da novela “De Corpo e Alma”, da Rede Globo de Televisão (1992) em que a personagem Reginaldo, vivido pelo autor Eri Johnson, retrata a visão de um jovem que é incompreendido por sua família e encontra, na escuridão dos cemitérios e da cultura gótica, uma nova razão para demonstrar suas idéias e valores. Cabe ressaltar que, a caricatura feita pela novela, é muito criticada pelos góticos, já que afirmam que a personagem acabou por satirizar aspectos da estética e do discurso gótico, deturpando a imagem deles para o público que assistiu à novela.

Outras obras também ajudaram nesta popularização, a exemplo da adaptação para o cinema de uma das obras mais importantes da cultura gótica mundial desde a década de 1970: “Entrevista com o Vampiro”, de Anne Rice, em 1994 (“Interview with the Vampire: The Vampire Chronicles”, Direção de Neil Jordan, EUA).

Esta história, que relata a dor e o sofrimento de um homem imortal, sensível à arte e à beleza do ser humano, que foi “jogado” ao mundo das trevas sem saber exatamente se esta era a opção correta de escolha, uma vez que não conhecia as conseqüências, e, da mesma forma, não mais podendo fugir dos novos dons que “o mundo das trevas” lhe proporcionou, resumindo-se a contemplar toda a beleza e maldade que os olhos humanos não enxergavam. O filme ganhou reconhecimento mundial ao misturar elementos da ficção literária aos espaços sombrios das cidades de Nova Orleans, Paris e Londres, além de

representar as personagens sombrias e malignas dos vampiros pela sensualidade dos atores Brad Pitt, Tom Cruise e Antonio Banderas.

### ILUSTRAÇÃO 7



Tom Cruise, interpretando o vampiro Lestat e Brad Pitt, interpretando o vampiro Louis.

Antonio Banderas, interpretando o vampiro Armand



Assim, se o termo gótico, que significa, em essência, uma corruptela ortográfica da palavra *argótico*, traduz “uma língua particular de todos os indivíduos que têm interesse em comunicar seus pensamentos sem serem compreendidos pelos que os rodeiam” (FULCANELLI, 1976: 53). A popularização através da imagem de obras clássicas no



universo gótico ajudou com que os muitos jovens brasileiros, que até então, pouco conheciam desta cultura, e que, de certa forma, havia “desaparecido” dos olhos da mídia por cerca de dez anos, começassem a perceber que o discurso antagônico das personagens vampirescas explicavam, metaforicamente, suas próprias ansiedades e questionamentos para a realidade que viviam.

O perfil sócio-econômico dos góticos da cidade de São Paulo<sup>7</sup> demonstra uma população eminentemente jovem (13 a 30 anos), pertencentes à camada média alta e alta da sociedade paulistana, que estudaram ou estudam nos melhores colégios da região, possuindo o hábito de estudarem idiomas (em especial o inglês e o francês), ler obras clássicas da literatura romântica mundial e brasileira, além do gosto pelo estudo da filosofia, da arte, do teatro, da psicologia e da música. Também é comum a informação de que muitos, ao menos uma vez, viajaram para a Europa, Estados Unidos e Canadá.

Portanto, são dados que nos permite perceber que os góticos de São Paulo são jovens susceptíveis a valores que não são vivenciados pela massa juvenil brasileira, uma vez que assuntos como problemas financeiros e falta de oportunidade de estudos não pertencem, na grande maioria das vezes, ao universo de suas preocupações. Aqui, percebem-se algumas das grandes diferenças entre os góticos e seu grupo de origem, os punks.

Os primeiros punks brasileiros foram os filhos dos operários da região do ABC Paulista, bem como os Carecas do ABC e os Carecas do Subúrbio. No início, os punks eram um grupo que utilizava o movimento advindo da Europa para reivindicar seus direitos. Surgiram, assim, uma série de bandas independentes e os empresários destas bandas, por falta de recursos financeiros, muitas vezes mantiveram-se no anonimato, sem conseguir vender algo da “New Wave” da época.

Os integrantes dos grupos punks que conseguiam acesso a esta New Wave eram os jovens das camadas alta e média da sociedade. Enquanto alguns migraram para a New Wave americana, colorida, outros migraram para a New Wave britânica, absolutamente preta. Conforme o pós-punk foi criando, em vários locais do mundo, espaços possíveis para

---

<sup>7</sup> O perfil dos góticos na cidade de São Paulo foi construído através de entrevistas realizadas em muitas das visitas que fiz aos espaços por eles freqüentados, bem como por trocas de e-mails. A forma como este perfil foi construído, bem como os dados obtidos, serão demonstrados ainda neste capítulo, em sua terceira parte, “A Metodologia de Pesquisa”.

o surgimento de novas identidades juvenis, no Brasil, vários grupos surgiram e, aqueles que começaram a frequentar bares como Espaço Retro, Madame Satã e Ácido Plástico, bares então tradicionais na época na cidade de São Paulo, localizados na região central da cidade, e que ouviam o novo rock classificado como “gótico”, foram, aos poucos, denominados como darks e, posteriormente, góticos.

Por um outro lado, os mesmos dados obtidos no perfil sócio-econômico demonstram que a grande maioria destes jovens possui, ou já possuiu, na época da adolescência em especial, problemas de relacionamento com seus familiares e colegas de estudo, sendo considerados, na palavra destes, “anormais”, “melancólicos”, “depressivos” e “anti-sociais”.

Apesar de não ser parte do objetivo desta dissertação, dizer se um jovem torna-se ou não gótico por consequência de seu perfil sócio-econômico, é um fato que não se pode negar que tal perfil influencia, e muito, nas práticas urbanas desta tribo na cidade de São Paulo, posto que o circuito frequentado por estes jovens inclui espaços alternativos de cultura e diversão tais como mesas de RPG, cinemas com mostras de filmes de arte, saraus artísticos e literários, além de uma perceptível afeição ao estudo de temas que refletem a busca humana por um sentido frente aos horrores que vivenciam em sociedade, em especial a luta cotidiana pelo sucesso e a aprovação no mercado de trabalho. O depoimento de M.V., sobre o movimento no final da década de 1980, retrata bem essas informações.

*Góticos e Punks se davam bem e estavam acostumados a frequentar os mesmos lugares. Nessa época (1990), um de nossos amigos punks,... foi expulso de sua casa pela família que não aceitava que ele usasse um visual muito chocante. Ele pede para dormir na minha casa, mas como eu costumava hospedar uma série de góticos que vinham de Santos, o pedido foi negado por minha mãe, que alegou que eu já havia arrumado problemas demais. Então eu disse a ele que não poderia deixá-lo dormir em casa desta vez e depois ele é encontrado morto, empalado. Isso também vai ao ar no programa<sup>8</sup>, só que na parte da matéria que falava dos Punks. A mãe dele aparece chorando, com o cadeado em uma corrente que ele usava no pescoço, como a do Sid Vicious, o baixista da banda Sex Pistols<sup>9</sup>. Foi horrível, pois, na realidade, o que queríamos*

<sup>8</sup> O programa ao qual M.V. faz menção foi um documentário especial criado pela antiga Rede Manchete. Na época, foi criada uma série sobre gangues, e os destaques foram para punks, góticos e carecas do subúrbio.

<sup>9</sup> Sex Pistols é uma das bandas mais conhecidas do início do movimento punk. Norte-americana, a banda que surge em 1973 tinha como lema demonstrar as hipocrisias da sociedade, o que fez do visual da banda, mais

era dar nosso grito de liberdade, já que pagávamos as nossas contas e nos vestíamos como queríamos. Era isso que fazíamos: usávamos visual 24 horas por dia, na escola, na rua, de dia, de noite. Estávamos sempre como realmente queríamos. A repressão havia acabado há pouco tempo, mas a cabeça do brasileiro ainda estava reprimida.

Após a época acima retratada, na interação dos espaços criados pelos jogos de RPG, somada a já cultura dos bares noturnos específicos – ou freqüentados – pelos jovens góticos da cidade de São Paulo (como o Madame Satã, que já teve seu nome alterado para Morcegóvia por um curto espaço de tempo) – os góticos desenvolvem, na década de 1990, através da música, da literatura, da moda e do discurso, a reatualização deste movimento *underground*, atraindo de pré-adolescentes a adultos, sendo que estes, em sua maioria, já haviam participado do surgimento deste movimento, no Brasil, nos últimos anos de 1970.

Cabe ressaltar, porém, que se até o ano de 1990 os góticos eram mais receptivos às entrevistas e eram tão visíveis e acessíveis como outros grupos, a exemplo dos Punks, após esta data tornaram-se mais fechados e introspectivos. O motivo maior para tal fato, segundo os integrantes do grupo, está na grande exposição do grupo na mídia (que mesmo sendo utilizada para um crescimento da tribo entre os jovens das cidades, foi lida para estes, como um ato negativo), especialmente, na novela “De corpo e Alma”, de Glória Perez, exibida pela Rede Globo de Televisão.

Esta novela traz a caricatura de um gótico totalmente cafona, o Reginaldo, vivido pelo ator Eri Johnson. A partir de então a coisa passa a ser vista como uma manifestação jovem idiota e sem propósito e não mais uma manifestação de liberdade jovem e revolucionária (...) só voltei à cena gótica anos depois. (M.V.)

Desta forma, o desafio de compreender suas mensagens tornou-se ainda maior e, para tanto, optei em realizar etnografias nos espaços de convívio dos góticos paulistanos,

---

alternativo, com alguns elementos do sadomasoquismo, um grande sucesso, além da ousadia de aparecerem em programas de televisão reproduzindo palavras de baixo calão que até então nenhuma outra banda ousara pronunciar. A banda ganhou ainda mais destaque quando o baixista saiu do grupo e sua substituição foi feita por Sid Vicious, considerados pelos punks de todo o mundo como o maior músico e ícone do movimento na década de 1970. Depressivo, melancólico e altamente dependente de drogas, Sid conquistou fãs em todo o mundo por pregar a liberdade de expressão, inclusive no que diz respeito ao escolher usar ou não drogas. Morreu aos 21 anos, de overdose de heroína, após ter sido preso e liberado pelo suposto assassinato de sua namorada.

refazendo, com os mesmos, seus trajetos nômades pela cidade de São Paulo. Um trajeto que chama a atenção dos transeuntes “normais” e que não deixa de possuir uma ordem e um sentido para aqueles que pertencem ao grupo. Um trajeto que reforça, ainda mais, a estética fúnebre destes jovens, apresentando, para aqueles que se mostram sensíveis a este movimento ou simbologias por eles utilizadas, elementos importantes sobre suas representações estéticas e argumentações.

## 1.1 - O Recorte Teórico

*De acordo com o esquema de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. (...) As pessoas organizam seus projetos e dão sentidos aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nesses termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação.*  
SAHLINS, “Ilhas de História”.

Para poder escolher a melhor forma de se realizar os relatos etnográficos a que me propus, fiz inúmeras visitas aos espaços freqüentados pelos góticos na cidade de São Paulo, conhecendo, assim, o circuito por eles percorrido para, depois, aprofundar meu estudo no espaço escolhido como central para esta dissertação, o bar Madame Satã. Entendendo “circuito” através da noção de Magnani (1996: 45), ou seja, a “noção que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários”, descobri, através de entrevistas com vários góticos da cidade de São Paulo, que este circuito concentra-se na região central da cidade, sendo expandido eventualmente por conta de algumas festas e eventos para regiões mais distantes.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, em bares tradicionalmente conhecidos por serem freqüentados por este público, em especial o “Madame Satã”, e posteriormente por e-mail e em lojas especialmente vinculados a este grupo na Galeria do

Rock<sup>10</sup>, localizada à rua 24 de maio, no centro de São Paulo e na rua São João, também na região central. O tempo total para a construção do circuito gótico foi de aproximadamente seis meses, de janeiro a julho de 2003.

Tendo conhecido o circuito, esquematizado por mapas no Anexo A desta dissertação, a escolha metodológica para a realização desta dissertação foi de centralizar os esforços de observação em um ponto principal do circuito, do qual partiria para outros, conforme a pesquisa fosse sendo estruturada. O ponto escolhido foi a casa noturna (bar) Madame Satã, por ser classicamente o *point* gótico mais conhecido da cidade de São Paulo desde a década de 1980.

Acredito que a escolha por Madame Satã também permitiu-me, de certo modo, abarcar, mesmo que rapidamente, os demais locais do circuito gótico, posto que as muitas histórias relatadas pelos entrevistados levaram-me de um ponto a outro do circuito, interligando-os, em especial, na simbologia. O exemplo mais direto a este fato está nas casas Oficina Mooca e Fabrika, ambas localizadas na zona leste da cidade de São Paulo, e cujos festivais de vampirismo, que atraem público de todo o país, são frequentemente realizados.

Isso significa dizer que, do Madame Satã à Oficina Mooca, por exemplo, os jovens que entrevistei não deixaram de frequentar o Cemitério da Consolação, saraus em frente a Catedral da Sé e compraram novos acessórios e CD's nas lojas localizadas nos porões da Av. São João e na Galeria do Rock. Também, por um gosto estético, não deixaram de visitar exposições de arte, shows musicais em casas de shows voltadas para um público mais popular e que, por este motivo, raríssimas vezes recebem os góticos, a exemplo do Olímpia (que recepcionou a banda Lacrimosa, em julho de 2004), além de teatros e musicais em cartaz na cidade, com destaque ao “O Fantasma da Ópera”, no Teatro Abril.

Tal característica andarilha, presente nos góticos da cidade de São Paulo, fez-me observar que um dos conceitos importantes para a compreensão dos gostos e simbologias

---

<sup>10</sup> A Galeria do Rock, ou Galeria 24 de Maio, é um espaço tradicional na cidade de São Paulo e concentra a maior rede de lojas especializadas em rock voltados para a juventude. Para Abreu (1995: 54), “a Galeria 24 de Maio é conhecida a vários anos como ponto de encontro, lazer e consumo dos mais diferentes agrupamentos dos jovens paulistanos – ou mesmo de um público underground que apresente em comum somente o fato de apreciar música de estilos ligados ao rock, sobretudo o rock estrangeiro”. Durante a semana, o público é bastante heterogêneo, porém, as sextas e sábados vislumbram-se o encontro de grupos juvenis que fazem, de lá, seu ponto de partida para ocuparem outros espaços na cidade.

deste grupo é o conceito de nomadismo, a que recorri ao clássico trabalho de Delleuze e Guattari (2005).

Para os autores, falar de nomadismo significa falar de um complexo de ações políticas e estéticas que faz, da desterritorialização, seu ato de apropriar-se do espaço, da terra, que tende a tornar-se simples solo ou suporte de passagem para que, o nômade, encontre seus locais de estadia. Uma vez que o nômade não se reterritorializa “depois”, tal como o migrante, sua função acaba por ser mais ampla: ele é o outsider, aquele que invade e aquele que vigia os costumes e tradições, rompendo-as a partir do momento que interage e força os habitantes locais a mudarem suas formas de avaliar “o novo”, “o estranho”, “o intruso”. É aquele que, em outras palavras, incita “a guerra”.

A analogia do nômade com a guerra é a base da teoria de Delleuze e Guattari. Ao iniciarem seu Tratado de Nomadologia, os dois o nomeiam como “a máquina da guerra”, já que possuem como Axioma e Preposição I que, “a máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado” e “essa exterioridade é confirmada, inicialmente, pela mitologia, a epopéia, o drama e os jogos”. Se o Estado precisa da guerra para impor seu poder ideológico, político e mágico, para os autores (DELLEUZE e GUATTARI, 2005: 50), o nômade, neste processo, é aquele que inventa a máquina da guerra (por ser exterior ao aparelho do Estado e distinta da instituição militar), sob a luz de três aspectos: um aspecto espacial-geográfico, um aspecto aritmético ou geométrico, um aspecto afetivo.

Portanto, esses são aspectos que serão trabalhados, mesmo que indiretamente, nesta dissertação, em especial neste 1º Capítulo, em especial quando coloco os góticos como nômades e responsáveis, a seu modo e estética, em serem portadores de uma “boa nova” à sociedade. Nas palavras de J.G.K. (23 anos, freqüenta os espaços da tribo desde os 15 anos), que define o gótico como “aquele que enxerga no escuro a real essência do ser humano”:

*Divirto-me com a idéia de que só pela minha aparência as pessoas se questionam: “o que será que este menino quer da vida?”, “o que será que ele pensa do mundo?”. Não preciso gastar meu verbo com explicações para fazer as pessoas começarem a questionar seus espaços e estilos de vida. É só elas aparecerem, me verem, e observarem os locais aonde vou e as músicas que escuto. Então, quando alguma se aproxima e me questiona do porquê de eu ser como eu sou, e começo a apresentar meu ponto de vista, observo que elas se deixam*

*seduzir pelo discurso e repensam suas próprias convicções. Só eu devo ter feito com que umas dez pessoas se "tornassem" góticas após conversarem comigo e passearem pela cidade.*

No entanto, cabe dizer que, ao utilizar-me do conceito de nomadismo, coloco-me frente a um problema conceitual: se o nômade perambula pela cidade, a idéia de identidade, que é fixa, não se aplica à sua categoria. Ao falar de tribos urbanas estou falando, segundo Maffesoli (1998), de vivências estéticas que ajudam o jovem da cidade a construir sua identidade e achar seu local de pertença no mundo, debate este que se torna, assim, um dos grandes desafios teóricos enfrentados nesta dissertação: interligar o conceito de nomadismo ao conceito de tribos urbanas, e, evidentemente, ao conceito de identidade.

O autor no qual encontrei o começo de uma possível forma de resolver esta questão foi Canevacci (2005). Participando da construção, na atualidade, do que Canevacci (2005) chama de “culturas extremas”, os góticos interferem na dinâmica cultural da cidade de São Paulo alterando os costumes da cidade e sendo por ela também modificados.

Aliás, este é o ponto de partida de Canevacci ao explicar que o conceito de contracultura, desde o final da década de 1980, não mais se aplica à realidade dos grupos juvenis em todo o mundo. Argumentando que o termo contra, significa, para o senso comum, como algo negativo, Canevacci expõe que, longe disso, as sub-culturas, como prefere chamá-las, representam movimentos identitários no espaço das cidades, mesclando-se a cultura dominante, ao mesmo passo que, a modifica através do campo exótico de suas ações, visto que estas culturas movimentam-se pelas cidades, chamando atenção pelas suas escolhas estéticas.

O que antes poderiam definir-se como culturas juvenis onde uma série de características grupais os definia e classificava na cidade, em busca do direito a ser diferente, em especial na luta contra a massa, hoje não mais se aplica. A juventude – que por si só é um conceito difícil de se definir, como mostra o autor – tem se tornado cada vez mais fragmentada, híbrida e transcultural, ao passo que, reúne muitos elementos distintos em seu próprio movimento de construção identitária, o que é ainda mais ressaltado pela característica nômade na cidade. Em contato com várias sub-culturas, os grupos juvenis, tais como os góticos, por exemplo, tomam emprestado, de cada um dos grupos com os quais compartilham, espaços na cidade que melhor lhes auxiliie na construção de suas

identidades. Exclui-se, portanto, a idéia de uma identidade fixa e imutável para substituí-la por uma identidade móvel e plástica, adaptável às mais diversas culturas e momentos sociais, incluindo a necessidade nômade de ocupar o espaço da cidade.

É, pois, o que Stuart Hall (2001) também afirma em sua obra:

*A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (p. 12).*

Para Canevacci (2005) este novo conceito de identidade fez surgir, nas cidades (metrópoles), espaços em que mudanças e rupturas sociais são permitidas, mesmo que criticadas pela sociedade em massa, a chamada “juventude interminável”. Por esta juventude, Canevacci (2005: 28-29) entende a dilatação do conceito de jovem, virando do avesso às categorias que fixavam faixas etárias definidas e claras passagens geracionais.

*Trata-se de uma passagem intrincada e decisiva que se buscará definir aqui, a seguir, partindo da seguinte preposição: os jovens são intermináveis. Isso não deve ser entendido – obviamente – no sentido de que são eliminados, pelo contrário: no sentido de que os jovens não acabaram. Que podem não se acabar. Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da auto-percepção enquanto jovem sem limite de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades. E nasce a antropologia da juventude.*

Esta antropologia, de certa forma, também foi construída nesta dissertação, e mostrou que os góticos encontram-se localizados nestas novas culturas híbridas, fragmentadas e transculturais. Respondem, como observado nos relatos etnográficos propostos para esta pesquisa, às condições postas por Canevacci (2005) para que sejam classificados – os góticos da cidade de São Paulo – como uma sub-cultura atual: vão além



da não existência da faixa etária; vivenciam, também, a ausência do corpo e o “entity”, literalmente falando, “entidade”.

Enquanto a questão da faixa etária e da ausência do corpo serão trabalhadas no 2º Capítulo desta dissertação, o conceito de “entity” deve ser apresentado neste momento do texto. Tal conceito sugere que se pense em dois aspectos da manifestação do gótico na cidade de São Paulo, aspectos que apenas reforçam ainda mais as características estéticas e simbólicas dos grupos: o sincretismo (hibridismo) cultural e o jogo teatral entre os integrantes do movimento.

“Entity” – é, nas palavras de Canevacci (2005: 37-38), “o pós-conceito com o qual se torna quase impossível classificar, ao menos segundo parâmetros duais ou sintéticos da modernidade, mas que, entretanto, ou melhor, justamente em virtude dessa impossibilidade ou inutilidade de classificar, de tipologizar, produz e comunica sentido. Entidade fica além de qualquer definição possível (...) um ir além da compreensão como ato de circunscrever o conhecido, de traçar o círculo de um ratio que defende e conjuga a extrema mutabilidade do empírico: compreender como ‘prender com’ a fixidez de um conceito, para recompactar o heterogêneo em homogêneo e, assim, controlá-lo”.

Somente através deste conceito é que pode compreender os aspectos de sincretismo no movimento gótico, e o jogo e a relação teatral, que se fundamentam na utilização das simbologias presentes nos mitos literários para a construção da própria identidade dos jovens góticos na cidade de São Paulo, o que explicarei um pouco mais adiante.

Com relação ao sincretismo, Canevacci (2005) o expõe como característica central das culturas extremas modernas: as culturas de massas são alteradas pela presença identitária e estética das culturas extremas e vice-versa. Uma está integrada a paisagem da outra e, esta simbiose caracteriza a modernidade que estamos vivendo... espaços globais em culturas locais, novo e velho juntos, claro e escuro na mesma ideologia e objeto. Tudo aquilo, pois, que Canevacci crê ser como característica das sociedades complexas. Assim, a própria estética gótica que a princípio é europeia e característica de países frios, pode ser adaptada a um país tropical e festivo, mundialmente conhecido por manifestações coloridas – oposta do monocromático gótico – a exemplo do carnaval.

Com relação ao jogo e ao teatro, o gótico tem se utilizado, conscientemente ou não, das simbologias encontradas na literatura difundida dentro do movimento, tentando ora

superar o aspecto individualista que marca todo o universo gótico, ora assumindo-o como discurso central de suas ações na cidade de São Paulo.

Em uma tribo urbana, seja ela qual for, a representação de si, através dos outros, é algo que tem sido avaliado por aqueles que estão do lado de fora. O olhar através dos espelhos é um hábito comum e quase involuntário nos seres humanos, porque, através deles, podemos não nos sentir parte de uma “minoria” mas, certamente, dar sentido ao nosso próprio estilo de ser e de viver.

Os góticos em São Paulo usam, portanto, de seu hábito nômade, bem como de sua estética, para ocupar seu espaço na cidade de São Paulo, e assim, construir e demonstrar aspectos de sua identidade, fazendo de seu caminhar uma ação que reflete, também, outros dois importantes aspectos: o apropriar político de um local onde inicialmente não são “bem vindos”, sendo considerados aberrações juvenis, monstrosidades e, por este apropriar-se político, por monstrosidades, se fazer à noite. Esta é, assim, a ligação existente entre o nomadismo gótico e sua manifestação estética-identitária: a simbologia da noite, da morte e da monstrosidade, aspectos que serão trabalhados em toda esta dissertação, dada sua importância.

Os espaços góticos são vistos, assim, por grande parte da sociedade, como locais amaldiçoados, endemoniados e, essa característica, já que enfatizo tanto a importância da simbologia para compreender os códigos deste grupo, merece ser mais bem descrita e debatida nesta dissertação. Para tanto, trabalhos como os de Mary Del Priore (2000) e José Gil (1994), que expõem que aquilo que colocamos à margem de nossa sociedade, à margem de nosso centro, deve ser habitado por nossos monstros e que, os monstros, não são, de forma alguma, impossibilidades de nossa existência, mas imagens que nos reflete dizendo no que podemos nos transformar, ajudaram-me a começar a compreender a ação política que existe no percurso nômade do gótico na cidade de São Paulo. Ajudaram-me, também, a começar a compreender o porquê da escolha de alguns espaços específicos na cidade para que estes atuem como espaços de parada, característicos do grupo e que exercem, por si só, um fascínio e um repúdio aos cidadãos que margeiam esses locais.

Os monstros e os demônios, como bem se sabe na sociedade, são as bases da mitologia que fundamentam a estética gótica, em especial o Vampiro, a quem daremos uma especial atenção.

O monstro e o demônio, que saem da margem e habitam o centro, o fazem por um ato político. A ele cabe ser o diferente, o prenunciador de boas novas, de sacolejar o que já é tido como certo e conhecido. E, tal ação, só pode se dar à noite, que, simbolicamente, é o período onde permitimos que nossa imaginação visite e habite o desconhecido.

Para Margullis (1997), esta é uma das principais características dos grupos *outsiders* juvenis das grandes metrópoles e, cuja contribuição teórica torna possível perceber que as palavras noite e *outsiders* são quase que sinônimos para góticos, pelo menos no imaginário que o público faz deste grupo e do próprio imaginário do grupo para construir sua imagem nas cidades. Não foi incomum, durante o tempo em que se realizou esta pesquisa, ouvir, daqueles que entrevistei, sobre como viam os góticos que transitavam pelas ruas próximas as suas residências, que:

"Estes são todos morcegos, só saem à noite... meus filhos jamais saíram de noite e, portanto, não se tornaram essas coisas bizarras"  
(J.J, 60 anos)

"Não sei bem quem eles são, só sei que não pertencem a nossa sociedade. Para mim deviam ser todos presos no manicômio... são um perigo, ainda mais porque você só os vê de noite. E, tem alguma coisa boa aqui de noite?" (T.B, 59 anos)

Nas palavras de Margullis (1997), é este caminhar nômade, dotados dos significados acima apontados, que faz do espaço noturno habitado por grupos juvenis, como os góticos na cidade de São Paulo, um espaço de luta política, ou ainda, como Deleuze e Guattari (2005) dizem, "a máquina da guerra". Aliás, Margullis (1997: 16) afirma que os jovens noturnos são atores de um teatro do qual não comandam as regras, mas que ajudam a atualizá-las, ao passo que, entre o significante e o significado de suas ações existe a experiência de experimentação de trocas coletivas e da descoberta e afirmação do "eu". Assim, o autor nos sugere tratar a cidade e a cultura da noite como um texto que precisamos interpretar e, para tal, precisamos decifrar seus códigos secretos. A exemplo de Pires (2004), é a tentativa de estudar o cotidiano desses jovens que, nos últimos anos, passaram a:

*lançar mão desses espaços privilegiados de práticas culturais, como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelas quais se posicionam diante de si mesmo e da sociedade. O corpo, a dança e todo*

*um visual têm sido os mediadores desses grupos que se agregam para produzir e viver entretenimentos. A cultura da noite aparece como esse espaço de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhos dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o eu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmo e o mundo que os cerca. (PIRES, 2004: 16-17)*

São para decifrar esses códigos secretos que me apoiarei, nesta pesquisa, no estudo dos relatos etnográficos que fiz sobre os góticos, com um olhar sensível ao imaginário e as opiniões que cercam as cidades. Ainda cabe o destaque que, esse estudo se faz necessário para auxiliar, tanto a mim quanto ao leitor desta pesquisa, a compreender certos grupos que habitam as cidades e, evidentemente, para esta dissertação, não poderia ser diferente.

É a prática proposta por Pais (2003), portanto, de chegar mais próxima à realidade vivida pelos jovens, “a partir dos seus contextos vivenciais cotidianos”:

*Para responder a estas dúvidas, torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais cotidianos – porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção. Mais que fazer uma dedução dos ‘modos de vida’ dos jovens a partir de um ‘centro’ imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de geração ou de classes), parece ser preferível estarmos prioritariamente abertos a uma análise ascendente (passe a expressão) dos modos de vida dos jovens, partindo dos seus mecanismos infinitesimais, das estratégias e tácticas quotidianos, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados, transformados, quais são as suas possíveis involuções ou generalizações. (PAIS, 2003: 56).*

No que diz respeito aos góticos em São Paulo percebi, ao longo das entrevistas, que temas que vêm sendo debatidos a longa data na literatura, em especial sobre as características das metrópoles, destacando-se as formas das exaltações a seus aspectos de desenvolvimento tecnológico e as críticas para sua massificação e desvalorização do sujeito, se fazem sempre presente. Os jovens entrevistados se dizem góticos pois, cada um, a sua forma e jeito, busca um sentido para a alma, para o espírito... ou até mesmo para frequentar alguns locais na cidade, pois, nestes vê-se refletido aspectos presentes na alma dos góticos.

A estética gótica, portanto, no que diz respeito a locais frequentados na cidade, focaliza de forma enfática a relação entre a alma e a cidade, no estilo de Baudellair e de

Walter Benjamin, um espaço onde a cultura e a estética se manifesta e constrói, por si só, uma história e um vivenciar histórico, que marca uma época, uma geração, um grupo.

*A espacialidade da cultura nas cidades é, ao mesmo tempo, experimentação de actos estéticos de criação artística local, mas é, também, uma espacialidade social e política mais ampla. A contextualização da ação social nas cidades atuais nos remete, então, para o sentido amplo da espacialização da cultura que estipula os termos da reflexão sobre as condições em que a cultura surge transformada em ingrediente de renovação potencial da vida social nas cidades contemporâneas (FORTUNA e SILVA, 2002: 420).*

Para Silva e França (2000: 234), pensar a cidade, no que no caso desta dissertação será feito sobre a perspectiva do olhar gótico, supõe prestar atenção para além de sua função econômica, isto é, ver também suas facetas social, ambiental, política, cultural, psicológica e espacial. Assim, as cidades não são simples territórios onde se produzem transformações sociais, mas são também atores desse processo. As cidades são lugares de encontros, onde, a cada dia, surgem e se ampliam os principais problemas sociais. Nesse sentido, constituem-se também, em lugares das mudanças mais radicais e criativas. É um território onde também convergem e se cristalizam os conflitos e as contradições de uma sociedade em profunda mudança. Ela é o espaço onde se concentram transformações sociais aceleradas.

Sabendo então da importância que o espaço tem para a construção da história social de uma cidade, e da importância que a cidade tem para as manifestações juvenis que transgridem a ordem comum a qual os cidadãos estão acostumados, coube a esta pesquisa resolver e interpretar a poética que esse espaço tem para a definição da alma de seus habitantes: a cidade de São Paulo e os Grupos Juvenis; a cidade de São Paulo e os espaços góticos nela presentes; os espaços góticos e as simbologias presentes nesses que colaboram para a construção identitária de seus frequentadores; os espaços góticos e a produção artística e cultural que influencia na estética do espaço e de seus frequentadores, tais como literatura e música. Todas essas relações se dão de duas formas: no espaço e na forma nômade como este é percorrido, mesmo que haja, no espaço da cidade, espaços fixos onde estes encontram seus centros de apoio ou ponto de partida. Tudo isso, porém, permeado pela questão estética, que será o foco desta dissertação. A estética, como nos anuncia

Guattari e Delleuze (2005), como “local” que fundamenta a existência de ações como o nomadismo e a ação política.

Na estética gótica, a alma que se abriga no escuro ou que busca no escuro a razão do sentido de sua própria existência, levou-me a pensar em obras como a poética do espaço, de Bachelard (2000). Em seu texto, há duas passagens que me colocaram frente a frente com as próprias experiências por mim vivenciadas ao realizar esta pesquisa: o decifrar da concha e a visita ao porão. São metáforas, essas, que podem facilitar o entendimento do exercício de observação que fiz nas noites de São Paulo, nos espaços góticos que esta cidade contempla, em especial na casa noturna Madame Satã, no esforço de compreender as simbologias dos góticos.

Sobre a concha, Bachelard (2000: 24) sugere que compreender as simbologias de um local habitado por simbologias – e aqui faço um paralelo à casa noturna escolhida para centralizar as atenções de observação etnográficas – é descrever os espaços variados da habitação, porém, sem se esquecer que, sobre essa variação, deve-se fazer o esforço necessário para compreender o germe da felicidade central, segura, imediata. Encontrar, portanto, a concha inicial em toda moradia, no próprio castelo. Em outras palavras, é através da poética do espaço que se é capaz de entender o não-eu que protege o eu. Entender o que significa dizer: “eu não me classifico como gótico... eu apenas sou”, “me falaram que pareço um vampiro, não me rotulo assim... mas o vampiro sofre como eu, a angústia é a mesma”.

*Esses redutos têm valor de concha. E, quando vamos ao fundo dos labirintos do sono, quando tocamos as regiões do sono profundo, conhecemos talvez repousos ante-humanos. O ante-humano atinge aqui o imemorial. Mas, no próprio devaneio diurno, a lembrança das solidões estreitas, simples, comprimidas, são para nós experiências do espaço reconfortante, de um espaço que não deseja estender-se, mas gostaria, sobretudo de ser possuído mais uma vez. (BACHELARD, 2000: 29).*

O espaço da cidade, por ser feito de códigos misteriosos que precisam ser decifrados, como reforça Margullis (1997), retrata a memória de seu tempo e nos ajuda a compreender a juventude de sua época. Os góticos, por se referendarem em uma cultura cuja época está distante da nossa atual (muitos são capazes de iniciar o relato do movimento que participam desde a Idade Média, perpassando pelos românticos do século

XIX, em especial o poeta brasileiro Álvares de Azevedo), lêem os códigos da cidade e os readaptam para suas necessidades sem, com isso, perder a centralidade de sua estética.

### ILUSTRAÇÃO 8



Manuel Antônio **Álvares de Azevedo** nasceu em São Paulo, em 1831 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1852. Vinha de uma família de professores e políticos ilustres, e cursou humanidades no colégio Pedro II, em 1847. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde a morte prematura por Tuberculose não o deixou completar o curso. Sua obra, até certo ponto extensa para sua idade, teve publicação póstuma. Neles se destacam *Noite na taverna* (1855), livro de contos, *Macário* (1855), peça de teatro e *Lira dos Vinte Anos* (1853-1855), que contém a poesia lírica do autor.

A concha se encontra num espaço e, no caso dos góticos, não é o espaço completo, a casa como um todo, mas sim o porão... o local proibido e assustador da casa. Um local que, mais uma vez, faz menção ao escuro, à noite, a sombra e ao desconhecido.

*(O Porão) é a princípio o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas. (...) Eis como o psicanalista C.G. Jung utiliza a dupla imagem do porão e do sótão para analisar os temores que habitam a casa... “a consciência comporta-se então como um homem que, ouvindo um ruído suspeito no porão, precipita-se para o sótão para constatar que lá não há ladrões e que, por conseguinte, o ruído era pura imaginação. Na realidade, esse homem prudente não ousou aventurar-se no porão”. (...) No sótão, a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite. No porão há trevas dia e noite.(BACHELARD, 2000: 36-37)*

A concha e o porão refletem, para os habitantes da cidade, uma alma gótica doente, triste e melancólica. Os góticos, sobre esta visão estética do vivenciar o luto, a melancolia e a depressão, apresentam-se à sociedade paulistana simbolicamente pela morte, representado em suas vestimentas, falas e gostos musicais. Por que essas simbologias? A possibilidade investigativa sobre esta questão levou-me novamente ao local escolhido para centralizar os relatos etnográficos, Madame Satã, em especial, com um paralelo com o mito que os cerca em todas as manifestações que os caracterizam ou representam: o vampiro.

Apesar de outros mitos como os da Bruxa e o Corvo também circundarem os góticos em todo o mundo, como se observará ao longo dos capítulos, o mito do Vampiro é o mais presente e o mais conhecido da massa que vive na cidade e, que os vêem caminhando à noite. No entanto, quando se fala de vampiro, para góticos, não se faz menção ao velho Drácula de Bela Lugosi (filmagem de 1931). Este, como diz a própria canção do primeiro grande grupo Gótico na década de 1970, Bauhaus, está morto (“Bela Lugosi’s dead”, tema do filme “Fome de Viver”).

**Bela Lugosi está morto**  
**(Bela Lugosi’s dead, Bauhaus)**

Branco em mantos negros de branco translúcido  
 de volta ao passado  
 Bela Lugosi está morto  
 os morcegos deixaram a torre do sino  
 as vítimas foram sangradas  
 linhas de veludo vermelhas na caixa preta  
 Bela Lugosi está morto  
 ressuscite ressuscite ressuscite  
 a fila de noivas virgens  
 passou por sua tumba  
 coberta de flores mortas pelo tempo  
 Desolado no desabrochar mortal  
 sozinho numa sala escura  
 o resultado é que Bela Lugosi está morto  
 morto, morto, morto

Oh! Bela  
 ressuscite ressuscite ressuscite....



**ILUSTRAÇÃO 9 – BELA LUGOSI, INTERPRETANDO O VAMPIRO DRÁCULA, EM 1931.**



**ILUSTRAÇÃO 10 – BANDA BAUHAUS**



Imaginário e imaginação são termos distintos para Bachelard (2001) e como se verá, ao longo da dissertação, ambos estão impulsionados pelos símbolos, pelas metáforas, pela vivência estética, portanto, são conceitos importantes para compreender as simbologias e os discursos góticos.

*O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é a imagem, mas imaginário. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade. Mais que qualquer outro poder, ela especifica o psiquismo humano (BACHELARD, 2001: 1).*

O imaginário a que faço menção, portanto, é aquele que além de ser responsável pela criação de monstros, demônios e outras criaturas consideradas perversas, também alimenta o que Maffesoli (2004) classifica como “vivência de uma erótica social”, atribuindo “a hora da anomia”, por nós vivenciada nas épocas atuais, ao real “jogo da mutação pós-moderna”, no que diz respeito à integração e vivência das tribos urbanas.<sup>11</sup>

*As tribos urbanas, cuja importância ninguém mais nega, e mesmo, não obstante o que se convencionou a chamar de “crise”, o hedonismo difuso que opera em nossas sociedades, delimitam muito bem os contornos dessa profunda mutação. Revolução que, em seu sentido etimológico, assiste ao retorno daquilo que julgávamos ultrapassado. (...) Este prometeísmo moderno vem sendo sucedido pela figura mais complexa de Dioniso. Hedonismo generalizado. Selvageria latente. Animalidade serena. Também aqui furiosa ou calmamente, mas sempre com obstinação, a pessoa plural se afirma. A pessoa composta (“eu é um outro”), antagonica, contraditória. Esta inteireza dionisíaca implica o “mal”. Como acontece freqüentemente, a música, os filmes, a pintura e a coreografia evidenciam claramente esta implicação. (MAFFESOLI, 2004: 14-15).*

O estudo da importância dos símbolos e do mito nesta dissertação, portanto, diz respeito para além de um paralelo com histórias que remontam à religiosidade egípcia, etrusca e grega, que ganha força na Idade Média e sobrevive até os dias atuais: o vampiro. Diz respeito a um mito que constrói individualmente e coletivamente um imaginário estético que se utiliza da imaginação falada, literária, cinematográfica e artística. Aquela que,

*Atendendo-se à linguagem, forma o tecido temporal da espiritualidade e que, por conseguinte, se liberta da realidade. Inversamente, uma imagem que abandona seu princípio imaginário e se fixa numa forma definitiva, assume pouco a pouco as*

---

<sup>11</sup> Com respeito à anomia dos tempos atuais, vale ressaltar que Guillebaud afirma que o conformismo contemporâneo, ao lado do medo, tem feito com que o prurido de imitação seja muito mais visível hoje do que em épocas anteriores, o que de certa forma já foi trabalhado por Freud em “A psicologia das massas”. Guillebaud afirma que a necessidade de pensamentos únicos e discursos únicos denotam certos mal estares da modernidade. O autor cita Mona Ouzouf para complementar sua constatação: o homem democrático está longe de ser o herói solitário ao qual Nietzsche atribuía a dignidade do indivíduo. Pois, coisa estranha, quanto mais o homem democrático se sente individual, mais ele se dilui numa massa amorfa e, quanto mais reivindica sua independência, mais enfatiza sua dependência. In: GUILLEBAUD, 2003: 116-117.

*características da percepção presente. Em vez de fazer-nos sonhar e falar, ela não tarda a fazer-nos agir* (BACHELARD, 2001: 2).

No fazer agir desses valores, no que diz respeito à ligação entre mito e tribo urbana, é preciso prestar atenção às máscaras e as formas de ação de Dionísio, e, porque não “bem sentir o papel imaginante da linguagem”, como nos diz Bachelard (2001), seja esta linguagem expressa através de músicas, raves, festas e encontros em casas noturnas, vestimentas ou literatura.

É preciso, pois, “procurar pacientemente, a propósito de todas as palavras, os desejos de alteridade, os desejos de duplo sentido, os desejos de metáfora. De um modo mais geral, é preciso recensear todos os desejos de abandonar o que se vê e o que se diz em favor do que se imagina. Assim, teremos a oportunidade de desenvolver a imaginação seu papel de sedução. Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma nova vida” (BACHELARD, 2001: 3).

Este é o convite de Dionísio, o deus grego conhecido como deus do vinho e do êxtase, um deus que é amante e nômade. Para Otto (1965), Dionísio foi o deus mais abençoado dos êxtases e do amor elevado, mas, também, foi o deus mais perseguido, sofredor e moribundo. Perdeu todos os que amava e, por este motivo, é conhecido como deus do terror, da loucura e da mais abençoada libertação. É o deus cujas festas de seus adoradores é regida pela orgia, o que também o faz ser conhecido como deus da obscuridade, da promiscuidade e do prazer.

Ora, Dionísio desta forma interliga-se ao vampiro, que no ato de sugar o sangue (ou o vinho, bebida obrigatória nas casas noturnas góticas), vivencia seus prazeres sexuais, eróticos, de liberdade da dor e da razão. Dionísio e o vampiro são seres andróginos e desafiadores, propõe, àqueles que estão próximos, um novo vivenciar ético, um vivenciar ético pautado na liberdade de ser o que se quiser, e viver o que se quiser. São seres conhecidos, tanto Dionísio como o Vampiro, como seres que entrelaçam a vida e a morte, que passam tempos no mundo inferior, o inferno, e regressam como seres recém-nascidos para aventurar-se em novas experiências, o que lhes confere sempre o caráter de imaturidade e adolescência.

Nos dias atuais, porém, para se pensar na construção de uma ética de liberdade para os góticos, foco que ressalto ao reler os mitos acima, é preciso, como afirma Maffesoli (2004: 15) romper com a ideologia do *homo oeconomicus*, que fez o indivíduo ter sido analisado como pivô auto-suficiente da sociedade. Tudo isto acabou fazendo com que fosse eliminada ou pelo menos postulada a superação da imperfeição, sem, com isso, construir uma ideologia que reafirme a pessoa plural num mundo policultural. Para Maffesoli, esta atitude tende a integrar o mal como um elemento entre outros, possibilitando-o de ser vivido, tribalmente, como algo homeopático, ou mais ou menos inofensivo. Ora, não seria este um dos imaginários sociais ao vislumbrarem o nomadismo gótico na cidade de São Paulo?

*É isto, portanto, o que está em jogo na mutação pós-moderna. Reconhecer “o que cabe ao diabo”, saber dar-lhe bom uso, para que não sufoque o corpo social. (...) Para compreender os fenômenos sociais em ação nos dias de hoje, é necessário mudar de perspectiva: não mais criticar, explicar, mas compreender, admitir. Sem nos determos novamente no mesmo ponto, além das representações, filosóficas e políticas, cuja saturação é evidente, é preciso apresentar fenomenologicamente o que acontece. Sugerir a matéria prima deste enigma que é o mal. Não por meio de um esteticismo barato, mas para capturar a inteireza dos fenômenos que estão em primeiro plano na cena social. Ainda que seu nome seja variável – Estado, Indivíduo, Deus, Contrato, etc. –, nunca faltarão advogados de Deus. Opportet haereres esse, é preciso que haja alguns advogados do diabo (MAFFESOLI, 2004: 16-20).*

Dada a “autorização” para que grupos juvenis, como os góticos, existam em cidades como São Paulo, cabe agora compreender um pouco sobre esta guerra do bem e do mal.

Hillman (1993: 37) explica, ao falar da relação bem e mal nas cidades, o porquê da alma adoecer nestes locais, fazendo com que uma das fantasias favoritas da humanidade atual seja que a alma esteja perto da natureza, vivendo melhor e, portanto, diminuindo seu ritmo para encontrar o da natureza (do cosmos, do universo), pois, nas cidades, a alma se torna sofisticada e corrompida. Este pensamento encontra-se também presente no romantismo gótico, mas que, por conta, inclusive de estar vinculado a uma cultura pós-moderna, reserva um certo antagonismo: mesmo sendo má e cruel, é só na cidade que o eu consegue se diferenciar do todo, pois é o espaço que favorece a conquista da individualidade.

Esta relação é encontrada, por exemplo, no romance romântico-gótico de Anne Rice, mas também é encontrada no nomadismo gótico pela cidade de São Paulo e na estética por eles vivenciada. Portanto, sugiro ter essa relação – entre bem e mal, cidade e campo, bem como todas as dicotomias possíveis com relação às ações simbólicas de bem estar e mal estar humano – como base para as análises dos relatos etnográficos que serão apresentados nesta dissertação.

Aliás, pensar na relação entre a alma e a cidade é dar vazão a poesia existente na literatura romântico-gótica, que será fundamental para a compreensão da importância e da atualidade das obras de Anne Rice no universo gótico. As obras clássicas deste estilo literário demonstram os aspectos bucólicos da volta ao campo, ao mesmo tempo em que há, muitas vezes de forma bem explícita, certa exaltação para as novidades da era moderna. O nomadismo está sempre presente. Frankenstein, vampiros e “O Corvo” são nômades. O alerta das obras, no entanto, fica evidente quando apontam que, por conta dos prazeres da modernidade – sexo, poder, luxúria, dinheiro, tecnologia – o homem perde sua centralidade e sua pureza de caráter. Como cita o Diabo, no filme “O Advogado do Diabo”, vivido por Al Pacino, “a luxúria é o pecado capital que mais gosto”.

A cidade de São Paulo, assim como as demais metrópoles do mundo, possui algumas particularidades. Pode-se observar, em São Paulo, as mesmas características que Margullis (1997) destaca em seu estudo sobre a juventude em Buenos Aires. Em primeiro lugar, é uma cidade que se centra na noite, na juventude e no consumo; em segundo, é uma cidade cuja geografia descentraliza e modifica a transição entre a cidade, sobretudo nos finais de semana e a noite: a paisagem das baladas noturnas descaracterizam a cidade diurna; e, em terceiro, deve-se ressaltar que a cultura noturna da cidade cria epicentros, transformando o que é suburbano em lócus de manifestação cultural.

Na alteração do espaço citadino entre luz e obscuridade, a vida noturna das cidades possui uma única verdade: se os jovens são os atuais monstros da humanidade, como afirmou Maffesoli (2004), por uma ilusão do poder, a cidade se torna dos jovens ao cair da noite. É no espaço não colonizado, como diz Margullis (1997: 11), que o jovem experimenta a sua ilusão de independência, apelando para o jogo do tempo: tempo não colonizado que parece resignar o controle; tempo não utilizado plenamente para a

reprodução econômica, para a indústria. É a utilização do espaço noturno como refúgio, proteção e manifestação de poder.

*La geografía urbana descentralizo y modifíco la naturaleza y composición de su actividad nocturna. Ahora también existe una vida nocturna, una noche intensamente poblada por jóvenes, sobre todo em los fines de semana, pero cambiaron los ritmos temporales y también las localizaciones e itinerários tradicionales de la noche porteña. La actividad juvenil alcanza em las calles de la ciudad su mayor visibilidad em horas avanzadas. La ciudad renace cerca de la madrugada y de puebla de jóvenes de ambos sexos. Muchos territorios urbanos cobran de noche um significado diferente y se entrecruzan también complejos itinerarios. (MARGULLIS, 1997: 12)*

Assim, compreender os aspectos existentes entre alma e cidade, é compreender que, tal como a palavra, o espaço contém sua própria história e, os signos implicam diretamente numa construção do mundo, numa classificação que agrupa e apresenta a diversidade àqueles que são estranhos a si mesmos. Os jovens que ocupam esses espaços dominam esses símbolos e ajudam a construir as histórias desses locais, tornam-se nativos de um mesmo espaço – e aqui poderia estar a sugestão do porquê utilizar o termo tribos urbanas nesta dissertação, que será explicado mais detalhadamente um pouco mais adiante, ainda neste capítulo – mas caracterizam-se como nativos de tempos e culturas diferentes.

As muitas tribos das metrópoles configuram a paisagem urbana e definem a alma que cada cidade tem ao anoitecer, pois, entre as muitas discussões que as tribos impõem à sociedade, estão as diferenças entre o tempo do trabalho e o tempo do ócio, a construção da individualidade no descobrir da coletividade e a liberdade de participar de uma história subversiva, que é a cultura do *underground*, assim o é também com os góticos.

O vampiro gótico desta nova era, pós Bela Lugosi, mais propriamente os vampiros de Anne Rice, responde a esta nova simbologia e necessidade dos jovens metropolitanos. É, pois, um vampiro mais próximo ao humano, mais próximo, inclusive, ao ser da cidade e não mais que se refugia num castelo nas montanhas. É um vampiro com aspecto jovem, essencialmente bonito, intelectualizado, melancólico e cuja vida vampiresca é uma mescla de prazer e dor. São, portanto, os vampiros de Anne Rice, em especial Lestat, vampiro roqueiro, andrógino, culto, solitário, porém, popular, enigmático e sensual. Imagem semelhante ao gótico da cidade de São Paulo, também pelo status social, escolhas de

espaços a ser freqüentado na cidade, escolhas sexuais e amorosas e aspectos discursivos sobre o “eu” e a essência de sua vida.

*Enquanto perambulava pelas ruas de Nova Orleans em 1984, pude observar o seguinte: O sombrio e melancólico mundo industrial no qual eu adormecera havia desaparecido enfim, e o velho puritanismo e conformismo burguês haviam perdido sua influência na mentalidade americana. As pessoas eram, de novo, aventureosas e sensuais de maneira como haviam sido nos velhos tempos, antes das grandes revoluções da classe média no final do século XVIII. Elas até se pareciam como naqueles tempos. (...) a velha sensualidade aristocrática pertencia agora a todos. Estava ligada às promessas da revolução da classe média, e todas as pessoas tinham direito ao amor, ao luxo e às coisas agradáveis. (...) Mas isso era apenas a superfície. O que me deixou estarecido foram as mudanças mais profundas que impulsionavam essa impressionante corrente. Por exemplo, algo totalmente mágico acontecera com o tempo. O velho não estava mais sendo substituído, de forma rotineira, pelo novo. Pelo contrário... no mundo das artes e do entretenimento todos os séculos anteriores estavam sendo “reciclados”. Músicos executavam Mozart tão bem quanto o jazz e o rock; as pessoas iam ver Shakespeare numa noite e, na outra, um novo filme francês. (...) Era o bastante para fazer um monstro do Velho Mundo voltar para debaixo da terra, essa irrelevância atordoante do poderoso designo das coisas, suficiente para fazê-lo deitar-se e chorar. Ou suficiente para fazê-lo tornar-se um cantor de rock, quando se pensa no assunto... (RICE, 1999a: 11-15)*

Essa metáfora, que será utilizada para explicar alguns aspectos das simbologias presentes no universo gótico da cidade de São Paulo, ajudará com que eu demonstre, também, um dos possíveis motivos para este grupo, e esta estética, estar crescendo nos últimos dez anos na cidade. A cada dia, por exemplo, crescem os espaços góticos na cidade, os eventos e as festas, como se pode observar no Anexo A desta dissertação.

Estará a cidade se tornando mais melancólica? Estariam os jovens da cidade se contaminando com a “doença da alma” presente nos góticos? Talvez sim, pelo menos na visão dos integrantes do grupo, que aprimoram suas leituras a fim de convencer aqueles que os questionam, como o exemplo abaixo, de que todos são, de uma forma ou outra, góticos, apenas não possuindo, ainda, coragem de se revelar:

*Está cada vez mais difícil ver beleza no mundo... tristezas, mortes, acidentes, desastres naturais. Deus estaria brincando com o ser humano? Estaríamos sendo amaldiçoados por sermos humanos? Nossa vida é um eterno sofrimento. Não interessa com quantos anos se morra... ao nascer, criança, na juventude, bem velho... sempre se morre tendo sofrido muito. Acho que é por isso que hoje não somos mais uma minoria na cidade e no mundo... a alma do mundo já é gótica. As*

peessoas andam de preto quando estão tristes, gostam de nossas histórias de horror, muitos ficam felizes em precisar de antidepressivo e ajuda terapêutica... muitos só se sentem verdadeiramente completos se sofrerem e demonstrarem seus sofrimentos. (P.H.F., 27 anos)

Se a alma da cidade está doente sobre o ponto de vista gótico, cabe ressaltar que Hillman (1993: 38) sugere que a doença da alma na cidade só existe porque há falta de comunicação entre ela e o espaço, há falta de uma determinada compreensão entre o que a cidade exige e o que a alma necessita ou, por sua vez, a uma vivência muito intensa de seus problemas, transformando o homem em um ser impotente. Esta questão, por exemplo, remete a outros temas, bem como a socialização, que tem sido feita, a cada dia mais, mediante ao aparato da tecnologia e da virtualidade (LÉVY, 1996). A consequência deste fato, como será visto no Capítulo 2, são ao menos duas: uma revalorização constante das atitudes de *blasé* e de *reserva* apontados por Simmel (1987), e a valorização do ato erótico das relações humanas, mesmo que haja uma ausência do corpo (no caso aqui específico, do gênero feminino e masculino), aspectos estes trabalhados por Bataille (1988) e Le Breton (2003).

Se a cidade é o local da troca, do contato humano em sua mais intensa profundidade, o campo pode ser pensado como a procura pela solidão ou ausência desta sociabilidade imposta.

A não possibilidade do retirar-se para o campo pode ser responsável, por exemplo, ao fechamento da pessoa em seu próprio eu, buscando e criando um vazio que adquire sentido na ausência do outro. É a manutenção de uma solidão que, na realidade, poderia ser inexistente. Ou, ainda, o fechamento do “eu” num dado grupo ou manifestação coletiva do qual, pode-se ter certeza, de que a minoria, antes representada pela solidão do próprio indivíduo, é aceita e compartilhada por muitos que lá estão, como é o caso das tribos urbanas.

*Eu não conseguia dizer a ele que aquela era minha temporada de companhia mortal, o quanto eu desejava simplesmente passar a noite conversando com o pequeno Benji, que era tão sábio, ou ouvindo minha querida Sybelle tocando sua sonata. Parecia irrelevante explicar mais. E a tristeza tornou a cair sobre mim, pesada e inegavelmente, tristeza de ter vindo a este convento abandonado e vazio onde estava Lestat, sem conseguir ou sem querer se mexer ou falar, nenhum de nós sabia. (RICE, 2000c: 17)*



O conceito de Tribos Urbanas, portanto, que aparece em toda esta dissertação, deve ser compreendido de forma mais aprofundada para que, como apontei a pouco neste capítulo, não seja mal interpretada pelos leitores.

Por tribos urbanas, entende-se, a priori, “os microgrupos que se formam nas sociedades contemporâneas e questionam as sociabilidades modernas elaboradas em torno da identidade e da solidariedade relativas às classes sociais” (BLASS, 2004: 226). Porém, este é um conceito amplo que, ao longo dos anos, vem sofrendo mudanças frente a teorização de vários pesquisadores, em especial Tornero (2000), Maffesoli (1998), Fournier (1999) e Magnani (1992).

De forma geral, Tribos Urbanas são:

- Para Maffesoli (1998): grupos cuja dimensão simbólica (denominada pelo autor como neotribalismo), indica a saturação do político sustentado no individualismo que orienta as sociabilidades modernas. Portanto, para o autor, a simbologia, o mito e a ritualização são elementos fundamentais para se compreender as tribos urbanas, já que o “estar junto”, o “sentimento de pertença”, só se faz visível quando se reconhece o eu, no outro.

- Para Fournier (1999): são grupos “fortes na sua diferença, procuram, entretanto, o contacto com os outros indivíduos que os agrupam” (FOURNIER, 1999: xv). O destaque do autor é para o *look*, o uso do corpo, o estilo das roupas com seus adereços do que pelas personalidades envolvidas. Nas palavras do autor, o *look* expressaria, portanto, um “estado de espírito mais profundo, um modo de vida, um pensamento e uma estética partilhada” musical e de vestuário, sendo uma espécie de “identidade, um cartão de visitas para o outro ver e descrever o espectador” (FOURNIER, 1999: 130 In: BLASS, 2004: 228).

- Para Magnani (1992): que concorda em parte com Fournier, a idéia de tribos urbanas evoca mais do que explica, diante da heterogeneidade e pluralidade dos grupos sociais nas grandes cidades contemporâneas. É, portanto, uma metáfora, e não uma categoria de análise. Nas palavras de Blass (2004), a noção de tribos urbanas seria, para esse autor, o

ponto de partida de uma pesquisa, mas não o seu ponto de chegada, na medida em que não permitiria “descrever, classificar e explicar as realidades que, comumente, abrange”.

- Para Tornero (2000): a idéia de Magnani é a base para sua análise, pois, para esse autor, como explica Blass (2004), citando o próprio, “a metáfora, em si mesma, permite dar conta do processo de desindividualização, de saturação da função que lhe é inerente e da ênfase no papel que cada pessoa é chamada a jogar no seu interior”. Assim, se as massas estão em perpétua efervescência, as tribos, que observamos e ganham destaque, não são estáveis, e as pessoas que delas participam podem transitar de umas para as outras.

Isto posto, é importante lembrar, mais uma vez, que os conceitos privilegiados de tribos urbanas, nesta pesquisa, estará a cargo de Maffesoli, haja visto o foco dado, a comparação estético-simbólica dos góticos na cidade de São Paulo.

Os aspectos estéticos e discursivos, assim, são de extrema importância para o estudo desta pesquisa, pairando e escondendo sobre elas simbologias que dão sentido aos góticos na cidade de São Paulo, a exemplo do manifesto abaixo, conhecido por todos os góticos no Brasil. Manifesto, este, que procura passar uma imagem do grupo para o público em geral. Porém, vale ressaltar que, mesmo para eles, muitas vezes, o manifesto não condiz com a realidade observada na pesquisa, como se verá ao longo dos próximos capítulos, quando, por exemplo, surgem temáticas como preconceito, religiosidade, liberdade de escolha (estética e ideológica).

*Em princípio cabe-nos esclarecer que o movimento gótico não tem nada de 'contracultura', pelo contrário, é um movimento que se sustenta numa plataforma de conhecimentos extremamente ampla. Não basta vestir uma roupa preta e se dizer gótico, é necessário entender o que significa gótico e, neste sentido, não é possível entender o gótico sem conhecimentos sobre História, literatura, Cinema, Música, Sociologia, Música, etc.*

*Os góticos não são adeptos do consumismo ingênuo, mas são pessoas sofisticadas e elegantes, possuem senso crítico e um visual totalmente produzido.*

*Góticos são seres sociáveis que escolhem seus amigos pelo que eles são e não por aquilo que eles possuem; não medem as pessoas dos pés à cabeça antes de se aproximarem para fazer novas amizades.*

Os góticos não pretendem transformar a sociedade ou destruí-la com bombas, não estão satisfeitos com a ordem social estabelecida, mas querem seu espaço no contexto.

Os góticos odeiam qualquer forma de discriminação, aceitam as diferenças individuais com naturalidade e recebem bem todos que se aproximam, independentemente de seus valores, crenças, situação econômica ou orientação sexual. O movimento gótico caracteriza-se como um movimento de inclusão social e não de exclusão, se você sofre problemas com seu grupo de referência, conheça uma tribo gótica e faça uma comparação. Não fique surpreso se você for muito bem recebido, afinal, você estará em contato com pessoas pluralistas, inteligentes e de mente aberta.

Góticos não veneram satã ou cultuam o mal, mas não se engane, não é uma boa política ter inimigos góticos. Os góticos conhecem segredos de magia, quando você menos espera, pode acabar passado mal e sequer vai conseguir entender o porquê. Os góticos não acreditam na violência e detestam os ignorantes e idiotas que vivem destruindo o patrimônio público.

As festas góticas acontecem em locais simples, góticos não precisam de luxo para sentirem-se felizes, todavia, ressalta-se que uma festa gótica é muito mais sofisticada do que qualquer outro evento, contemplando performances, desfiles de moda, exposições de arte, música ao vivo, grupos de RPG, etc.

Os góticos não moram nos túmulos dos cemitérios ou nos porões das Igrejas da Cidade, apenas são fascinados pela arte, pela paz e pela beleza arquitetônica desses lugares. No dia-a-dia os góticos são como as outras pessoas, trabalham estudam e lutam por uma sociedade mais justa e condições melhores de vida.

Você não precisa ser iniciado num ritual de magia negra, se transformar em vampiro ou beber sangue de animais para fazer amizade com os góticos. Se você é baixo ou alto, magro ou gordo, feio ou bonito, fechado ou extrovertido, pobre ou rico, hetero ou homossexual ou se simplesmente está com o saco cheio do seu atual ciclo de amizades, permita-se conhecer o movimento gótico. Seja você quem for, entre os góticos você será respeitado e tratado como um ser humano de verdade e, com certeza, você vivenciará fortes emoções junto de uma galera muito louca.

Desedérium<sup>12</sup>

O gótico é, portanto, um grupo que vivencia a estética da cidade e suas simbologias, bem como espírito da juventude que nela paira, porém, de formas adversas de outros

---

<sup>12</sup> Pseudônimo atribuído à pessoa que redigiu o manifesto e que é conhecida em toda rede dos góticos no Brasil.

citadinos. Com relação à cidade, enfatizam a todo tempo o mal estar e a tristeza daqueles que vivem, hoje, nos espaços urbanos, influenciando de forma direta o imaginário do grupo, bem como a escolha dos espaços que serão, por eles, ocupados na cidade.

*Uma cidade que negligencia o bem-estar da alma faz com que a alma busque seu bem-estar de forma degradante e concreta, nas sombras desses mesmos reluzentes arranha-céus. Bem-estar, um fenômeno específico das cidades, não é apenas um problema econômico e social, mas predominantemente um problema psicológico. A alma que não for cuidada – quer seja na vida pessoal, quer na vida da comunidade – torna-se uma criança raivosa. Ela assalta a cidade que a despersonalizou com uma raiva despersonalizada, uma violência contra os próprios objetos que representa a falta de alma uniformizada: vitrines de lojas, monumentos nos parques, edifícios públicos. Aquilo que, em sua fúria, os habitantes da cidade resolveram atacar e defender (árvores, casas antigas e bairros), nesses últimos anos é significativo. Os bárbaros que atacaram a civilização já vieram, em outros tempos, de fora das muralhas. Hoje em dia, eles brotam de nossos próprios colos, criados em nossos próprios lares. O bárbaro é aquela parte em nós com a qual a cidade não fala, aquela alma em nós que não encontrou um lar em seu meio. A frustração dessa alma, em face da uniformidade e impessoalidade de grandes muros e torres, destrói, como um bárbaro, aquilo que não pode compreender, estruturas que representam a conquista da mente, o poder da vontade, e a magnificência do espírito, mas que não refletem a necessidade da alma (HILLMAN, 1993: 43).*

Com relação à juventude, outro conceito importante, hoje, para os estudos da antropologia urbana, se perceberá, ao longo desta dissertação, a diferença entre o que o público em geral considera como jovem – aquele que está entre 13 e 20 anos – e o que os próprios góticos contemplam como juventude, sendo este também um dos conceitos que estão presentes no mito do vampiro: a juventude eterna, aquele que nunca morre e, de certa forma, também não amadurece em alguns aspectos psicológicos.

Para resolver de pronto esta questão, sugiro pensar o conceito de juventude, nesta dissertação, tal como Pires (2004), que significa tê-la como categoria mutável e eternamente construída, bem como a identidade que a pouco foi explanada. Ao falar de gótico, a juventude é compreendida como uma questão, novamente, estética, de vivência da alma. Juventude e velhice são questões de estado de espírito, de experiência adquirida com o sofrimento que a vida trouxe, e não uma faixa etária, a exemplo da ampla variação de góticos – dos 13 aos 60 anos. É, portanto, um dos fundamentos góticos, inclusive pela própria fundamentação estética no mito do vampiro: se é muito jovem na aparência, porque é necessário ser belo para atrair, encantar e seduzir, mas se é muito velho na alma e no

pensamento, pois o sofrimento e a escuridão amadurecem. É um ser velho preso no corpo de um ser jovem.

Ressalto, porém, que para a compreensão total deste conceito acima explicado, não deixei de realizar um estudo sobre a extensa bibliografia existente sobre o tema “juventude”, destacando-se, em especial, os trabalhos que vêm debatendo os vários aspectos que interferem na construção do jovem metropolitano e sua relação com as tribos urbanas, sobretudo no quesito da música, como os trabalhos de Abramo (1994), Abreu (1995) e Kemp (1993). No entanto, optou-se, nesta dissertação, aceitar o conceito de juventude supra citado (PIRES, 2004) como pressuposto estético para os góticos, o que limitará meu debate sobre este tema, uma vez que, se modificado, a incompreensão sobre os aspectos simbólicos do grupo tornar-se-ão ainda maiores.

Uma vez que um dos objetivos centrais deste trabalho é compreender, tal como diz Bachelard (2001), a viagem da imaginação e o domínio do imaginário, o que ele chama de utopias, acredito que, “se não compreendermos que estas nos dão, de uma só vez, um paraíso ou um inferno, uma Atlântida ou uma Tebaida” (BACHELARD: 2001, 5), pouco poderemos entender da estética e do nomadismo dos jovens góticos na cidade de São Paulo. “É o trajeto que nos interessaria”, diz-nos Bachelard (2001: 5), “e o que nos descrevem é a estada”.

A proposta de Bachelard é caminhar sem separar o imaginário e o real, o trajeto contínuo do real ao imaginário. E se esta é a proposta do filósofo, ela certamente ajuda-me a realizar os relatos etnográficos a que me propus dos espaços góticos na cidade de São Paulo, que, possuindo co-relação direta com as obras e personagens de Anne Rice, como será demonstrado ao longo dos capítulos, nos ajuda a compreender quais são as mensagens que os góticos querem e transmitem à sociedade paulistana através de sua estética mortuária, assim como quais são as simbologias presentes nesta estética sombria que amplia, a cada dia, seus espaços na cidade de São Paulo.

## 1.2 - O Recorte Metodológico

*“Eu ando pelo mundo, prestando atenção em cores. Cores que eu não sei o nome... passeio pelo escuro, eu presto muita atenção no que meu irmão ouve.”*

Adriana Calcanhoto, “Esquadros”

O imaginário, o trajeto e o espaço gótico são temas que há muito me interessam. Frequento os espaços desta tribo há quase dez anos, e foi na observação do comportamento desses jovens, dentro e fora dos bares por eles frequentados que me motivou a estudá-los, primeiro numa Iniciação Científica, depois no Mestrado.

Nessa observação, fui aprendendo um pouco dos códigos que usavam entre eles, sendo impelida a conhecer outros e, o mais importante, sendo instigada a estudá-los. Nesses dez anos eu frequentei os bares, observei e aprendi. Chamava-me a atenção as simbologias, as falas, as verdades de cada pessoa que conversava comigo e, em especial, a forma como utilizavam de seus corpos para passarem mensagens sem precisar verbalizá-las. Era um olhar, uma dança, uma forma de sentar e caminhar.

Andando a margem do grupo, fiz amigos e tornei-me suficientemente próxima para observar suas poucas e graduais modificações. Havia uma certa “áurea mágica”, um certo encantamento naquele grupo. Era possível discutir filosofia, história e física. Falou-se, sempre, dos temores humanos, de Deus e de religiões. Falava-se sobre o encanto com os demônios e, nessas conversas, percebi a atração dos grupos para com três mitos: o vampiro, a bruxa e uma personagem de quadrinhos, posteriormente transformada em personagem de filmes e seriados americanos – o Corvo (O’BARR, 1993).

Percebi, com o tempo, que as leituras desse grupo eram sempre voltadas a estes personagens, quando muito, arriscavam-se em outras, não menos fantásticas, como Sandaman, o deus dos sonhos e da imaginação (GAIMAN, 2000), e Hellblazer, a história de John Constantine (MOORE, 1985), agora também transformado em filme (“Constantine”. EUA, 2005. Produzido pela Warner Bross, com Keanu Reeves e Rachel Weisz), e em séries interessantes dos quadrinhos, tão tétricas como as clássicas histórias de horror – Frankenstein (SHELLEY, 2002), O Retrato de Dorian Gray (WILDE, 1946), O Médico e o Monstro (STEVENSON, 2002), etc. –, além de outras obras como as de J. R. R. Tolkien (2000), “O Senhor dos Anéis”. Eram muitas as horas de discussão sobre os filmes

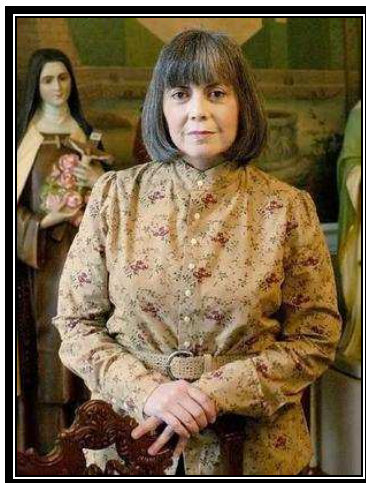
de vampiros, sobre Willian Blake, Edgar Alan Poe e Shelley, por exemplo. Enfim, as conversas rendiam sobre temas cujo panorama central estivesse focado no ultra-romantismo e na ficção de horror, ambas popularizadas, em especial, pela literatura a partir do século XVIII.

Foi na leitura desta obras, primeiro para poder manter um diálogo com eles e, depois, para estudos de simbologias que por ventura estivessem nelas presentes, que percebi algo, então, que não havia me atentado anteriormente: o circuito gótico na cidade de São Paulo, bem como a forma que eles têm de se vestir, falar, andar e muitas vezes, de pensar, reflete, ao modo brasileiro e paulistano a que se puderam adaptar, as histórias lidas pela tribo, em especial, as da autora gótica Anne Rice. Foi esta percepção que me fez construir, finalmente, este mestrado.

Anne Rice é uma escritora norte-americana de grande renome, tendo como principais obras os romances – que depois tiveram adaptações cinematográficas – “Entrevista com o Vampiro” e “A Rainha dos Condenados”. São, ao todo, 29 romances, divididos em quatro séries: Crônicas Vampirescas; Beauty; As Bruxas de Mayfraid e Novas Crônicas Vampirescas. Cada uma destas séries possui um foco mitológico específico.

“Beauty” debate sobre as questões psicanalíticas presentes na história “A Bela Adormecida”. São obras em que Anne Rice explora o lado sensual e perverso da feminilidade da mulher moderna. “As Bruxas de Mayfraid” relata sobre o poder feminino na manipulação da magia – branca e negra – e re-atualiza, à sua forma, as clássicas histórias de bruxas que se conhece da Idade Média, explorando, de forma enfática, o pacto existente entre mulheres e o Demônio. No entanto, são sobre as Crônicas Vampirescas, que, evidentemente, foca suas personagens no mito do vampiro, que o estudo desta autora torna-se de grande interesse para esta pesquisa.

### ILUSTRAÇÃO 11 – ANNE RICE



“Crônicas Vampirescas” resume-se a um compêndio de cinco obras (todas as demais são complementos das histórias ou aprofundamento da narrativa de alguma antes secundária)<sup>13</sup> – Entrevista com o Vampiro (1976), O Vampiro Lestat: segundo volume das crônicas vampirescas (1985), A Rainha dos Condenados (1988), O Ladrão de Corpos (1992) e Memnoch (1995). São sobre as três primeiras que dedicarei maior atenção, pois, nessas, são apresentados os vampiros Lestat de Lioncourt e Louis de Laucrec, cujos hábitos parecem inspirar a escolha dos espaços góticos em São Paulo, além de sua estética visual e discursiva, destacando-se os aspectos de sensualidade, sexualidade e androginia.

Minha hipótese para esta pesquisa, como já citei no início deste capítulo, surgiu ao passo de que observei que muitos dos jovens góticos, que jogam RPG, remetem seu cotidiano a espaços que visivelmente são encontrados nestas histórias, da mesma forma como seus hábitos de vestuário e as relações que montam em seus grupos de convívio. Percebi, assim, que nos hábitos dos góticos dos dias atuais traduzem-se, um pouco, as teorias que Michel Maffesoli (1998) tem sobre as características que constituem uma tribo urbana e que Mircea Eliade (1998) constrói ao falar do espaço sagrado.

---

<sup>13</sup> A data posta entre parênteses das obras da escritora Anne Rice, nesta parte do 1º capítulo, não são referentes aos volumes que utilizei para estudo e análise, mas, sim, o ano em que a mesma foi publicada pela primeira vez nos Estados Unidos. No entanto, no decorrer do trabalho, as datas que por ventura aparecerem entre parênteses, das mesmas obras supra citadas, serão compatíveis com as versões encontradas nas referências bibliográficas deste trabalho. A opção de colocá-las como ora se apresenta neste capítulo é apenas para que o leitor vislumbre a época em que as mesmas foram editadas.



Assim, a hipótese central desta pesquisa, é a de que, para os “novos góticos”, jogadores de RPG ou não, da cidade de São Paulo, o mito do vampiro e o movimento gótico possuem uma co-relação e, o fio que alinhava esses dois aspectos é a estética, que acopla, em si, como demonstram Delleuze e Guattari (2005), é a vivência mítica e nomadismo daquele que perambula sobre o espaço, tendo, no vagar, a busca pelo sentido de sua vida, e uma vivência de tempo diferente daqueles que não compreendem suas simbologias. É, portanto, a eterna busca humana por um sentido.

Este trabalho foi então construído mediante o percorrer de alguns dos locais que compõe o circuito gótico na cidade de São Paulo, em especial o bar Madame Satã que, desde a década de 1980, tem se consagrado como o mais tradicional *point* gótico da cidade. Nesses locais, o relato etnográfico mesclou-se a outras duas estratégias: 1) análise e comparação do que era observado com as entrevistas realizadas na época da Iniciação Científica (1999-2002), e, 2) análise e comparação do que era observado através das leituras e estudos feitos sobre as obras literárias dadas como referências para os góticos em São Paulo, em especial as de Anne Rice.

Com relação ao primeiro item, análise e comparação do que era observado com as entrevistas realizadas na época da Iniciação Científica (1999-2002), cabe ressaltar duas importantes considerações: 1) o amadurecimento teórico com relação às conclusões que a Iniciação Científica permitiu construir, iniciando assim, o projeto e o ponto de partida deste mestrado, e; 2) a re-construção do “perfil gótico” da cidade de São Paulo, com a reatualização de muitos dos dados obtidos na época de realização do trabalho em questão.

### **1.2.1 – A Iniciação Científica e o RPG**

Esta dissertação, como mencionei a pouco, é o resultado do amadurecimento teórico que se iniciou com a Iniciação Científica “A Função Estruturadora do Jogo de RPG na Tribo Urbana dos Góticos na cidade de São Paulo”, realizada entre os anos de 1999 e 2002, sendo que, em seu último ano, obteve bolsa de pesquisa do PIBIC-CEPE.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur, do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP. Esta pesquisa recebeu, em 2002, o prêmio de melhor pesquisa em Ciências Humanas (Teologia) pela comissão Cnpq PIBIC-CEPE da PUC-SP, tendo como sub-produtos: 1) livro “Tribos Urbanas, Você e Eu. Conversas com a Juventude”, publicado em Abril de 2004, pela editora Paulinas; 2) inúmeros trabalhos apresentados em congressos e seminários (nacionais e internacionais) de Ciências Sociais e Ciências da Religião.

“A Função Estruturadora do Jogo de RPG na Tribo Urbana dos Góticos na cidade de São Paulo” pesquisou como os jogos de RPG – *role-playing games* – “Vampiro, a Máscara” (ACHILLI, 1999) e “Vampiro, a Idade das Trevas” (HARTSHORN, 1998) contribuem para a construção hierárquica dentro da tribo urbana dos Góticos, vez que é um jogo que permite a construção individual dos personagens sob os desejos do próprio jogador. O que percebi, ao longo da pesquisa, é que os jogos não só contribuem para a escolha do líder dos grupos de jogos e para a definição dos demais papéis dos integrantes (o protetor, o informante, o intelectual, etc.), mas, também, são importantes referenciais estéticos para o discurso da tribo quanto ao seu próprio estilo de vida.

Caminhou-se, ao longo da pesquisa, por diversas teorias e campos de conhecimento – destacando-se a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, a História e as Ciências da Religião – para que as várias etapas de desenvolvimento da pesquisa fossem realizadas. Em quatro anos, realizou-se: 1) construção de uma rede de contatos com integrantes ou pessoas que conheciam a tribo urbana dos góticos; 2) visitas a bares e locais freqüentados pelos góticos de São Paulo; 3) entrevistas sistemáticas com os góticos (cabe o destaque de que, inicialmente, estes eram entrevistados por e-mail, abrangendo todas as partes do Brasil, somando-se mais de 1.000 e-mails em dois anos; posteriormente, estas entrevistas reduziram-se à cidade de São Paulo, sendo realizadas pessoalmente. No total foram mais de 400 góticos entrevistados); 4) ida a encontros de RPG pertencentes ou não a tribo urbana dos góticos; 5) organização de um grupo de jogos com góticos que não se conheciam para a pesquisa (foram convidados cerca de 30 participantes e, durante seis meses, observou-se como as relações inter-pessoais com os jogadores iam se consolidando e, como os personagens criados pelos mesmos eram utilizados para estruturar as relações no grupo); 6) entrevistas com os jogadores e mestres (quem organiza e comanda os jogos, respectivamente) participantes do grupo de jogos da pesquisa.

Das muitas conclusões que o trabalho propiciou-me, na época, algumas se caracterizavam como observações importantes e inéditas da tribo urbana dos Góticos. Estas, pelo término da pesquisa, não puderam ser aprofundadas, tornando-se, assim, o

ponto de partida para elaboração desta dissertação, sobretudo no que diz respeito à estética de viver desses jovens.<sup>15</sup>

“A Função Estruturadora do Jogo de RPG na Tribo Urbana dos Góticos na cidade de São Paulo” foi, a todo instante, um trabalho sobre uma experiência muito particular, de um grupo muito específico, sobre a experiência de viver e morrer de jovens pertencentes às camadas médias e altas da sociedade. Quando se fala em tribo urbana dos Góticos ou mesmo de jogos de RPG, mesmo que ambos nunca tivessem sido relacionados para uma pesquisa, deve-se ter o cuidado ao compreender sobre os universos contemplados, apresentando-se, desta forma, diversos e distintos. Num simples olhar, é possível ter a opinião de pessoas que não fazem parte de nenhum dos dois grupos, familiares de membros dos dois grupos e, principalmente, dos membros dos grupos. Se para o último, em especial, “viver o seu morrer”, teoria esta explicada por Keleman (1997), é uma atitude de coragem e de desafio para com a atual sociedade, para os dois primeiros, este “viver o seu morrer” é preocupante e muitas vezes assustador.

Não tive, na Iniciação Científica, a pretensão de agrupar todos os góticos da cidade de São Paulo, tampouco acreditei ter concluído as minhas descobertas sobre a estética de “viver o seu morrer” dos jovens góticos. Partindo do pressuposto de que os góticos, em sua grande maioria, vivem o seu morrer diariamente, até mesmo para encontrarem respostas às suas muitas indagações sociais – dentre elas, querer saber o porquê da sociedade ser pautada em jogos de máscaras, desigualdades e preconceitos – e por seu universo – musical, literário e cinematográfico – estar interligado a mitos do vampiro, corvos e bruxas, há, sim, grande possibilidade de os jogos de RPG “Vampiro, a máscara” (ACHILLI, 1999)

---

<sup>15</sup> Sobre a estética de viver dos góticos, cabe fazer a menção prévia de um termo que será muito utilizado ao longo dos capítulos: “experiência de viver o seu morrer”. A teoria a que me baseio é de Keleman: “Vivemos numa época que nega a morte, que distorce a experiência do morrer através da manutenção dos mitos tradicionais. O que precisamos é de um outro começo, um novo mito, uma nova visão da maturidade e da longevidade. Não somos vítimas do morrer; e a morte não nos vitimiza. Mas somos, sim, vítimas de atitudes superficiais e distorcidas para com o morrer, o que concebemos como algo trágico. (...) Quando falo sobre a morte, faço-o em dois níveis. Há grandes e pequenas mortes. Estamos sempre perdendo e descobrindo coisas, sempre rompendo com o velho e estabelecendo o novo. Esta é a pequena morte. Minha experiência, meu mito é que a grande morte é semelhante à pequena, pelo menos em processo e sentimentos. Nossas pequenas mortes foram feitas para nos ensinar com o que pode se parecer a nossa grande morte. (...) Morrer e morte não são sinônimos, são eventos distintos e separados. Sobre a morte quase nada se pode conhecer, do lado de cá da parapsicologia e da fé. Sobre o morrer há muito que se possa conhecer, já que um padrão para morrer é vivido por toda pessoa no seu tempo de vida”. In: (KELEMAN, 1997: 13-15).

e “Vampiro, a Idade das Trevas” (HARTSHORN, 1998), quando conhecidos pelos membros da tribo, fazerem parte da construção hierárquica dos grupos.

A função que os mitos exercem sobre a mente humana é explicada por Jung (1999a: 21) que afirma que, por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana, é que freqüentemente usam-se termos simbólicos como representação de conceitos dos quais não podem ser definidos ou compreendidos integralmente. O ser humano procura, nos símbolos e nos mitos, formas para dar sentido à sua própria vida e, mesmo assim, jamais compreende algo ou a entende por completo.

O homem pode ver, ouvir, tocar e provar. Mas a que distância pode ver, quão acuradamente consegue ouvir, o quanto lhe significa aquilo em que toca e o que prova, tudo isso, segundo Jung (1999a), depende do número e da capacidade dos sentidos. Jung, assim, conclui que o homem utiliza meios científicos ou de alguns mecanismos de defesa para assumir os símbolos e mitos que o constituem ou, da mesma forma, para se proteger e tentar negá-los.

Ao contrário de negarem ou esconderem os símbolos que estão presentes em seu estilo de vida, os góticos os assumem, seja mediante a música que escutam, a roupa que vestem, os jogos de RPG que porventura joguem ou pela literatura que lêem. Independente da manifestação, algumas características são centrais: 1) o questionamento para com os padrões aceitos pela sociedade; 2) a valorização do obscuro e do misterioso, criticando a falsidade existente no que é aparentemente claro e conhecido; 3) uso do mito do vampiro – e algumas vezes do corvo e da bruxa – para sustentar a estética visual e discursiva da tribo. É com base nestas observações que se desenvolveu esta dissertação de mestrado.

O objeto de pesquisa da Iniciação Científica levou-me, a todo momento, à questão da estética da morte e do morrer dos jovens góticos, ressaltando a importância que o mito do vampiro tem no imaginário da tribo urbana dos góticos. Dentro da angústia de se perceber o belo e o fantástico, através das expressões artísticas que a sociedade acredita serem feias e monstruosas, os góticos desenvolvem uma ligação especial com os símbolos sagrados, sobretudo os cristãos, posto que os mitos do vampiro e do corvo recuperam algumas dessas simbologias. Destaca-se a imortalidade e a busca pela vida eterna – que na análise dos mitos, são duas categorias distintas, sendo a primeira caracterizada por uma existência sem a possibilidade da morte, portanto uma maldição e, a segunda, como uma

benção sagrada que só se obtém através do amor, portanto, sinônimo de salvação – o sangue como fonte de vida, a cruz e a própria criação humana.

Para além desses dados, cabe o destaque de que os integrantes da tribo urbana dos góticos afirmam que não são um movimento urbano típico do século XX. Estes, como será percebido ao longo dos demais capítulos, se colocam como mais uma manifestação da chamada Arte Gótica. A Arte Gótica é, por eles denominada, como Arte Obscura, remetendo todos aqueles que os questionam a uma árvore genealógica que chega ao ano 1000 d.C.<sup>16</sup> Assim, para a maioria dos góticos que entrevistei, não há como se tornar gótico, se nasce gótico.<sup>17</sup>

Se a Iniciação Científica demonstrou como a tribo se organiza e como a sociedade vê os góticos nas noites de São Paulo – interligando-os a entidades demoníacas e ao profano, mesmo que sua denominação, que advém da arte gótica, bem como suas leituras,

---

<sup>16</sup> De forma esquemática e breve, apresento, agora, a sistematização de parte desta “árvore genealógica” contada pelos góticos que entrevistei. A parte que apresento é a que faz menção ao momento em que a “arte gótica” chega ao Brasil; movimento, este, até o presente momento, para os integrantes da tribo, divididos em 04 (quatro fases):

*1ª Fase – Sua Origem:* representação artística sobre a estética do viver e do morrer na literatura romântica (2ª Fase –Ultra-romântismo) da década de 1850/1860, com destaque para o poeta adolescente Álvares de Azevedo;

*2ª Fase – Sua Materialização:* representação arquitetônica que recupera a sacralidade cósmica da Idade Média européia, já no início do século XX, ganhando destaque com a Catedral da Sé e dando continuidade aos projetos de construção de um centro urbano através da colaboração da Missão Cultural Francesa e da Academia Imperial de Belas-Artes (instalada no Rio de Janeiro) e trazidas ao Brasil a pedido do então Imperador, D. Pedro II;

*3ª Fase – O Movimento de Contra-cultura:* no final da década de 1970 e início da década de 1980 quando há o apogeu das chamadas tribos urbanas em todo o mundo, popularizadas e difundidas nas grandes metrópoles através da música (rock). No Brasil, estes primeiros góticos são conhecidos como “Darks” (denominação criada pelo jornalista Pepe Escobar).

*4ª fase – O Ressurgimento:* de meados da década de 1990 até os dias atuais, sobretudo pela popularização dos filmes e livros sobre Vampiros, além dos seriados de televisão e dos jogos de RPG (role-playing games), difundindo-se em três grandes manifestações: a tribo urbana dos góticos, os jovens que se auto-intitulam góticos e os góticos remanescentes da década de 1980. Todos estes, no entanto, estão, alguns mais e outros menos, em busca do que chamo, nesta pesquisa, *de uma razão de viver a vida através de uma estética de viver o morrer* (KELEMAN, 1997).

<sup>17</sup> Tendo explicado a visão dos integrantes da tribo, destaco que nos momentos que a expressão “arte gótica” for utilizada nesta pesquisa, esta será feita para referendar suas mais distintas manifestações: arquitetura, pintura, escultura, literatura, cinema, música, televisão, ourivesaria, moda e, claro, a tribo urbana.

discursos e argumentações demonstram que há uma profunda religiosidade e sacralidades nesses jovens – a dissertação de mestrado preocupou-se em compreender o discurso dos góticos que se vêem amaldiçoados com a vida que possuem, demonstrando a diferença deste movimento na década de 1980 para o período atual está além da música e dos locais freqüentados em São Paulo, mas, sim, em aspectos culturais mais amplos, como a literatura que faz o papel de interligar os símbolos por eles apresentados à realidade social a qual estes jovens estão inseridos.

Esta dissertação de mestrado colabora, então, para que se compreenda a grande diferença que existe entre o imaginário popular frente aos góticos, a imagem que os góticos querem transmitir à sociedade e o que, de fato, sentem e pensam os jovens góticos quando estão em seus meios de convívio, protegidos de olhares curiosos. Para chegar aos dados aqui apresentados, partiu-se, inicialmente, de uma única pergunta: como demonstrar e compreender a estética de vida dos integrantes da tribo urbana dos góticos na cidade de São Paulo? Assim, o recorte metodológico que aqui foi apresentado, foi construído para tentar satisfazer as necessidades acima apontadas, dialogando, a todo momento, com o perfil dos góticos na cidade de São Paulo.

### **1.2.2 – O Perfil Gótico na cidade de São Paulo e as demais entrevistas realizadas**

Ao longo da pesquisa foram realizadas quatro séries de entrevistas, cada uma com um objetivo específico. A primeira delas foi realizada para o **Levantamento de Perfil**, que contou com a participação de 1.000 entrevistados, todos por e-mail. Estes entrevistados surgiram de três listas de e-mails especiais: uma de freqüentadores da casa noturna Madame Satã e duas dos principais sites da tribo na cidade de São Paulo, pelos quais se comunicam sobre festas, eventos e trocas de informações culturais. O questionário ficou disponível nestas listas de fevereiro de 2003 a abril de 2003, tendo recebido 1.230 questionários, com apenas 1.000 válidos.

A segunda série de entrevistas aconteceu no período de fevereiro de 2004 a dezembro de 2004. Nesta, realizaram-se entrevistas pessoalmente, além de ter sido disponibilizado o mesmo questionário também pela Internet (porém, no prazo de julho a dezembro de 2004). Nesta segunda série de entrevistas, o objetivo era **compreender**

**melhor a imagem que os góticos têm do próprio movimento.** Portanto, foram feitas apenas seis perguntas abertas (perguntas essas que eu já havia feito na época da Iniciação Científica e que, por serem as mesmas, ajudaram-me a atualizar os dados que eu já tinha obtido do grupo anos atrás), circulando, na Internet, pelas mesmas listas de e-mail da série de pesquisa anterior. Cabe aqui a ressalva, que o número de inscritos em cada lista supera os 2.000 inscritos, sendo que a maior delas já ultrapassa o número de 4.500 inscritos. Na época, foram recebidos 1.500 questionários, sendo que apenas 1.234 foram válidos.

É claro que dentro destas seis perguntas, surgiram outras tantas. A estratégia, porém, que norteou a escolha destas perguntas iniciais, e não de outras, foi a de chamar a atenção dos integrantes da tribo, pois, durante a observação nos bares por eles freqüentados, em especial no Madame Satã, percebi que são sobre essas perguntas que a maior parte dos debates giravam, em especial com os outsiders dos grupos.

A terceira série de entrevistas aconteceu com um grupo mais seletivo, grupo este que se constituiria, mais tarde, no grupo de líderes com o qual eu mantinha debates constantes sobre as observações que fazia em minhas visitas aos espaços góticos. Nesta terceira série, obtive a ajuda de dez líderes do grupo – entenda-se o termo “líder”, aqui, como pessoas conhecidas nos espaços góticos como os mais antigos e mais engajados no movimento gótico, tornando-se referência para todos os demais. Meu acesso a eles deu-se através de minhas visitas constantes, e nesta terceira fase, de dezembro de 2004 a março de 2005, enviei, aos dez entrevistados, um questionário especial que me ajudaria a **compreender, melhor, as simbologias pertencentes ao universo gótico em São Paulo.**

Com base nas respostas enviadas, iniciei a última série de entrevistas, que durou de abril de 2005 a dezembro de 2005. Eram encontros mensais, algumas vezes quinzenais, conforme minha necessidade de debate sobre algumas questões que por ventura tivesse. Ao todo, foram quinze encontros, realizados em lugares por eles escolhidos, geralmente na casa de um dos entrevistados, ou em campos neutros, como o Centro Cultural São Paulo, no bairro da Vergueiro. Nos últimos seis meses de pesquisa, devido a minha falta de tempo em encontrá-los pessoalmente, e também em decorrência da viagem de alguns ao exterior, essas (as entrevistas) passaram a acontecer por MSN<sup>18</sup>, ou seja, virtualmente.

---

<sup>18</sup> **MSN Messenger**, ou apenas **MSN**, é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet converse com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem

Nessas entrevistas, por sugestão do próprio grupo, debatiam-se alguns aspectos que eu ia observando em minhas visitas, sempre através de eixos temáticos propostos por eles. Portanto, um dia eles decidiam falar sobre literatura, noutro sobre religiosidade, noutro sobre sexualidade e por aí fomos. Todas as reuniões foram gravadas e depois transcritas por mim, e muitos dos depoimentos usados nesta dissertação foram retirados desses encontros, bem como dos questionários por eles respondidos na terceira fase das entrevistas.

As respostas das duas primeiras rodadas de entrevistas, portanto, o perfil, com 1.000 entrevistados e os conceitos sobre o próprio movimento, com 1.234 entrevistados, serão apresentados de duas formas: 1) o perfil completo, com seu questionário e análises está disponível no Anexo B desta dissertação; 2) os conceitos sobre os góticos, da qual se fez baseada em seis perguntas abertas, no Capítulo 2 desta dissertação, no espaço dedicado a descrever o público que frequenta a casa noturna Madame Satã. Os questionários utilizados na segunda e na terceira rodada de entrevistas estão disponíveis no Anexo C.

Destaco, assim, que pela ausência de literatura específica, no Brasil, sobre a tribo urbana dos góticos, sendo a única que mais se aproxima a de Abramo (1994), que retrata o espetáculo urbano de punks e darks na década de 1980, a leitura de obras internacionais – norte-americanas e francesas, sobre o grupo, foram importantes referenciais para se começar a traçar o perfil destes em São Paulo, bem como montar os questionários para as entrevistas. Da mesma forma, imprescindível foram às pesquisas em jornais, revistas, sites da tribo, comunidades no orkut<sup>19</sup> e blogs<sup>20</sup> dos góticos de São Paulo. Aliados a estes

---

da rede. O pioneiro nesse tipo de aplicação foi o ICQ que em 1997 revolucionou o conceito de bate-papo online. Porém, nos últimos anos o MSN tem conquistado cada vez mais adeptos, por ser integrado ao serviço de e-mail Hotmail e por ter uma intensa publicidade junto ao público jovem. Também tem como concorrente o Yahoo! Messenger, outro serviço igualmente integrado a e-mail. Devido ao fato do MSN Messenger já vir instalado com o sistema Windows, este ganhou popularidade e conseguiu fazer com que os antigos usuários do ICQ migrassem com o tempo. Fonte: Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN\\_Messenger](http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger), Acesso em fev. 2006.

<sup>19</sup> O **Orkut** é uma rede social filiada ao Google, criada em 22 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social. Cada pessoa no Orkut tem 3 perfis numa mesma conta: 1) **Social**: demonstrando características como idade, gostos, livros que lê, e outras coisas; 2) **Profissional**: em que se ressalta a profissão da pessoa, informações sobre seus estudos, onde estudou; 3) **Pessoal**: usado na maioria das vezes para atrair possíveis namoros, disponibilizando informações físicas e sobre o tipo de pessoa que o usuário gostaria de namorar/casar. Cada usuário tem um grupo de amigos, tendo no máximo 1000 pessoas. O usuário as classifica como quiser, de *desconhecido* para *melhor amigo*. Cada amigo tem outro amigo, e desse jeito cada usuário do Orkut é ligado de algum modo com todas as pessoas. Os usuários têm comunidades, fóruns onde as pessoas se juntam com gostos parecidos (ex: *Eu amo futebol*, *Eu tenho TPM*, *eu odeio a Xuxa*).



materiais, as entrevistas com os góticos de São Paulo foram o alicerce básico para a construção desta dissertação, o que fará, ao longo dos capítulos, que as mesmas sejam mencionadas várias vezes.

Os principais dados obtidos no perfil dos góticos de São Paulo demonstraram, assim, para que se conheça um pouco mais dos dados quantitativos do grupo, antes das análises de alguns dos dados qualitativos obtidos nas pesquisas, que a grande maioria pertence às camadas médias e altas da sociedade, são jovens e quando não moram sozinhos, permanecem na casa dos pais até uma idade mais avançada (cerca de 30 a 35 anos). Possuem acesso aos cursos superiores, sendo leitores assíduos de obras românticas e ouvintes de rock e mesmo músicas clássicas. São pessoas que tem em simbologias como a noite, o preto, a solidão e, em personagens como os vampiros e o Corvo suas referências para exporem suas idéias e sentimentos, valendo, muitas vezes, como pontos de referência para exemplos e explicação de suas atitudes.

Por conta disso, dividi esta dissertação em capítulos para que, de forma mais sistemática, pudesse abranger o maior número possíveis de informações, ajudando-me a demonstrar elementos que justificassem a grande hipótese desta pesquisa: para os “novos góticos”, jogadores de RPG ou não, da cidade de São Paulo, o mito do vampiro e o movimento gótico possuem uma co-relação e, o fio que alinhava esses dois aspectos é a

---

Quando há interesse por esse tipo de comunidade, outras pessoas se cadastram e ampliam sua rede de relacionamento, discutindo sobre esse assunto em especial, não obrigatoriamente especificamente esse assunto. Os usuários da comunidade possuem duas áreas onde pode entrar: o fórum e os eventos. Os eventos são fixos, e mostram, normalmente, algum acontecimento de interesse dos usuários de um determinado grupo. O fórum, por sua vez, funciona por meio de tópicos. Uma pessoa cria um tópico, com um título e um texto. Outra pessoa (pode ser a mesma) pode entrar no tópico e deixar uma mensagem. É possível, também, se ter conversas no Orkut, porém ele não faz conversas instantâneas, como o MSN. Atualmente, o orkut possui mais de quinze milhões de usuários cadastrados e, o Brasil é o país com o maior número de membros, superando inclusive os EUA. Aproximadamente 72,56% dos usuários do sistema, aproximadamente 11.000.000 de usuários, são brasileiros. Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>, Acesso em fev. 2006.

<sup>20</sup> Um **weblog** ou **blog** é um registro publicado na Internet relativo a algum assunto organizado cronologicamente (como um histórico ou diário). O weblog conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas elas são disponibilizadas na internet por servidores exclusivos e/ou usuários comuns. As ferramentas abrangem: registro de informações relativas a um site ou domínio da Internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, de qual site ou página o visitante veio, para onde vai o site ou página atual e uma série de outras informações. Os sistemas de criação e edição de blogs são muito atrativos pelas facilidades que oferecem, pois dispensam o conhecimento de HTML, o que atrai pessoas a criá-los, em vez de suas páginas ou sítios pessoais. Por conta desta facilidade, hoje já é possível encontrar os blogs educativos, que tornaram-se um grande atrativo na educação como ferramenta adicional utilizada para o registro de idéias de professores e alunos. Alguns sites tem inovado e usado o blog como um tipo de mídia, onde jornalistas colocam notícias e comentários da sua área (política, esportes, televisão, etc.). Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogs>, Acesso em fev. 2006.

estética, que acopla, em si, como demonstram Delleuze e Guattari (2005), a vivência mítica e o nomadismo daquele que perambula sobre o espaço, tendo, no vagar, a busca pelo sentido da sua vida, e uma vivência de tempo diferente daqueles que não compreendem suas simbologias.

Portanto, se no Capítulo 1 apresentei as principais bases teóricas desta dissertação, bem como o recorte metodológico escolhido, no Capítulo 2, apresentarei alguns aspectos da importância dos símbolos e do imaginário na estética gótica. E para a construção deste capítulo, apresentarei a casa noturna Madame Satã, seus frequentadores e, com eles, demonstrarei aspectos e simbologias do mito do vampiro que se fazem presentes na fala e no comportamento dos góticos, destacando o elo que mais me chamou a atenção, no que diz respeito ao tênue fio que interliga o vampiro ao gótico: o corpo e seu uso através do erotismo e da androginia.

No Capítulo 3, apresentarei outros aspectos estéticos do gótico na cidade de São Paulo, traçando um paralelo mais profundo com as obras de Anne Rice, em especial com a personagem Lestat de Lioncourt. Neste capítulo, o enfoque será dado a três aspectos: o teatro e a máscara, a música e o mito do individualismo moderno, este, presente não só nas histórias de vampiros mas, também, em todas as outras lidas pelo grupo, como se observará quando falo das obras “O Corvo” e “Fausto”.

Ao final do trabalho, tecerei minhas Considerações Finais e apresento, além das Referências Bibliográficas completas, os documentos e imagens em anexo, com o objetivo de contribuir para a melhor compreensão dos temas debatidos e apresentados nesta dissertação.



*“Fosca estava sentado diante de uma mesinha no terraço do albergue, uma garrafa de vinho branco à sua frente; fumava. Quando percebeu Régine, sorriu sem espanto.*

- *Já – disse. – Pobre Annie. Não agüentou muito tempo.*
- *Fosca, por que partiu?*
- *Annie pediu-me.*
- *Ela pediu-lhe?*

*Régine sentou-se em frente de Fosca e disse com raiva:*

- *Mas eu lhe pedi que ficasse!*

*Ele sorriu:*

- *Por que deveria obedecer-lhe?*

*Régine encheu um copo de vinho e bebeu-o avidamente: tremiam-lhe as mãos.*

- *Não me ama mais? – perguntou.*
- *Amo-a também – respondeu ele docemente.*
- *Mas não do mesmo modo.*
- *Como poderia fazer uma diferença? – indagou ele. – Pobre Annie!*

*Uma horrível náusea subiu aos lábios de Régine; no pardo, milhões de folhas de capim, nada mais. Cada um se imaginava diferente dos outros; cada um se preferia a si mesmo; e todos se enganavam; ela se enganava como os outros.*

- *Volte – pediu ela.*
- *Não. É inútil. Acreditei que pudesse tornar a ser um homem mais uma vez; isso me aconteceu depois de outros sonos. Mas sei que não posso mais.*
- *Tentemos ainda.*
- *Estou cansado demais.*
- *Então estou perdida.*
- *É, é uma desgraça para você.*

*Inclinou-se sobre ela:*

- *Lamento. Enganei-me. Não deveria mais enganar-me – disse com um risinho – Passei da idade. Mas penso que não se pode evitar isso. Quando tiver dez mil anos a mais, ainda me enganarei: não se faz progresso.*

*Ela pegou as mãos de Fosca:*

- *Peço-lhe vinte anos de sua vida. Vinte anos! Que é isso para você?*

- *Ah! Você não compreende – disse ele.*
- *Não, não compreendo. Em seu lugar eu tentaria ajudar os outros; em seu lugar...*

*Ele a deteve:*

- *Você não está no meu lugar.*

*Deu de ombros e continuou:*

- *Ninguém pode imaginar, eu lhe disse: a imortalidade é uma maldição.*
- *Você faz dela uma maldição.*
- *Não, lutei. Você não sabe como lutei!*
- *Mas por quê? Explique-me.*
- *É impossível. Seria preciso contar-lhe tudo.*
- *Pois conte! Temos tempo, não é, temos todo o tempo!*
- *Para quê?*
- *Faça-o por mim, Fosca. Será talvez menos terrível quando eu compreender.*
- *Sempre a mesma história – disse ele. – Não mudará jamais. Será preciso carregá-la comigo indefinidamente. - Olhou em volta:*
- *Bem, vou contar-lhe.”*

Simone de Beauvoir, *Todos os homens são mortais*, p. 84-86.

## CAPÍTULO 2

# MADAME SATÃ: CORPO, EROTISMO E MITO NA ESTÉTICA GÓTICA.

*“Venha me beijar, meu doce vampiro. Na luz do luar...ah, venha sugar o calor, de dentro do meu sangue, vermelho. Tão vivo e tão eterno, veneno. E mata sua sede, e me bebe quente, como um licor. Brindando a morte, e fazendo amor”*

Rita Lee, “Doce Vampiro”

Madame Satã é o nome de uma das principais casas noturnas dedicadas ao público gótico da cidade de São Paulo. Tendo iniciado suas atividades na década de 1980, esta casa já foi o palco de shows de início de carreira de algumas das principais bandas de rock do Brasil, tais como Legião Urbana. Desde sua inauguração, Madame Satã tem se destacado por receber um público jovem, na sua grande maioria intelectualizados, amantes de música, arte, moda e literatura. Porém, a maioria deste público intelectualizado não é idêntico aos jovens que são vistos dentro de uma universidade, mas, sim, um grupo que se apropria de uma estética sombria, melancólica e romântica, a qual intitula-se como góticos.

Madame Satã surgiu numa época em que o Brasil, em especial a cidade de São Paulo, via nascer uma série de grupos juvenis que já foram classificados, inúmeras vezes, em trabalhos acadêmicos, por tribos urbanas. Recebendo prioritariamente punks e darks, esta casa localizada na rua Conselheiro Ramalho, no bairro do Bexiga, a um quarteirão da rua Rui Barbosa, foi, aos poucos, especializando-se neste público sombrio. Até 1986 ela era uma casa noturna eclética e jovem. Aos poucos, o público jovem, reunindo-se em grupos mais seletos e uniformes, começou a procurar e ocupar seus espaços na cidade e parte deste migrou para o Espaço Retro (posteriormente Sra. Krawitz), Dandy’s Club, dentre outros.

O público do Madame Satã tornou-se mais seletista, com pessoas admiradoras de certos mitos sombrios como a Bruxa, o Corvo e o Vampiro, usuárias de vestimentas pretas e com aspectos vitorianos, o que explica o uso de blusas brancas de cetim e seda, laços pretos amarrando os cabelos e sapatos envernizados; um gosto musical ligado ao rock, em

especial o rock classificado como gótico, doom e black; um grupo que começou a diferenciar-se de outros grupos pelo aspecto andrógino de seus frequentadores, onde não há segregação dos frequentadores sob o ponto de vista de orientação sexual e onde se é possível encontrar poetas, músicos, artistas e escritores – todos, porém, com a particularidade de frequentarem, admirarem ou se interessarem pelo universo gótico.

Durante algum tempo, Madame Satã tornou-se tão popular entre o público jovem, que os mitos sombrios que até então serviam como pano de fundo para a criação estética – visual do local, acabou se tornando o próprio nome de casa. Durante um curto período de tempo, Madame Satã tornou-se Morcegóvia. Passada a efervescência da época, em que os vários grupos juvenis, ao invés de apenas representações modistas ou caricatas de alguns gostos cinematográficos e artísticos, acabaram se tornando opções estéticas de escolha e de solidificação de dadas identidades, o bar voltou a ser Madame Satã e, mais do que antes, como um local especificamente gótico.

Assim, a programação do Madame acabou por integrar-se às necessidades dos góticos da cidade de São Paulo, em especial, dos darks, público pré-adolescente e que encontrou, nesse espaço, a possibilidade de frequentar matinês com outros jovens que se identificavam com o lado sombrio da vida.

O Histórico do Madame Satã perpassa de curiosidades do próprio bar a superstições do público que o margeia. “Um espaço demoníaco”, me disse um morador da região, “um local de maus fluidos”, disse um outro. Lembro-me que certa vez, um senhor que entrevistei e que reside nas proximidades do bar, disse-me: “quero alertá-la! Pare de entrar em lugares como este. O nome desta casa homenageia alguém muito ruim, nada de bom pode vir daí ou aí frequentar”.<sup>21</sup>

---

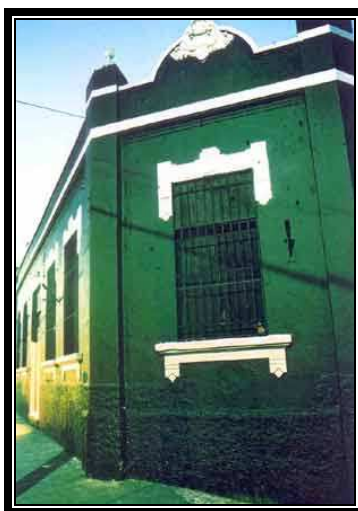
<sup>21</sup> A título de curiosidade, Madame Satã é o codinome de João Francisco dos Santos (1900 - 1976), capoeirista e performista noturno do Rio de Janeiro. João Francisco viveu às margens da sociedade, o que atribuía por ser negro, pobre e homossexual, estando sempre envolvido com trabalhos na área da Lapa (reduto carioca da malandragem e boemia dos anos 1930). Na Lapa, trabalhou muitas vezes como segurança de casas noturnas. Apesar de não ser considerado nenhum exemplo de pessoa, dedicava-se a cuidar das prostitutas locais, tentando evitar que as mesmas fossem estupradas e machucadas por homens que frequentavam a localidade. Foi preso várias vezes, já que era considerado um arruaceiro e incitador da desordem no Rio de Janeiro. Morreu logo após sua saída da prisão. Sua biografia é contada, por exemplo, no filme de Karim Ainouz, *Madame Satã*, de 2002.

De qualquer maneira, hoje é um dos principais espaços góticos na cidade de São Paulo, e, há quem diga, dentro da tribo, que não se pode ser verdadeiramente gótico em São Paulo se não se frequentou, pelo menos uma dúzia de vezes, “a casa negra”.

## 2.1 O Cenário

Quem chega às proximidades do Bexiga vislumbra a seguinte cena ao parar o carro na esquina da “casa negra”. Cem ou cento e cinquenta jovens, alguns sozinhos, outros em grupos, mas todos caminham, quase que silenciosamente, para um casarão antigo com paredes pretas e portas e janelas em detalhes brancos.

**ILUSTRAÇÃO 13**



Faltam dez minutos para a meia noite. Numa rua escura, do centro velho da cidade de São Paulo, observam-se mulheres vestidas com roupas justas e pretas, grandes saltos e maquiadas de forma a ressaltar a palidez do rosto: olhos muito escuros, boca com tons pretos e vinho. Unhas negras. Ao lado, alguns jovens sentados no chão com garrações de vinho e copos plásticos na mão. A todo instante, mais e mais jovens chegam a este cenário e aglomeram-se em frente ao casarão.

Entre as noites de quinta e sábado, com atividades aos domingos até a meia noite, este jovens encontram, nesta casa – tão importante na história da estética gótica na cidade



de São Paulo, que poderia ser considerada uma personagem autônoma nesta etnografia, a exemplo da obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo – um espaço onde tudo é permitido, bastando-se ter, como afirma B.S., “imaginação e coragem para encontrar, no lado obscuro da vida, uma certa luz”.

Eu não sei quantas vezes já fui ao Madame Satã para procurar consolo para minha vida. A casa é uma espécie de conselheira... ficava em silêncio, ao lado do junk Box... ninguém se intrometia comigo. As falas eram pelo olhar, e eu apenas dizia: 'não se aproxime, estou muito mal esta noite. (B.S., 22 anos)

Madame se localiza num local onde habitam medos e superstições humanas. Quem frequenta as ruas do Bexiga a noite, irá deparar-se com um local sinistro e sombrio, com casarões em péssimo estado de conservação, frequentado por públicos que normalmente ocupam a marginalidade das cidades: prostitutas, gigolôs, mendigos, bêbados. Um local propício para não ser frequentado por pessoas que gostam de luz, alegria, risadas e diversão. O espaço do bar é, então, estratégico... quase num beco, numa espécie de encruzilhada, frequentado por pessoas sombrias.

É o espaço onde deixamos, normalmente, nossos monstros habitarem, como nos diz Del Priore (2000), um local em que a imaginação só ousa visitar para mostrar o horrendo, o grotesco, o assustador.

*Cemitérios silenciosos de túmulos gretados, capelas em ruínas cobertas de musgos, velhas mansões assombradas cujas portas gemem de tocadas pelo vento, pântanos mergulhados em brumas, grutas úmidas e escuras, encruzilhadas que levam à lugar nenhum e onde se ouve a coruja piar: é em tais lugares que costumamos a colocar esses seres diferentes, seres inquietantes, nossos monstros. O monstro evoca a idéia de ilusão e de fantasmagoria, a noção de medo e de horror, a perplexidade humana diante de manifestações inexplicáveis. (DEL PRIORE, 2000: 123)*

Locais, estes, que existem em toda cidade. No entanto, não são apenas nossos monstros imaginários que habitam esses locais, os nossos monstros reais também.<sup>22</sup> Porém,

---

<sup>22</sup> Ao redigir esta pesquisa, percebi que a temática “ocupação do centro da cidade” era importante para compreender as simbologias existentes na escolha do circuito pelos góticos, bem como para os discursos que os transeuntes da cidade de São Paulo fazem sobre os góticos. Inúmeros trabalhos têm sido feitos no campo das Ciências Sociais para demonstrar como esta simbologia, entre o sagrado e o profano, está sendo utilizada. Implicitamente e muitas vezes sem conhecimento teórico por parte dos que executam os planejamentos de

o centro de uma cidade possui seu valor simbólico, como ensina Eliade (1998), e sua ocupação noturna, como diz Margullis (1997), é construída segundo uma necessidade de apropriação política, o que ressalta mais uma vez a característica nômade dos góticos de São Paulo.

A noite, como bem mostrou Pires (2004), é uma dimensão do dia, só que, vivenciada pelas pessoas, concentrando muitos misticismos e histórias. Do local onde os monstros vivem a um espaço espetacular, repleto de surpresas e desejos, a noite revela, segundo Sanches e Martins (1995: 217-218), múltiplas possibilidades que “resumem, sobretudo, desejos de diversão, de emprego e de transgressão, esboçando um jogo de relações sociais muito particular”.

*Este jogo é configurado num contexto próprio, diferente do contexto diurno, onde alguns tentam reproduzir sonhos e desejos e outros se deixam ficar pelo simples encontro consigo próprios, ou pelo carregar de energias para a actividade do dia seguinte. (SANCHES E MARTINS: 1995, 218)*

Para a maioria das pessoas, segundo Pires (2004: 50) a noite “eleva e facilita, também, fenômenos proibidos ao dia, que têm uma lógica social e cultural singular, tanto que, até bem pouco tempo, as atividades ligadas à noite, eram vistas como marginais, e seus protagonistas, produtores e consumidores, eram considerados como pessoas ‘dúbias’”. Não sei, porém, se ao certo a colocação “até bem pouco tempo” condiz com a totalidade vivida na cidade de São Paulo.

Os góticos, ao caminharem pelas ruas de madrugada, fazem com que diversos comentários preconceituosos ou mesmos assustados sejam feitos de suas pessoas. Já não foram duas ou três vezes, que ao entrar com eles no metrô de São Paulo, perto das 23h30 de uma sexta-feira, ouvimos frases como: “esses vagabundos só saem à noite... também, a noite tudo é permitido para pessoas que não são de bem”, “os pais desses jovens deviam ser mais firmes, depois das 22h00 não sai mais de casa. Marginais!”.

---

urbanização, a exemplo da expansão das periferias e da “revalorização do centro da cidade” e criação de novos centros de consumo e moradia, estas pesquisas também são mencionadas. Destaco, em especial, os trabalhos de Frúgoli Jr., “Centralidade em São Paulo” (2000) e de Caldeira, “Cidades de Muros” (2000). Tais trabalhos foram importantes para o amadurecimento teórico desta dissertação, em especial no quesito da violência simbólica que existe na ocupação do centro da cidade pelos góticos para a população da cidade.

Da mesma forma, outros exemplos ainda podem ser dados sobre aqueles que freqüentam ou saem às ruas pela noite, mesmo que for a trabalho, como aconteceu comigo há alguns meses. Chegando em casa após um dia de trabalho, perto da meia noite e meia, pois uma das faculdades onde leciono fica do outro lado da cidade do local onde moro, o porteiro, vendo a cena se repetir após sete dias consecutivos, e me visto saindo de um carro com insulfilmado, dando risada e dizendo “até amanhã” (o carro era de minha mãe, que também leciona na mesma faculdade e naquela semana estávamos indo juntas para o trabalho), perguntou-me: “- D. Wilma, seu marido não acha ruim da senhora ser da noite?”. Cansada, percebendo o tom maldoso do comentário, pois meu marido leciona ao lado de nossa casa, chegando mais cedo em casa, respondi: “não, ele é da noite também. Só que sai pela garagem e daí você não o vê”.

Cenas assim são, infelizmente, comuns. Porém, por um outro lado, dado o que mostra Maffesoli (2004), é a partir das novas culturas emergentes, aquelas que vivem à noite de forma intensa e alternativa, que se têm redefinido as imagens produzidas pela noite, modificando tanto o campo da interação no que diz respeito aos protagonistas da noite, quanto aos contextos em que atuam. Para Sanches e Martins (1995), essas práticas criaram novas formas de consumo cultural, como também a construção de outros estilos de vida na cidade contemporânea, assentes na estetização do corpo, dos lugares e na pulsão para a errância.

Assim, nos dias atuais, são inúmeras as academias, cafés, livrarias, bares, supermercados e outros serviços que funcionam, ou mesmo só são abertos, ao cair do sol. Porém, no que diz respeito a simbologias noturnas, ainda é grande o mistério e o fascínio que os freqüentadores da noite causam aos cidadãos.

*A construção social da noite (ou o conjunto de representações sociais elaboradas colectivamente) tendia para um campo conflitual, onde duas posições opostas se desenhavam: uma imagem positiva da noite, disponibilizava por parte daqueles que a viviam – os produtores e consumidores desta economia nocturna, sobretudo os jovens; e uma imagem negativa da noite, construídas por moradores de áreas residenciais próximas às de lazer da noite e pelas autoridades locais e centrais. (SANCHES E MARTINS, 1995: 221)*

Portanto, bares como Madame Satã acabam por utilizar-se destas imagens. Não é um lugar para muitos, mas, sim, para poucos e específicos: os monstros juvenis de nossa

sociedade. Ao contrário das demais casas, o “centro velho” é vantajoso esteticamente, pois, a maioria das casas noturnas, num certo sentido, vê como vantagem esconder do olhar de seu público o centro velho e a escuridão, atraindo a juventude para a festa, a confraternização alegre do “centro novo” que “deve parecer mais interessante pelos indícios de modernidade recente, implacável no aspecto de progresso arquitetônico e poder econômico” (CALIL, 2002: 202), a exemplos de bairros como Vila Madalena e Vila Olímpia, também na cidade de São Paulo.

*O movimento gótico paulista traduz-se como uma atividade genuinamente urbana, tendo o centro antigo da cidade como seu ponto de referência maior. São nos porões de antigos casarões do centro, nos subterrâneos da metrópole caótica que os góticos se encontram para dançar e fazer as suas conexões. As tribos góticas também marcaram presença aos sábados à tarde nas grandes galerias do centro, sobretudo na galeria do rock em lojas de artigos góticos. Os cemitérios, igrejas e casarões em ruínas também são aspectos arquitetônicos valorizados pela comunidade gótica. Portanto, há também aqueles que preferem visitar cemitérios para fotografar belos mausoléus e túmulos adornados; ou até mesmo, para curtir a sua atmosfera tranqüila. (G.F, 26 anos)*

Ora, por que Madame Satã se preocuparia, bem como as demais casas que recebem o público gótico, com a modernidade e com a luz? Os góticos, ao contrário de outros grupos juvenis, não buscam a luz ofuscante do néon e dos faroletes, mas, sim, a sombra que os faz encontrar, dentro de si mesmo, a luz que precisam. Sombra estética esta que também aparece nas dependências da “casa negra”... mesas pretas, paredes pretas, pequenas luzes roxas na pista de dança e uma única luz estroboscópica cegando os frequentadores ora ou outra. Nas mesas, velas. No bar, luzes que possibilitem apenas ao barman se movimentar. Nada mais... tudo sombrio, tudo propício para reflexões intimistas e melancólicas.

ILUSTRAÇÃO 14



O restante do espaço do Madame Satã não é menos sombrio. No porão, a pista de dança. No lado externo, um campo aberto com roseiras vermelhas nas paredes. No mezanino de entrada, sofás vinho a disposição dos clientes. Tudo muito escuro. Em frente

às mesas, um telão onde freqüentemente são reproduzidos filmes de vampiros, em especial os clássicos.

Chegam ao Madame Satã jovens de todas as partes da cidade e do estado de São Paulo. Muitos de carros, muitos de metrô, outros a pé. Jovens do interior do estado buscam, na cidade de São Paulo e na casa negra, espaços que os aceite e aceite, também, sua estética. Não foi incomum, nas minhas visitas ao bar, ver e conversar com pessoas com malas de viagem. Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte. Jovens que passavam os finais de semana na casa de amigos e namorados paulistanos para freqüentar o circuito gótico mais tradicional do país. Eram, portanto, freqüentadores assíduos do aeroporto de Guarulhos.

Certa vez, em uma das noites de pesquisa, deparei-me com um grupo que saía da casa negra com bagagens e mochilas a tira colo. Na conversa animada do grupo, sugeriu-se caminhar até o cemitério São Paulo, passando pelo cemitério da Consolação. A idéia foi prontamente aceita, não antes de um dos integrantes comprar um garrafão de vinho no boteco em frente à casa noturna.

Dias depois, ao visitar novamente o cemitério São Paulo para adquirir novos dados para a pesquisa, o coveiro-guia-turístico-cemiterial contou-me que, há pouco tempo, um grupo de góticos invadiu o cemitério para cantar e ler poesia. Afirmou que tal hábito era comum entre eles, em especial porque, em frente ao cemitério, há um ponto de táxi que funciona 24 horas. Interessada pelo comentário, perguntei aos taxistas se viam muitas pessoas andando de preto, à noite, em frente ao cemitério. Um deles tirou a carteira de telefones de clientes do bolso e mostrou-me a foto de duas garotas – góticas, com o número de seus respectivos celulares.

“Elas são cariocas”, disse-me o taxista. Pagam-me o dobro para que eu esteja aqui aos domingos, as 22h00, e as leve para o aeroporto... aqui é onde se despedem dos namorados. Todos os finais de semana”. Perguntei, então, o porquê das fotos. A resposta foi: “para que eu as encontre e leve ao aeroporto, mesmo que estejam dormindo na calçada”. O comentário final do taxista levou-me, mais uma vez, a refletir sobre o panorama estético deste grupo: “você já imaginou essas coisas pálidas no Rio? (risos) Elas devem andar de turbante o dia todo. Um dia perguntei a elas se não gostavam de praia, cervejinha, samba, coisas alegres, pegar um bronze... elas fizeram cara de insatisfação e

disseram-me: ‘não temos tempo para essas futilidades... passamos a semana toda estudando o pensamento humano, gostamos de noite, de coisas puras. Não há espaço para nós no Rio, por isso estamos em São Paulo sempre... e logo será definitivamente’.

Pelo relato acima, bem como no perfil apresentado no 1º Capítulo, e na íntegra disponibilizado no Anexo B, pode-se perceber que grande parte do público gótico é encontrado nas camadas alta e médias da sociedade. Poucos são os que não possuem dinheiro ou moram na periferia e, esses, quando freqüentam o circuito gótico de São Paulo, acabam sendo ridicularizados pelos demais. Se a questão de gênero, como será apontada nesta dissertação, não é um problema entre os góticos, a questão financeira o é.

Recentemente, em uma de minhas entrevistas, levantei o tópico sobre “discriminação financeira” para debate no grupo de entrevistados. Apesar de terem mencionado que não são preconceituosos quanto a questões financeiras, dois dos discursos, dos cinco entrevistados que se pronunciaram sobre o tema, relatam o contrário do apresentado anteriormente, em especial porque acabaram por serem endossados pelos demais participantes:

*Acho complicado o povo da periferia querer se intitular de gótico. Nossas roupas são caras, nossos gostos são caros, freqüentamos espaços centrais da cidade, estudamos muito. Eles demoram pra chegar aqui, muitos tem baixa escolaridade ou fazem qualquer faculdadezinha de esquina, não freqüentando universidade... é fácil ser gótico da boca para fora. Geralmente ficam um mês, quando sofrem daquela dorzinha de corno porque terminou o namoro... não percebem que este movimento é maior, é como uma nova forma de ver a vida. (O.K., 30 anos)*

*Sabe o que eu acho? Acho que quem mora na periferia se preocupa com mortes e com perdas, e questões de sentido de vida, tanto quanto nós. A diferença é que lá esses assuntos estão ligados à subsistência, a dinheiro e a violência física... eles estão muito mais para rappers do que para góticos. Quando eles se tocarem disso, param de falar de 'gótico de periferia', o que não existe. É até complicado, outro dia baixou no Madame um Careca do ABC dizendo "essas bixas são que nem capim, até na periferia agora tem". É complicado. (G.D, 25 anos)*

Assim, se para o campo financeiro há barreiras muito bem delimitadas, para outras a barreira é quase que invisível. Um exemplo prático diz respeito a drogas e as relações sexuais e questões de gênero.

A maioria dos góticos, como pesquisa realizada para definir-se o perfil do grupo, bem como nos sites, listas de discussão e fanzines<sup>23</sup> do grupo, são muito abertos às questões acima. Droga-se quem quer. Bebe quem quer. Tem-se o tipo de relação sexual que se deseja e com quem se deseja, em especial, porque a questão da homossexualidade, e da bissexualidade, não aparecem como tabus. Todos são, esteticamente, andróginos. Muitos, por conta disso, admitem as práticas de sadomasoquismo, como forma de aprender com a dor e para respeitar uma das poucas formas que se tem de ser livre completamente, como mostrou-me algumas das entrevistas feitas ao longo da pesquisa. Sobre a sexualidade trabalharemos ainda neste capítulo, mas não antes de apresentar detalhadamente o público que frequenta a casa negra.

## 2.2 O Público

Grande parte das entrevistas que fiz para traçar o perfil dos góticos da cidade de São Paulo deu-se com os frequentadores de Madame Satã. Durante as visitas realizadas, acabou-se por conhecer muitas pessoas que mantinham comunidades na internet sobre o universo gótico e, inclusive, utilizavam o meio eletrônico para organizar encontros pelo circuito de São Paulo.

Desta forma, realizei a segunda série de entrevistas no período de fevereiro de 2004 a dezembro de 2004, com entrevistas presenciais, além de ter sido disponibilizado o mesmo questionário, utilizado nessas entrevistas, na Internet (porém, no prazo de julho a dezembro de 2004). Com o objetivo de **compreender melhor a imagem que os góticos têm do próprio movimento**, com base em seis perguntas abertas (disponíveis no Anexo C), foi possível observar algumas particularidades dos frequentadores de Madame Satã.

---

<sup>23</sup> Fanzines são publicações semelhantes a periódicos como jornais e revistas comerciais, no entanto, servem para ampliar a comunicação entre grupos juvenis, sendo distribuídos gratuitamente em festas, casas especializadas de música como na Galeria do Rock, por exemplo, e, agora, pela Internet. Foi muito comum na década de 1980.



Dentro destas particularidades, destaco os seguintes temas que serão explicados a seguir: 1) a diferença entre darks e góticos; 2) o gótico não se assumir como uma prática cultural juvenil (tribo urbana), evitando usar este “rótulo” e justificando sua ação pelo fato de que “não se escolhe ser ou não gótico, nasce-se gótico”; 3) a estética dos góticos estar pautada no mito do vampiro e em outras personagens fúnebres e sombrias; 4) haver, dentro da própria tribo dos góticos, uma subdivisão que os segrega e os classifica dentro da aparente homogeneidade; 5) a forma de vivenciarem a sexualidade e as relações de gênero na tribo; 6) a importância do corpo e dos adereços estéticos que o enfeita, a exemplo das tatuagens.

## **I – A Diferença entre Darks e Góticos**

A diferença entre darks e góticos é geográfica e temporal, sendo utilizada pela tribo para classificar “o nível” de envolvimento de uma determinada pessoa com a estética e o movimento gótico. Explicam, assim, que o estilo inaugurado por conjuntos musicais como Nosferatu, Bauhaus, The Cult, Sisters of Mercy, Siouxsie & The Banshees e Joy Division nasceu ainda nos anos 1970, no cenário punk inglês. Suas músicas invertiam as composições presentes até ali, colocando o som do baixo e bateria a frente da guitarra, dando um ar solitário e mórbido, que era complementado pelas letras também no mesmo estilo. Na Inglaterra, este estilo era chamado inicialmente de pós-punk, mas, com o tempo, quando começa a ganhar destaque, passa a ser chamado de Gótico, devido à semelhança com as capelas góticas inglesas que, para os fãs do estilo, refletiam a mesma atmosfera.

Foi no Brasil que ele começou a ser chamado de Dark, provavelmente devido ao fato de que outro termo dado a essas músicas ser o Dark Wave ou simplesmente Dark e, como já demonstrado no 1º Capítulo, sofreu grande influência ao passo de que o jornalista Pepe Escobar, crítico da revista Bizz, especializado em música, na época, assim denominou os que ouviam ou se identificavam com a música.

No Brasil os Darks dominaram o cenário urbano (especialmente paulistano) até fins da década de 1980, quando o termo gótico, junto com práticas diferentes de religiões, começou a ser frequente entre os que gostavam da música e do modo de se vestir. Começou-se, então, dentro do próprio movimento a haver uma cisão: aqueles que apenas gostavam da música e depois de certo tempo abandonavam o

movimento, só o procurando em fases de depressão, foram considerados "darks", e entre eles destacavam-se os pré-adolescentes (13 a 16 anos); os que por ventura faziam desta estética seu estilo de vida, estudando aspectos da literatura, da filosofia e de religiões (dentre elas as mais alternativas, desde a Wicca até o espiritismo de Allan Kardec), foram então chamados de "góticos".

Sobre a diferença entre góticos e darks, diz este entrevistado:

A primeira diferença, no caso do Brasil, é temporal; em segundo, vem à visão de mundo. Vou ilustrar da seguinte forma. Imagine uma sala totalmente escura tendo dentro um gótico e um dark. No centro da sala há uma lâmpada apagada. De repente a lâmpada se acende. Como você acha que eles reagirão?

Um Dark olha direto para a lâmpada, mesmo sabendo que aquela luz toda poderá cegá-lo... a luz o atrai, mas ele se sente longe e fraco demais para alcançá-la. Os sentimentos que afloram em seu peito são de perda, dramaticidade, depressão, melancolia, impotência diante das vicissitudes da vida e do mundo, conformismo com o destino... mas apesar de toda esta tragicidade e morbidade, o Dark AMA a luz e olha o tempo todo para ela. Neste sentido o dark se parece muito com um romântico de segunda geração do século XIX, não?

O Gótico, por sua vez, vira-se de costas pra luz e fica a contemplar a sua sombra. Ele, de repente, descobre todo um mundo novo, à margem do seu mundo... misterioso, oculto, ameaçador. Mas ele quer ver, sentir e tocar este mundo... ele sabe que esse mundo sombrio faz parte dele e nada mais importa. Ele AMA sua sombra, sua metade oculta... percebe como o mundo em que ela vive é torpe, decadente e brutal. Neste sentido, ele se parece bem com ocultistas do século XIX como Papus e Crowley, não?

Deu pra entender? Góticos e Darks sabem que têm uma metade escura, só que o segundo não liga para ela, pois amar aquilo que não tem é tudo que lhe interessa: a vida bela, romântica, sentimental. O primeiro abraça e ama sua metade escura e quer com ela se fundir... por isso o visual de um gótico é essencialmente andrógino... ele quer o tempo todo fundir as duas metades em uma só.

Quando eu era Dark fui algumas vezes com alguns amigos ao cemitério à noite perto de casa para lermos Sheley, Keats, Poe e Byron. Um Gótico também ia ao cemitério, mas para experimentar rituais ocultistas ou para sentir a presença da morte de perto.

Estas distinções são "modelares" e não expressam a multiplicidade de tipos que você poderá encontrar, claro, mas acho que servirão para balizar suas classificações. Pelo menos é o que eu espero.

Passa a haver, assim, um certo preconceito entre o uso de um ou outro termo. Aqueles que passam a ser chamados de darks sentem-se menosprezados pelos mais velhos do movimento, e esforçam-se, cada um a seu modo, para provar que podem ser intitulados como góticos. Estudar os romances, aprender sobre a história do movimento, freqüentar os espaços góticos, tudo isso faz parte de uma espécie de iniciação, muito mais para os darks que para os góticos em si, que, por sua vez, pouco se importam se o jovem dark irá ou não continuar no movimento.

Apesar de haver, no Madame Satã, um dia específico para receber os darks – uma espécie de matinê aos domingos, que tem início às 15h00 e termina às 22h00 – muitos destes pré-adolescentes que pretendem continuar no movimento gótico não chegam a freqüentar o espaço, pelo menos não com tanta assiduidade e, o fato, só se dá por conta da interferência familiar, como relata P.F, 14 anos:

Eu estou no cinema lá no shopping Tatuapé, entende? Minha mãe quase enfartou o dia em que me ouviu combinar com amigos de irmos ao "Madame Satã". Fez o maior escândalo, disse que seu filho não seria um satanista, já bastava ela ter que agüentar eu me vestir de preto e só ver filme de vampiro. Um dia ela descobriu que eu estive aqui, fiquei de castigo um mês e ela me obrigou a ir em festas que considera mais saudáveis para minha idade, como a baladinha do clube. Fiquei um mês sem falar com ela. Agora desisti... venho quando dá para fugir. Quero fazer logo 18, daí eu tomo conta da minha vida e faço o que eu bem entender.

## II – Ser Gótico é...

Ser gótico é a paixão pelo lado negro e obscuro da vida e da cultura artística, não por opção forçada, mas porque o lado negro e obscuro da vida é o único que nos satisfaz por completo. Ser gótico é também a supressão dos sentimentos ruins que atormentam nosso espírito e a convivência comum com eles dentro de nós. É a real compreensão e aceitação do verdadeiro eu e a aceitação de todos os atributos e preferências alheios, sem preconceito de raça, credo ou preferência sexual. O preconceito e a ganância são os verdadeiros cânceres da

humanidade. O gótico suprimiu esses sentimentos, e aceita as pessoas e a si mesmo como são... somos chamados de tristes e/ou mal humorados não porque o sejamos simplesmente por ser, mas porque enxergamos muito mais além dentro do ser humano, e o que nós vemos, nos enoja. (R.G, 27 anos)

A grande maioria dos entrevistados não assume o título “sou gótico”. A resposta sempre vem camuflada com frases como: “eu gosto do lado sombrio da vida”, “não sou um clichê, sou uma pessoa sem máscaras e se ando desta forma é porque me sinto bem assim”, “gosto da música e do ambiente gótico, mas não sei se sou um”. Porém, as mesmas pessoas que em ambientes fora dos bares e encontros da tribo reproduzem as frases acima demonstradas, quando se encontram nestes dois últimos, para identificação do próprio grupo, acabam dizendo que são góticos, “apenas para facilitar que nos encontremos”.

Para os membros das tribos urbanas ou simpatizantes com o movimento, não há, a princípio, como se tornar gótico. Na verdade, acaba sendo uma escolha involuntária, mesmo que isso pareça antagônico. É o movimento, a forma de ser, a música, a ambientação e seus ideais que os fazem aproximar-se deste mundo à parte. O fato de questões como a morte, a imortalidade, o lado obscuro e misterioso da vida serem, de certa forma, mais atrativas do que a face clara e nítida, faz com que, pouco a pouco, as pessoas se envolvam com esta subcultura e, dependendo do grau de envolvimento, tornam-se ou não membros desta tribo urbana. Isso mostra que, há como os próprios integrantes afirmam, diversos góticos solitários e, por este motivo não estão inseridos em nenhum grupo, mas que frequentam os mesmos locais por eles frequentados. Tanto que, em minhas idas aos bares góticos de São Paulo, comumente observei pessoas vestidas como as demais, mas que, por alguma razão, encontravam-se sozinhas em mesas, aparentemente apenas escutando música e observando o movimento. Eram capazes de ficar assim por toda a noite.

Dentro do movimento gótico a arte é expressada com mais ênfase, com mais exagero, e vemos muitas opiniões e sentimentos serem traduzidos para uma tela ou um papel de forma muito acentuada, tudo é muito “à flor da pele”. A proximidade de temas obscuros como a morte e a bizarrice favorece de maneira que os artistas não se sentem inibidos a criar, e com asas mais fortes se voa mais longe. Quem cria para si, não se preocupa em agradar os outros e sim em expressar o que deseja; os outros gostarem ou não é consequência. (D.S, 24 anos)

No discurso da tribo de que “não se escolhe ser gótico, se nasce gótico”, há uma série de argumentações para cada entrevistado. Muitos atribuem que a forma como foram educados interferiu, e muito, na escolha; outros relacionam a capacidade de análise do mundo à esta escolha estética. Seja como for, o pano de fundo é sempre o mesmo: “dentro de uma determinada época social, onde tudo se faz negro e triste, impossível achar que há alegria em alguma coisa criada por Deus ou pelos homens. A vida é sempre repleta de sofrimento, um sofrimento sem fim...”(G.J, 36 anos).

*O gótico é apenas uma classificação que foi dada a pessoas que sentem, pensam e tem um comportamento com alguns pontos em comum. Poderia uma pessoa mudar de atitudes, pensamentos e comportamento ao longo da vida? Acho que sim, portanto, se o ser humano é mutável, ele não pode nascer fadado a ser gótico ou não. Essa questão também nem deveria ter tanta importância, pois como você pode perceber pelas minhas respostas dentro do gótico, o que importa é o aproveitamento da ideologia e forma de vida pessoal, o coletivo vem decorrente disso. Quando alguém faz algo relacionado ao gótico, foi por iniciativa de realização de seu ideal, que serve para o coletivo justamente por esse coletivo apreciar as mesmas coisas. (T.H, 23 anos)*

*Sim, nascemos góticos. Realmente, há uma certa predisposição para isso. Mas até certo ponto, pois você desperta para sua natureza gótica em vida... e querendo ou não, a vida que o destino lhe impôs contribui para isso. (G.D., 25 anos)*

### **III – O Mito do Vampiro e de outros seres obscuros**

Com relação ao mito, observa-se que as respostas encontradas nas entrevistas sempre fizeram menção a personagens cuja figura é humana ou possuidora de formas humanas. Assim, a morte, que não deixa de ser um mito no que diz respeito à gama de simbologias que utiliza em todo o mundo, bem como a imortalidade, nunca apareceram como sugestões, mas, ao contrário disto, foram-me sugeridas três imagens frequentes que concentram, em si só, estes mitos: o vampiro, o “Corvo” e John Constantine, dos quais falarei a seguir.

O vampiro, em todas às vezes que foi citado, a explicação para a escolha desta referência estava em este possuir, em sua forma, a imortalidade, o mistério, a sedução, a paixão, o medo, a dor e o sofrimento de ser solitário. Da mesma forma, o “Corvo”, que não deixa de ser uma espécie de vampiro, com exceção de não fazer uso da temática do sangue, personagem este que já era grande conhecido pelas histórias em quadrinhos e que foi imortalizado pelo cinema, como uma personagem que contém a essência do que eles chamam como ambientação ou estilo gótico. Esta personagem, das vezes que foi citada, era por ser alguém que morreu injustamente e sofria por ter sido traído pelos homens e estar preso num eterno mundo de solidão, dor e escuridão, em busca de seu único amor verdadeiro.

*Algumas vezes eu me pego pensando nos vários textos e filmes que li. Acho que o que mais me marcou, sem sombra de dúvida, foi “o Corvo”. Enquanto eu lia a história, fiquei pensando se algo semelhante tivesse acontecido comigo, eu também gostaria de voltar. É a história de amor mais linda que já li... mais sofrida. Mesmo que eu não tenha passado por isso, consigo imaginar a dor e solidão de O’ Brian. Não... na verdade consigo sentir. A solidão que passamos é a mesma. (I.G.F, 31 anos)*

*É fácil perceber a ligação de Lestat comigo... filho de pessoas com dinheiro, que não valorizam e respeitam o que você é. Ambos temos sede pela vida, porém a escuridão que nos cerca é maior. Músicos, poetas, sonhadores, românticos, falsos, vingativos... foi bom saber que existia uma personagem como eu. A solidão é a mesma... é chato ser solitário e as vezes fico pensando em ter um companheiro, por conta disso... mas daí lembro-me que no fim ficarei sozinho de novo e não sei se quero também arcar com mais essa dor. (R.K, 34 anos)*

Para entender melhor a simbologias que os mitos do vampiro, corvo e outras entidades sombrias têm ao influenciar a cultura gótica, irei, agora, discorrer um pouco sobre as características desses.

Estudando-se os mitos, sejam eles quais forem, percebemos que as histórias que estes narram propiciam e alimentam o re-aparecimento de algumas simbologias consideradas profanas ao longo da história da humanidade, dada suas ligações com o demoníaco. No entanto, essas simbologias estão presentes sempre em mitologias que possuem um caráter religioso, ou mesmo de função religiosa (re-ligare ao transcendente),

mantendo sua função, mesmo que a imagem seja relacionada ao mal, sagrada. Desta forma, os demônios e outros mitos relacionados a esta função também se tornam religiosas e sagradas.

Nesta análise, Bruxas, vampiros e lobisomens deixam de fazer parte apenas das lendas populares e adentram, também, na organização cosmológica do Cristianismo para, posteriormente, transformarem-se em pilastras de um gênero literário e cinematográfico (o gótico), além de sustentarem a estética de algumas práticas culturais urbanas e das chamadas Novas Religiões.

Falar de mitos que possuem suas bases estruturais há mais de mil anos, sendo que suas origens remontam há pelo menos o triplo deste tempo, como é o caso do vampiro, é percorrer por um longo período histórico, o que exige não só conhecimento, mas, também, boa dose de imaginação. Para entender esses mitos, não basta apenas o estudo sistemático das obras que deles tratam, mas, também, exige um esforço de projeção para a época estudada.

Sem entender a época, o contexto sócio-histórico e cultural da mesma, não se entenderá o porquê da importância de um determinado mito. Não se pode querer comparar o que significa o vampiro do ano 1000 com o vampiro do ano 2000, por exemplo, se não for compreendido, anteriormente, quem são os homens e a sociedade de ambas as épocas. Estudar o mito do vampiro é falar, da mesma forma que já mencionei no capítulo anterior ao explicar a dificuldade de se estudar as várias nuances simbólicas que constrói a cultura gótica atual, de três aspectos: tempo, estética e espaço (localidade).

Da mesma forma, é importante lembrar que com relação ao mito do vampiro, há conceitos que ultrapassam os limites de tempo e espaço histórico-geográfico. Um dos conceitos que caracterizam o mito do vampiro é a imortalidade. No mesmo patamar, como se verá adiante, há sentimentos que não são quantificáveis e restritos a um determinado tempo ou espaço: saudade, solidão, amor, tristeza. Esses são regidos pela noção de eternidade que, por si só, significa ausência de tempo. O tempo, tal como o conhecemos, ao lidar com a saudade, a solidão, o amor e a tristeza, deixa de ser referencial. Pode-se sofrer muito por amor, em apenas um dia, por exemplo.

Entender o mito do vampiro é, portanto, fazer um duplo caminho: a) para compreender os diversos protótipos de vampiros e como estes foram se modificando na

literatura, no cinema e no folclore, devemos nos atentar para a compreensão do homem histórico que os criou; b) para compreender a subjetividade presente no mito do vampiro, a metáfora humana presente em suas características centrais e sua função cósmica no universo dos homens que se projetam neste mito, devemos transcender a época histórica e compreender o sentido religioso presente nos monstros, demônios e divindades.

Portanto, para interligar o mito do vampiro com os góticos na cidade de São Paulo, é preciso explicar alguns pontos da subjetividade presente no mito e como estes se fazem perceptíveis na tribo. Acredito, assim, que este caminhar fornecerá instrumental para compreender, sistematicamente, os muitos protótipos de vampiros conhecidos, do Incubbus (entidade espiritual maligna que é considerada, nas histórias centenárias sobre seres vampíricos, os causadores dos pesadelos), entidade espiritual do Talmude (livro sagrado judaico), que são pontos de referências na tribo ao se falar de espíritos malignos, ao Drácula cinematográfico do ano 2000<sup>24</sup>, que recupera, na tribo, a discussão feita sobre as ações de Deus frente aos homens.

### **A. Re-Ligare**

Se considerarmos o homem como um ser religioso teremos, como pressuposto, a busca humana pela compreensão do centro, do começo de tudo. Mircea Eliade (1998: 295-331) explica o mito do eterno retorno, colocando o homem na categoria de buscador. O buscador é, pois, aquele cujo objeto de procura é a própria busca. Um círculo sem fim. Vontade de se re-ligar ao início, ao centro, ao cosmos.

No entanto, o cristianismo oferece bases para este re-ligar constante que nem sempre são administráveis à mente humana. O homem foi feito à imagem e a semelhança de Deus e é dotado de raciocínio lógico, podendo idealizar e criar (o processo de criação está justamente interligado ao processo de nomear o mundo, tal como aparece na Bíblia: “no princípio era o verbo”). Mas, o homem, também possui algumas lacunas mal compreendidas no Cristianismo.

A primeira delas, e que será o ponto de partida desta análise, é sua expulsão do paraíso. Diz a Bíblia que quando Deus descobre que Adão e Eva haviam provado do fruto

---

<sup>24</sup> O filme “Drácula 2000” conta uma versão inédita da origem de Drácula: ele seria Judas Iscariotes, que será punido por Deus, a exemplo de Caim que matou seu irmão por sede de sangue, recebendo a maldição da imortalidade.



da árvore do conhecimento: “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra do que fora tomado”. (A BÍBLIA Sagrada, Gênesis 3:22,23)

Ora, a própria serpente já havia alertado Eva que a morte anunciada por Deus, no caso do casal provar do fruto da árvore do conhecimento, não significava fim, mas, sim, transmutação: “Então a serpente disse á mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedor do bem e do mal.”

A Bíblia relata, desta forma, à vontade que o homem tem de ser semelhante a Deus. Relata, também, à vontade humana de se manter a vida e o receio da morte, bem como o valor que o conhecimento tem para as tomadas de decisão e de construção do mundo.

No que diz respeito a conhecer o bem e o mal, de nomear e criar, de fato, há semelhança entre Deus e o Homem. No livro “A História sem Fim” (ENDE, 1990) observa-se a importância do ser humano em organizar o caos e o nada da anomia. No entanto, ao expulsar o homem do Éden, Deus deixa claro que algumas coisas são permitidas apenas a Ele: o julgar e a vida eterna.

Na Bíblia, quando o primeiro homem se torna imortal, esta imortalidade é vista como castigo. Caim recebe a ira de Deus por ter matado seu irmão por raiva e ciúme. Este se torna, assim como seus ascendentes que por ventura viessem a repetir seu ato, imortal e com sede de sangue. O que precisa ser esclarecido é que Vida Eterna é algo diferente e distinto de Imortalidade.

Esses dois elementos, apontados na Bíblia, são fundamentais para compreender parte da subjetividade do mito do vampiro: o querer ser semelhante a Deus, o que não mais é permitido e possível posto que o vampiro não é mais um ser humano; e a busca pela vida eterna, o que significa ausência de morte, sobretudo porque ele possui a imortalidade como castigo.

Outro dado importante ao falarmos de vampiros diz respeito ao sangue. Na Bíblia, o sangue é tido como símbolo sagrado. O Sangue é vida. Se o contraponto de vida é a morte, para um ser que não mais vive e precisa, a qualquer custo, sustentar a sua centelha de vida,

mesmo que simbólica, o roubar o sangue passa a ser uma necessidade e, também, um prazer. O vampiro, por já ter sido humano, também é um ser dual. Imortalidade, assim, é algo que ultrapassa o viver, o transcende.

Ninguém vive eternamente, com exceção dos deuses. Imortalidade não significa vida eterna, mas, sim, sobrevivência eterna. Eis o porquê do nome do romance de Simone de Beauvoir, que conta a história do imortal Fosca, ser “Todos os homens são mortais”. Fosca mostra-nos que a maldição da imortalidade é o esquecimento. Na hipótese de sermos dotados com a Imortalidade, a vida extingue-se após alguns anos. Vida significa forma, sentido, ordem, razão. A sobrevivência da imortalidade vem, quando, aos poucos, o sentido uno e completo é substituído por lembranças esparsas. Quando alguém que queria viver eternamente torna-se uma lenda para poucos, um rosto em uma foto, um suspiro em algumas ocasiões, um sentimento vão de saudade ao se escutar uma música ou se visitar um antigo local, ele não mais vive na mente humana, mas, sim, sobrevive.

A ponte entre vida e sobrevivência é tênue e, experimentamos esta sensação durante toda a nossa existência mortal: precisamos criar laços, saber que existem pessoas que se importam conosco. Para o vampiro, esta ponte é ainda mais difícil de ser administrada, como se verá adiante. A vida humana, que na ausência significa sofrimento e finitude de sentido e razão, sentimentos estes que acompanham a morte, torna-se sobrevivência para o vampiro, ou seja, administração do pouco que restou após a morte.

Neste sentido, a imortalidade é, sim, uma maldição. Um ser imortal morre com a morte de um mortal. Para sobreviver, torna-se necessário construir laços que sobrevivam tanto quanto ele. Eis a razão primeira de um vampiro criar outro de sua espécie: criar laços de afetividade. Um mortal, por sua vez, vive quase que eternamente para um imortal. Este se agarra às suas lembranças humanas para organizar sua própria não-vida. Um imortal, quando deixa de viver essas lembranças, passa a sobreviver e, a morte, não física mas sim humana, portanto de sentimentos que nos remetem a eternidade tal como foi a pouco explicado, deixa de existir.

Nesta concepção, o mal que circunda o mito do vampiro também possui dois lados de análise: a) o mal que ele causa ao ter de matar para se alimentar; b) o mal que ele está sujeito a partir do momento em que ele perde sua humanidade. Esta transmutação pode ser bem visualizada nas muitas histórias de vampiros. Um vampiro recém-criado sofre por ter

de matar, sugar sangue humano, a exemplo de Louis, um dos principais vampiros das obras de Anne Rice. Sofre, também, por descobrir que sente prazer em fazê-lo. Cabe a lembrança de que o sugar sangue tem, também, conotação sexual para os vampiros. Ao passo que o vampiro torna-se mais velho, geralmente depois de 200 ou 300 anos, o sangue já não mais se torna imprescindível para sua existência, pois o vampiro já é um ser mais forte e auto-suficiente, e retirar o sangue dos humanos é fundamentalmente uma questão de prazer. O sangue só deixa de ser extremamente necessário para um vampiro quando, este, não mais sente necessidade de sustentar sua centelha humana, assumindo para si mesmo sua monstruosidade.

Assim, a primeira grande pergunta é: o que são, realmente, os vampiros?

## **B. Os Vampiros**

*O vampiro possui uma ligação íntima com o gótico. O romance Drácula, do grandioso Bram Stoker, por exemplo, foi totalmente desenvolvido e aclimatado numa atmosfera gótica, mas muito além disso, observa-se que o comportamento do vampiro é a própria síntese do universo gótico. Tal qual um vampiro, é a noite que os góticos desenvolvem o máximo de sua capacidade de expressão. Drácula é essencialmente um ser introspectivo, angustiado com sua própria condição existencial, ele vive inserido no contexto social isolado nos castelos ou nos porões. A imagem angustiada e apaixonada do solitário vampiro traduz com fidelidade os sentimentos daqueles que mesmo inseridos no contexto social, vivem entre as luzes e as trevas. Além do visual, estes e outros elementos praticamente definem a identificação dos góticos com o vampiro. Além do fato do vampiro ser traduzido também como uma criatura muito romântica, fato também caracterizado em muitos góticos. (D.H, 26 anos)*

Muitas são as origens para o vampiro. Mas, das muitas variações que existem, uma é mais tradicional: um espírito maligno que adentrou a um primeiro corpo humano se dividindo e multiplicando à medida que o sangue era trocado. Portanto, os vampiros possuem laços consangüíneos, o que sustenta seus laços afetivos. Na mitologia do vampiro, o demônio sempre está presente, assim como Deus. Portanto, o mito do vampiro está interligado com o Cristianismo. Sem essa clareza, torna-se impossível pensar sobre o vampiro.

O Deus a qual se faz menção nas histórias de vampiros é um Deus vingativo, um pai castrador e que pune seus filhos que por ventura o desagradem. Está se falando, aqui, do Deus Inquisidor da Idade Média. O Demônio, nesta perspectiva, ora aparece como aliado do filho bastardo – aquele que o acolhe e o ajuda a realizar seus desejos -, ora como um espírito que o ronda, alimentando seu ódio por aquele que o condenou ao Inferno e roubou o amor de seu Pai: o homem.

O homem, o ser humano, nas histórias que relatam as lutas entre o bem e o mal, entre o céu e o inferno, entre Deus e o Demônio, é o pivô, aquele que é responsável pela desorganização cósmica do mundo. Para uma imagem mais próxima a nossa realidade, os vampiros relatam o início de sua história como uma grande briga familiar.

O primeiro vampiro, antes de se transformar neste ser monstruoso, era uma espécie de divindade celestial, feito de luz como os anjos. Era, portanto, o filho mais belo de Deus. Quando o homem foi criado, Deus transferiu sua preferência para este, o que fez com que o ser de luz sentisse ciúmes de seu meio-irmão, feito de pó. A criatura de luz se rebela contra a transferência de preferência de Deus e, com isso, é punido: relegado às sombras e com a maldição da imortalidade, o que lhe dará uma eterna sede de sangue.

O vampiro, assim, passa a ter sentimentos contraditórios com relação ao homem. Sente amor, pois de certa forma continua a ser seu meio-irmão; sente ódio, pois ele é responsável por sua briga com Deus e, também, pelo seu sofrimento imortal; e, também, sente inveja, pois este detém dentro de si a centelha da vida, sem ter de roubá-la e matar para sobreviver.<sup>25</sup> Não há melhor imagem para caracterizar essa briga adolescente entre vampiro, seres humanos e Deus que o filme “Drácula 2000”.

O vampiro, mesmo que tenha sua origem clássica envolvida com a disputa pelo amor Divino, tem sua existência voltada para o teste e a sobrevivência. O vampiro é um semi-demônio, renegado às sombras e a marginalidade que é o local onde colocamos tudo aquilo que nos desagrada ou sai dos padrões de normalidade. Por ser um semi-demônio, ou seja, não é só uma entidade espiritual malévola – que tira a vida dos seres humanos roubando-lhes a vida e o sangue – mas também não é só um ex-humano, um morto-vivo de qualquer espécie como os retratados em filmes como “A noite dos mortos-vivos”, clássico

---

<sup>25</sup> O seriado “Smallville”, que conta a história da adolescência de Clark Kent, Lois Lane e Lex Luthor retrata estes sentimentos contraditórios entre vampiro e seres humanos na relação entre Clark e Lex.

dos filmes *trash* da década de 1980. O vampiro é, então, uma mistura muito mais complexa no quadro de criaturas más.

Para entender o que é um vampiro, deve-se pensar na simbologia máxima do Cristianismo na Idade Média. Seu ápice, que foi atingido com a Arte Gótica e a Contra-Reforma Católica, deu aos demônios um local para habitar no mundo dos homens. O livro *Malleus Maleficarum*, que é um tratado de Demonologia escrito em 1476, foi a certidão de reconhecimento da existência dos vampiros entre os homens e, as catedrais, que foram criadas para salvar os fiéis da escuridão, acolhendo-os na grande casa de Deus, os renegaram a sombra e a escuridão, a marginalidade, como demonstra José Gil (1994).

Mas, de alguma forma, o vampiro, mesmo em sua condição de imortal, sonha com a morte. A imortalidade é um fardo muito grande a ser carregado, justamente porque após um grande período renegado às sombras, sem se permitir à convivência humana, uma vez que se é considerado um monstro a ser caçado e destruído, sua vida extingue-se e transforma-se em sobrevida. A solidão eterna resulta em ódio, rancor e raiva e, após um determinado tempo, o que se pode julgar por séculos, estes sentimentos, que ainda são humanos, transmutam-se em indiferença até chegar a um grau bestial, provocado pela loucura da solidão e da incompreensão, que resulta no nada. Para entender esta relação, pode-se pegar como exemplo para estes dados os vampiros Drácula, Graf Orlock (aqui na versão do filme “A Sombra do Vampiro”, de 2000) e os chamados vampiros da 1ª Geração das obras de Anne Rice.

A indiferença do vampiro é o que o torna mau frente a humanidade. Ele, depois de um longo período de tempo, simplesmente não se importa mais se é considerado bom ou mau, se as pessoas ficam ou não apavoradas por sua condição de existência. Seu sofrimento o protege com uma cápsula que o transforma em um dos mitos mais egoístas e narcísicos que se conhece. Nas obras de Anne Rice, observa-se este percurso de transformação dos vampiros. A luta do vampiro é pela vida humana. Não as dos humanos que por ventura morram em seus ataques, mas, sim, por sua própria humanidade.

Compreender que é um ser que mata, que não pode ter sentimentos de bondade e alteridade o transforma em um ser repugnante para si mesmo. Afinal, o ser humano é criado para ser bom, para ser aceito socialmente. O que aconteceria à humanidade se descobrisse que a maldade e a indiferença para com o sentimento daqueles que nos cercam fosse

necessário para a nossa própria sobrevivência? Este duelo, presentes em obras clássicas de horror como “I´am legend”, de Richard Matheson (2002), que conta a história de um homem que descobre ser o único humano em um mundo repleto de vampiros, também pode ser visto, sem que os exemplos fiquem apenas do âmbito do vampirismo, no seriado “La Femme Nikita”: uma mulher que, para manter-se viva, vê-se obrigada a tornar-se uma assassina profissional, sofrendo com cada ação que faz e desejando, apenas, ser uma mulher comum, que possa amar e ser amada.

Se pensarmos que o sofrimento do vampiro pode ser destruído se o mesmo jogar-se em uma pira, perguntamo-nos, “então, por que ele não o faz?”. A resposta nos leva novamente a questão de Deus, da vida e da morte. Todos os humanos têm consciência da morte e sabem, que um dia, irão morrer. No entanto, ninguém sabe o que é a morte. Se a alma é imortal, como pregam as grandes religiões, o não ser visto torna-se um mal ainda pior do que ser visto, temido e evitado.

Esta contradição também faz parte do drama vampírico: perder sua aparência de ser humano e tornar-se, simplesmente, uma alma errante. Alma errante porque o vampiro não possui o acolhimento de Deus, pelo menos é isso o que ele pensa e sente, o que obviamente não o permite ser acolhido em Sua casa. Da mesma forma, continuará a ser uma alma errante, pois, o vampiro, pouco sabe da existência do demônio, considerando-se o próprio demônio e acreditando ser, a Terra (o planeta), o seu Inferno. Como espírito, continuará a administrar sua solidão em meio a brumas, sabendo não ter a mesma sorte que Jack, o símbolo máximo da festa de Halloween, que, mesmo não sendo acolhido no Céu ou no Inferno após sua morte, pois negou Deus e enganou o Diabo, recebeu uma luz para iluminar suas trajetórias errantes.

O vampiro acredita, assim, que se transformar em uma entidade espiritual só prolongará o seu sofrimento. Então, falar de vampiro é falar de um sentimento constante de solidão, incompreensão e de ser alguém condenado a não-vida eterna. Um ser que precisa sobreviver em um mundo do qual ele não mais pertence e que, da mesma forma, as pessoas que neste mundo habitam não o aceitam e compreendem. A morte definitiva de um vampiro só vem mediante ao amor, quando ele é surpreendido por Deus (que assume a simbologia do Sol), em um ato de entrega desinteressado a alguém. O amor significa, então, a redenção e a salvação do vampiro.

O vampiro, em meio ao seu sofrimento criou estratégias para sobreviver. A beleza, a sedução pelo conhecimento, a paixão pela arte são características fundamentais. Vampiro, mais do que sugar o sangue mortal, precisa, para igualar-se a Deus e vingar-se dos homens, sugar seus pensamentos, sua força vital. Sua vítima precisa descobrir que, sem ele, nada mais tem sentido. Esta é a sedução de um vampiro para transformar outro em um ser igual a ele, que atribuirá a este novo ser a qualidade de amante e companheiro ou, em uma outra hipótese, quando o amor supera o egoísmo do próprio sofrimento, o que exige grande amadurecimento por parte de um vampiro, transforma um ser humano em seu dependente emocional. O vampiro, assim, é um ser que valoriza a cotidianidade, a cumplicidade e o companheirismo.

A traição, para um vampiro, resulta em morte. Uma morte que por não ser física torna-se simbólica. A pior delas é a indiferença e o abandono, o que obrigará o vampiro traidor ou dependente emocional à dor da solidão. Portanto, mais uma das qualidades centrais do vampiro é o ultra-romantismo. Ele sofre, ama e chora. Vive e morre por amor. Amor à vida, a outro ser de sua espécie (geralmente que ele criou ou seu criador), por um sonho ou simplesmente por uma aventura.

O vampiro é uma criatura especial dentro do mundo dos *outsiders* monstruosos. Os vampiros são semi-demônios. Eram humanos, traíram a confiança de Deus e tornaram-se monstros. São seres que receberam a maior de todas as punições: a imortalidade solitária.

### C. O Corvo

O conceito romântico, para mim, tem muitos significados... mas, o principal deles, como compreendo, é amar incondicionalmente, oferecer-se de corpo e alma a quem se ama, não importando-se os defeitos da pessoa amada... é amar no sentido mais sentimental da palavra... e com esse sentimento, você se transforma em uma pessoa romântica, porque só assim você está disposto a oferecer TUDO a quem se ama... e só quem oferece tudo a quem ama pode ser considerado romântico. Uma coisa que contribui para que uma pessoa se transforme em uma pessoa romântica, são amores perdidos ou nunca correspondidos... Quando isso ocorre na vida da gente, passamos a fantasiar aquilo que não existe, aquilo que faríamos pela pessoa que amamos mas que não pode nos corresponder de alguma forma. Isso é ser romântico... amar até a morte, amar sem ser correspondido, amar incondicionalmente... nada pode ser mais romântico e mais gótico do que isso. Todo gótico carrega dentro de si um amor e uma grande dor...

Porém, para alguns, o objeto do amor pode ser o mesmo de dor, inclusive para mim. (F.D.L., 32 anos)

Uma das características mais importantes das histórias de fantasias é confundir ou intrigar o leitor quanto ao limite da imaginação e da realidade. Algumas histórias, especialmente sobre vampiros, são possuidoras destas características e, justamente por este motivo, fizeram tanto sucesso que desencadearam, com base nelas próprias, outras versões e outras histórias com o mesmo conteúdo ou finalidade.

Em se falando de vampiros, a história de Vlad Dracul, filho de Vlad, o Empalador, mundialmente conhecido como Drácula e alguns nomes como Arnold (Paole) Paul, um dos primeiros casos de vampirismo a ser reconhecido publicamente no século XVIII e Elizabeth Bathory, condessa húngara do século XVI que torturava e assassinava jovens para banhar-se em seu sangue na busca da imortalidade, são exemplos de histórias imortalizadas em livros ou nos cinemas.

Seguindo esta mesma lógica, “The Crow” ou “O Corvo” é uma história de amor entre duas pessoas que tinham em mente todo um lindo futuro planejado. O amor destes dois jovens havia crescido e sabiam que queriam viver o resto de suas vidas, juntos. Mas como nem tudo que se planeja é o que ocorre, uma tragédia arruína o futuro destas duas pessoas, os planos e a vida de ambos. A morte trágica de uma delas faz com que os sonhos também morram, mas não o amor.

Mais do que um roteiro para três filmes, uma série de televisão e o original em história em quadrinhos, está é uma história cuja inspiração é real e, para os fãs de “O Corvo”, talvez seja esta a grande atração deste personagem e de suas histórias.

James O’Barr é o criador de “The Crow”. No início dos anos 1980, James, desenhista de quadrinhos, tinha uma namorada que amava muito e após alguns anos de namoro haviam decidido se casar. Em uma noite chuvosa, James saía de um restaurante com sua noiva e, ao atravessar a rua eles notaram que um caminhão vinha em sua direção, ambos tentaram desviar, mas foram atingidos pelo veículo. O motorista não tinha a menor condição de visibilidade, não só devido à chuva, mas porque estava embriagado. Mesmo após ambos serem levados para um hospital, e às inúmeras tentativas de reanimar a noiva de James, esta veio a falecer e James sobreviveu sem ferimentos graves.



O motorista do caminhão foi preso por direção perigosa, mas foi libertado alguns meses depois, sem acusações. O sofrimento de James era maior que sua vontade de viver e, para esquecer dos problemas resolveu alistar-se na marinha americana. Após vários meses de treinamento, James viajou a vários países e aproveitou diversas experiências para aprimorar suas técnicas de desenho, o fazendo ao som de músicas do movimento *dark rock*.

James não conseguia esquecer o fato ocorrido e foi então que, devido à todos esses fatores unidos, mais uma série de livros sobre morte e vida e de poesias que James vinha lendo a algum tempo, que idéias começaram a lhe surgir. James idealizou um personagem que carregasse com ele os mesmos sentimentos dele, algo que se encaixasse com sua vida, que fizesse sentido à ele carregar. Para James teria de ser um personagem que encontrasse paz apenas onde ele encontrava – vingança.

Com base em histórias que havia ouvido ao redor do mundo, e também das mitologias sobre pássaros e vida/morte que o fascinavam, James O'Barr chegou ao ponto que procurava, e criou "The Crow". Evidentemente, a maior inspiração está no poema homônimo de Edgar Allan Poe (1883).

Durante todo o tempo que continuou viajando pelo mundo, James teve tempo para aperfeiçoar o roteiro de sua história e fazer os esboços e a versão final do que seria a primeira história do Corvo. Ele preferiu que esta fosse em quadrinhos, para que pudesse passar, através de cores e imagens, todos os sentimentos que queria transmitir.

Depois de sua publicação, O Corvo, de James O'Barr, recebeu crédito pelos críticos. Com o passar dos anos, muitas histórias foram escritas por James e os maiores resultados são os três filmes produzidos em homenagem a personagem, além da série de televisão, transmitida tanto pelos canais pagos, como pelos canais abertos.

Para os não leitores de quadrinhos, "O Corvo" ficou conhecido após o sucesso do primeiro filme e pelo incidente ocorrido no início das filmagens do segundo longa-metragem, onde um incêndio matou o filho de Bruce Lee, Brandon Lee, o ator que já fizera o personagem "The Crow" no primeiro filme.

**ILUSTRAÇÃO 15 – BRANDON LEE, INTERPRETANDO ERICK DRAVEN, “O CORVO”.**

O primeiro filme da série traz, logo em sua abertura, como os demais seguem a mesma linha, a história que fundamenta a obra “O Corvo”:

“Antigamente as pessoas acreditavam que, quando alguém morria, um corvo carregava sua alma para a terra dos mortos. Mas às vezes algo tão ruim acontecia que uma horrível tristeza a acompanhava e a alma não conseguia descanso. Então algumas vezes, somente algumas vezes, o corvo pode trazer esta alma de volta para acertar as coisas e ficar em paz”.

Os filmes de “O Corvo” sempre seguem uma mesma mitologia. Quando uma pessoa é morta injustamente, sua alma não consegue seguir para a Terra dos Mortos, pois carrega um peso e uma dor muito grande. Para se desfazer deste peso, a pessoa é guiada por um corvo de volta à Terra dos Vivos, para vingar a sua morte e, assim, conseguir aliviar a dor de sua alma e partir para a Terra dos Mortos para se reencontrarem com os que amam. Os filmes, apesar de serem continuações, não seguem a mesma história, e são protagonizadas por personagens diferentes que possuem apenas uma coisa em comum: voltar à vida para se vingarem.

*O Corvo* (1994 – Miramax/Dimension), adaptação da história original em quadrinho, é a história de um jovem roqueiro chamado Eric Draven (Brandon Lee). Eric

planejava se casar com sua namorada, Shelley Webster, no dia do Halloween. Na noite anterior a seu casamento, porém, sua casa é invadida por um grupo de homens que estupram Shelley e matam o jovem casal. Um ano após o ocorrido, a alma de Eric é trazida de volta à vida por um corvo para caçar os seus assassinos e assim vingar a sua morte e a de Shelley, para que depois, possam descansar em paz.

*O Corvo: A Cidade dos Anjos* (1997 – Miramax Films), é a história de Ashe Corven (Vincent Perez), um homem que mora em Los Angeles com seu jovem filho, Dany. O menino, em uma noite, assiste, acidentalmente, ao assassinato de um homem pela gangue do traficante mais poderoso da cidade, Judah Earl. Dany foge assustado, mas é visto pelos assassinos que matam ele e Ashe. Um ano depois de sua morte, a alma de Ashe é trazida de volta da terra dos mortos para, que ele possa vingar a sua morte e de seu filho, caçando os assassinos e fazendo-os pagar pelos crimes por eles cometidos.

O último filme produzido pela série é *O Corvo: Salvação* (2001 – Quadra entertainment/ Miramax Films) onde desta vez, O Corvo é Alex Corvis (Eric Mabius), um jovem que é acusado pela morte de sua namorada Lauren Randall, que na verdade foi morta por policiais corruptos. Alex é julgado culpado pelo crime e é punido com morte na cadeira elétrica. Um ano depois, a alma de Alex é trazida de volta por um corvo, para vingar sua morte injusta e resolver o crime pelo qual foi acusado. Para ajudá-lo em busca pela justiça, ele encontra a irmã de sua namorada, Erin Randall que é a única que acredita em sua inocência.

O sucesso de “O Corvo” é visível em todo o mundo e, dentro do movimento gótico, esta é uma das histórias que mais fascinam os jovens, principalmente porque todas as histórias envolvem temas e ambientes retirados de suas ideologias.

#### **D. Hellblazer: John Constantine**

Este é mais um exemplo de Histórias em Quadrinhos, conhecida do universo gótico, que ganhou adaptação para os cinemas. Originalmente, “Hellblazer” é uma série da DC Comics, editora de quadrinhos mundialmente conhecida por sucessos como Superman, Batman e a Mulher Maravilha, com início em janeiro de 1988. Em 2005, a história ganhou sua versão com o filme “Constantine”, com grande número de bilheteria, protagonizado pelo ator Keanu Reeves.

**ILUSTRAÇÃO 16 – KEANU REEVES, INTERPRETANDO JOHN CONSANTINE.**

“Hellblazer” conta à história de um feiticeiro inglês loiro, enigmático, manipulado, intrometido e detestável, chamado John Constantine (que para os desenhistas do quadrinho, Steve Bissete e John Totleben a imagem foi inspirada no cantor Sting, na época vocalista da banda “The Police”). Inglês, vindo de uma família da classe operária de Liverpool, John havia estrangulado seu irmão gêmeo no útero. Para completar, matou sua mãe durante o parto e assim adquiriu o ódio de seu pai por toda a vida.

Na adolescência, John mudou-se para Londres, onde estudou magia e foi líder de uma banda de rock inspirada nos Sex Pistols, a Membrana Mucosa. Porém, em uma de suas experiências sobrenaturais, cometeu um erro e mandou, acidentalmente, uma menina para o Inferno, tendo sido internado por dois anos em um hospício.

Sofrendo de câncer de pulmão, adquirido pelo hábito de fumar mais de um maço e meio de cigarros por dia, John Constantine vive uma série de aventuras esperando sua redenção pelos erros cometidos. Assim, ganha a vida livrando a Terra de demônios, já que os conhece pessoalmente e tem prometido, pelo próprio Diabo, sua ida para o Inferno, por ter enganado a ele e seus filhos inúmeras vezes.

John retrata o homem ardiloso e mal que se arrepende de seus atos para poder ser salvo e encontrar a paz após a morte, porém, da mesma maneira, utiliza toda sua inteligência, falta de educação e conhecimento para garantir seu sustento, permanecendo conhecido por sua arrogância, solidão e individualidade.

#### IV – Sub-divisão entre os góticos

Dizer que a estética gótica pode ser pensada sob a co-relação com o mito do vampiro, é usar a imagem do espelho invertido, o que significa dizer que, para aqueles que se intitulam góticos, é trazer, para si, a possibilidade da imortalidade e, assim, acreditar que sua vida, enquanto mortais, de fato não é tão punitiva quanto imaginavam. Misturando o sofrimento do vampiro, as poesias de Álvares de Azevedo e a importância da cosmologia da arte gótica, os góticos de São Paulo definem-se como seres à parte desta sociedade, colocando-se como *outsiders* da própria sociedade e decretando luto para com a desigualdade brasileira.

A comparação entre góticos e vampiros acaba sendo sempre muito complicada e, para compreendê-la melhor, é preciso aqui adentrar em algumas subdivisões existente dentro do próprio movimento. Como já explicado há pouco, estas divisões são feitas pelos próprios integrantes dos grupos, mas, como o seu grau de homogeneidade é elevado, pode-se, pelo menos para elucidar àqueles que se interessam em conhecê-los, num primeiro caminho, afirmar que elas são válidas para nortear os próximos passos desta pesquisa. A título de observação, vale dizer que essas subdivisões foram encontradas ao longo das 2ª e 3ª fases de entrevistas da pesquisa, já explicadas no capítulo anterior.

**A. Gótico:** Aquele que se detém ao lado obscuro da vida como resposta às suas angústias pessoais. O gótico é aquele que procura na sombra, no mistério, no escuro, as verdadeiras formas para a beleza, a estética, o amor. Na sua grande maioria não há separação entre o belo e o feio, o bom e o mau, o certo e o errado. Tudo se funde e se completa; é este o motivo, da escolha de imagens como a androginia e a aceitação do sadomasoquismo, por exemplo. Outro ponto fundamental para estes é que, por definição, o gótico assume como belo tudo aquilo que é marginalizado pelos “outros”, desta forma, consegue-se entender o porquê de seus gostos estéticos serem tão divergentes da sociedade como um todo.

*Conseguimos tanto compreender um pouco do pensamento indígena, do pensamento negro, do pensamento marginalizado, dos anarquistas, dos diferentes cristãos, dos ateus, dos espíritas, umbandistas que se reúnem em nossa Metrópole, que nos é muito fácil encontrar os valores ético-estéticos de outros povos estrangeiros e perceber que este encobre toda uma cultura tão diversa quanto a nossa. Dos estrangeiros, conhecemos mais os marginais que os “pacatos cidadãos”,*

e isto colabora com a nossa capacidade de compreender os nossos graves problemas internos e poder reagir a ele de uma forma livre, que pode incluir valores estrangeiros e nacionais lado a lado. Eu vejo São Paulo e enxergo tanto nossa realidade quanto uma interpretação sob um filtro completamente diverso que amplia nossa percepção do que é a vida das grandes metrópoles, pois os românticos, decadentistas, naturalistas, surrealista-dadaístas, expressionistas, existencialistas e punks o fizeram inserido em contextos metropolitanos semelhantes. O século XIX não mudou tanto em alguns fatores, herdamos preconceitos e hábitos que foram criticados por eles. Talvez demore séculos para nos livrarmos daquilo que eles lutaram contra, que basicamente é a falta de liberdade. Vejo no gótico algo muito próximo do exercício de liberdade, mas são lutas antigas, internas, que buscam se revolucionar individualmente e não coletivamente. Isto existe sobre vários nomes e rostos, e aquele rosto que se torna sombrio e desafiador para preservar sua liberdade de gosto é o gótico. (C.S.Z., 35 anos).

**B. Dark:** Jovens que na sua grande maioria estão envoltos no movimento gótico de uma forma mais suave. Por fazerem parte, em especial, do movimento musical que envolve o grupo, estes acabam sendo uma mescla entre os punks (berço do movimento gótico) e dos góticos propriamente ditos. Os darks são, em sua grande maioria, os chamados pré-adolescentes, e estes, geralmente, só podem ser identificados como tal após abandonarem, de certa forma, o movimento. Os darks são jovens que andam de preto e se ocupam do lado sombrio, muitas vezes mais para serem rebeldes ou “contra” os demais jovens, mas, com exceção às demais subdivisões, acabam abandonando o estilo ao se tornarem um pouco mais velhos.

Meus pais acreditam que eu tenha sérios problemas psicológicos. Acabei aderindo a este movimento porque sei que chamo a atenção deles. É eu sair vestido de preto, com anéis e uma cruz no pescoço que eles começam a me perguntar quando irei parar com isso, ver o lado bom da vida, etc. O que eles não conseguem ver é que não me conhecem e não me compreendem. Para mim o mundo é muito fútil e, se a forma de chamar a atenção e mostrar que há beleza e forma em algo que eles temem, por que não fazê-lo?

(F.B., 15 anos. F.B participa desse movimento há dois anos e frequenta algumas matinês de domingo do Madame Satã).

**C. Doom:** Esses são góticos que, ao invés de aceitar sua metade sombria, acreditam que ela é a mais pura realidade do mundo. Acreditam que o mundo é torpe e decadente demais para uma existência vincada em aspectos convencionalmente aceitos na sociedade como família, amor, fé, fidelidade, heterossexualidade, etc. Eles se acham amaldiçoados demais para viverem como os outros e os menosprezam por isso. Querem fazer de suas vidas um atentado contra a normalidade.

*Você conhece Sartre? Conhece aquela frase "o criminoso não cria a beleza; ele próprio é a verdadeira beleza"? Pois é, é assim que eu me sinto. Por que, se a sociedade mata, corrompe e exclui, eu preciso pensar em Xuxa, Ursinhos Carinhosos e em Poliana? Somos o que somos graças à sociedade. Seremos sempre amaldiçoados com guerras, religiões, fome e miséria. Este é o nosso destino. Se não se pode lutar contra, nos juntamos a ele. Eu sou a verdadeira beleza do mundo, quem quiser compartilhar de minha opinião, bem-vindo. Quem não, pode permanecer em sua hipócrita e medíocre visão.*

(R.A.M., 19 anos. R.A.M. participa de movimentos alternativos desde os 13 anos, sendo freqüentador assíduo de bares como Madame Satã, Salamandra e os antigos bares Coven e Holocausto).

**D. Vampiros 'LifeStyle':** São pessoas que acreditam que são vampiros, que têm um estilo de vida 'vampírico' mas não bebem sangue nem nada semelhante, crêem, apenas, que nasceram assim, assumindo esta posição.

*As verdadeiras verdades não se escondem atrás de instituições. Sempre tive visões, fobia a tudo àquilo que me expusesse de forma intensa, até que um dia encontrei minha mestra e ela me guiou pelos caminhos da descoberta. Sim, sou uma vampira. Não escolhi ser, nasci assim. Sou capaz de fazer muito mal a muita gente, mesmo não querendo. Por este motivo os da minha espécie se afastam vocês não saberiam lidar com isso. E se soffro? Claro que sim, mas faz parte de minha natureza.*

(M.M.D, 25 anos. M.M.D. freqüenta bares como Madame Satã e Oficina Mooca, no entanto, participa mais de encontros reservados com o seu próprio grupo. Participa de movimentos alternativos desde os 15 anos.)

**E. Pysco Vampir:** pessoas que acreditam ser vampiros e que, para sobreviverem, necessitam sugar a energia vital dos humanos e de outros vampiros. Na verdade, estes também acreditam que o são por terem nascido com esta forma e, na grande maioria, não gostam de serem questionados sobre esta posição que possuem sobre sua própria pessoa.

*Não existe uma grande família vampírica, apesar de costumarmos a nos tratar como tal. Somos estranhos em uma terra estranha, portanto, entre nós, podemos nos entender melhor do que um humano nos entenderia. E é exatamente por isso que se torna importante à ética vampírica, pois, ao mesmo tempo que estamos dispostos a nos unir pelas nossas similaridades, somos algumas das criaturas mais reservadas do globo. Não gostamos que interfiram com nossos servos, nossos amigos, nossos amores. Não gostamos que nossa condição seja anunciada aos quatro cantos do planeta, para não comprometer a nossa própria vida humana que ainda tentamos conservar.*

(A.W.T., 33 anos, líder de um grupo com cerca de 50 pessoas na cidade de São Paulo. Raramente frequenta bares, realizando festas e encontros particulares. A.W.T participa de movimentos alternativos desde seus 13 anos de idade).

**F. Vampiros 'Body Modification':** pessoas que acreditam terem uma “besta” interior e, frequentemente, modificam o corpo para demonstrá-la aos outros e a si mesmo. Consomem sangue, drogas e o que mais lhes for oferecido. Nem sempre se chamam de vampiros, muitas vezes, preferem receber o título de bestas ou demônios, mas, confessam que possuem uma relação forte com os “chupadores de sangue”.

*Você escolhe sua religião, sua profissão e seus amigos. Você não escolhe sua cor, sua raça e sua família. O vampiro é vampiro, não tem escolha. Não escolhi, minha mestra me ajudou na passagem e sabe o quanto lutei com unhas e dentes para que isso não acontecesse. Todos os vampiros verdadeiros que conheço (e são muito poucos) odeiam ser vampiros - não porque são vampiros, mas porque são segregados. A passagem é terrível. A passagem para o sangue é ainda pior. Eu me lembro da noite em que me cortei toda e chupei a mim mesma - e depois meu amor me encontrou, e cortou o próprio braço, e me deu para que eu chupasse. E alguém pode achar isso romântico e literário? É terrível e devastador. Se uma pessoa pratica o negativo... ela não seria mais atacada pelos incubos e súcubos, certo? Errado. As entidades que fazem à passagem são incubos e súcubos. São criadas pelos mortos-vivos. Nós vampiros também criamos, e sugamos nossos*



*servos através deles. Há coisas dentro de nós que ninguém explica. Há forças, sabe?*

(N.I.S, 42 anos. Freqüenta bares como Madame Satã, Officina Mooca e o antigo Holocausto. Está em movimentos alternativos desde os 15 anos, só tendo conhecimento de ser uma vampira há menos de dez anos).

De forma geral, o público que frequenta o bar Madame Satã possui, para além dos mitos acima expostos, algumas características em comum com relação aos laços de sociabilidade:

- Os laços emocionais existentes entre os góticos são extremamente fortes. Uma pessoa que passa a conviver com um determinado grupo é tida como membro da família e é este o ambiente predominante em quase todos os grupos acompanhados (conferir o perfil completo, Anexo B, no dado específico sobre constituição familiar);
- As amizades do grupo recebem um caráter de sacralidade. Não respeitar esses laços o torna um “traidor”;
- Há, sob este nome ou não, sempre um líder. Ele geralmente é tido como pai ou padrinho de um grupo. Este possui características marcantes como: maior conhecimento sobre a história do movimento gótico, capacidade para fazer novas amizades, o que detém maior cultura e ser, às vezes, o mais velho.
- A relação dos que permeiam a tribo dos góticos com os mitos do vampiro, corvo, personagens como John Constantine que são humanos e lutam contra as forças do bem e do mal, se faz de forma implícita e explícita ao mesmo tempo. Raramente se encontra góticos afirmando ser ou não vampiros, corvos ou bruxas. O que se vê é a forma como os mesmos se vestem, obras literárias que lêem e discursos que fazem sobre o seu próprio estilo de vida.
- O mito do vampiro e do corvo, em especial, são elementos que perpassam ao mundo gótico sob a ótica literária e cinematográfica e, por trabalharem

com as questões do mal, da dor e da imortalidade, também adentram nos desejos dos jovens que participam da tribo.

Assim, o público do Madame Satã, com relação a sua ligação com os mitos, conhecidos de perto, demonstram que para além da melancolia aparente, há muito para dizer.

Ultra-românticos como Álvares de Azevedo, os Góticos passam grande parte da vida acreditando estarem no mundo errado e na hora errada. Sob uma estética que não é própria do Brasil, os góticos de São Paulo têm crescido em número e importância e, os motivos apontados para esse crescimento, são diversos, que vão além da piora da condição de vida em todo o mundo (aumento da dor e do sofrimento humano, já ressaltado anteriormente como um dos motivos que mais os mobiliza) e da popularização de filmes e seriados com vampiros.

Existem, para além desses fatores, outros que ainda serão descritos nesta dissertação, aspectos publicizados pela imagem atual dos contos góticos que antes eram pouco conhecidos nas metrópoles brasileiras: a solidão e o erotismo.

Como já foi afirmado, o Brasil é um país cujos sincretismos estão em todas as partes. Conhece-se hoje, no Brasil, parte de uma estética há muito já conhecida e assimilada pelos europeus, no entanto, a mesma é modificada. Por mais introspectivos que sejam, os góticos paulistanos estão presentes em lutas pela sociedade. Cada um, a seu modo particular, expressa sua vontade de que o Brasil seja um país melhor para se viver. Nesses anos de pesquisa pude encontrar góticos em manifestações públicas contra a ALCA, contra a miséria e a fome, inseridos em organizações não-governamentais para o fim da violência e do armamento. Tais cenas eram quase inconcebíveis na década de 1980.

Os góticos que freqüentam o Madame Satã apóiam-se nos mitos aqui explicados para demonstrarem que são jovens que, para melhor compreenderem as questões referentes à humanidade, sobretudo quando estas transcorrem pelo campo simbólico e estético da morte e do morrer, aceitam o convite para caminharem pelo que os vampiros, nas mais distintas histórias, comumente denominam “caminho das trevas”. Percorrem o “caminho das trevas” por suas muitas expressões culturais, buscando o entendimento sobre a imortalidade e, da mesma forma, os anseios e desejos da alma humana.

Os góticos do Madame Satã acreditam que através de sua imagem podem ajudar a sociedade a pensar o quanto pode haver de sofrimento em uma vida. São jovens que aparentemente não possuem problemas, mas acreditam que o vampiro moderno seja a tradução de seus sentimentos mais íntimos. Portanto, consideram-se não compreendidos e aceitos por aquilo que são.

Mais do que isso, pensar no sofrimento dos homens, faz dos jovens góticos, de uma forma especial, pensadores de sua própria condição e ideais, pois, ao terem como mitos de referência o vampiro, o Corvo, ou mesmo John Constantine, reconhecem-se como mortais, enquanto corpo físico e, portanto, detentores de um espaço de tempo para realizar sonhos e desejos. Pensar nesse sofrimento, com o auxílio dos mitos referências à tribo, é atribuir à condição de mortalidade um grau de benevolência da natureza ou de um ser divino a quem se atribui à criação humana. Benevolência, pois, como visto, a imortalidade, longe de ser uma benção, é considerada uma maldição.

A imortalidade é ausência da relação entre “eu” e o “outro”. É estar distante daqueles que ama. É a impossibilidade do fim do sofrimento. Pegando-se emprestado o título do livro de Simone de Beauvoir (1965), afirmam que “todos os homens são mortais” e, entender essa mortalidade, bem como suas implicações, muitas vezes só se faz possível mediante a hipótese surreal de, um dia, esse mesmo homem, vir a se tornar um imortal. Essas são as propostas que percebi ao estudar a implicação dos mitos na estética e nos discursos dos góticos que freqüentam Madame Satã.

Em uma tribo urbana, seja ela qual for, a apresentação de si, através dos outros, é algo que tem sido avaliado por aqueles que estão do lado de fora. O olhar através dos espelhos é um hábito comum e quase involuntário nos seres humanos, porque, através deles, pode-se não se sentir parte de uma “minorias” mas, certamente, dar sentido ao próprio estilo de ser e de viver.

Na construção constante da identidade, existe não só o jogo simbólico entre os que pertencem ao grupo, mas, também, com referência aos que observam de longe. A cultura gótica, como se pode observar na cidade de São Paulo, seja em qualquer uma de suas manifestações culturais – música, literatura, arquitetura e a própria tribo – não produz o supérfluo de uma sociedade, mas, sim, traduz os desejos de centenas de milhares de

pessoas, sobretudo os jovens, que anseiam por sentimentos e sensações das quais se sentem privados.

É através dos símbolos, que esses jovens conseguem transmitir e organizar, para a sociedade, quais são os seus mais íntimos desejos, mesmo que estes possam parecer absurdos ou assustadores, como é o caso da morte, em especial, vivenciar a morte em vida.

## V – Gênero e Sexualidade

Durante as entrevistas realizadas, observamos que para além do gosto musical ou da literatura, uma das grandes marcas dos góticos em São Paulo é a ênfase no corpo e no gestual. Conversar com um gótico é ter a sensação de que, de uma forma ou outra, a interpretação e a dramaturgia são sempre importantes. O olhar, o sorriso, o modo de colocar as mãos, o modo de andar. Certas vezes, ao observá-los no Madame Satã, tinha a sensação de que todos representavam o tempo todo, como se alguém os tivesse filmando ou fotografando. Sobre esta impressão, M.B.C, de 35 anos, respondeu-me...

*É preciso ser belo... beleza é um aspecto de nossa sociedade e nos abre ou fecha portas. Recebi essa dica de um grande amigo de juventude que me trouxe para o gótico. "Eles tem medo de nós", ele dizia... "mas não resistem em nos admirar e olhar... seja enigmático, encantado, ofusque a visão dos outros que estiverem por perto".*

Ao que parece, estudando-se as obras de outros pesquisadores de grupos juvenis, a necessidade de ser belo não é algo exclusivo do gótico. Calil (2002), ao falar do público que freqüentava o Nation Disco Club, na década de 1970, já enfatizava essa característica. "Esse padrão incluía 'rostos assépticos' e 'expressão de candura adolescente'", nos diz Calil. Porém, no que diz respeito ao gótico, esta necessidade da beleza advém de outras simbologias dentre elas a androginia, o poder do olhar, e a polaridade entre claro e escuro, questões, estas, presentes nos mitos que perpassam o estilo gótico, em especial o Vampiro.

Androginia é um termo que representa, para os góticos, uma atitude estética de vivenciar e demonstrar suas concepções contra a dicotomia das relações de gênero, tradicionalmente impostas em nossa sociedade, em especial, feminino e masculino.

De forma geral, a androginia reflete a forma (ou capacidade) humana de demonstrar o melhor do feminino e o melhor do masculino em uma só pessoa. Características da

maioria dos deuses, a exemplo de Dionísio, a androginia também pode ser observada em seres religiosos tais como anjos e demônios, bem como no vampiro. Excluindo-se a dicotomia humana comum – noite e dia, branco e preto, certo e errado – o ser andrógino tende a reunir o todo, o abstrato e o complexo das relações, é, pois, a imagem inicial antecedente ao feminino e ao masculino. É o humano, o circular, o completo (CHEVALEIR & GHEERBARNT, 2000: 51-53).

Apesar do ser andrógino dispensar a divisão de gênero tal como conhecemos, não dispensa, porém, as simbologias presentes nesta divisão, em especial no que diz respeito as que pré-anunciam relações com intuitos sexuais, a exemplo da atração, do contato, da paixão e da sedução.

Esses aspectos, pelo menos no que diz respeito ao vampiro, é muito utilizado e valorizado. O vampiro, após a versão clássica de Drácula (em especial as que precederam a de Bela Lugosi), destacando-se as de Anne Rice, é extremamente sedutor e atraente.

Pela inteligência, pela cultura e pelo amor ao belo, mesmo que vivam na escuridão, o vampiro, ou demais personagens góticas encantam suas “vítimas”, em especial quando discursam sobre aspectos de sua solidão. O discurso, neste caso, também passa a ser sedutor, quase como uma declaração à pessoa com quem pretendem se relacionar. Um exemplo que pode ser dado para além das histórias de vampiros é a obra “O Fantasma da Ópera”. Em um dos atos da peça, o Fantasma se declara à Cristhine como “um ser da escuridão, ávido por beleza e amor”, encantando-a com sua arte e ao mesmo tempo declarando seu amor, em um discurso profundamente erótico:

### Music Of The Night

A noite aguça  
 E acentua as sensações  
 A escuridão agita  
 E desperta a imaginação  
 Silenciosamente os sentidos  
 Abandonam as defesas  
 Suave e gentilmente  
 A noite estende o seu esplendor  
 Pegue, sinta  
 Trêmula e suave  
 Esconda o seu rosto  
 Da ofensiva luz do dia  
 Esconda os seus pensamentos  
 Da fria e insensível luz  
 E ouça a Música da Noite  
 Feche os olhos  
 E entregue-se aos seus mais obscuros  
 sonhos  
 Afaste os seus pensamentos da vida  
 Que conhecia até agora  
 Feche os olhos  
 Deixe a sua alma começar a se elevar  
 E você viverá como nunca viveu antes.  
 Suave e primorosamente  
 A música vai acariciá-la  
 Ouça-a, sinta-a

Possui-la secretamente  
 Abra a sua mente  
 Liberte as suas fantasias  
 Nesta Escuridão  
 Que você sabe  
 Que não pode combater  
 A escuridão da música da noite  
 Deixe a sua mente iniciar uma viagem  
 Através de um mundo novo e estranho  
 Esqueça tudo sobre a vida que conhecia até  
 agora  
 Deixe que a sua alma a leve onde deseja  
 estar  
 Só assim você poderá pertencer  
 A mim  
 Flutuando, caindo  
 Em doce intoxicação  
 Toque-me, confie em mim  
 Saboreie cada sensação  
 Deixe o sonho começar  
 Deixe que o seu lado sombrio seja vencido  
 Pelo poder da música  
 Que eu componho  
 Pelo poder da Música Da Noite  
 Somente você  
 Pode fazer com que a minha canção alce vôo  
 Ajude-me a fazer  
 A Música Da Noite

A Sedução, o olhar, alcançar um modo de não “sair do pensamento” são os primeiros e o mais importantes atos de se chegar até a vítima nos contos e histórias góticas. Assim, também o é com os jovens góticos da cidade de São Paulo. Sempre primando pela beleza de seus trajes e usando maquiagens que realcem os traços de suas fisionomias, o gótico se esforça para “estar na mente” daqueles que seduz. Um exemplo claro é parte da entrevista realizada com C.V, um rapaz de 29 anos e que é conhecido como um dos organizadores das festas realizadas na Oficina Mooca.

P: Todas as vezes que venho observo que está muito maquiado. Qual a importância da maquiagem e da escolha do visual para vir a esta festa?

C.V.: Toda É a escolha mais importante. É um pintar para a guerra, tal como Eric Draven<sup>26</sup>... você esconde sua dor, só deixa as pessoas perceberem aquilo que você quer que percebam, é o impacto da primeira impressão.

P: Teatral você diria?

C.V.: de certa forma sim... mas não é artificial como no teatro. É assim... ser gótico exige um pouco de estilo. Aos poucos aprendemos formas de nos movimentar, parar, se mover entre as pessoas, olhar. Acreditamos que é a forma como lidamos com o nosso corpo que nos abre portas de relacionamentos com as pessoas. Não é o espaço que determinará sua atitude, mas é sua atitude que determinará a forma como o espaço vai olhar e lidar com você.

P: Causar impacto - É isso?

C.V: isso... mas veja bem, depois de onze anos neste movimento eu não preciso mais de maquiagem, isso é coisa para principiante (risos). Aqui, neste ambiente, ela existe porque há um grande número de pessoas que tem o mesmo objetivo ou dominam as mesmas técnicas. Mas, onde quer que eu esteja, as utilizo quando quero. Na rua, na faculdade... marco sempre minha presença. Às vezes, brinco com isso apenas para deixar uma pessoa constrangida.... Literalmente, "devoro com o olhar".

P: Para atrair a atenção de quem você deseja o olhar e o visual é o mais importante?

C.V: digamos que seja 50%. O resto vem da inteligência, da lábia, da forma como articulamos o discurso, de encantar. Se os vampiros usam isso para sugar o sangue, nós usamos isso para conhecer novas pessoas, pessoas com as quais queremos compartilhar de momentos de prazer... sexo em outras palavras, amor para alguns, amizade para poucos.

Assim, os aspectos da sedução estão atrelados aos aspectos da indeterminação também do gênero da maioria dos góticos. Ao andar, olhar e dançar, o corpo do gótico

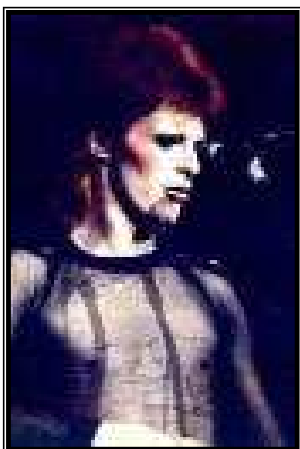
---

<sup>26</sup> Eric Draven é o nome da personagem central da obra "O Corvo", de James O'Barr. Após assistir a morte de sua noiva e ser morto por um grupo de delinqüentes juvenis, Eric volta na figura do Corvo, pinta-se e sai a caça de todos os seus inimigos, a fim de vingar a morte de seu amor e, finalmente, poder descansar em paz na eternidade ao seu lado, reparando assim uma injustiça.

mescla-se com aspectos femininos e masculinos que, muitas vezes, ao primeiro olhar, torna-se impossível de identificar o gênero ou mesmo a opção sexual dos integrantes de um grupo.

Esta imagem, comumente vista em alguns cantores de rock tal como Marilyn Mayson e até mesmo em David Bowie, tem sido perseguida a ponto de que aquele que melhor conseguir caracterizar sua androginia, maior destaque terá em um evento gótico.

### ILUSTRAÇÃO 17



David Bowie (Inglaterra, 08 de janeiro de 1947). È ator, cantor e compositor, sendo conhecido em todo mundo por suas mais diferentes performances musicais.



### ILUSTRAÇÃO 18

Marilyn Mayson – Brian Hugh Warner (seu verdadeiro nome) - nasceu em Ohio, no dia 5 de Janeiro de 1969. Teve uma formação católica, tradicional e sua infância foi muito perturbada. Estudou Jornalismo. Adotou o Marilyn Mason (junção dos nomes da sex-symbol Marilyn Monroe com o do serial killer, Charles Manson) já na época em que atuava como repórter de música.



O corpo que se move dança rápido ao som da música sombria, mas dança de forma suave com representações e gestuais com a mão e o rosto, quase como num ato de teatro onde se pode ver a expressão corporal de um ator que não é percebido pela luz da platéia. O estar só também se reflete na dança. A dança não é para o outro, é para si... o que não torna incomum o dançar virado para a parede escura da pista de dança... Dança-se, no máximo, com sua sombra.

Ao observar os corpos se movimentando, as danças das pistas e as vestes e maquiagens, que torna, a todos, fantasmagoricamente belos, perguntava-me: “e os pares, como é que fazem neste balé?”. Em diversas entrevistas tanto no Madame Satã, como na Oficina Mooca, os aspectos mais importantes que surgiram para a junção de pares era a compatibilidade intelectual e o afinar de gosto e estilo de vida.

F.Y: Vou te contar uma coisa... certo dia minha mãe parou preocupada em minha frente e perguntou-me: “quando vai se apaixonar, dizer que ama alguém, se casar??”. Sua face ficou ainda mais preocupada quando eu disse: “todos os dias faço isso”. Como vou explicar a ela que amor, para mim, é aquilo que faz com que meu corpo e minha mente deseje estar sempre próximo a pessoa, mesmo sabendo que isso é impossível.

P: Por que impossível?

F.Y.: não se pode ficar com quem se ama... o amor não se sustenta com a rotina da escuridão. Geralmente, abrimos mão de quem amamos e ficamos ao lado de nossas paixões.

P: Você ou os góticos em geral fazem isso?

F.Y: eu faço, os góticos fazem e qualquer pessoa mais depressiva, intelectualizada ou introspectiva o faz. Quem agüenta viver o tempo todo cercado por trevas, além de nós mesmos?

P: E como você define suas paixões?

F.Y: Paixão... Lestat afirma que é possível morrer de amor todos os dias só de pensar que certa pessoa tem toda graça e beleza que você queria possuir, ou todo mal e rebeldia também<sup>27</sup>. Concordo, sabia? Na verdade, acho que todos os meus amigos de 15 anos de movimento concordam... o que pode haver de melhor em transar com alguém que você sabe que te completa, mas que é incompatível para ser seu amor, porque ao enfrentá-la todos os dias se tornaria fraco e irritadiço consigo mesmo? A transa é apenas um ato. Há pessoas aqui que são hetero, homo e bissexuais. Mas todos são apaixonados por todos, de uma certa forma. O que dá tesão, de verdade, é transar com alguém de quem se tem inveja.

P: o que isso significa?

F.Y: Tá vendo aquele cara de rabo de cavalo e laço vermelho? (neste momento apontou-me para um rapaz alto e forte que estava em um outro grupo na Officina Mooca). Ele é namorado de um amigo meu. Este meu amigo, que está à frente dele, contou-me como era feliz a seu lado, como se sentia desejado e amado... do toque, do gosto... bem, eu sou hetero, tá? Mas vou te dizer... fiquei com tesão naquela hora, e fico só de falar. Queria transar com o cara de rabo de cavalo, porque fiquei com inveja que ele pudesse dar tanto prazer a alguém.

Assim, o aspecto da importância do corpo para os góticos está no erotismo e, certamente, este é um dos principais condutores do grupo para com o mito do vampiro. O referencial usado para a análise do erotismo presente na estética gótica foi de Georges Bataille (1988), cujo desejo erótico transcende ao mero desejo sexual – este, típico dos animais – dando-lhe um mote essencialmente existencial.

---

<sup>27</sup> Frequentemente nas obras de Anne Rice, Lestat afirma que a paixão e o amor são os únicos alimentos que ele precisa para continuar sua trajetória em meio as trevas, divertindo-se e feliz. Nas obras “Entrevista com o Vampiro” e “O vampiro Lestat”, isso é mais perceptível.

*Somos seres descontínuos, indivíduos que morremos isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida (...) esta energia governa todos os homens em qualquer forma de erotismo. (p. 28)*

O que o autor descreve é que em todas as mitologias do mundo há um tema recorrente que as une num sentido único: na origem do universo, o mundo e os homens eram perfeitos e eternos como seus deuses e com eles viviam em comunhão. Mas, devido algum acidente ou erro, eles perdem tal condição. Desde então, a humanidade vive num repleto de males, desligados de seus criadores e um dos outros. Seja na história da Caixa de Pandora ou no fruto da árvore do bem e do mal comido por Adão e Eva, a idéia é sempre a mesma.

No raciocínio de Bataille, simbolicamente, desde este evento mitológico, o homem sempre procurou reunir-se com seus deuses e reconquistar o status divino perdido no começo dos tempos. É uma procura eterna e mística, motivada por um desejo muito forte. Para o autor, a este desejo, a esta “nostalgia”, damos o nome de erotismo, esta força motriz, esta energia que anima o ser humano, utilizando-se da sexualidade como meio capaz de mover o homem em direção à eternidade perdida, reunindo-o em comunhão com seus semelhantes e com suas divindades, anulando assim as mazelas da existência humana; pois, como a própria definição simbólica de sexo diz (CHEVALEIR & GHEERBARNT, 2000: 832), é no delírio do gozo que irrompe a sensação única de dissolução de sua individualidade, misturando-se com a do ser amado numa comunhão mística.

Logo, é no auge do ato sexual que atinge-se a “pequena morte” – a vivência da morte em vida – que tem no sangue seu signo máximo, uma vez que ele se configura como o veículo da vida e da morte, manifestado pela troca de fluídos corporais. A imagem mítica do vampiro, neste sentido, vem aliar-se as necessidades eróticas dos góticos, uma complementando a outra, quer no sentido de vivência estética, quer na vivência de suas práticas sexuais.

Para Moraes (2002b), é essa concepção do erotismo que faz do vampiro um mito tão fascinante para a humanidade:

*O vampiro simboliza esta nossa jornada na busca duma condição mítica de ser “um” com a eternidade e com os deuses. Mas ele também expressa uma advertência dos perigos que essa jornada pode nos levar. (MORAES, 2002b: 64)*

Se o resultado da história contada nos mitos é a condição da existência humana – individual e perene, desligada da eternidade e dos deuses – contraditoriamente, quanto mais distantes estivermos desta condição, mais próximos estaremos do objetivo de nossa busca. Logo, a vivência do erotismo deve ser efetivada através da transgressão desse limite que só é possível através da morte, a partir da qual toda forma e limitação é desfeita (BRANCO, 1985: 16).

É, pois, como se o paraíso perdido estivesse além da vida e do mundo que conhecemos. Na busca desse paraíso, a figura do vampiro é, em essência, um ser erótico que em sua sede de sangue visa viabilizar sua ascese interior tal como os homens. No entanto, ele a busca tão desmesuradamente que somente a experiência do ato erótico muitas vezes não o satisfaz e só a encontra na morte de suas vítimas. O vampiro sintetiza perfeitamente a máxima do Marquês de Sade: “não há melhor meio de familiarizar-se com a morte que aliá-la à uma idéia libertina” (SADE In: BATAILLE, 1988: 24).<sup>28</sup>

Quando Bataille associa o erotismo à morte, afirma que o elo de ligação encontra-se no medo humano de perder sua luta para manter sua individualidade e descontinuidade, ao mesmo passo que ao vivenciar esta perda em vida, através do ato erótico, o faz vislumbrar os possíveis gozos de saber que “morreu”, porém, permanece vivo. A figura da “pequena morte” é, pois, uma figura importante para o gótico, que ao vestir-se de preto, caminhar por entre os cemitérios, freqüentar espaços tidos como sombrios, ler e apropriar-se esteticamente de mitos que perambulam entre a vida e morte, reafirma o que comumente afirmam como ideologia do próprio movimento: “estar de luto para com uma sociedade que ao apenas procurara as coisas aparentemente alegres e claras, mascarar as dores, o medo e o sofrimento que são comuns e necessários para a vida humana” (D.V., 35 anos).

*Entre um ser e outros seres, há um abismo, há uma descontinuidade. (...) Não se pode, porém, evocar o abismo que nos separa sem termos imediatamente a sensação de uma mentira. Se o abismo é profundo e não há modo algum de o suprir, podemos, em comum, todos nós, sentir a vertigem deste abismo. Esse abismo pode fascinar-nos. De certo modo, ele é a morte, e a morte é vertiginosa e fascinante. (BATAILLE, 1988: 13)*

*Essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação (...) compreende-se que a mais violenta separação do ser é sempre aquela*

---

<sup>28</sup> Cabe a ressalva de que nos primeiros contos ingleses que tinham o vampiro como tema, ele sempre se apresentava na figura comum da época: o libertino; um homem que seduz as mulheres e arruína suas vidas.

*que o arranca à descontinuidade. Por isso, a morte é, para nós, a violência maior, pois que nos arranca da obstinação que temos em ver durar o ser descontínuo que somos. Não podemos suportar a idéia de que a individualidade descontínua que é a nossa seja subitamente aniquilada.* (BATAILLE, 1988: 15)

Vivenciando esta dor provocada pela violência erótica que a morte causa nos seres humanos, os góticos atribuem a si mesmo o papel de serem os portadores físicos deste erotismo que, ao vivenciá-lo, nas três concepções que Bataille apresenta – o erotismo do corpo, o erotismo do coração e o erotismo sagrado – promovem em si mesmos a tentativa de “substituição do isolamento do ser, de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda” (BATAILLE, 1988: 14).

Fazendo um paralelo metafórico com a obra de Bataille, o gótico seria responsável, então, por representar o corpo nu, último estado erótico em que não mais se pode fugir do desejo erótico, portanto, uma passagem que “supõe em nós a relativa dissolução do se constituído na ordem descontínua”, propondo “um estado de comunicação que revela a procura duma possível continuidade do ser, para lá do isolamento a que cada um de nós está votado” (1988: 16).

Se nos padrões morais da sociedade ocidental, “toda nudez será castigada”, o ato de vivenciar esteticamente o erotismo presente nas figuras da morte e do vampiro devolve os góticos, mais uma vez, à categoria de libertinos, excentricidades e monstrosidades que devem ser vistas com cuidado, medo, curiosidade e, por que não, fascínio pela maioria dos cidadãos da cidade de São Paulo.

Vivenciando o erotismo dos corpos, que o ato sexual traduz em última instância, mas cujo movimento dos corpos no ato de seduzir e encantar encontra sua essência, pois permite que entre dois corpos haja o desejo, e deste desejo nasça o erotismo do coração, que pronunciará seu êxtase na paixão, sentimento dúbio, mas fundamental nas relações eróticas, o gótico apóia-se no mito do vampiro para demonstrar que entre estética e discurso existe uma busca interior por algum sentido de sua própria vida e de sua própria existência. Busca, esta, que está intimamente ligada ao conceito de descontinuidade apresentada por Bataille.

A estética e o discurso gótico, desta forma, ao valorizar o ato erótico, a teatralidade dos movimentos dos corpos, a semelhança visual e simbólica com o mito do vampiro procuram vivenciar, assim, o erotismo sagrado apresentado por Bataille, que resultarão,

como demonstraremos no próximo capítulo, em ações que “procuram aproximar o ato de amor e o sacrifício”, o que “matiza a fusão dos seres com uma transcendência da relação imediata” (BATAILLE, 1988: 16).

Fundamentados então na essência da paixão<sup>29</sup>, que interliga o erotismo do corpo e o erotismo do coração, o gótico vislumbra sua dança, estética, modo de caminhar, falar e olhar, ao valor que seu corpo assume como aquele que o denuncia na chegada a algum local.

## VI – O Corpo e os adereços estéticos

Para Le Breton (2003: 17), àquele que supervaloriza o corpo teme, na verdade, sua morte, já que este é o lugar da morte do homem. Diz o autor:

*Em nossas sociedades, a parcela de manipulação simbólica amplia-se, o reservatório de conhecimento e de serviços à disposição dos indivíduos estendeu-se desmesuradamente. A maleabilidade de si, a plasticidade do corpo tornaram-se lugares-comuns. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento. (...) Uma versão moderna do dualismo não opõe mais o corpo ou espírito ou à alma, porém, mais precisamente, ao próprio sujeito. O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. (p. 27-28)*

Se o corpo é, graças à sociedade moderna, uma “peça principal de afirmação pessoal”, sua construção social, no que diz respeito ao gótico, torna-se um elemento passível de ser observado enquanto traço simbólico presente no mito do vampiro, já que “o corpo torna-se emblema do self. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se à superfície. É preciso se colocar fora de si para se tornar si mesmo” (LE BRETON, 2003: 29).

Em duas das obras de Anne Rice, o aspecto do corpo apresenta-se de forma mais enfática que as demais. Na obra “A Rainha dos Condenados”, o corpo, em especial o

---

<sup>29</sup> “A essência da paixão é a substituição da persistente descontinuidade por uma maravilhosa continuidade entre dois seres. Essa continuidade é, no entanto, particularmente sensível na angústia, na medida em que é inacessível, na medida em que é uma procura em impotência e em temor (...) Parece a quem ama que só o ser amado – por causa de correspondências de difícil definição e que acrescentam à possibilidade da união sensual a da união dos corações – pode, neste mundo, realizar o que os nossos limites proíbem, ou seja, a plena confusão entre dois seres, a continuidade entre dois seres descontínuos.” (BATAILLE, 1988: 18-19)

feminino, na figura andrógina do vampiro, assume o caráter de luta política, em especial de relações de gênero. Akasha, a mãe de todos os vampiros, acorda de seu sono milenar e busca Lestat a quem considera o único ser, de gênero masculino, que poderá ajudá-la a reformular o mundo. Sua teoria baseia-se no fato de destruir o máximo possível de “machos humanos”, deixando apenas um número necessário para reprodução, cerca de 1 homem para cada 50 mulheres.

Akasha acredita que o mundo tornou-se monstruoso, justamente porque o homem assumiu simbolicamente o poder da sociedade, contrário do que era em sua época. A figura patriarcal deve ser destruída, ou jamais a feminilidade, a mulher, terá o seu lugar. Akasha acredita que Lestat deve ser salvo porque ele possui características femininas como a sensibilidade artística, a paixão e a beleza que é capaz de encantar e mortificar.

#### ILUSTRAÇÃO 19 – CENA DO FILME “A RAINHA DOS CONDENADOS”



Lestat, que a princípio encanta-se com o convite, percebe que o feminino extremado, como o machismo extremado, são idêntico, levando a destruição o verdadeiro valor empregado pela relação entre homens e mulheres. Desta forma, esforça-se para demonstrar a Akasha que ele não contém apenas o melhor do feminino, mas, também, as maiores características do masculino, a exemplo da traição, da articulação, do planejamento e da força, levando-a a morte após criar uma emboscada com outros vampiros tão fortes quanto ele e Akasha.

O aspecto da androginia, assim, mais uma vez é ressaltada no mito do vampiro, porém, assumindo, também, os valores presentes nas concepções de Le Breton (2003): o corpo é como um espaço de “incorporação da arte como ato inscrito no efêmero do momento, inserido em um ritualismo combinado ou improvisado segundo as interações dos participantes, contesta os funcionamentos sociais, culturais ou políticos por um engajamento pessoal imediato” (p. 44).

Esta característica é facilmente observada em festas góticas, em especial nos festivais e raves. Na Oficina Mooca, por exemplo, acontecem, ao menos duas vezes ao ano, o Vamp Festival. Reunindo cerca de 5.000 pessoas, este festival acaba sendo um espaço utilizado, também, para chamar a atenção dos transeuntes da cidade, já que é realizado em um horário onde ainda, grande parte dos participantes, locomovem-se através do metrô ou de linhas de ônibus. A procura pelo evento ganhou tanta repercussão no Brasil, que em novembro os organizadores do Evento o transferiram para um outro local, Fabrika, que comporta cerca de 10.000 pessoas, localizada na avenida Radial Leste na cidade de São Paulo. O evento, já realizado, teve a participação de 7.000 pessoas.

## ILUSTRAÇÃO 20





Nestas festas, o que conta é, nas palavras de L.J.C., 29 anos, “curtir o som, chamar a atenção, conhecer as pessoas e mostrar que este movimento está crescendo na cidade”.

*Todos os finais de semana tornam-se dramáticos em minha casa... meu pai, quando me vê vestido desta forma estrebucha aos quatro cantos dizendo que não pagou minha educação para eu me tornar viado. Ele não entende. Nas noites do Vamp a coisa piora... outro dia ele jurou por Deus que me colocaria no psiquiatra, pois eu estava indo longe de mais com minha revolta para com o mundo. (L.J.C, 29 anos)*

O mesmo pode ser observado com relação as raves e outros eventos, como o RIP, que acontece quinzenalmente na casa noturna “Salamandra”. O aspecto andrógino se faz presente, bem como a liberdade de relacionamento entre os participantes. Homens e mulheres escolhem seus parceiros, quando não estão acompanhados, em primeiro lugar, pela beleza externa daqueles que lhes chama a atenção. Quanto mais exótico for o modo de se vestir, quanto mais forte for o modo de olhar, mais sucesso determinada pessoa faz neste circuito.

Portanto, não é incomum perceber que, aqueles que não “estão a fim” de se socializar numa determinada noite, aparecem apenas vestidos de preto, o mais simples possível, e sozinho permanecem por toda a noite. Pelo contrário, aqueles que de certa forma dirigiram-se a estas festas para se destacar, representam fielmente a personagem Lestat em “A Rainha dos Condenados”, ou quem sabe do próprio Drácula na nova versão cinematográfica “Drácula 2000”, abusando dos olhares, do modo de sorrir e caminhar, às vezes da própria dança, atos que estão sempre repletos de sensualidade e teatralidade cujo resultado está sempre focado no erotismo do corpo e no erotismo do coração.

**ILUSTRAÇÃO 21 – COVER DA BANDA “PARADISE LOST”, NO VAMP FESTIVAL DE NOVEMBRO DE 2005**



**ILUSTRAÇÃO 22 – GÓTICOS NO ÚLTIMO VAMP FESTIVAL, NOVEMBRO DE 2005.**



A segunda obra de Anne Rice cujo corpo aparece com muita ênfase, porém o sentido dado é a busca pelo erotismo sagrado, é em “A História do Ladrão de Corpos”. Lestat, cansado de estar preso a um corpo imortal, onde fome, sede, frio e dor não mais o incomoda, e sentindo-se completamente distante dos valores humanos, começa a pensar o quanto sua existência é triste e sem sentido, pois, mesmo o prazer do sexo, algo tão valorizado pelo humano, o gozo ou a melhora após uma doença, não mais lhe pertenciam.

Lestat inicia, assim, uma busca por atos que, de certa forma, o compensassem por esta perda, até que se depara com um jovem que lhe propõe, através de um ato de feitiçaria, trocar de corpo por um só dia. Lestat viveria num corpo mortal durante um dia, e o jovem tornar-se-ia imortal e com poderes inimagináveis ao humano.

Após muito relutar, Lestat acaba aceitando a proposta, sem antes se assegurar de passar uma série de informações ao jovem de quais cuidados ele deveria ter com o seu corpo. Sendo ludibriado pelo jovem, Lestat se vê preso num corpo mortal e sujeito a uma série de riscos, como a gripe e a fome, coisas que não mais conhecia. Seu sofrimento, então, toma um outro caráter, pois percebe que sua identidade pessoal está intimamente ligada ao seu corpo, passando a desesperar-se pelo fato. Seu sangue real, o poder que Akasha lhe havia conferido com a troca de seu sangue, tudo o que ele havia “sugado” deste mundo, estava preso ao seu belo corpo, e mesmo o fogo que não o queimava, ou a terra que não lhe arrancava mais a beleza, não teria mais sentido se estivesse com a alma de um outro ser, tampouco sua alma faria sentido sem a presença de seu corpo.

*Se em todas as sociedades humanas o corpo é uma estrutura simbólica, torna-se aqui uma escrita altamente reivindicada, embasada por um imperativo de se transformar, de se modelar, de se colocar no mundo. A colocação em signo perseguida por todas as sociedades de acordo com seus usos culturais aqui se torna uma encenação deliberada de si com inúmeras variações individuais e sociais, que fazem do corpo uma material a ser lavrado segundo as orientações de um momento. (...) O corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética. O selo do domínio é o paradigma da relação com o próprio corpo, no contexto contemporâneo. Todo corpo contém a virtualidade de inúmeros outros corpos que o indivíduo pode revelar tornando-se o arranjador de sua aparência e de seus afetos. O desinvestimento dos sistemas sociais de sentido conduz a uma centralização maior sobre si. A retirada para o corpo, para a aparência, para os afetos é um meio de reduzir a incerteza buscando limites simbólicos o mais perto possível de si. Só resta o corpo para o indivíduo acreditar e se ligar. (LE BRETON, 2003: 31-32)*

Da mesma forma que Lestat, os góticos também tem uma certa adoração por seus corpos. Tatuagens, piercings, branding (desenho ou sinal inscrito sobre a pele com ferro em brasa ou laser, deixando o aspecto de “carne viva” no local onde for feito, quase como uma cicatriz, semelhante a técnica usada para marcar gado e outros animais), além de cortes e cores especiais no cabelo, roupas e acessórios feitos com prata e pedras brasileiras, demonstram ao máximo o que Le Breton identifica como marcas corporais. Nas palavras do

autor, as marcas corporais indicam uma vontade de atrair o olhar, de fabricar uma estética da presença, mesmo se o jogo permanece possível de acordo com os locais de inscrição, estejam ela permanentemente sobre o olhar dos outros ou somente daqueles cuja cumplicidade se busca (LE BRETON, 2003: 40).

Tidas como carinhos próprios, o gótico usa destas simbologias para individualizar-se num mundo cuja massa sobrepõe-se ao valor do uno, característica esta de nossa sociedade, como bem lembram os diversos teóricos sobre nossa época atual, a exemplo de Balandier (1997a; 1997b) e Stuart Hall (2001). É, por tanto, uma forma de afirmarem suas identidades, bem como de procurarem, em seus corpos, uma ligação com o sagrado dissolvido nas relações humanas, a exemplo de uma tatuagem que muito me chamou a atenção e da qual não fui autorizada a fotografar em uma de minhas visitas ao Madame Satã.

A tatuagem, que se estendia por toda as costas de R.J., 40 anos, feita em preto, branco e tons de cinza, demonstrava um rapaz chorando ao pé de uma cruz e, no alto desta, uma coroa de espinhos. Corriam gotas de sangue pela cruz e abaixo do rapaz, estava o globo terrestre se dissolvendo. Ao perguntar sobre a tatuagem, R.J. explicou-me que este era, em sua opinião, a essência de toda sua vida, dedicada inclusive ao movimento gótico. “acho que me identifico com Jesus, sabe? Ele foi abandonado por Deus, assim como nossa humanidade... o que precisamos fazer para recuperar seu amor?”.

Chamando-me a atenção para o comentário, na semana seguinte ao fato ocorrido reuni-me com “meu” grupo de “líderes” novamente, e desta vez a proposta temática partiu de mim: queria falar sobre religiosidade, o sagrado. Quando muito me surpreendeu, sem eu ter mencionado a entrevista e a tatuagem acima, que todos eles, sete no total, possuíam alguma tatuagem em seu corpo com temas religiosos e, a explicação para as mesmas eram muito semelhantes a de R.J.

Cruzes sangrando, vampiros chorando ao segurar uma moça morta, sepulturas com corvos sobre elas, Jesus caminhando para o calvário, um trono vazio com uma caveira e uma coroa de espinhos. Todas essas marcas dando-me pistas para voltar ao que já foi exposto no início deste capítulo, o gótico como aquele que representa esteticamente as dores do mundo e que busca, de uma certa forma, o perdão de Deus. Em seus discursos,

referências a falas de obras como “O Corvo”, “Drácula 2000” e “A rainha dos Condenados”, como demonstrado abaixo.<sup>30</sup>

Minha tatuagem reflete a dor de James O'Barr, eu também perdi alguém que eu amava, só que para o moralismo da sociedade. Quem sabe um corvo me ajuda a recuperá-la... (Líder 1)<sup>31</sup>

Nós vivenciamos toda a ira de Deus com nenhum outro mortal vivencia... só nós sabemos o que é estar preso na escuridão. Por mais que eu já tenha tentado fugir deste movimento, sempre retorno. (Líder 5)<sup>32</sup>

Acho que todos os que compartilham de nosso gosto e sentimento devem aparecer, de onde quer que eles venham, mas que venham. (Líder 6)<sup>33</sup>

A importância do corpo e de nele marcar sua dor e sentimentos é visto, também, nas obras góticas da literatura, a exemplo das páginas seguintes – Ilustração 23 – onde reproduzo parte dos quadrinhos de “O Corvo”, no diálogo em que Erick faz com o corvo (o guardião dos mortos), sobre vivenciar a dor (O'BARR, 1993: 102-105).

---

<sup>30</sup> Julgo importante colocar que apesar de todo pesquisador em ciências sociais saber que suas fontes podem formatar seus discursos para responderem à nós aquilo que desejamos ouvir, e que, nas palavras de Pires (1994) há muita invenção em muitos relatos, o que importa é a forma estética com que eles apresentam o próprio discurso, pois, antes de convencerem a mim, o discurso é um ato de convencimento a si próprio, demonstrando as simbologias que pouco a pouco constroem a identidade dos entrevistados. Este aspecto será melhor trabalhado no próximo capítulo.

<sup>31</sup> Na obra “O Corvo”, a narrativa inicia-se contando a lenda de que “no passado, as pessoas acreditavam que, quando alguém morria um corvo carregava sua alma para a terra dos mortos. Mas, às vezes, acontece alguma coisa tão ruim que uma tristeza terrível é levada junto com a alma; e a alma não consegue descansar. Mas, às vezes, apenas às vezes, o corvo consegue trazer essa alma de volta para resolver o que está errado”.

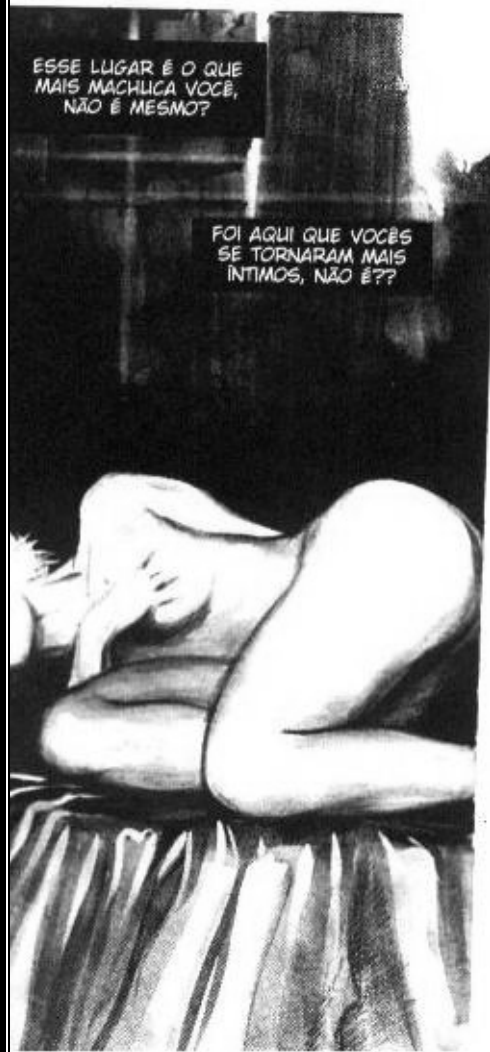
<sup>32</sup> Em “Drácula 2000”, Drácula apresenta-se como Judas Iscariotis. Ao iniciar um monólogo com Deus, Drácula expõe toda sua revolta para com Deus, que o abandonou depois de tê-lo usado para conseguir seus propósitos, ou seja, firmar-se como um Deus para a humanidade. Acusa-O de ter inveja de seus poderes, pois ele é capaz de dar aos homens o que eles sempre O pediram: parte de seu corpo (no caso, o sangue). Termina seu monólogo dizendo que ninguém mais do que ele sofreu a ira de Deus e que, talvez, um dia, ele possa compreender o porquê de estar sendo castigado e conseguir a almejada paz.

<sup>33</sup> O refrão da principal canção que faz de Lestat virar um astro do rock é um hino que convoca todos os vampiros, incitando-os a sair da clandestinidade e aparecerem para a humanidade: “venham, venham, quer sejam quem forem. Venham, venham, de onde estiverem”.



ERIC. EI, ERIC...

VOCE NÃO QUER ENTRAR AÍ.



ESSE LUGAR É O QUE MAIS MACHUCA VOCÊ, NÃO É MESMO?

FOI AQUI QUE VOCÊS SE TORNARAM MAIS ÍNTIMOS, NÃO É??



ENFIE A FACA.

SE LEMBRA DO CHEIRO DO CABELO DELA?



AMOR E CONFIANÇA  
E INOCÊNCIA E  
RESPEITO.

ETERNAMENTE E  
PARA SEMPRE.



PARA COM ISSO

DOÍ MAIS DO QUE  
AS PALAVRAS PODEM  
DESCREVER, NÃO?



ELA TE APERTAVA  
TÃO FORTE QUE SUAS  
COSTELAS DOÍAM.



VOCE ERA O HOMEM  
MAIS FELIZ DO MUNDO  
TODO, NÃO ERA, ERIC?

VAMOS LÁ,  
ERIC... NÃO FAÇA  
ISSO COM VOCE.



EU ME LEMBRO DA LUZ SUAVE DA MANHÃ REFLETINDO NA PELE BRANCA...

...BRILHANDO NO CABELO LOURO DELA.



CRISTO, ELA ERA TÃO LINDA.. TÃO DOCE E GENTIL. ELA ERA PERFEITA...

EXCITANTE.



LEMBRA-SE DOS BILHETES DE AMOR QUE ELA DEIXAVA PRA VOCÊ NA GELADEIRA?

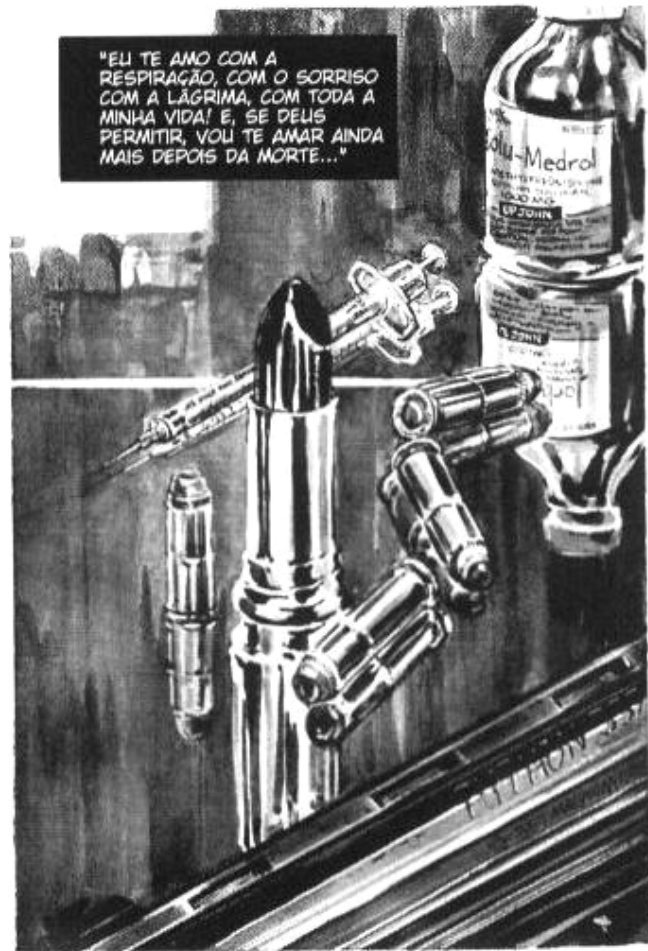
MAIS FUNDO.



LEMBRA COMO VOCÊ COSTUMAVA ACORDAR À NOITE SÓ PRA VÊ-LA DORMIR?

CONTORÇA-SE





Auto-piedade talvez seja um termo a ser utilizado para o tipo de estética a qual o gótico faz menção. No entanto, no campo estético, que está marcado em seu corpo, bem como nos adereços por eles utilizados, os góticos deixam transparecer simbologias presentes nos mitos que os referenciam.

Ao longo da construção do perfil do grupo, cuja integra encontra-se disponível no anexo B, tive a oportunidade de checar a frequência com que essas simbologias, presentes no corpo apareciam e, posteriormente, debatê-las com o grupo de líderes que entrevistava na 4ª rodada da pesquisa.

Assim, os dados que surgiram no perfil e que chamaram a atenção por esta ênfase estética corporal, foram relacionadas na parte “Jogo Rápido”, do questionário aplicado. Dos 1.000 entrevistados, obteve-se como dado: 1) com relação à Opção Sexual, 24,6% declararam-se heterossexuais, enquanto 12,3% declararam-se bissexuais, 12,4% homossexuais e 50,7% declararam estar abertos à paixões e novas experiências; 2) com relação a tatuagem: 64,6% declararam possuir uma ou mais tatuagens, 13,7% não possuem e jamais fariam e 21,7% declararam estar pensando em fazer uma, já que acreditam ser um acessório importante ou bonito de se ter; 3) com relação ao corpo: 8% declarou ser “um mal necessário”; 12% afirmou que é uma extensão do corpo a qual se deve cuidar e 80% afirmou, de maneiras diversas, que é o “principal cartão de visitas”, “principal instrumento de sedução”, “a parte mais exposta do eu, a quem se deve tratar com carinho para cuidar da própria imagem”.

A beleza torna-se, assim, o maior bem dos góticos paulistanos, o que pede gastos e investimentos, seja em roupas, bijuterias ou maquiagens e coloração dos cabelos. No entanto, características do próprio grupo têm sido frequentemente usadas por outros novos grupos adolescentes, tornando-se “moda” entre aqueles que tem 13 e 18 anos. Evidentemente, essa nova moda incomoda os góticos de São Paulo, ao mesmo passo que eles justificam dizendo: “uma hora isso passa e tudo volta a ser como antes”, a exemplo dos garotos que tem aderido por questões estéticas, para retornar à ícones do rock dos anos 1970 e “para montar visual”, pintam as unhas de preto, usam delineadores pretos nos olhos e batom para ressaltar a palidez (OLIVEIRA, 2004: 6-7).

Agora todos pensam que só por usar maquiagem ou ser mais andrógino é gótico. Outro dia estava eu dirigindo pelas noites de São Paulo e vi uma garotada, não deviam ter mais que dezesseis anos, parados num posto de gasolina, falando um monte de merdas, cheia de gírias, com "tipo" pra lá e "tipo" pra cá... além de "minas" e "manos". Todos vestidos de preto, maquiados, unhas pintadas e bebendo coca-cola. Na semana seguinte passei por lá para abastecer o carro e perguntei ao frentista se era normal garotos tão novos ficarem de madrugada no posto, a resposta me deixou furioso: "esses malditos góticos são assim mesmo, não tem mais o que fazer". Nunca mais voltei lá...

(O.K., 30 anos)

Enfrentando preconceitos e utilizando-se da imagem para chamar a atenção, bem como transmitir seus valores e ideais, os góticos vão ocupando os espaços de São Paulo a exemplo do que fazem as mesmas personagens que lêem nos romances ou assistem em filmes por eles conhecidos. É sobre esta representação estética, que interliga o gótico às histórias de vampiro e horror, que trataremos no próximo capítulo, ressaltando suas semelhanças estéticas e simbólicas, valorizando assim o erotismo sagrado dos integrantes do movimento gótico na cidade de São Paulo.



*” Ele era agora o Homem Comum, mas na realidade o anjo de granito, com asas que subiam tanto que saíam do meu foco e se dobravam em volta de nós, contra a força do vento. À medida que ascendíamos, sem a mais leve referência a qualquer tipo de gravidade, duas coisas ficaram aparentes para mim de imediato. A primeira foi que estávamos cercados de milhares e milhares de almas individuais (...) eu via formas no turbilhão, alguns perfeitamente antropomórficas, outras apenas rostos, mas ao meu redor, de todos os lados, havia indivíduos ou entidades espirituais distintas, e eu ouvia muito de leve suas vozes (...) a segunda coisa que percebi instantaneamente foi que a escuridão estava se desbotando ou sendo totalmente drenada..., seu perfil estava luminoso e até mesmo translúcido (...) em suma, toda a presença obscura e esfumaçada havia sido substituída por algo cristalino e cheio de reflexos, mas que dava a impressão de docilidade, calor e vida.”*

Lestat descrevendo o demônio ao vê-lo ascender do Inferno para mostrar-lhe o Paraíso. In: RICE, 1997b: 162.

## CAPÍTULO 3

# SEMELHANÇAS ESTÉTICAS E SIMBÓLICAS ENTRE O DISCURSO GÓTICO E A LITERATURA DE ANNE RICE

*“Era uma noite – eu dormia  
 E nos meus sonhos revia  
 As ilusões que sonhei!  
 E no meu lado senti...  
 Meu Deus! Por que não morri?  
 Por que do sono acordei?”*  
 Álvares de Azevedo, “O Poeta”

A estética gótica na cidade de São Paulo se sobressai pelo caminhar no espaço noturno. Vê-los transitar nas ruas das cidades, nos vários espaços que ocupam, é sempre estar atento a olhares curiosos de pessoas que se assustam, quando vêm, vários jovens de pretos, bem como presenciar gracejos irônicos de outros transeuntes. Não é incomum, pois, que para se preservarem, muitas vezes, os góticos optem pelo ato de ignorar a presença alheia, no metrô ou nas calçadas da cidade, aparecem sempre como seres introspectivos. Assim, o jeito com que os góticos se apresentam, atrai sempre olhares curiosos, que reforça uma das características do nômade para Deleuze e Guattari (2005), o nômade é aquele que assume a qualidade de *outsider*, aquele que vem de fora, com novos costumes e conhecimentos, por excelência.

A partir do momento em que este, o nômade, não se integra à paisagem contígua, faz de seu caminhar, por espaços aleatórios, porém que possui um circuito simbólico, a proposta de romper com as barreiras do Estado, instaurando, como explicam Deleuze e Guattari (2005), a máquina da guerra.

Por máquina da guerra, Deleuze e Guattari (2005) explicam que é justamente o romper com as barreiras geográficas e de normas (leis e valores) que constroem uma determinada sociedade. O nômade rompe com o chefe de estado, com o sacerdote, com a comunidade, pois não participa ativamente de nenhuma dessas organizações. O nômade,

por sua vez, também ameaça a ordem, pois acaba postando-se contra os limites metafóricos da sociedade: a floresta e os campos agrícolas. O primeiro pela existência da amplitude, o segundo por representar o enquadramento.

Portanto, para Deleuze e Guattari (2005), o nômade é aquele que sua vida caracteriza-se pelo *intermezzo*, ou seja, ele habita o “entre”, o “espaço” e dentro desse “espaço” o que se torna mais importante não são os pontos que referendam suas paradas, porque estes também são de passagem, mas sim o trajeto, o caminho, posto que este representa, simbolicamente:

*O contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria (...) até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los. (DELEUZE e GUATTARI, 2005: 50-51).*

Como explicam os autores, o nômade não é de modo algum o migrante, pois, se este vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado, o nômade, por sua vez, só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato: em princípio, os pontos são para ele alternância num trajeto. Em outras palavras, o migrante procura um espaço para fixar-se, enquanto o nômade faz da não-fixação o seu próprio espaço.

Ora, muitos são os grupos que conhecemos onde este nômade ganha destaque. E, ao observá-las, a exemplo dos ciganos ou das comunidades circenses, percebe-se que a “errância” possui uma ordem, e o trajeto é por si só uma busca. O que vale destacar é que o nômade, ao contrário do que se pode pensar, não se define pelo movimento em si, mas pela busca de sentido que este movimento, ou ausência deste em espaços estratégicos, propicia a sua forma particular de estar contra a regra, contra o Estado e contra as normas. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2005: 52), “certamente, o nômade se move, mas sentado, ele sempre só está sentado quando se move (o beduíno a galope, de joelhos sobre a sela, sentado sobre a planta de seus pés virados, “proeza de equilíbrio”).”.

O nômade sabe esperar, e tem uma paciência infinita. “Imobilidade e velocidade, catatonia e precipitação, ‘processo estacionário’, a pausa como um processo”. Portanto, movimento para o nômade é contrário de velocidade. Pode-se caminhar muito estando

parado, pode se estar parado caminhando muito. O que interessa, então, é a busca de ordem e de sentido, dentro de uma possível anomia, apatia, caos espacial.

No destaque desta busca de ordem, característica da modernidade como nos diz Balandier (1997a), para Deleuze e Guattari (2005), o nômade tem como características importantes para análise o sentido pela busca, pois “aparece ali, na terra, sempre que se forma um espaço liso que corrói e tende a crescer em todas as direções”, habitando esses lugares, permanecendo nesses lugares, e fazendo-os ele próprio crescer “no sentido que se constata que o nômade cria o deserto tanto quanto é criado por ele” (DELEUZE E GUATTARI, 2005: 53) e pela ruptura e a construção de seus trajetos, portanto, as escolhas que o nômade faz para definir seus caminhos, já que esta busca, a exemplo do que ensina Eliade (1998), recupera um sentido intrínseco no humano pelo sagrado, mesmo que, a priori:

*O lugar sagrado da religião é, fundamentalmente, um centro que repele o nomos obscuro. O absoluto da religião é essencialmente horizonte que engloba, e, se ele mesmo aparece num lugar, é para fixar ao global o centro sólido e estável. (...) Ora, para o nômade, a questão se coloca de modo inteiramente outro: o lugar, com efeito, não está delimitado; o absoluto não aparece, portanto, num lugar, mas se confunde com o lugar não limitado; o acoplamento dos dois, do lugar e do absoluto, não consiste numa globalização ou numa universalização centradas, orientadas, mas numa sucessão infinita de operações locais. (ELIADE, 1998: 54-55).*

Ora, por um outro lado, não existe cosmo sem caos, nem o claro sem o obscuro, o bem sem o mal. Desta forma, ao mesmo passo de que a sacralidade coloca-se como algo à parte da estrutura nômade, ela também se faz presente. No que diz respeito ao espaço e sua construção, em outras palavras, no caminhar dos góticos pela cidade de São Paulo, o nomadismo constrói uma ordem em meio a um espaço amorfo às características estéticas, simbólicas e ideológicas do grupo. Se a cidade de São Paulo agrega, assim, muitas tribos, é no nomadismo dos góticos que estes vão pouco a pouco definindo seus limites de convivência, mostrando assim o sentido que adotaram na cidade e que representa apenas seus ideais.

*O espaço liso ou nômade situa-se entre dois espaços estriados: o da floresta, com suas verticais de gravidade; o da agricultura, com seus quadriculados e suas paralelas generalizadas, sua arborecência tornada independente, sua arte de extrair a árvore e a madeira da floresta. Mas “entre” significa igualmente que o*



*espaço liso é controlado por esses dois lados que o limitam, que se opõe ao seu desenvolvimento e lhe determinam, tanto quanto possível, uma função de comunicação, ou, ao contrário, que ele se volta contra eles, corroendo a floresta por um lado, propagando-se sobre as terras cultivadas, por outro, afirmando uma força não comunicante e de desvio, como uma “cunha” que se introduz. (DELEUZE E GUATTARI, 2005.: 57).*

Neste balé de construção de um caminho, o nômade vai se destacando na sociedade por sua forma de se colocar contra as normas e as regras locais. Acusados de “destruidores da ordem”, os nômades aproveitam desta qualidade para, aos poucos, inserirem novos conceitos e pensamentos por entre os locais que transitam. O questionamento sobre o irreal e o ilusório o acompanham, assim como também um sensível encantamento pelo sentido caótico pelo qual regem suas vidas e destinos.

Essas são as sensações que perpassam nossa sociedade ao vislumbrarem as muitas tribos urbanas que passeiam pela cidade. Estranhamento, encantamento, atração e repulsão caminham conjuntamente com a busca do sentido desses jovens urbanos.

No caso específico dos góticos, o nomadismo possui uma característica especial: ele reflete um caminhar por entre espaços simbólicos, espaços que se assemelham às escolhas de trajetos feitos por uma personagem literária: Lestat de Lioncourt. Antes de demonstrar, porém, quem é Lestat e suas semelhanças com a estética gótica, faz-se de suma importância abrir um sub-capítulo para introduzir o tema do individualismo moderno e como este aparece difundido na literatura gótica desde o século XVIII. Sem este pequeno parêntese, algumas características da personalidade de Lestat, bem como dos góticos paulistanos, ficarão nebulosas e confusas.

### **3.1 O Individualismo: base da comparação entre góticos e Anne Rice**

Individualidade parece ser um dos temas chaves para se falar de góticos na cidade de São Paulo. Solitários, noturnos, introspectivos, reservados, os góticos apresentam, para aqueles que observam distantemente, a imagem de pessoas que não se socializam; para muitos, não porque a eles esta socialização é negada, mas, sobretudo, porque tendem a afastar de si pessoas que os questionam ou que por eles se interessem.

Cansei de ouvir no colégio que sou anti-social. Muitas pessoas já tentaram se aproximar de mim, mas por mais que eu tenha me esforçado, tem uma hora que cansa. Sempre as mesmas futilidades, sempre os mesmos discursos... estou em busca de algo maior. (H.K., 18 anos)

Por um outro lado, este afastamento torna, simbolicamente, os elementos estéticos dos quais os góticos se utilizam ainda mais marcantes em nossa sociedade. O preto, por exemplo, cor preferida dos góticos em todo mundo, costuma ser relacionado em nossa sociedade como uma mescla de elegância, sobriedade e luto e, sem sombra de dúvida, acaba sendo o primeiro ponto marcante dos góticos na cidade, já que a ele estão relacionados outros aspectos também sombrios como a noite, a ausência de luz, a seriedade, o elitismo e a morte.

Para Harvey (2003) deve-se compreender que a utilização de uma roupa preta em nossa sociedade não deve ser vista apenas como aspectos de rebeldia ou mesmo modismo. Para o autor, “o significado de uma cor é, em grande parte, a história da cor. É um significado adquirido pelo movimento através do tempo” e, posto que o preto, através da história, sempre esteve interligado as questões de ascensão social, morte e, muitas vezes, no uso que reflete a liberdade de expressão nos sentimentos pessoais e sexuais, inclusive na busca desesperada pelo amor. Deve-se compreender que o negro “é o manto de uma representação da identidade, conferida em grande parte pelo ‘manto’: uma identidade de um terceiro tipo, e possuidora de uma polaridade poderosa”. A esta polaridade, Harvey destaca que a cor e a roupa refletem e traduzem consigo sentimentos de confiança, investimentos e crenças, refletem, pois, costumes de uma determinada pessoa ou grupo.

Muitos têm preconceito com relação aos góticos. E outros têm preconceito e tem medo, pois o medo gera a intolerância. Não os culpo por isso. Infelizmente, muitos góticos (enfoco na parte de falta de orientação e conceitos errados) dão à sociedade conservadora os motivos de que ela necessita para crucificar a todos que se vestem de preto e usam crucifixos e Ankhs... aliás, qualquer um que se vista de preto, pois para essas pessoas preconceituosas não faz diferença nenhuma se a pessoa é Gótica, Rapper, Headbanger... simplesmente não faz diferença. E esse preconceito é reforçado com ações de vandalismo e desrespeito em cemitérios; posturas irresponsáveis para com a sociedade, de forma a tentar parecer anti-social, a lista de

"delitos" é imensa... e, infelizmente, embora não muitos, alguns góticos ainda são muito mal orientados e ainda se sujeitam a praticá-los, denegrindo a imagem de todos no underground. (F.F, 29 anos)

O preto, como roupa e artefato estético, nasce no século XIX. Nesta época, a literatura romântica também começa a se popularizar, focando o modelo ficcional e procurando, através das letras, descrever as principais características que as cidades vinham demonstrando: a luta entre dualidades, a supervalorização de aspectos negativos humanos e a busca por uma construção identitária, que começa a dissolver-se em meio ao trabalho e a sociedade burguesa.

Assim, todo o estudo de Harvey (2003) é feito com base na literatura do século XIX, a exemplo de Charles Dickens e Charlotte Brontë, e, emprestando sua metodologia, procuro fazer o mesmo nesta parte do 3º Capítulo. O objetivo é demonstrar alguns dos aspectos do "mito do individualismo moderno" nos góticos de São Paulo, comparação chave para relacionar as obras de Anne Rice com a estética e discurso gótico. Faço minha, então, a explicação de Harvey para fundamentar esta escolha (mesmo que o autor as tenha feito apenas para falar sobre a cor preta):

*Não é que eu faça pouco da documentação mais direta, como jornais de moda, a imprensa, a memória dos dândis (...) existem, no entanto, questões muito mais amplas levantadas pelo preto do século XIX do que as reconhecidas pela literatura da moda, e estas são encontradas precisamente em romancistas (...) que são ao mesmo tempo mais sensíveis e mais exatos ao relacionarem as roupas das pessoas, assim como as suas palavras, com tentativas de afirmação e controle (...) eles podem registrar melhor do que outras fontes a política espiritual da época, refletida no interior e no exterior da pessoa. (HARVEY, 2003: 25).*

Na literatura, o termo gótico refere-se, de uma forma peculiar, ao romance popular do século XVIII, o que significa dizer que são romances que começaram a traduzir, na época, de uma forma muito peculiar e particular, "a noção de que Deus era uma invenção exclusivamente humana e, especialmente na forma de Deus Pai, não representava algo divino, mas era de fato, uma abstração temerosa das invejas, dos medos e das paixões humanas" (HARVEY, 2003: 26). Estes romances, dada sua popularidade, continuaram a serem escritos no século XIX e, ao longo do século XX, reapareceram com grande intensidade, como parte da revolução de livros em brochura na última metade deste, que teve, no romantismo, sua maior fonte de criação.

Também denominada como literatura negra e literatura do horror, as obras que foram e ainda são produzidas ao longo dos séculos, dentro deste gênero literário, expressam de formas diferenciadas a busca por uma dada felicidade que, em um mundo dualista, dividido entre o bem e o mal, é quase que impossível. Obras que acabam destacando aspectos do homem moderno, como a solidão e o individualismo, que surgem, em especial, quando há um excesso de gasto do tempo útil do dia com buscas materiais e status social. Essas atitudes, que se iniciaram no século XIX, ressaltam cada vez mais os aspectos da solidão nas cidades. O destaque está, por exemplo, numa certa antipatia de seus habitantes já que atitudes consideradas, muitas vezes, como simples ou costumeiras em épocas anteriores, como conhecer vizinhos de residência ou trabalho, parecem, nos dias de hoje, cada vez mais estranhas e incomuns.

O aspecto dual da literatura gótica é demonstrado não só pelas possibilidades de caráter de uma personagem, mas, sobretudo, nos aspectos narrativos de campo e cidade, dia e noite, santo ou pecador. Presença marcante em toda arte gótica e, portanto, em sua literatura, são os conflitos existentes entre doutrina, fé e prática do cristianismo. Não são incomuns, para não se afirmar como uma constante, a presença de personagens religiosas com conflitos psicológicos e eucarísticos. Da mesma forma, os conflitos religiosos aparecem para destacar a dualidade existente entre os valores sagrados e os valores humanos. Nestas obras, portanto, a culpa humana por desejar o supérfluo, o luxo e a riqueza contrapõem-se a ações e falas das personagens, em especial aos conflitos internos que elas sofrem, ou por sua busca pelo sagrado e pela transcendência.

Para Melton (1995: 331), Elizabeth MacAndrew abordou a essência da experiência gótica ao defini-la como literatura do pesadelo. A literatura gótica evoluiu das explorações do eu interior com toda a sua emotividade e racionalidade e aspectos intuitivos. Assim, emergiu como uma forma de romantismo, mas confrontou-se com o lado mais negro e mais obscuro do ser. Na melhor das hipóteses, as obras góticas forçam o leitor a considerar tudo o que a sociedade chama de maldade na vida humana. Talvez, a explicação lógica para esta última afirmação, esteja no âmbito do próprio leque de personagens trabalhados pela literatura gótica, sempre permeado de demônios e semi-demônios – vampiros, bruxas, o próprio corvo e outros seres fantásticos. Outra explicação plausível está no fato desta literatura trabalhar com o próprio ser humano, retratando-o de forma desiludida para com a

conquista de sonhos ou mesmo da felicidade, mostrando intensamente os sentimentos de medo, do vivenciar o trágico e os aspectos assustadores nas relações humanas e, dessas, com as situações cotidianas vivenciadas nas cidades.

Os romances góticos, ao longo dos séculos, levantaram a questão da sabedoria convencional da sociedade, especialmente durante o período pós-Iluminismo. Ressaltando o aspecto racional humano, o gótico se colocou na contramão para criticar a ordem e o controle. Eis o porquê do romance gótico, tão popular no século XVIII, ter encontrado um novo campo fértil no final do século XX.

*Os autores góticos têm desafiado as estruturas sociais e intelectuais aceitas pelos seus contemporâneos pela apresentação da intensa, inegável e inevitável presença do não-racional, da desordem e do caos. Estas são quase sempre retratadas como forças incontroláveis, intrrometendo-se a partir do subconsciente na forma de manifestações sobrenaturais do monstruoso e horrendo. A literatura gótica, conforme assinalou Thompson, impunha o sentido do pavor. Criava uma mistura complexa de três elementos distintos: “terror”, a ameaça de dor física, mutilação e/ou morte; “horror”, a confrontação direta com uma força ou entidade do mal repulsiva; e o “misterioso”, a realização intuitiva de que o mundo é muito maior do que os nossos poderes ou nossa compreensão poderiam dominar. (MELTON, 1995: 332).*

Para realizar esta tarefa auto-atribuída, a literatura gótica desenvolveu uma série de convenções. De um modo geral, pode-se citar, com base em Melton (1995: 332):

- A ação quase sempre é colocada em ambientes fora do comum;
- Sua própria nomenclatura foi extraída do uso de ambientações medievais – sobretudo a arquitetura – por meio de seus expoentes originais, estereotipadamente na forma de um velho castelo; apropriada para a época contemporânea, as obras de Anne Rice destacam as cidades como ambientes em que a escuridão e o medo sobressaem-se tanto quanto no período medieval. Basta notar que, apesar de nas obras da autora serem encontrados personagens cuja origem remonta a Idade Média, estas mesmas personagens afirmam que a vida nas metrópoles atuais são muito mais assustadoras e perigosas que naquela época, reatualizando, assim, a característica das obras góticas do século XVIII.
- As seqüências mais dramáticas da história tendem a ocorrer durante a noite e, muitas vezes, durante tempestades, ambientes sombrios, frios ou repletos de

névoa. De certa forma, tal escolha se deu pela própria retomada do imaginário medieval;

- Como parte integral da trama, os personagens tentam agir em meio a uma antiga, mas, desintegrada, ordem social; é o exemplo dos primeiros vampiros com qual Lestat deparou-se após sua transformação no século XVIII. Liderados por Armand, que viam como profanação o fato de Lestat entrar em igrejas e ter transformado sua mãe em vampiro, além de outras ações que consideravam profanas – contra a moral cristã. Seres que viviam constantemente com medo de serem ainda mais castigados por Deus, a quem viam como um ser castrador e punitivo.
- Um expediente literário, de forma sutil, interage com o próprio senso de desordem do leitor; as narrativas mesclam realidade e ficção, fazendo, muitas vezes, que o sentimento da personagem “passe” a ser do leitor e vice-versa.
- A energia da história muitas vezes centraliza-se no ataque combinado sobre um inocente ingênuo e os defensores da ordem presente, sobrepujando, momentaneamente, as incompreensíveis forças naturais na forma de fantasmas, monstros ou agentes humanos do Satã.

Para compreender parte da importância que a literatura tem, nos dias atuais, no movimento gótico, em especial a que é feita por Anne Rice, proponho pensar a relação literatura-góticos em São Paulo, enquanto uma expressão que deixa transparecer, através do diálogo, junto ao visual estético desses jovens, o mito do individualismo moderno.

Faço, portanto, neste sub-capítulo, dois movimentos. O primeiro, demonstra um pouco da trajetória da literatura gótica no mundo e, posteriormente, um pouco do mundo em que esta literatura começou a solidificar-se como um gênero respeitado e criativo. O objetivo é demonstrar alguns dos porquês de ser um gênero que inspirou e inspira tantas adaptações artísticas no teatro, cinema e televisão, sempre obtendo sucesso de público, em qualquer parte do mundo, e sendo um dos motivos que ajudou a popularizar este estilo literário entre manifestações juvenis como os góticos paulistanos. O segundo, pretende criar um alicerce com base nos aspectos literários das obras citadas no 1º movimento, à própria fala e aos padrões de comportamento dos góticos de São Paulo. Os discursos e comportamentos,

colhidos e observados através da pesquisa de campo, levaram-me a pensar que os mesmo aspectos apontados por Watt (1997), como será demonstrado ainda neste capítulo, como reveladores do individualismo no período moderno – solidão, narcisismo, conflitos indivíduo/sociedade – são os elementos que constituem, também, a base da estética do movimento gótico atual na cidade de São Paulo.

## I - A Literatura Gótica - As Simbologias da Literatura e o retrato da Modernidade

A obra “O Italiano” é uma das percussoras deste gênero literário. Datado de 1797, um ano depois de “A Religiosa” de Diderot, e dois anos depois de “O Monge”, de um jovem de 19 anos chamado Mathew Gregory Lewis, “O Italiano” ou “O Confessionário dos Penitentes Negros”, é a última das obras de Ann Radcliffe (Inglaterra, 1764-1823).<sup>34</sup> Porém, para os críticos, é a obra mais perfeita. Sobre a relação entre as três obras supra citadas, há de se ressaltar que, por muitas vezes, dada a semelhança de cenários e algumas características das personagens, se pôs a questão de saber quem copiou quem:

*É estranho, mas é plausível que os três romances nada devam uns aos outros, como abaixo se verá. O **Monge** é, cronologicamente, o primeiro, mas não há dúvidas de quem tem influências das obras anteriores de Ann Radcliffe; A **Religiosa** é publicado no ano seguinte, mas estava escrito há muito e o seu autor morrera havia dez anos. Quanto a Ann Redcliffe, então a mais prestigiosa escritora inglesa, imaginamos a inveja que deve ter sentido ao ler o imaginativo romance de Lewis, mas está fora de questão que o tenha plagiado. O fato mais estranho é, ao fim e ao cabo, o de a boa dona de casa ter então parado completamente e não ter escrito mais nada nos 25 anos que ainda viveu, pois morreu com 58. (GOMES In: RADCLIFFE, 1979: 6).*

Ao ler “O Italiano”, entende-se o porquê deste gênero literário ser a raiz da literatura policial, dos filmes de terror e de suspense. Há, neste livro, presenças clássicas do romantismo, tais como castelos, donzelas em perigo, amores impossíveis, sonhos de liberdade. Há, também, a presença de outros elementos que caracterizarão os romances góticos nos séculos seguintes: inquisidores, igrejas, conventos, seres sobrenaturais (mesmo

---

<sup>34</sup> As demais obras são: “The Castles of Athlin and Danbayne” (1790); “The Sicilian” (1791); “Mistérios do Castelo de Udolfo” (1794 e que possui tradução para o português pela editora Romano Torres).

que neste livro eles sejam apenas fruto da fértil imaginação das personagens), a noite, o frio, as tempestades, a luta entre o bem e o mal, punhais, venenos, perseguições e desencontros. Enfim, nas palavras de Gomes (In: RADCLIFFE, 1979: 6): “tudo quanto de mais impressionante havia na obra de Walpole, Cazotte, Casanova, Ducray-Duminil, mas também como tudo quanto faltava nas **Cartas da Sórora Mariana** e nas de Casanova, ou seja, o reflexo da grande Revolução Francesa”.

Outros fatores importantes sobre “O Italiano”, e que se verá nos grandes romances góticos que o sucedem, são “as descrições de ambientes medievo-católico-conventuais, as falas arcaizantes das personagens históricas inundam o texto gótico de latinidade, e a língua inglesa, predominantemente monossilábica, adquire uma sonoridade exótica, polissilábica, romanizada” (GOMES In: RADCLIFFE, 1979: &). Portanto, os aspectos do Renascimento estão demasiadamente presentes no início da literatura gótica, como se verifica em “O Italiano”. Passada a Era das Trevas, procura-se o belo, o poético, o bucólico. À volta ao campo, para os ares puros banhados aos espetáculos do pôr-do-sol, adquire uma magia especial no coração daqueles que, na cidade, repleto de convenções sociais, são impedidos de seguir os impulsos da paixão e dos sonhos da fase que deve ser mantida a qualquer custo: a juventude<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Sobre este sentimento de conforto que a natureza oferece para aqueles que sofrem na cidade, há uma passagem de Gaston Bachelard que se ausenta da temporalidade em que foi escrita e se aplica do século XVIII aos dias atuais: “Quando a insônia, mal dos filósofos, aumenta devido ao nervosismo causado pelos ruídos da cidade, quando, na Praça Maubert, tarde da noite, os automóveis roncam e o barulho dos caminhões me faz maldizer meu destino de cidadão, consigo paz vivendo as metáforas do oceano. Sabe-se que a cidade é um mar barulhento; já se disse muitas vezes que Paris faz ouvir, no meio da noite, o murmúrio incessante das ondas e das marés. Com essa banalidade, construo uma imagem sincera, uma imagem que é minha, tão minha como se eu mesmo a tivesse inventado, seguindo minha doce mania de acreditar que sempre sou o sujeito do que penso. Quando o barulho dos carros se torna mais agressivo, esforço-me para ver nele a voz do trovão, de um trovão que me fala, que ralha comigo. E tenho piedade de mim mesmo. Eis, pois, o pobre filósofo de novo na tempestade, nas tempestades da vida! Faço devaneio abstrato-concreto. Meu divã é um barco perdido nas ondas; esse silvío súbito é o vento nas velas. O ar em fúria buzina de toda parte. E falo comigo mesmo para me reconfortar: vê, tua embarcação é resistente, estás em segurança em teu barco de pedra. Dorme, apesar da tempestade. Dorme na tempestade. Dorme em tua coragem, feliz por ser um homem assaltado pelas ondas.” In: BACHELARD, 2000: 45-46.

Na obra de Ann Radcliffe não faltam exemplos das personagens, quando atingem o ápice de seu controle psicológico, procurarem conforto e refúgio na contemplação da natureza, como Elena que observa a paisagem da torre a qual está presa; Vivaldi que contempla as ruínas do castelo do Imperador Cláudio em meio ao pôr-do-sol mesmo fugindo de seus perseguidores e a Marquesa de Vivaldi que se retira para uma das casa de veraneio para acalmar seu espírito e esperar pelo êxito de suas maldades. Nas obras de Anne Rice o mesmo também ocorre. Lestat refugia-se em sua casa em Nova Orleans, ou mesmo visita amigos que não mais vê há tempos e que geralmente são humanos, na tentativa de recuperar um pouco da inocência e da beleza que os mortais tem em vislumbrar o mundo (RICE, 2000a).



O romance gótico, de Ann Radcliffe a Anne Rice, portanto um período de mais de 206 anos, é um compêndio de obras escritas pela e, também, para a burguesia romântica. Os jogos de interesse, a queda das máscaras, a luta por um amor impossível e o sofrer por estar inserido em uma sociedade cruel, são características deste gênero literário. Características estas que na visão de Simmel (1987) sobre a modernidade, fortalecem ainda mais os aspectos individuais e solitários de nossas atuais cidades.

Se nos dias de hoje, a literatura gótica é marcadamente conhecida pela presença de mitos como o vampiro, o corvo e a bruxa, para não dizer fantasmas e monstros, a literatura gótica, em seu início, apenas oferece indícios de que seres fantásticos e noturnos existem, mas não ousa colocá-los como personagens oficialmente reconhecidas<sup>36</sup>. Se Mary Shelley, Bram Stoker e Edgar Allan Poe escreveram sobre o fantástico, criando uma metáfora do próprio ser humano, veremos, em Álvares de Azevedo e Sade, por exemplo, a presença de um romantismo requintado por uma certa crueldade e morbidez que são pouco aceitáveis nas sociedades burguesas. Com Ann Radcliffe, por sua vez, o que se vê é que o amor, e o bem, apesar de tudo, sempre triunfam sobre o mal.

O que para Ann Radcliffe torna-se a solução de todos os problemas em “O Italiano” é, para os romances góticos que a sucederam, o início dos mesmos, não deixando, por isso, de existir a esperança de um final feliz. Faço menção, neste caso específico, à “providência divina”. Há, na obra de Ann, certa ajuda do plano celestial para que, ao final das dificuldades, todos os males sejam superados e exista apenas o bem. A mensagem que Ann passa, através de seu romantismo, é que o poder do amor tudo consegue superar e, que se não desistirmos de nossos ideais, acreditando na providência divina, estando sempre de acordo com nossos preceitos de verdade e bondade, no fim, tudo ficará bem.

No contrário, Ann nos mostra outras duas possíveis conseqüências para aqueles que ignoram o amor, a verdade, a paciência e a bondade: um fim com uma morte cruel, se toda chama de bondade for suprida pela ganância de poder e pela inveja – como acontecerá com

---

<sup>36</sup> Em “O Italiano” este exemplo é dado pela aparição fantástica de um frade (espectro) que oferece avisos de perigo a Vivaldi. Ele surge das ruínas e desaparece sem deixar rastros por toda a narrativa. Somente no final da obra é que este mistério é solucionado e, tudo o que durante as páginas sugeriram “coisas do outro mundo”, recebe uma explicação lógica e retorna ao mundo dos seres humanos. O espectro do frade é, na verdade, um Inquisidor que está envolvido na trama dos assassinatos e que usa Vivaldi para vingar-se de seu inimigo. Outros elementos da obra também sugerem o sobrenatural, tal como o andar das personagens no tribunal da Santa Inquisição, onde elas parecem “deslizar sobre mantos negros”.

o personagem Nicolau Zampari, que morre envenenado e com grandes dores – ou a possibilidade do redimir-se pelas maldades feitas durante a vida.

Sobre esta última, as possibilidades apontadas por Ann podem ser diversas: a “providência divina” une os destinos tal como nas tragédias gregas e o mal-feitor se vê diante de um grande castigo, como acontece com o personagem Shedoni que, ao tentar matar a donzela, descobre que esta é sua filha e não executa a tarefa, sendo tomado pela culpa e o remorso; o arrependimento dos atos feitos na hora da morte (e aqui há uma mistura entre os atos da “providência divina” na vida da personagem e o medo do além), como acontece com a Marquesa Vivaldi, que confessa todos os seus pecados rapidamente ao perceber que a morte se aproximava; ou, o que é raro, a morte injusta de um possível “santo” que, a priori, nada tem a confessar de pecados e morre assassinado ou inesperadamente, sem ter a oportunidade de revelar segredos que poderiam vir a atrapalhar o curso “didático” e “moral” do destino, como acontece com a Sra. Bianchi, tia da donzela, que morreu antes de revelar a verdade sobre seu pai, o que só é descoberto no final da obra (caso a personagem tivesse descoberto a verdade na época da morte de sua tia, muitas ações que permitiram a outras personagens a aprender com seus erros e a “evolúrem” socialmente, não teria sido possível, pois, tal descoberta, evitaria as tramas, assassinatos e buscas heróicas que as permitiram).

O destino, independente da forma que assuma nas obras góticas, traz a mensagem de que a vida ensina através de dois caminhos: pelo amor e pela dor. No entanto, estes caminhos se entrecruzam a todo o momento e não há salvação sem sofrimento e, também, não há sofrimento que nasça sem os conflitos do amor e da paixão.

Ann Radcliffe é, assim, uma escritora importantíssima para se começar a pensar o que é a literatura gótica e qual sua relação entre sociedade burguesa e as paixões humanas. Apesar de não se verificar a presença de mitos sombrios nas obras de Ann, por ela ser considerada uma das precursoras da literatura gótica que depois ganha destaque na televisão e no cinema do século XX, é conferido ao seu nome o prêmio da “The Count Dracula Society”, uma fundação datada de 1962 e que existe até os dias de hoje. O “Ann Radcliffe Award” dedica-se ao estudo de filmes de horror e de vampiro, premiando os melhores do ano (MELTON, 1995: 147-149).

Falar de “O Italiano” para expor as idéias gerais do início da literatura gótica tem um motivo especial. Além de ele ter sido, como já exposto anteriormente, um dos precursores do movimento literário gótico, segundo a opinião dos críticos literários, ele inaugura um estilo que será repetido e até mesmo copiado vezes sem contas nos romances que o precedem, como é o caso do padre dominicano Shedane, um homem sombrio e cruel, corrompido pelo meio e que busca instintivamente sua redenção e absolvição pelos crimes que cometeu em nome da honra e da defesa dos valores sociais burgueses da época.

O lado metafísico de Shedane foi, assim, inspirador para os demais personagens da literatura gótica, como veremos com a própria descrição de Drácula, no romance de 1857, ou, ainda, com a descrição do fantasma de Canterville, de Oscar Wilde.

Shedane,

*passava às vezes dias e dias afastado de todo e qualquer convívio ou absorto em silenciosa meditação. Nem sempre se sabia qual era o local de seu retiro, muito embora se espiassem continuamente. Nunca ninguém lhe ouvira qualquer queixa contra quem ou o que quer que fosse. Nenhum religioso o estimava; muitos eram os que dele se afastavam e quase todos os temiam. Em boa verdade, o seu aspecto exterior não o favorecia muito. Era de estatura elevada e delgado; quando envergava o hábito negro da ordem, ficava com o seu semblante assaz fantástico e sobrenatural. A sombra do capuz, projectando-se-lhe na lívida palidez do rosto, dava ainda mais austeridade àquela fisionomia, conferindo aos seus enormes olhos pretos um carácter soturno que tinha o condão de motivar uma espécie de horror. Lia-se-lhe nas feições uma indefinível expressão, como que os vestígios de paixões outrora ardentes, mas ora ausentes daquele rosto de mármore. Só os olhos é que continuavam a ser tão penetrantes que pareciam capazes de perfurar as profundezas do coração humano; poucas eram as pessoas que conseguiam suportar aquele olhar de águia e quem o tivesse suportado uma vez evitava enfrentá-lo segunda vez. Mas este frade, tão amante do retiro e da austeridade, sabia, quando queria, dobrar-se com singular docilidade ao humor e as paixões das pessoas com quem tinha interesse em conciliar-se, conseguindo dominá-las completamente (RADCLIFFE, 1979: 50-51).*

O fantasma de Canterville, à pálida luz da lua, era

*Um velho de aspecto terrível. Seus olhos pareciam brasas ardentes; os longos cabelos grisalhos caíam-lhe sobre os ombros em anéis emaranhados; as roupas, de corte antiquado, estavam encardidas e rotas, e dos pulsos e tornozelos pendiam pesados grilhões e algemas enferrujadas (WILDE, 1996: 14).*

Após essa primeira fase do romance gótico, começa o desenvolvimento das obras que hoje são mais lembradas ao falar do gótico, ou seja, as obras que trazem como personagens principais os mitos fantásticos de horror, de monstros a vampiros.

## II - A 2ª Fase da Literatura Gótica

Ao longo de todos os séculos posteriores à Idade Média, muito se ouviu falar de bruxas, vampiros, lobisomens e outros seres fantásticos. Porém, foi na Europa Ocidental que estes seres, sobretudo o vampiro, tornaram-se foco de discussão intelectual.

Del Priore (2000) relata que em 7 de janeiro de 1732, um relatório oficial foi assinado pelo cirurgião do regimento de campanha Johannes Fluckinger, do governo austríaco (e três de seus assistentes), detalhando suas investigações sobre o vampirismo na Sérvia e relatando o caso de Arnold (Paole) Paul, que alegara ter sido mordido por um vampiro e pouco tempo depois falecera.

Um pouco depois de sua assinatura, o relatório foi publicado em Belgrado e dentro de poucos meses versões da história de Arnold Paul foram publicadas em vários periódicos europeus. Acredita-se que a palavra *vampire* ou *vampyre* (extraída de seu uso sérvio) entrou pela primeira vez na língua inglesa quando a história foi publicada por dois periódicos ingleses, o *London Journal* e o *Gentleman's Magazine*, em 1732.

As duas maiores conseqüências dessas publicações se deram em 1755, na Áustria, e em 1765, na França. Em 1755, a imperatriz Maria Thereza, da Áustria, achou necessário instituir leis para evitar a exumação de suspeitos tidos como vampiros na área eslava e no seu reino, onde havia essa prática. Em 1765, foi a vez do naturalista Louis de Lecrec de Buffon, que havia descoberto no Novo Mundo um morcego que bebia sangue, classificando-o como “Vampiro”. Antes desse fato, os morcegos não tinham sido associados a vampiros conforme as tradições da Europa oriental. Ele escolheu especificamente o nome “vampiro” porque a habilidade desses mamíferos notívagos em chupar sangue de pessoas e animais dormentes sem acordá-los lembrava as lendas sobre os vampiros da época.

Foi a partir de 1816 que os contos sobre vampiros, embalados pelo sucesso dos romances góticos anteriores, ganharam espaço aclamado na literatura européia. Histórias, essas, frutos dos encontros do jovem médico e escritor John Polidori, do aclamado poeta e

escritor Edgar Allan Poe, da estudante Mary Shelley e de Bram Stoker, depois dos quais uma série de narrativas de horror e suspense começou a ser publicada.

*The Vampire* foi a obra de Polidori que, usando a história de Byron como modelo (história de um homem à beira da morte, que fazia seu companheiro de viagem jurar que não revelaria sua morte a ninguém), criou o vampiro Lord Ruthven, um aristocrata viajante que atraía e matava mulheres inocentes a fim de se alimentar de seu sangue. *The Vampire* foi a primeira obra completa de ficção sobre os vampiros escrita em inglês. Obra que serviu de inspiração para diversas peças teatrais no século XIX em toda França e Inglaterra.

O conto de Mary Shelley se transformaria mais tarde num dos maiores clássicos de horror de toda a história literária e cinematográfica, *Frankenstein*.

Poe, por sua vez, inicia em 1829 a publicação de seus contos e poemas, sendo que seus destaques são: *A queda da Casa de Usher* e *Contos Grotescos e do Arabesco* (1838),<sup>37</sup> *O Escaravelho de Ouro* (1841) e o célebre poema *O Corvo* (1848).

Mas foi com Bram Stoker, no final do século XIX, que se iniciou a era da ficção que continua até os dias de hoje, com a publicação de *Drácula*. Stoker criou o vampiro vilão definitivo, utilizando elementos dos trabalhos de Polidori e Le Fanu<sup>38</sup> para produzir um pano de fundo gótico para a história de um predador aristocrático profano saído do túmulo, que hipnotiza, corrompe e se alimenta de lindas jovens que mata. Stoker revelou todo o impacto das conotações psico-sexuais envolvidas no relacionamento vampiro-vítima, mostrando a notável semelhança entre a ânsia de sangue dos mortos-vivos e a sensualidade reprimida dos simples mortais. Um elo psíquico ainda está indicado quando uma vítima do sexo feminino é forçada a beber o sangue de Drácula como parte de sua transformação em vampira.

Stoker criou um grupo de personagens e tipos que foram usados vezes sem conta em histórias de vampiros posteriores. Essas histórias incluem o próprio Drácula, o misterioso nobre estrangeiro que finalmente se revela como um vampiro demoníaco e assassino; Mina,

---

<sup>37</sup> Em 1848, *Contos do Grotesco e do Arabesco* foi publicado na França como *Histórias Extraordinárias*, por Baudelaire.

<sup>38</sup> Joseph Thomas Sheridan Le Fanu é, também, um dos mais importantes poetas e autor de contos de horror do século XIX. Sua primeira obra deu-se em 1838, *The Ghost and the Boné-Setter*, quando tinha apenas 14 anos de idade. Sua obra mais conhecida, imortalizada pelo teatro e cinema, é *Carmilla*. Carmilla é uma vampira que traz, pela primeira vez na história, o tema da androginia e do lesbianismo para esta temática gótica. Cf. (MELTON, 1995: 440-442).

a vítima do vampiro que é desnaturadamente dividida entre Drácula e o homem mortal que ela ama; Dr. Van Helsing, o caçador de vampiros erudito e implacável e Reinfield, um desequilibrado mental que se vê compelido a servir Drácula.

*Stoker também criou um conjunto de características vampíricas para os objetivos do trabalho, fruto mais da imaginação do que extraído da tradição. Isso inclui a necessidade de o vampiro precisar repousar em um caixão com solo nativo, a necessidade de se transformar num morcego ou em outras formas e a de não se refletir no espelho. O protótipo que Stoker moldou se tornou o padrão com o qual os demais vampiros de ficção são comparados. (MELTON, 1995: XXVII)*

Após o lançamento de *Drácula*, em 1897, poucos romances foram publicados durante mais de meio século, e os que foram não acrescentaram nada aos trabalhos já realizados. Só em 1954 um romance vampírico criou novamente um impacto literário. *I Am Legend*, de Richard Matheson, conta a história de um homem que descobre ser o único ser humano remanescente num mundo de vampiros. Nenhum livro, todavia, jamais ultrapassou a popularidade geral de *Drácula*, que está no prelo continuamente desde que foi publicado.

Mas, foi em 1976, alguns anos depois do final de uma série importante da televisão americana, interligada ao tema, *Dark Shadows*, que apareceu pela primeira vez um novo retrato de vampiro, que ocupava tanto a cadeira do herói trágico como a do antigo vilão. *Entrevista com o Vampiro*, de Anne Rice, publicado em 1976, faz uma aparição altamente introspectiva de um vampiro chamado Louis. A autora pinta um retrato macabro de uma pessoa extremamente erudita e sensível que é atirada, sem saber, no fantasmagórico mundo dos vampiros. Louis é forçado a lidar com sua imortalidade enquanto procura algum sentido de identidade em sua existência de assassino movido a sangue.

Conquanto o *Drácula* de Stoker ainda seja a imagem dominante de vampiro para o grande público, a visão romanceada do vampiro de Rice foi uma avalanche literária para milhões de pessoas, que foram enfeitiçadas por esta nova imagem, e muitos encontraram em Louis uma personagem que caracterizava os desejos mais íntimos dos leitores. Nos anos 1980, Rice retornou aos romances sobre vampiros, desta vez enfocando o vampiro Lestat, o personagem que transformou Louis em um vampiro. Sua série contínua de romances, conhecidas como “Crônicas de Vampiros”, que hoje ultrapassa vinte livros, dentre eles, *A rainha dos condenados*, *A hora das Bruxas 1 e 2*, *Lasher*, *Armand* e *Pandora*, desenvolveu o tema de vampiros sensíveis, bonitos e com tendências artísticas, que sentem êxtase e

intimidade quando bebem sangue e encontram várias maneiras de lidar com seu mundo negro e sua natureza assassina.

Os vampiros de Rice são vampiros que não têm medo de crucifixos, gostam de luz e de andar por entre os humanos, não precisam dormir em caixões (podem se enterrar ou se esconder do sol tal como os morcegos), aparecem no espelho e sentem apenas cócegas quando atingidos por estacas ou água benta. O mundo sempre misterioso do vampiro que Rice criou tem feito dela a autora mais popular depois de Bram Stoker. Apesar das opiniões sobre suas personagens divergirem quanto a gosto pessoais, todos os entrevistados ressaltam, de uma forma ou outra, as considerações acima, como demonstram os depoimentos:

Na minha opinião sincera, independentemente do sexo ou da sexualidade sugerida, TODOS os personagens de Anne Rice são mulheres, muito diferentes sim, algumas fantasticamente trabalhadas como Armand que é uma mistura de Mina Harker talvez com a própria Anne Rice... (H.K, 32 anos)

Considero as obras de Anne Rice muito interessantes, principalmente no aspecto psicológico, as personagens por ela criadas. Em especial o vampiro Lestat. (F.S., 36 anos)

Conheço a Hora das Bruxas I e II, Lasher, Taltos, Entrevista com o Vampiro, O Vampiro Lestat, A Rainha dos Condenados e o Vampiro Vittorio. O envolvimento emocional que ela dá aos personagens das crônicas vampírescas deixa muito aparente as relações sexuais e eróticas, não?? Ela trabalha também desejos, anseios, medos... uma leitura ótima. (I.J, 28 anos)

As personagens românticas das obras góticas retratam, em especial as da 2ª fase, um movimento iniciado pelo romantismo de Robson Crusoe, Dom Quixote, Fausto e Don Juan, estudados por Watt (1997). Considerando que a visão de histórias míticas são, de certa maneira, simbólicas, Watt sugere que estas tendem a adquirir significados mais duradouros e mais permanentes do que denotam as suas representações cultas; mas, esses significados, não estariam acima e além da razão. A definição de mito, utilizada por Watt, em seu estudo sobre os mitos românticos, abriu, assim, o precedente para que se pudesse,

nesta dissertação, compreender a ligação entre a estética e a literatura no universo gótico atual:

*Uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade. (WATT, 1997: 16)*

Como se verá ao longo deste capítulo, bem como já foi possível vislumbrar em toda esta dissertação, vários aspectos das obras de Anne Rice e de outras obras góticas como filmes de vampiros, por exemplo, são percebidos nas atitudes dos góticos da cidade de São Paulo. Porém, ao observar, em minha pesquisas de campo, o aspecto do individualismo dos góticos de São Paulo, lembrei-me da figura de uma personagem mais antiga que Lestat: Fausto, do escritor alemão Goethe. Por sua tamanha importância no universo simbólico gótico, falarei, antes de prosseguir com os vampiros de Anne Rice, um pouco sobre suas principais características.

### **III - Fausto**

Fausto é uma obra clássica que se passa na Alemanha do século XVI. Contrapondo a história da magia (já que há indícios históricos de que o verdadeiro Fausto era um mago) à contra-reforma dos protestantes, a obra conta a história de um homem cujo grande conhecimento e curiosidade, sempre insatisfeita com sua ânsia de conhecer mais, o levará à ruína. Possuindo um caráter que Watt (1997) considera “altamente didático para o protestantismo” da época, Fausto, tanto na versão de Goethe, quanto do dramaturgo Marlowe, reflete a união da antiga e da nova tradição da época.

*A primeira é representada por aquilo que o levou a ser chamado de mago; os usos verbais de uma sociedade ainda largamente pré-científica toleravam, habitualmente, uma hoje possível largueza de significados para a palavra mago, uma amplitude que abarca da ordem a demônios para que deixassem o inferno, à manipulação de coelhos que deveriam ser extraídos de um chapéu. Mas o Fausto era também a encarnação das forças novas que impulsionavam a mudança – por exemplo, a ressurreição dos conhecimentos clássicos pelo humanismo renascentista, paralelamente à sua busca de uma ciência mágica –, e por isso conduzia em si mesmo alguns dos interesses da Reforma em relação aos estudos bíblicos e ao alargamento do âmbito universitário. (WATT, 1997: 26)*



Watt (1997: 40) explica que a popularização da obra Fausto deu-se por questões sociais emergentes no século XVI. A mais importante, no entanto, é o peso empreendido pelos luteranos à caça ao Diabo que condenava assim, a prática da magia, os prazeres da carne, à experiência estética, o individualismo, o conhecimento secular – “em suma, em relação a maioria das aspirações otimistas do Renascimento”. “Ele (Fausto) foi condenado por ser um produto do individualismo moderno; ele auto se condenou à pena eterna na medida em que escapou do inferno das suas aspirações irrealizadas, daquilo e só daquilo que podia encontrar no seu aqui e no seu agora” (WATT, 1997: 52).

Servindo como um manual de alertas aos interesses modernos da humanidade, Fausto demonstra, a seu público, que a ambição desmedida pode representar um pacto de sangue com Mefistófeles, o ardiloso diabo que na etimologia grega significa “inimigo da luz”. Ardiloso, pois, ao longo da história, demonstra a Fausto que o resultado do sofrimento de sua vida é consequência de seus próprios atos e, que a única forma de salvar-se é através do sacrifício. Sacrifício, martírio, danação eterna são, assim, aspectos simbólicos e religiosos que serão perseguidos, de uma forma ou outra, na modernidade de nossa atual época, aspectos que a obra Fausto bem descreve e parecem constituir parte da busca do erotismo sagrado dos góticos na cidade de São Paulo, como apontado no 2º Capítulo desta dissertação.

### ILUSTRAÇÃO 25



Mefistófeles – Ilustração de Eugène Delacroix (França/ 1798-1863)



Mefistófeles aparece diante de Fausto - Eugène Delacroix (França/ 1798-1863)

A insistência na responsabilidade individual pela própria vida e a própria salvação, explica Watt (1997: 38), “aumentou em larga medida a tendência geral do cristianismo para basear a vida religiosa na aventura de cada alma individual; o que, levando-se em conta a fraqueza comum aos seres humanos, conduz a um poderoso reforço da tese da recompensa adiada: é necessário fazer com que as pessoas acreditem que o prazer neste mundo resultará em sofrimento no outro”.

Assim posto, a figura divina assume, para o gótico, em toda extensão literária, uma imagem cruel e vingativa, que pune o homem pela própria característica de representar um ser de desejo e de livre-arbítrio. A esta conclusão, chegam Fausto (ao concluir pela impossibilidade da salvação, fazendo-o crer que a imortalidade é um fardo injusto que Deus colocou nas costas do homem), Drácula (ao constatar que ao revoltar-se com Deus por ter negado receber a alma de sua amada – que se suicidou por receber erroneamente o aviso de sua morte – tornou-se imortal e sedento de sangue), e outras tantas personagens dos romances góticos, inclusive Lestat que, ao visitar o céu e o inferno, descobre que há um sutil jogo entre Deus e o Diabo para que o mundo mantenha-se aparentemente caótico, propiciando ao humano todas as oportunidades para que caia no erro e na tentação.

Todas essas personagens, inclusive Fausto, ao constatar a exclusividade humana ao sofrimento eterno, faz com que estes desejem estar desprovidos da razão que os liga à Deus. Porém, frente ao sofrimento que acreditam ser injusto à sua condição humana, clamam ou buscam pela salvação Divina, sem poder, contudo, obtê-la, já que nunca há limites para o desejo humano, a exemplo de Fausto, “que foi punido por querer tudo – o mesmo que o restante da humanidade quer” (WATT, 1997: 56).

O final da história de Fausto reflete o sofrimento eterno. Fausto ganha a companhia do “inimigo da luz” nas aspirações de suas idéias e sentimentos, e com isso uma tristeza e uma melancolia que faz, do lugar onde se encontra, o verdadeiro inferno, causado, sobretudo, pelos atos e desejos individualistas, não transcendentais e hereges.

Fausto e os góticos da cidade de São Paulo assemelham-se nesses aspectos. Declarando estarem presos a um sofrimento eterno – sofrimento, este, representado pela estética mortuária que protagoniza – o gótico de São Paulo, a exemplo do que afirma Brook (In: WATT, 1997: 59), chega à conclusão de que manter-se individualista é, ao mesmo

tempo, sua glória e sua perdição. “Queremos ser respeitados pelo que somos”, dizem os góticos de São Paulo, ao mesmo passo que não cansam de afirmar que “é divertido pensar que a maioria das pessoas tem medo de nós” (T.Y, 26 anos).

## 3.2 Lestat de Lioncourt

Lestat de Lioncourt é o personagem principal da série “Crônicas Vampirescas”, de Anne Rice. A série, que conta com cinco livros – “Entrevista com o Vampiro”, “O Vampiro Lestat”, “A Rainha dos Condenados”, “A História do Ladrão de Corpos” e “Memnoch” –, sucedidos pelas “Novas Crônicas Vampirescas”, retrata o nascimento e a “morte” de Lestat, um vampiro que é o exemplo do homem individualista da modernidade, característica, esta, que parece compartilhar com os góticos paulistanos.

*Lestat é a superfície pura, a caricatura de si. Um ego gigantesco oprimido na realidade e que, no plano da própria fantasia torna-se avassalador. Ele é a mentira de si para si, só ele e quem quer bajulá-lo “acreditam” nele. Ele é cético pois é cego; não consegue enxergar nada além da própria mesquinharia, por isso não acredita em nada além do que pode tocar. Todos somos um pouco Lestat, isso na minha opinião não é premissa dos “góticos”, porque todos somos um pouco arrogante, orgulhosos, prepotentes, auto-piedosos e auto-indulgentes, os góticos só enxergam um pouco mais em algumas dessas coisas. Nesse ponto, talvez sim, o gótico e Lestat se afinam... é tudo representação, no final das contas. (R.R, 25 anos)*

A história de Lestat inicia-se na França do século XVIII, às vésperas da Revolução Francesa. Descendente de uma família de nobres marqueses franceses, Lestat sempre fora considerado a ovelha-negra da família, uma vez que não se habituava às expressões rudes e frias de seus familiares.

Lestat, ao contrário dos seus, amava tudo que fora relacionado à arte, à música e à beleza. herdara este sentimento de sua mãe, Gabrielle, que, numa família constituída basicamente por sete filhos, netos, genros e noras, era a única detentora de saber e que lia e escrevia, além do francês, o italiano.

Após muitas tentativas frustradas de fugir de casa, Lestat, ao completar vinte e um anos, em companhia de seu intelectual e fiel amigo Nicolas, consegue ir a Paris com a ajuda da mãe.

Envoltos em sonhos e fantasias, os dois rapazes começam uma aventura na Cidade Luz. Dentro do campo das artes, acabam se empregando numa trupe que realizava espetáculos num velho e simples teatro.

Durante alguns anos, esta foi à rotina de Lestat, até que um dia, após uma apresentação, ele não se sente à vontade, ao contrário de todas as outras noites. Sentia-se extremamente incomodado com olhares estranhos, em especial de alguns vindos de um canto específico da platéia.

*Mas, no mês de Outubro, quando Paris já estava congelando, comecei a ver, com bastante regularidade, um estranho rosto na platéia que invariavelmente me distraía. Às vezes, quase me fazia esquecer o que eu estava fazendo, aquele rosto. E depois desaparecia como se houvesse sido minha imaginação. Devo tê-lo visto, de quando em quando, durante uma quinzena antes de enfim mencioná-lo a Nicki. (RICE, 1999a)*

Foi depois dessa estranha noite, onde os olhares o incomodavam, que Lestat resolveu contar a Nicolas sobre o rosto misterioso. Contou, também, que fora o dono daquele rosto, Magnus, que fizera sua vida mortal deixar de existir, transformando-o em vampiro.

Sem ter tido opção de escolha, Lestat foi transformado por Magnus em uma noite. Sem saber o porquê e como isso estava acontecendo com ele, Magnus o informou que seu temperamento, beleza, inteligência e destreza física haviam sido fatores de fundamental importância para que ele o tivesse escolhido, mas não a principal delas. A principal, segundo Magnus, era a extrema curiosidade e interesse que Lestat tinha pelas coisas obscuras e misteriosas da vida, o levando sempre a uma grande proximidade, arriscada e perigosa, da fronteira entre a vida e a morte.

Passando a Lestat uma grande fortuna material, que o manteria num estado de vida confortável por toda a eternidade e, transmitindo lições básicas de sobrevivência para um vampiro – entre elas, a necessidade de dormir num caixão, de não tentar se expor ao sol e

de ter de se alimentar de sangue – Magnus se atira a uma pira e pede a Lestat que espalhe suas cinzas para que este não pudesse retornar ao seu estado físico.

Desta maneira, sozinho e com poderes do qual não conhecia e compreendia, Lestat aprendeu a dominar seu corpo, sua mente e a ser um vampiro dentro de uma sociedade à beira de uma revolução.

E, para Lestat, apesar das circunstâncias impróprias, isso não foi tão complicado. Com seu espírito jovem e aventureiro, Lestat deixou-se envolver pelo encanto e pela magia que seus novos olhos de vampiros começaram a lhe proporcionar. Criou um estilo próprio e único de viver. Corria pela noite e saltava sobre muros e casas. Aprendia a controlar os animais pela força do pensamento e a de caminhar pelos homens sem chamar a atenção por sua pele branca e suas unhas com aparências de vidro.

Aprendeu que era muito mais fácil, agradável e, apaixonante, atacar suas vítimas através da sedução. E sedução, esta, que conforme o próprio Lestat afirmava, poderia ser pelo amor ou pelo ódio. Isso, na verdade, nunca o importou muito. A única coisa que realmente o fazia parar e pensar era saber se Nick, sua mãe e a trupe, que sustentou, anonimamente, durante longos anos, estavam em condições satisfatórias e confortáveis de vida.

Lestat é um vampiro odiado pelos outros vampiros. É, segundo “Os Filhos das Trevas”, um grupo antiquado de vampiros que prefere manter o anonimato de suas condições a viver na cidade, um profanador. Lestat não segue regras e, muito menos, ordens. Prefere criar suas próprias leis a ter que obedecer outros que se dizem superiores a ele. Lestat não é supersticioso e nem teme a Deus, fato que ele atribui a sua criação. Igrejas, crucifixos, água benta... nada o afeta ou o assusta, o que, para os demais vampiros, representa uma profanação.

Lestat não se considera um demônio, mas sim, um ser amaldiçoado por Deus. E, um de seus maiores crimes para a comunidade vampírica de Paris foi o de que com menos de três meses de idade (o que para um vampiro não significa absolutamente nada), ter transformado outro ser humano em vampiro. Se não bastasse esse fato, Lestat não transformou qualquer pessoa. Escolheu, para este ato, sua própria mãe.

Aparentemente, este fato não tem nada de especial, exceto que, segundo as leis e práticas dos vampiros, um vampiro, para transformar um ser humano em mais um de sua

espécie, precisa estar por ele apaixonado, o que geralmente só ocorre quando há, no humano, alguma coisa muito própria de sua personalidade. É desta forma que um vampiro escolhe alguém para tornar-se seu companheiro, confidente e amante.

Lestat foi condenado pelo ato de transformar sua própria mãe em vampiro porque, por detrás de qualquer filiação, existiam estas reais intenções e, ao deparar-se com os vampiros mais tradicionais e antigos, que acreditam nos dogmas e morais da igreja a ponto de se sentirem excluídos por Deus, Lestat acabou sendo condenado por imoralidade.

*Alguns dos vampiros ficaram nos encarando; outros, começaram a falar todos ao mesmo tempo. De vez em quando, olhavam de soslaio para o líder e para a velha rainha. Mas o líder não dizia nada. O rapaz gritou pedindo ordem: - Para ele não bastou profanar lugares sagrados – ele disse – não bastou andar por aí como um homem mortal. Nesta mesma noite, no subúrbio de uma aldeia, ele aterrorizou a congregação de toda uma igreja. Paris inteira está falando desse horror, dos espíritos necrófilos que saíram dos túmulos de baixo do próprio altar, ele e esta vampira fêmea a quem ele concedeu o Dom das Trevas sem consentimento ou ritual, da mesma maneira como ele foi feito. (RICE, 1999a: 190)*

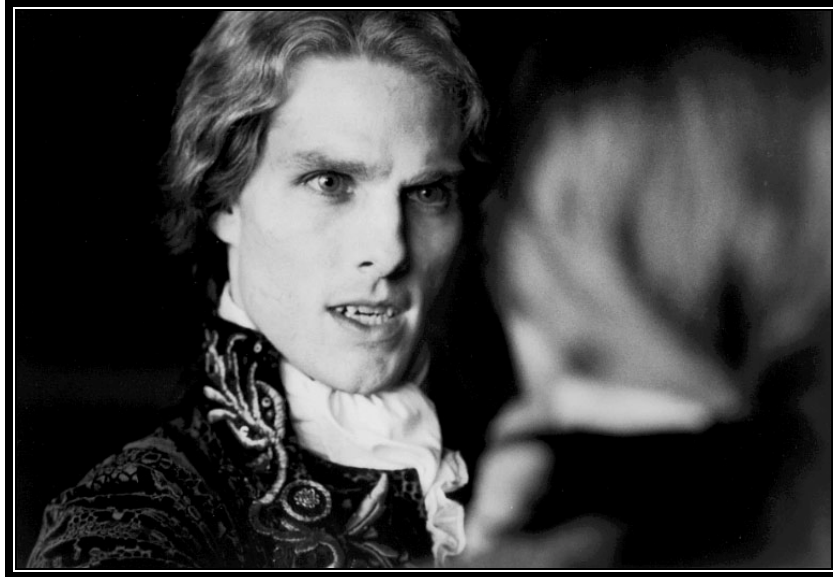
Com Gabrielle (sua mãe), e posteriormente Nick, Lestat percorreu o mundo atrás de cultura, beleza e de encontrar um sentido para sua imortalidade. Por pouco tempo Lestat teve a companhia de seus amados. Ambos o traíram e o deixaram. Motivos que, segundo Lestat, nem ele mesmo sabe dizer o porquê. Incompatibilidade de gênios e interesses? Falta da cumplicidade e de entendimento? Na verdade, o grande culpado foi o tédio. Tédio entre as relações e entre a vida. A rotina, segundo Lestat, é o que acaba com a vida de um vampiro, ainda mais porque se tem a eternidade para vivê-la. O tempo não passa, o tempo é o inimigo. Portanto, é preferível manter os que se ama longe, pois o amor é assim preservado; mesmo que a pessoa amada morra, o amor permanece com a lembrança, o que é considerado melhor do que uma convivência eterna sem amor e paixão.

Após um período de isolamento e de aprendizado junto a Armand e Marius, Lestat partiu para a América, onde conheceu Louis e Cláudia. Viveu durante aproximadamente sessenta anos em suas companhias e, graças ao seu temperamento impulsivo e dominador, fora novamente traído e abandonado.

Lestat se enclausurou nas profundezas da terra em 1929, por tédio e solidão. Reapareceu para o mundo em 1980, e é somente após esta data que sua autobiografia “passa a ser contada”. Nos livros de Rice isso acontece após o grande sucesso de público

que “Entrevista com o Vampiro”, cujo narrador é o vampiro Louis, alcançou em todo o mundo.

**ILUSTRAÇÃO 26 – LESTAT (TOM CRUISE, EM “ENTREVISTA COM O VAMPIRO”)**



Lestat, nos anos 1990, tornou-se um grande astro de rock americano. Influenciando jovens de todo o mundo através de suas músicas que falam do que é ser um vampiro e se sentir como um vampiro. Lestat criou um estilo nas metrópoles mundiais que nem ele, ao certo, tinha se dado conta, um estilo que acabou sendo conhecido como dark (ou gótico). Foi Louis quem o alertou para o fato, contando-lhe antes do grande show de estréia da banda de Lestat, “Noite de Satã”.

Louis atribui o sucesso das casas noturnas e dos estilos dos vampiros modernos ao livro “Entrevista com o Vampiro” que ele próprio havia escrito com a ajuda de um jornalista e, também pelo fato de Lestat ter divulgado, em sua música, através de clipes na MTV, os poderes do mundo das Trevas.

**1ª Música de Lestat, enquanto ídolo do rock norte-americano. (RICE, 2000a: 26)**

Em meus sonhos ainda a possuo,  
Anjo, amada, mãe,  
E em meus sonhos beijo-lhe os lábios,  
Amante, musa, filha.  
Ela deu-me a vida,  
Eu dei-lhe a morte,  
Minha linda marquesa.  
E os caminhos do inferno percorremos,  
Dois órfãos juntos então.  
Será que ela esta noite ouve meus cânticos  
De Reis e rainhas, e Antigos Mistérios?

De juras quebras, de dores?  
Ou percorre veredas distantes  
Onde as rimas e as canções não a encontram?  
Volta para mim, minha Gabrielle,  
Minha linda Marquesa.  
O castelo está em ruínas na colina,  
A aldeia perdida sob a neve,  
Mas tu és minha para sempre.

**2ª Música de Lestat, enquanto ídolo do rock norte-americano. (RICE, 2000a: 31-100)**

Akasha! Enkil!  
Guardem seus segredos,  
Guardem seu silêncio,  
É um dom melhor que a verdade.  
Matem-nos, meus irmãos e irmãs,  
A guerra começou.  
Entendam o que vêem,  
Quando me virem.  
De Aqueles Que Devem Ser Preservados  
Que podemos saber?  
Alguma explicação poderá nos salvar?  
Akasha, Enkil,  
Escutem seus filhos!  
Akasha e Enkil,  
Somos seus filhos,  
Mas que é que vocês nos dão?

Seu silêncio  
É um presente melhor que a verdade?  
Mãe e Pai,  
Mantenham seu silêncio,  
Guardem seus segredos,  
Mas aqueles de vocês eu tem língua,  
Cantem minha canção.  
Filhos e Filhas  
Da escuridão,  
Ergam suas vozes,  
Façam um coro.  
Que o céu nos ouça!  
Juntem-se,  
Irmãos e irmãs,  
Juntem-se a mim!

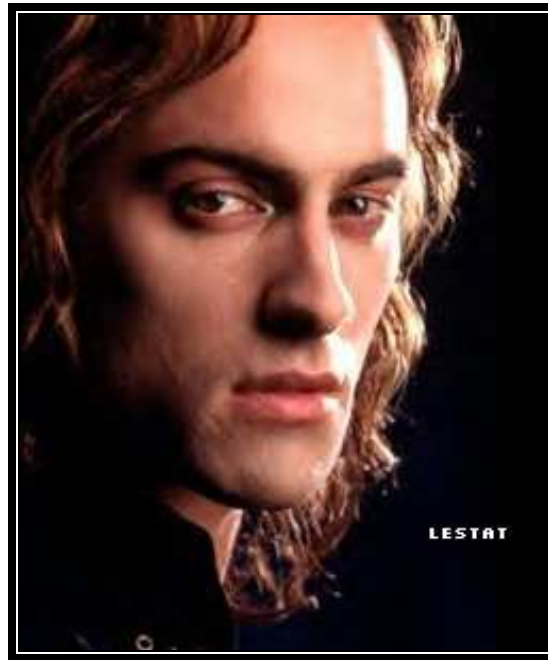
Assim, sempre de uma forma muito misteriosa e encantadora, Lestat vive em nossa época atual, principalmente nos Estados Unidos, mas não deixa de visitar os demais países, sobretudo as grandes metrópoles. Já estive no Brasil também, atrás de um feiticeiro que lhe ajudasse a recuperar seu corpo imortal que fora roubado por um ladrão de corpos, passagem esta que o fez frequentar alguns terreiros no Rio de Janeiro.

A última notícia que o grande público teve de Lestat, segundo as obras de Rice, é a da noite do grande show de sua banda em 1984. Alguns cantores, tais como o vocalista da



banda Lestat, dizem conhecê-lo pessoalmente e, em alguns bares noturnos, escuta-se falar em sua presença.<sup>39</sup>

**ILUSTRAÇÃO 27 – LESTAT (STUART TOWNSEND, EM “A RAINHA DOS  
CONDENADOS”)**



Lestat retorna a cena no ano de 1990. Embarcando para uma longa viagem ao lado do amigo David Talbot, Lestat recebe a visita de um humano que o persuade a trocar de corpo, por um dia, com ele. Durante um único dia, Lestat poderia voltar a ser humano, sentir e gozar os prazeres e as dores que ele não mais conhecia desde o século XVIII. Encantado com a idéia, Lestat aceita a troca, porém é ludibriado, pois o humano, possuindo seu corpo imortal, foge, deixando-o desesperado pela ausência de tais poderes.

Lestat começa, assim, uma aventura em todo o mundo, ao lado do amigo estudioso de ciências ocultas, para recuperar seu corpo. Ao longo desta aventura, acaba se

---

<sup>39</sup> Para além da ficção, há pessoas que também afirmam que conhecem Lestat, como é o caso de três entrevistados que tive ao longo da pesquisa (um deles, inclusive, montou uma árvore genealógica da qual justifica que seu dom vampírico advém do fato de ser descendente indireto de Conde Drácula). Melton (1995: 551) também relata semelhante experiência: “Toney Lestat, do Wreckage, alega já ter conhecido o verdadeiro vampiro Lestat de Lioncourt, o personagem destacado nos romances de vampiro de Anne Rice”.

apaixonando por uma freira de nome Gretchen, e ela por ele. Para Lestat, esse foi realmente o seu primeiro e único amor, que se tornaria, mais tarde, sua musa e inspiração.<sup>40</sup>

Lestat consegue recuperar seu corpo, transforma o amigo David Talbot em vampiro e parte para sua última grande aventura, quando é chamado por Memnoch, o próprio Diabo. Memnoch o leva para conhecer a verdadeira história de Jesus Cristo, do bem e do mal, e lhe dá a opção de escolher seu destino, já que, na opção de Memnoch, Lestat se transformaria em príncipe das trevas, e seu auxiliar direto nas ações no Inferno.

Lestat, após este encontro, adormece novamente em um sono profundo, do qual só acordará mediante a ocorrência de algum outro fato, o que ainda não foi relatado em nenhum livro.

Como se pode observar na história de Lestat, bem como no capítulo anterior, as obras de Anne Rice são obras que fazem referências a uma série de fatores ligados a problemática humana, o que faz com que suas obras sempre se referenciem aos campos da filosofia, teologia e psicanálise, Complexo de Édipo, luta entre bem e mal, a condição humana na modernidade: todos estes são temas que surgem nas obras de Anne Rice e sua personagem central, Lestat, acaba por vivenciá-los, superando-os a seu modo.

No universo gótico, as temáticas trabalhadas por Anne Rice também são importantes. Numa entrevista com a equipe de Rice, foi-me relatado que a primeira obra “Entrevista com o Vampiro”, surgiu após a morte do primogênito de Rice, aos oito anos, por leucemia. Rice, a partir de então, aproveitando o movimento gótico que surgia com grande força na cidade onde sempre morou, Nova Orleans, afinou-se com o grupo e começou a escrever sobre eles e para eles.

*Hoje, não sabemos mais se em Nova Orleans foi o gótico que influenciou Rice ou foi Rice que influenciou o gótico. O fato é que ela se tornou referência no mundo inteiro pelo movimento. (assessoria de imprensa de Anne Rice)*

---

<sup>40</sup> Talvez seja importante ressaltar que a obra “A História do Ladrão de Corpos” faz uma referência muito direta a obra “Fausto”, de Goethe. Lestat vive, a seu modo, a mesma experiência que Fausto, e acaba também sendo ludibriado por uma espécie de Mefistófeles. Outra referência direta é a personagem Gretchen, que é mais velha que Lestat, e possui uma sólida formação moral por detrás de suas ações, o que faz com que ela seja afastada de Lestat, considerado como símbolos do “mal”. O mesmo aconteceu também a Goethe, só que, agora, em sua vida real e não mais com seu personagem Fausto. Gretchen foi o primeiro amor do escritor, possuindo as mesmas características que a personagem de Anne Rice.

Portanto, não se é de estranhar que haja um paralelo tão tênue entre os góticos e as obras de Anne Rice. Abaixo, exponho, num quadro esquemático, as cinco principais obras de Rice e as principais temáticas que cada uma delas apresenta.

As obras foram expostas, no quadro, de uma maneira cronológica, conforme a vida de Lestat é contada para os leitores. Com base nisso, farei um exercício teórico na tentativa de unir a história de Lestat com algumas das informações que obtive ao longo do trabalho de campo, demonstrando alguns aspectos em comum, entre as obras de Rice e os góticos da cidade de São Paulo. Poderá se perceber, então, que este paralelo acentua, ainda mais, a escolha desta obras como referencial simbólico para os mesmos.

**TABELA 01**

<b>Obra</b>	<b>Sinopse</b>	<b>Temas Centrais</b>
O Vampiro Lestat (1999a)	Narra à história de como um jovem aristocrata francês do século XVIII, Lestat, transformou-se em um vampiro, suas trajetórias, descobertas e paixões.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- a magia e o encanto da noite (também o perigo)</li> <li>- o amor</li> <li>- a des-construção do mito do vampiro tradicional (a exemplo dos vampiros de Bram Stoker)</li> <li>- a solidão</li> <li>- a angústia de ser imortal</li> </ul>
Entrevista com o Vampiro (1992)	Relata a história de um jovem que foi transformado em vampiro, mostrando suas dores, seu estilo de vida e sua condição de ser um “estranho” entre pessoas que aparentemente assemelham-se a ele.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- relacionamento amoroso (amizade, paixões proibidas)</li> <li>- androgenia</li> <li>- sofrimento de ser uma pessoa diferente entre aparentes “iguais”</li> <li>- a necessidade de usar “máscaras” para ser aceito</li> <li>- a busca pelos “iguais”</li> <li>- a importância de um grupo e da amizade para a sobrevivência na sociedade.</li> </ul>

A Rainha dos Condenados (2000a)	Narra duas histórias de Lestat: 1) como ídolo do rock nos EUA e, 2) sua aventura para “salvar” a humanidade da mãe de todos os vampiros, Akasha, a Rainha dos Condenados.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- relações de gênero</li> <li>- questões de poder (entre gênero, econômico e de conhecimento)</li> <li>- a música (o rock)</li> <li>- a sedução (erotismo do corpo e das relações).</li> </ul>
A História do Ladrão de Corpos (1993)	Relata a história de Lestat ao deparar-se com um feiticeiro que é capaz de trocar os corpos de pessoas. Tendo seu corpo “roubado” após um acordo para voltar a sentir as emoções humanas, Lestat inicia a aventura de lembrar o que é ser humano, enquanto procura seu corpo novamente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- as angústias, dores e prazeres de ser um humano.</li> <li>- o amor</li> <li>- as angústias, dores e prazeres de ser um vampiro.</li> <li>- a condição moderna do ser humano</li> <li>- solidão</li> <li>- individualismo humano</li> </ul>
Memnoch (1997b)	É o último dos cinco livros principais de “Crônicas Vampirescas”. Depois de voltar a ser vampiro, Lestat é obrigado a encarar e conviver com o próprio demônio. Sendo raptado pelo Diabo (Memnoch), que intenciona transformá-lo em seu sucessor, Lestat é levado para conhecer o céu e o inferno e, assim, conhecer melhor sobre sua própria existência, a de Deus e da humanidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- religiosidade</li> <li>- Deus x Diabo</li> <li>- Sacrifício</li> <li>- Salvação</li> <li>- relação humana com o transcendente.</li> </ul>

### 3.3 – As histórias de Anne Rice e os Góticos em São Paulo

Se a história de Lestat inicia-se na França do século XVIII, às vésperas da Revolução Francesa, e este é apresentado como descendente de uma família de nobres marqueses franceses, sempre sendo considerado a ovelha-negra da família, uma vez que não se habituava às expressões rudes e frias de seus familiares, com os góticos da cidade de São Paulo também não é diferente.

O gótico, enquanto movimento no Brasil, teve seu início no final da década de 1970, uma época em que muitos lutavam por igualdades de direitos políticos e sociais, portanto, algo que, de maneira metafórica, faz um paralelo com a Revolução Francesa, ainda mais porque, nesta, havia uma certa preocupação com relação à desigualdade social, tal como no Brasil atual.

Da mesma forma que Lestat, a grande maioria dos góticos são oriundos de famílias da camada média da sociedade, filhos de profissionais liberais, entre eles executivos, empresários e professores universitários. Portanto, grande parte destes estudam e se relacionam com pessoas em que a aquisição de cultura é sempre muito valorizada.

O diferencial dos góticos para com os demais jovens que frequentam os mesmos ambientes escolares e sociais está, a exemplo de Lestat, na verdadeira paixão que têm por tudo àquilo que está relacionado à arte, à música e à beleza, além de um exacerbado individualismo ou atitude de reserva para com os demais jovens com os quais convivem.

Estudam música, literatura, arte. Falam, geralmente, mais um ou dois idiomas; viajam para conhecer o mundo inteiro e mantêm amizades em todos os cantos do mundo, mantidas posteriormente pela internet. Assim, os góticos também se assemelham à personagem de Lestat, pois suas companhias de viagens, quando não são feitas individualmente, acabam por ser de amigos que compartilham, com ele, o gosto da descoberta e da aventura.

*A arte é uma necessidade humana; a permanência só se dá através da arte, seja num quadro de Jackson Pollock, seja na engenharia de um microship dentro da sonda Spirit. A arte expande o ser humano e o leva para muito além de suas limitações sensoriais e biológicas. A arte é o elemento que transcende. (R.J.L, 40 anos)*

## I - O Teatro e a Máscara

O gosto de Lestat pelo teatro e pelas artes é compartilhado pelos góticos. Numa pesquisa anterior a esta dissertação<sup>41</sup>, demonstrei esta relação quando abordei um grupo específico dentro da tribo urbana dos góticos, jogadores de “RPG”. Estes, conforme demonstrado na época, mantinham seus relacionamentos através do teatro e do jogo, misturando ficção e realidade. Hoje, após a pesquisa feita para esta dissertação, pude perceber que este fato não ocorre apenas com os góticos que jogam RPG, mas com todos eles, de uma forma geral.

Se for certo que durante todos os momentos de nossas vidas estamos representando papéis, ora sendo filhos, ora pais, alunos ou amigos, como sustentam as teorias de Jung (1999a) e Huizinga (2000) é certo que durante nosso dia a dia, as possibilidades de sermos, no mínimo, dez personagens diferentes, em palcos diversos ou no mesmo, são tão variáveis quanto nos for oferecido ou permitido.

Em uma tribo urbana, seja ela qual for, a representação de si, através dos outros, é algo que tem sido avaliado por aqueles que estão do lado de fora. O olhar através dos espelhos é um hábito comum e quase involuntário nos seres humanos, porque, através deles, podemos não nos sentir parte de uma “minorias”, mas, certamente, dar sentido ao nosso próprio estilo de ser e de viver, fazendo usos de símbolos e imagens em comum, que traduzam e imprimam significado à uma série de ideologias e vivências estéticas, como já foi demonstrado no 1º Capítulo desta dissertação.

O que não se mencionou ainda, porém, é que o gótico de São Paulo traduz, assim, dois aspectos de violência simbólica para com a sociedade, em especial pela forma como faz uso de símbolos e imagens que traduzem e imprimem significado às suas ideologias e vivências estéticas. A primeira forma de violência simbólica faz do próprio jovem gótico o portador desta violência, ao passo de que representa o obscuro, o medo, o sinistro, ou mesmo os perigos da noite, para muitos dos cidadãos de São Paulo. A segunda forma, faz do jovem gótico o receptor desta violência, uma vez que carrega, em sua alma, em sua estética e também em sua ideologia, a certeza de estar num mundo que não o compreende e

---

<sup>41</sup> Faço menção a minha pesquisa de Iniciação Científica, orientada pelo Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur, “A Função Estruturadora do jogo de ‘RPG’ na Tribo Urbana dos Góticos na cidade de São Paulo”.

o pune por ser diferente, uma punição que reflete a teoria de Michel Foucault, em “Vigiar e Punir” e que é representada pela coletividade do movimento gótico em São Paulo, como se verá a seguir.

Michel Foucault, pensador e epistemólogo francês (1926-1984), desenvolveu ao longo de sua fértil vida intelectual, iniciada nos anos 1960, uma tese central de que só pode haver ciência humana, a antropologia entre elas, a partir do momento em que as ciências experimentais, tal qual a biologia no século XIX e das filosofias modernas, a partir de Kant, possibilitaram julgar o homem como simultaneamente objeto e sujeito do conhecimento.

A partir principalmente de “Vigiar e Punir”, Foucault deixou de examinar o saber, em suas palavras, arqueologicamente, pela soma das aquisições dos saberes ao longo do tempo, para uma genealogia do poder, explicando o aparecimento dos saberes como peças de relações de poderes.

De concreto, pode-se estudar, através de Foucault, que as análises genealógicas do poder imprimiram um deslocamento importante na análise do poder político, que deixou, em suas palavras, de ser essencialmente descendente, do Estado aos indivíduos, à sociedade, para ser ascendente com o reconhecimento de que existe uma irradiação de saberes partindo dos microorganismos sociais para as esferas mais elevadas da dominação. Esfera de poder, esta, que pode-se vislumbrar com grupos juvenis que transitam pela cidade, tal como os góticos em São Paulo. Como bem demonstramos no Capítulo 2 desta dissertação, o fato dos góticos transitarem pela cidade já os coloca, por si só, em um local de ocupação política, nos termos de Margullis (1997), pois afeta o cotidiano e a organização social daqueles que vivem na cidade.

Em outras palavras, o que Foucault demonstra é que se deixou de privilegiar a coletânea maciça de saberes, ordenados cronologicamente, para assumir-se a importância da interdisciplinaridade dos saberes, das suas interações. É a mecânica do poder que se expande por toda a sociedade.

O que o autor chama de microfísica do poder (1979), é a tentativa de traduzir a idéia de deslocamento em dois pontos: espaço e nível, atingindo a realidade cotidiana do indivíduo através de seu corpo, gestos, atitudes e comportamento. Em “Vigiar e Punir”, Foucault faz uma análise muito clara que não pretendia minimizar o Poder do Estado, mas de reconhecer a inegável rede de poderes da sociedade como um todo.

Nesse ponto, já no início de “Vigiar e Punir” (1987: 12), Foucault destaca:

*No entanto um fato é certo, em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supriciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo da repressão penal.(...) A punição vai se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias conseqüências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída a sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime, e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens. Por essa razão, a justiça não mais assume publicamente a parte de violência que está ligada ao seu exercício. O fato de ela matar ou ferir não é mais a glorificação de sua força, mas um elemento intrínseco a ela, que ela é obrigada a tolerar e muito lhe custa ter que se impor.*

O crime passa a ser desencorajado pela certeza da punição e pela desproporção entre o eventual benefício do ato criminoso e a severidade da pena.

*Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então, se exerce? As respostas dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não se encerrou, é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, à vontade, as disposições. Mably formulou o princípio decisivo: ‘que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma que o corpo’ (MABLY, p. 326, In: FOUCAULT, 1979).*

Em “Vigiar e Punir”, Foucault aborda com grande propriedade a “Sociedade Disciplinar”, implantada a contar dos séculos XVII e XVIII, que consiste, fundamentalmente, num sistema de controle social através da interação de uma série de técnicas de vigilância e controle que se irradiam pelas sociedades a partir de uma cadeira hierárquica, partindo do poder central e se multiplicando numa rede de poderes interligados e vascularizados.

O poder é exercido de forma celular. No dizer de Foucault “toda forma de saber possui poder” e cria resistências. São princípios: dividir, classificar, conhecer cada célula social para exercitar o poder, para governar. Trata-se da “microfísica do poder”. A Tecnologia das Disciplinas acabou por se implantar em técnicas que visavam adestrar, cada vez mais os corpos tornando-os do ponto de vista econômico, bastante produtivos e dóceis.

O “Poder das Sociedades Disciplinares”, conforme lembra Foucault, baseou-se no poder do Panóptico de Jeremy Bentham (1748 – 1832), filósofo utilitarista inglês que



imaginou o sistema de prisão com disposição circular das celas individuais, separadas por paredes, com sua parte frontal exposta à observação do alto de uma torre, no centro, de forma que o responsável pela segurança “veria sem ser visto”. Isto permitiria um acompanhamento pormenorizado da conduta do detento, do militar, do aluno, mantendo-os observados num clima de incerteza sobre a presença concreta do observador. Tal incerteza acabaria por se refletir em eficiência no controle dos observados, pois tendo sua privacidade invadida, de modo alternado, incerto, eles próprios se vigiariam.

Este modo de exercer vigilância acabou se espalhando por toda a sociedade, além da estrutura física das instituições, em uma espécie de rede (distribuição capilar do Poder). Com reflexos nas escolas e nas indústrias, nestas com o ganho de produtividade dos empregados ou dos alunos.

Interessante observar que no Panóptico, estão identificados os elementos essenciais de “1984”, obra de George Orwell (1978): “a qualquer momento a Polícia do Pensamento pode entrar e dar voz de prisão”. Qualquer um pode ser delator, desde o colega de escola até o vizinho, passando pelo subalterno. Pode até não haver ninguém observado. O Grande Irmão, de que fala Orwell, é impessoal: uma abstração, uma personificação do Estado e de seu poder.

Foucault detalha de forma teórico-filosófica, muitos anos depois, aquilo que George Orwell em 1948 (1978), fez de forma literária. Mesma coincidência vamos encontrar em Aldous Huxley, e seu “Admirável Mundo Novo” (1969): sempre a mesma vigilância coercitiva da Grande Tela e do Grande Irmão. Ou como diria Zé Ramalho, em “Admirável Gado Novo”: “lá fora faz um tempo confortável, e a vigilância cuida do normal” (PINTO, 2003).

Modernamente (nos dias de hoje) os programas televisivos como “Big Brother”, por exemplo, utilizam o mesmo mecanismo; ao encerrarem em uma casa várias pessoas vigiadas por muitas câmeras que transmitem suas atitudes a milhões de expectadores que depois julgam seus atos premiando alguns e punindo outros. Outro exemplo moderno é o Disque-Denúncia, em que se pode relatar às autoridades fatos delituosos sem se identificar.

Finalmente, vale ressaltar que Foucault em “Vigiar e Punir” começa relatando um esquartejamento, o suplício imposto a um condenado, mostrado com riquezas de detalhes. Na época do relatado, 1757, o suplício é a utilização do corpo e a rotina na prisão é

mostrada pelo autor através do regulamento redigido para a Casa dos Jovens Detentos de Paris, e que ele chama de Mecanismo de Utilização do Tempo Condenado.

A partir daí, os castigos passaram a ser vistos cada vez mais como violência e com escândalo. Códigos modernos passaram a marcar uma nova era na justiça penal e o corpo esquartejado, amputado, desapareceu como espetáculo. A pena, a partir dessa mudança, passa a ser procedimento burocrático, permitindo aos magistrados certa distância, prevalecendo a idéia de corrigir, educar, passando a execução da pena a outros setores da sociedade.

A violência, pois, a que os góticos da cidade se expõe e são expostos está muito mais no campo estético e ideológico do que, efetivamente, nas práticas urbanas. Participando da construção na atualidade do que Canevacci (2005) chama de “culturas extremas”, os góticos participam da dinâmica cultural da cidade de São Paulo alterando os costumes da cidade e sendo por ela também modificados. Observe, por exemplo, o depoimento abaixo:

*A diversidade com a qual vivemos hoje contribui para que houvesse uma maior diferença entre os Neo-Góticos (góticos atuais) e os Tradicionalistas (do final da década de 1970 e 1980). E essa diferença, como muitos acreditam, não é só dentro da questão musical! É também dentro da questão do sentimento, da cultura e do modo como a garotada de hoje encara o goticismo. Muitos góticos são muito mal informados e possuem os conceitos errados a respeito da questão e do sentimento gótico. Apenas alguns, incluindo-se boa parte dos Tradicionalistas, e alguns Neo-Góticos, compreendem a realidade do sentimento gótico e de sua cultura. O real problema de alguns Neo-Góticos é que muitos deles gostam de posar de gótico “trevoso do mal” e “anticristo”, agindo de maneira errada e denegrindo a imagem de todos os góticos diante da sociedade e diante dos demais movimentos undergrounds. E o problema de alguns dos “novos Tradicionalistas”, é que, ou eles são muito fechados em sua própria corriola (neste caso, os Tradicionalistas mais antigos da cena) sem aceitar novatos, ou, (no caso dos mais novatos) ficam posando de garotos tristes e deprimidos propositadamente, afirmando idiotices, visitando e vandalizando cemitérios, e além de tudo acreditando que tal postura corresponde ao real sentimento e postura góticos. Apenas uma pequena parcela dos Góticos possuem a real compreensão da existência dessas diferenças e não se deixam levar por nenhuma delas, já que todas elas são causadas por erros, enganos e falhas do julgamento a respeito da questão da cultura e do sentimento góticos. (I.R, 29 anos)*

Conforme demonstrado no 1º Capítulo, Canevacci (2005), por trabalhar com o conceito de “juventude interminável”, portanto não de uma juventude quantificada na idade, mas de uma juventude presente no estado de espírito, no sentir e ver o mundo como ele se porta nos últimos tempos, ajuda a pensar na relação entre Góticos e Anne Rice. A partir do momento em que os góticos encontram, nas simbologias que se assemelham aos vampiros de Rice, a linguagem para expressar o quão sublime é sua crença em algo muito maior do que aquilo que possa ser quantificado em palavras ou conceitos por outras pessoas, vivenciam o que Canevacci (2005) define, pois, como “Entity”:

*É o pós-conceito com o qual se torna quase impossível classificar, ao menos segundo parâmetros duais ou sintéticos da modernidade, mas que, entretanto, ou melhor, justamente em virtude dessa impossibilidade ou inutilidade de classificar, de tipologizar, produz e comunica sentido. Entidade fica além de qualquer definição possível (...) um ir além da compreensão como ato de circunscrever o conhecido, de traçar o círculo de um ratio que defende e conjuga a extrema mutabilidade do empírico: compreender como ‘prender com’ a fixidez de um conceito, para recompactar o heterogêneo em homogêneo e, assim, controlá-lo. (CANEVACCI, 2005: 7-38).*

Somente através deste conceito é que se pode começar a compreender os aspectos de sincretismo no movimento gótico, e o jogo e a relação teatral, que se fundamentam na utilização das simbologias presentes nos mitos literários para a construção da própria identidade dos jovens góticos na cidade de São Paulo, expressando os dois lados da violência que acima expus: como portador (ao passo de que caracterizam o mal, o satânico, o sombrio) e como vítima (no momento em que são analisados através de pré-conceitos e caricaturas sociais, não possuindo espaço para demonstrarem suas idéias e valores) da mesma (Cf. Anexo E desta dissertação).

O lúdico, no caso dos góticos, vai além dos jogos de tabuleiro ou de apostas. Eles permitem que, através das chamadas ambientações, o aspecto quase de realidade, sobretudo quando este ocorre mediante ao jogo – de RPG ou das relações humanas - as emoções e vontades internas de cada jovem sejam mais bem exploradas e vislumbradas. É o que vivencio diariamente em sala de aula, por exemplo, fazendo menção a uma outra comparação para além do gótico.

Hoje, alguns de meus alunos, como os de muitos amigos meus de profissão, segundo o relato deles próprios no compartilhar comigo suas experiências, de uma forma ou de outra, relacionam-se de maneiras obscuras. Alguns isolam-se do convívio natural do campo universitário, possuindo poucas relações e, quando encontram seus pares, também estes possuem padrões de comportamentos tão estranhos quanto os primeiros. Aprender a compreender as simbologias que permeiam a juventude atual, com certeza, ajudará e muito que os educadores encontrem melhores alternativas para enfrentarem a difícil tarefa que o ato de educar hoje se tornou, pois, para mim, como para amigos professores mais próximos, isto já tem ocorrido.

No caso das histórias de Anne Rice não se pode negar alguns símbolos importantes: 1) a ambientação é quase que totalmente nas metrópoles, explorando os aspectos de violência, escuridão e maldade que geralmente, no nosso cotidiano, principalmente em nossas escolas e na maioria dos lares, são renegadas à segundo plano, inclusive para que se possa viver sem o medo constante de alguma barbárie; 2) os vampiros, mesmo detendo poderes especiais, que é típico de histórias de fantasia, possuem anseios, sentimentos, desejos e aparência na maioria das vezes como os humanos; 3) os diferentes personagens e clãs das histórias contemplam, quase que numa totalidade, diversos tipos sociais que temos nas metrópoles, geralmente os que são excluídos de alguma forma – ou por muito possuírem, ou por nada poderem – e 4) , por último e, talvez, a simbologia mais importante, a própria “máscara”, fazer-se passar por uma pessoa quando na realidade não o é.<sup>42</sup>

“A máscara” não pode ser ignorada neste capítulo, já que o objetivo é demonstrar as semelhanças estéticas e simbólicas entre o discurso gótico e a literatura de Anne Rice, seja pela forma como ela é apresentada no jogo das relações sociais dos góticos da cidade de São Paulo ou por seu valor simbólico.

---

<sup>42</sup> Devo citar que o jogo de RPG mais conhecido da tribo é baseado nas obras de Anne Rice, chamando-se “Vampiro, a máscara”. No anexo E, dou um exemplo de como as construções da personagem e de um grupo de góticos com base no jogo de RPG se dão.

Para mim, o pensamento gótico sempre esteve relacionado com as condições psicológicas (fatalismo, melancolia, ressentimento, revolta, derrotismo, estética) nos quais surgiu o conceito original, o medieval; ou seja, a necessidade de tentar buscar um novo paradigma em um lugar ocultado pelo véu do desconhecido. O pessimismo decorrente de alguém que se enxerga envolto em caos, falta de senso e falta de sentido, naturalmente leva esta busca para um lugar soturno,; por ser um lugar tenebroso (TENEBRIS - do latim = escuridão), muitas vezes esta é uma viagem solitária, egoísta sim pois se dá no campo da perceptividade exclusivamente subjetiva; incompartilhável (daí que as pessoas não entendem porque você é ou está assim!). O nível de ensimesmamento, a criação, a recriação e exploração exaustiva do mundo interior levam, de certo, a um processo de autofagia pois, às vezes, a construção é tão grandiosa que surge a ilusão de enxergar-se em terceira pessoa; quando isso ocorre a reação imediata é de querer destruir essa terceira pessoa (citando Hobbes - ou será Maquiavel!?) - para não ter que ficar explicando porque acho isso, "O Homem é o Lobo do próprio Homem"); só que, esta terceira pessoa não existe; é uma fantasia parte de um todo, então as coisas passam a ficar inexplicáveis, também no mundo interior e nada além dele passa a importar; externamente a incongruência resulta em depressão ou comportamento depressivo. Os livros que se lêem, a roupa que se veste, a música que se ouve, a cara que se fica...equipa e arma o ego fragilizado que desesperadamente tenta defender e justificar o injustificável pois, a força primordial, o instinto, clama a sobrevivência a qualquer custo e, o mundo idealizado, clama a destruição de tudo, inclusive em casos de extremos a auto-destruição. (R.M., 30 anos)

Para a simbologia nas histórias de vampiros, a "Máscara" é a responsável pela manutenção da vida clandestina do vampiro. Criada para proteger os vampiros da Santa Inquisição, a "Máscara" é mantida até os dias atuais com o discurso de proteger o universo dos vampiros, evitando especulações sobre quem são e como vivem.

#### ILUSTRAÇÃO 28



Socialmente falando, a máscara também possui, dentre outras, a função de proteger misticamente os segredos de um grupo ou de uma pessoa, como é o caso citado no diálogo entre Balandier e Simmel sobre a sociologia das sociedades secretas. Nesta, o espaço imaginário é isomorfo da sociedade, campo de relações em que a ordem e a desordem coexistem em constante confrontação, onde a lei enfrenta as forças destrutivas e resiste à degradação do tempo. É bom lembrar que todas as sociedades tradicionais imprimem, fortemente, sobre os lugares conhecidos, as significações exigidas por seu imaginário, seus sistemas simbólicos e suas práticas rituais (BALANDIER, 1997a: 96-99).

A desordem e o caos não estão somente situados, estão exemplificados: a topologia imaginária, simbólica, associa-se a um conjunto de figuras que manifestam sua ação dentro do próprio espaço policiado. Figuras ordinárias, no sentido de que se encontram banalmente presentes dentro da sociedade, mas em situação de ambivalência por aquilo que é dito delas e aquilo que elas designam, complementando e subordinadamente, outro objeto de desconfiança e de medo em razão de sua diferença e de seu status inferior, o que as torna causa de suspeita e geralmente vítima de acusação. Ocupam, assim, a periferia do campo social no sistema de representações coletivas dominantes, muitas vezes em contradição com sua condição real e o reconhecimento de fato de seu papel. Tais figuras são instrumentos de ordem ao mesmo tempo em que agentes potenciais da desordem (BALANDIER, 1997a: 100-102).

Não é incomum, assim, que o imaginário popular - absorto a esta possível explicação de Balandier e uma série de outros estudiosos - me responda, quando a eles dirijo questões referentes aos góticos, respostas como estas que obtive de diferentes informantes:

"Não gosto dos góticos, eles são todos loucos. Acham-se vampiros e, ainda por cima, mais inteligentes que os outros. É por isso que batemos neles."  
(informante 1 - membro da tribo dos "carecas do ABC")

"São todos homossexuais... é uma raça de inferiores".  
(informante 2 - membro da tribo dos "skinheads")

"Góticos? Quem são estes?... ah, já sei! É aquele pessoal que anda de preto e vai ao cemitério, não é? Eles violam túmulos e comem cadáveres".

(informante 3 - aluno da PUC-SP)

"São todos satanistas... invocam o diabo no cemitério".

(informante 4 - freqüentador do bar Dejá Vu)

"São boa gente, mas não regulam bem. Um bando de baixo astral...".

(informante 5 - jogador de RPG entrevistado na livraria Devir)

Para Balandier (1997a: 142-147), os personagens capazes de estruturar todo um grupo são os constitutivos do imaginário coletivo. Este, com relação aos góticos, deu forma e vida para a constituição desta tribo, desenvolvendo personagens capazes de se transformar tanto em deuses ou heróis quanto em bufões, e de agir ao contrário das normas e dos códigos. Todos esses personagens estão, segundo Balandier, à parte ou separados por uma impureza original desde o seu nascimento; eles são "outros", de identidade incerta ou variável, seu ser móvel os exclui de toda conformidade; podem aparecer como meio loucos inquietantes e cômicos. Por eles, também, os limites se apagam, as categorias e as classificações se embaralham, os valores e as obrigações se enfraquecem. Eles perturbam, transgridem, subvertem; desafiam os poderes, e as potências superiores com as quais seu estado intermediário (entre os deuses e os homens) os relacionam. A uma lógica da ordem opõem uma lógica da contradição e da incerteza.

As produções do imaginário, assim, não estão unicamente destinadas à transmissão da palavra: escrevem-se nos sistemas de práticas mais ou menos dramatizadas, chega à materialidade por meio da criação artística – principalmente a arte das máscaras. É importante precisar, por conseguinte, que os jogos de palavra, pelos quais a palavra se desvia, se inverte e se torna "má", podem contribuir para o aprendizado e pacificação das relações sociais. Desse modo, o insulto desprovido de sua carga agressiva, dentro do próprio contexto de sua emissão, se torna um instrumento pedagógico.

As tribos urbanas, por serem em sua grande maioria caracterizadas por aglomerações juvenis, acabam tendo sobre si, a imagem de formuladoras do caos e da desordem social.

*Esta imagem, no entanto, não é formulada apenas por pré-conceitos da sociedade em geral. Esta, também, está interligada à questão da modernidade e, uma vez que, na grande maioria das vezes, esta não é bem recebida por não ser bem compreendida, as tribos urbanas, por esta lógica, acabam recebendo o mesmo tipo de tratamento.*

*O modernismo distingue-se enquanto moda, concessão àquilo que uma época traz na superfície sem inscrição na permanência, ilusão produzida pela integração apressada de aspectos contemporâneos, pela incorporação de correntes culturais por tempos dominantes, pelo recurso às palavras e signos que provocam a atenção e o sucesso precário. A modernidade da criação, ao contrário, requer a fuga às comodidades; exige uma constante reavaliação; é procura, experiência, aventura que a faz dificilmente localizável – ou desterritorializada (BALANDIER, 1997b: 137).*

R Barthes (In: BALANDIER, 1997b: 137) dizia que “Ser Moderno é saber o que não é mais possível”. Desta forma, a modernidade não pode ser nem um estandarte para os que cultivam a originalidade a qualquer preço (os obcecados do *new look* ou da *new wave*), nem um álibe que mascara as mediocridades, nem um refúgio para quem procura abrigo nas instituições repintadas na cor do dia. No ato de criação, a relação de modernidade resulta de uma curiosidade, de uma sensibilidade, de um encontro entre uma busca longamente perseguida, sempre móvel, o que é fator de movimento em um tempo e em um lugar. É uma relação de manifestação e expressão do novo, do inédito, das rupturas subjacentes às continuidades.

Neste sentido, a modernidade não identifica nosso fim de século, ainda que se mostre mais multiforme, mais complexa e mais movente pela aceleração das mudanças. Ela surgiu em outros tempos e em outros espaços. A modernidade exprime as contradições de uma época, as tensões e as explosões que gera. A modernidade não aparece como uma faceta: não se é jamais moderno, mas sendo, sem que isso um dia tenha um termo. Assim é que a modernidade é apreendida tal como fuga sem fim. Seu conceito parece escapar a toda tentativa de elaboração (BALANDIER, 1997b: 138).

Para Balandier, a modernidade atual, na medida em que exprime uma realidade fragmentada, revela uma temporalidade igual. Ela oculta o que não é imediato, cotidiano, atual; ela valoriza o efêmero, sustentando a invasão pelo acontecimento e enfocando o indivíduo a “conquista do presente”, do seu presente. A cultura, cultura do imediato e do efêmero é reveladora em seus meios de criação: recusa do que é construído, vantagem dada ao fragmento as associações de elementos que se afastam e se desviam de regras consolidadas na sociedade (heteróclitas), rejeição ao que é concluído e, portanto definitivo,



importância para obras precárias, como o happening, às artes do movimento (às figuras cinéticas) e às experimentações provocadoras que sacodem o cotidiano (a arte sociológica que visa submergir, “até o pescoço”, a arte na realidade social. O tempo fica assim apreendido no instante e no inacabado).

Contra o “nivelamento maciço-mediático” nasce à retórica da modernidade. A retórica da modernidade é a retórica da ruptura e da criação. Esta encontra limites que ela recoloca, ultrapassa e que reaparecem sob outras formas. Não é uma geradora infinita do novo e do inédito. É uma retórica que leva ao passado, a servir-se dele (movimentos “neo” e “retro”), a desconstruir e a reconstruir de outra maneira aquilo que já existe, importando elementos provenientes de cultura externas. Nesse sentido, induz a uma retórica da apropriação por amálgama ou sincretismo cultural, legitimando o recurso ao heteróclito, aos procedimentos de criação por colagem. A retórica da modernidade encontra também suas fontes nas novas formas e figuras do imaginário, naquilo que realça o sensível pelo recente re-conhecimento do corpo e pela grande liberdade concedida ao desejo.

Assim sendo, ainda sob a visão de Balandier, sob uma de suas faces, o pós-modernismo esconderia um cinismo da acomodação, uma conciliação, um niilismo banalizado e afetado, um consentimento resultante da passividade e da esperteza cotidiana; se satisfaria com a ambigüidade, ficaria de fora de qualquer projeto político ou utópico. Sob outra de suas faces, mostraria uma capacidade expressiva liberada, uma exigência de criatividade livremente exercida e propícia á coexistência de estilos, uma abertura a todas as experimentações, múltiplas, brilhantes e pouco preocupadas com suas chances de permanência.

Para o autor, acima dos ideais, das ideologias, das ilusões perdidas, esboça-se uma busca de todas as possibilidades da escrita, narrando experiências de vidas destruídas, recorrendo a uma mobilidade que restitui a profusão dos acontecimentos com desenvoltura e ironia. Da modernidade a pós-modernidade, dá-se uma certa continuidade. A pós-modernidade exacerba aspectos da modernidade, leva ao extremo sua retórica. Ambas revelam a grande desordem das paisagens sociais e culturais, um rompimento dos fios tecidos no passado entre os homens, seus grupos e suas obras, de uma tentativa de recuperação de fragmentos significativos de um devir. Tentam uma exploração de espaços mal ou não demarcados, desconhecidos ou quase.

A máscara ajuda os góticos, que na linha de pensamento de Balandier e Simmel quase se assemelham a uma sociedade secreta, a aproveitar o imaginário popular, que geralmente os classifica como vampiros ou perigosos para a sociedade, mantendo-os distantes dos focos de jornalistas, pesquisadores e curiosos. Já para Chevalier, a função mítica da máscara teatral:

*que é também a das danças sagradas – é uma modalidade da manifestação do Self universal. A personalidade do portador em geral não é modificada; o que significa que o Self é imutável, que ele não é afetado por essas manifestações contingentes. Sob um outro aspecto, entretanto, uma modificação pela adaptação do ator ao papel, pela sua identificação com a manifestação divina que figura, é o próprio objetivo da representação. Pois a máscara, especialmente sob seus aspectos irrealis e animais, é a Face Divina e mais particularmente a face do Sol, atravessada pelos raios da luz espiritual. (...) A máscara também exterioriza às vezes tendências demoníacas, como é o caso do teatro de Bali, onde os dois aspectos se confrontam. Mas esse é principalmente o caso das máscaras carnavalescas, onde o aspecto inferior, satânico, é manifestado de forma exclusiva com vistas à sua expulsão; ele é liberador; ele era também, na ocasião das antigas festas chinesas do No, correspondente à renovação do ano. Ele opera como uma catarse. A máscara não esconde, mas revela, ao contrário, tendências inferiores, que é preciso pôr a correr. Nunca se utiliza nem manipula a mascar impunemente: ela é objeto de cerimônias rituais (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2000: 595-596).*

O mito do vampiro, sobretudo pela função da máscara acima explicada, é a forma lúdica de expressar o jogo social existente em todo universo freqüentado pelos góticos na cidade de São Paulo. Citando Huizinga (2000: 95), arriscamos dizer que é, sob a forma do jogo e do teatro, que se dá forma e vida ao cotidiano dos góticos paulistanos.

A simbologia da máscara, em específico para os góticos, também pode ser observada na literatura lida pelos membros da mesma. Oscar Wilde, em “O Retrato de Dorian Gray” (1946) fala da falta de sinceridade no representar papéis socialmente definidos, questionando se de fato essa falta de sinceridade é tão terrível tal como ela se mostra para alguns. Outro exemplo está na própria obra de Anne Rice, em especial no romance “O Vampiro Lestat: segundo volume das crônicas vampirescas”.

Nesse romance, Lestat mostra que os fatos mais significativos de sua vida, inclusive os prêmios que ganhou, estavam ligados à máscara e à fantasia: ao matar lobos que ameaçavam seu vilarejo, ganhou um casaco de pele vermelha, dando-lhe ares de valentia e coragem; sua primeira paixão foi por uma trapezista e depois por um jovem que

fingia ser o que na realidade não era; ao ir para Paris tornou-se ator; conheceu o vampiro que o transformou, num baile de máscara no palácio real; seus amantes fundaram o “Teatro dos Vampiros” e, na contemporaneidade, sua profissão era se fazer passar por humano, como um astro de rock.

Qualquer jogo ou representação teatral trabalha com a importância da narração e do corpo. Sobre a forma como lidam com a expressão do corpo, já detalhei seus aspectos no Capítulo 2 desta dissertação. Sobre a importância da narração, recorro a Eliade (1998), quando este afirma que uma das principais funções que a palavra exerce para os seres humanos é a de organizar o caos da não nomeação do universo.

A teatralidade, para a tribo urbana dos góticos, tomando-se por base a teoria de Eliade, por narrar e nomear desejos e sentimentos internos dos jovens góticos da cidade de São Paulo, cria a possibilidade de organizar o caos daquilo que não pode ser entendido se não for exteriorizado, mesmo que através de máscaras e fantasias.

O cosmos oferecido pelo jogo e pelo teatro aos góticos se faz mediante a forma de criação de histórias que possuem, pelo menos na intenção, começo, meio e fim. As histórias, nesse caso as de fantasia e horror, oferecem espaço para que os jovens possam entender ou começar a fazê-lo sob suas próprias histórias de vida e, assim, dar continuidade, com mais segurança e confiança, à eterna construção de suas próprias identidades sociais.

Uma outra forma muito comum dos jovens góticos manifestarem suas máscaras é através das Raves e festas, tal como a que descrito no Capítulo 2, em que a música é o principal mediador das ações. Por este motivo, Lestat tornou-se um astro de rock, como se pode observar na passagem abaixo, do livro “O Vampiro Lestat”.

## II – A Música

*A segunda coisa que me trouxe de volta – a decisiva, de fato – foi à súbita presença perto de mim de uma banda de jovens cantores de rock que se autodenominavam Noite de Satã. Eles mudaram-se para uma casa na rua seis – a menos de um quarteirão onde eu estava dormindo calmamente sob minha própria casa na Prytania, próximo ao cemitério Lafayette – e começaram a ensaiar sua música de rock no sótão em algum momento de 1984. Eu podia ouvir o lamento de suas guitarras elétricas, seu canto frenético. Era tão bom quanto as músicas que eu*

*ouvira no rádio e nos aparelhos de som estereofônico e mais melodiosas que a maioria. Apesar da batida da bateria, havia um romantismo na música. O piano elétrico soava como um cravo. Eu captava imagens dos pensamentos dos músicos que me diziam como era a aparência deles, o que viam quando olhavam um para o outro e para os espelhos. Eram esguios, fortes e todos jovens mortais adoráveis – enganadoramente andróginos e até um pouco selvagens em suas roupas e movimentos – dois machos e uma fêmea. Quando estavam tocando, abafavam a maioria das outras vozes amplificadas ao meu redor. Mas isto era ótimo. Eu queria levantar-me e me juntar à banda de rock chamada Noite de Satã. Queria cantar e dançar. (...) estava encantado com o mundo da música de rock – o modo como os cantores podiam gritar sobre o bem e sobre o mal, se proclamar anjos ou demônios, enquanto os mortais se levantavam para aplaudir. Às vezes, pareciam à pura personificação da loucura. Era selvagem e cerebral, de uma maneira que não creio que o mundo tivesse algum dia visto em épocas passadas. Claro, era metafórico o delírio. Nenhum deles acreditava em anjos ou demônios, por melhor que assumissem seus papéis. E os atores da velha comédia italiana tinham sido igualmente chocantes, inventivos, obscuros. (...) Havia também algo de vampiresco na música do rock. Ela deveria soar sobrenatural mesmo para aqueles que não acreditam no sobrenatural. Refiro-me ao modo como a eletricidade podia sustentar uma única nota para sempre; ao modo como harmonias podiam ser sobrepostas a outras até você sentir-se se dissolvendo no som. De tão terrivelmente eloqüente que era essa música. O mundo não tinha visto nada semelhante antes. Contudo, eu desejava aproxima-me dela. Queria tocá-la. Talvez tornar famosa a pequena e desconhecida banda Noite de satã. Eu estava pronto para aparecer. (RICE, 1999a: 11-13)*

Um dos principais veículos de divulgação do movimento góticos diz respeito à música. Na 3ª fase das entrevistas desta pesquisa, descobriu-se que 55 % dos entrevistados tomaram contato com o movimento pela primeira vez através da música.<sup>43</sup> Assim, a música, como em qualquer tribo urbana, possui uma função muito especial, se não fundamental.

A arte, a música e a literatura contribuem de forma singular para a constituição da estética, embora possamos afirmar que a literatura e a arte foram fatores de influência indispensáveis para o desenvolvimento da música gótica, que sempre sofreu influência direta de artistas e autores clássicos; e a música gótica, foi um dos fatores de maior influencia na estética... (D.H., 32 anos).

É através dos gostos musicais que muitas tribos se aproximam ou se afastam e, este universo, certamente é muito explorado pela mídia e o comércio em geral. Basta observar a

---

<sup>43</sup> O resultado para a pergunta realizada na 3ª Fase da pesquisa, “através do quê ou de quem você tomou conhecimento do movimento gótico pela primeira vez?”, foi: 55% através da música; 15% através de amigos na escola; 10% cinema e televisão, 10% literatura, 5% acidentalmente (indo a bares e shows, por exemplo) e 5% através de outras tribos urbanas (*rappers, roquers, metaleiros, skinheads* e carecas foram os mais citados).

disposição das lojas da Galeria 24 de Maio (Galeria do Rock no centro da cidade de São Paulo). Alguns estilos musicais não são permitidos nesta galeria, podendo ser encontrados apenas em galerias próximas ou em camelôs nos calçadões. Um exemplo para estes estilos “proibidos” diz respeito ao “axé music”, samba, pagode e forró. Para aqueles que pertencem a esta tribo, o território, ou o espaço, é outro.

Certamente que o início do movimento gótico, como tribo urbana, como seus integrantes afirmam, está interligada à música. Esta música, relacionada ao vampirismo, foi uma das grandes responsáveis pelo boom do movimento gótico na década de 1980 em todo o mundo.

O Rock’n Roll como expressão e marca cultural de toda uma geração uniu, às expectativas de seus jovens, o mito do vampiro, dando a esta música ares mais sombrios, profundos e românticos nas canções, sejam estas assumindo aspectos românticos ou políticos.

No cenário musical já são centenas de músicas, só no estilo do Rock, com a temática voltada para os vampiros. Tal espectro de realizações não é de surpreender, porque a mesma variação ocorre na literatura, nos filmes e na arte. O que é novo e diferente é a súbita alta concentração de músicas de rock dedicadas ao assunto. Nenhum outro gênero musical conseguiu este tipo de produção.

Para Susan R. Kagan (In: MELTON, 1995: 541-552), esta produção do rock’n roll ligada ao vampirismo pode estar intimamente relacionada à atual tendência de música vampírica, atribuída tanto ao relaxamento conservador na sociedade como ao fato de o rock’n roll ter quase se tornado uma instituição. Para Kagan, os caminhos do rock ultrapassam os limites societários definidos e, por freqüentemente este estilo musical ser considerado como expressões anti-sociais, estas canções assumem ares de um ambiente oculto, e a melodia, muitas vezes, atinge uma vulgaridade excessiva, não-padronizadas e bizarras, sobretudo quanto às mudanças de acordes.

O vampiro, como tópico musical, estava maduro e pronto para ser escolhido, porque refletia em sua imagem sentimentos e discursos que traduziam os sentimentos de angústia e depressão de seus ouvintes. A música, o rock’n roll em si, traduziu em acordes as palavras da literatura gótica e das imagens do cinema.

Segundo Kagan, pode-se dividir as músicas de vampiros em cinco grandes grupos: 1) as que têm letra obviamente vampíricas; 2) as que são evasivamente vampíricas; 3) as supostamente vampíricas; 4) aquelas em que o vampiro é mencionado; e, 5) as músicas de trilhas sonoras de filmes de vampiros.

Letras óbvias contêm referências ao sugamento de sangue, aos “morto-vivos”, à existência notívaga, a uma vítima sendo drenada ou, ainda, à fome predatória por alguma pessoa. Como exemplos desta categoria de música, pode-se citar uma das canções mais engenhosas já produzidas pelo grupo Bauhaus: “Bela Lugosi’s Dead”, do álbum *Teeny* (Small Wonders Records, 1979). A música é um pastiche de imagens verbais e musicais. Mesmo que não tivesse sido usada na abertura do filme “Fome de Viver”, ainda seria uma canção de vampiro. Aqui encontra-se capas pretas de volta ao cabide, morcegos que abandonaram o campanário e vítimas que foram sangradas. Os trechos de abertura do coro, “Bela Lugosi’s Dead” é imediatamente seguido pelo repetitivo “undead, undead, undead”. A voz profunda e lamentosa do cantor principal Peter Murphy cria uma aura lúgrube de “outro mundo” que permeia a canção.

Esta canção, segundo todos os integrantes do movimento gótico da atualidade, bem como os da década de 1980 foi, se não a responsável, uma das principais alavancas do movimento nas noites das metrópoles mundiais e efetivo crescimento dos adeptos a este estilo de vida.

Outro exemplo bem conhecido é o do cantor de rock, considerado o “Bela Lugosi” deste estilo musical, Alice Cooper. Virtualmente este cantor começou o movimento de rock’n roll dedicado ao horror teatral em forma de concerto, mas, até onde se tem conhecimento, gravou apenas duas músicas literalmente vampíricas até esta data: “Fresh Blood” no álbum *Da Da*, da Warner Brothers (1983) e “Dangerous Tonight” do álbum *Hey Stoopid*, da Epic Records (1991). A canção “Fresh Blood” funciona em nível emocional, com a letra se referindo à “festa sanguinária” e a vítimas morrendo “de alguma anemia”. Entre as vítimas do cantor estão “dançarinas, homens de negócio bem-vestidos na chuva da meia noite (...) meninas malvadas e tiras fazendo ronda”. Uma frase chave é “acabei de detê-la e a drenei ali mesmo”. Em “Dangerous Tonight” existe uma mistura ameaçadora de elementos que convergem para uma ameaça de fato, marcando o ressurgimento de uma dança macabra. A música é considerada *heavy metal* de alta potência e a letra, “Dê uma

outra mordida/ vai dar certo/ o que está errado logo vai parecer certo/ Dangerous Tonight” e “tome outro gole” deixando “uma gota na sua coxa”, entre outras, proporciona uma serenata sensual e, por vezes, animalesca.

Outro tipo de categoria é da qual pertence às letras supostamente vampíricas, que envolvem vampiros identificados ou pelo título ou por outras formas; a natureza da música (por exemplo, *trash metal* ou *hardcore punk*), todavia, torna impossível decifrar o que está sendo cantado. Canções nas quais os vampiros são mencionados têm como foco principal uma outra coisa, geralmente sexo, mas fazem-se referências ao vampirismo.

As trilhas sonoras são freqüentemente instrumentais em seu todo, mas, às vezes, podem incluir uma canção que se encaixem numa ou noutra categoria. A maioria das trilhas musicais de vampiros consistem em peças com atmosferas mal-relacionadas entre si, às vezes extremamente irônicas. Na maioria das vezes, os cineastas apelavam para a música clássica executadas por orquestras de estúdio. “O Lago dos Cisnes” para Drácula (1931) é um exemplo.

A necessidade de vincular-se cenário e trilha musical numa seqüência onde o expectador possa compreender o porquê das escolhas feitas pelo cineasta também foram responsáveis pela caracterização e mudança nos mitos dos vampiros. Exemplo deste fato ocorre com a mais conhecida caracterização do vampiro – vestido formalmente com *black-tie* e elegante capa. Esta necessidade veio de os produtores de cinema e teatro explicar a música escolhida para a abertura de Drácula de 1931, “O lago dos cisnes”. Os cineastas achavam que a platéia não entenderia o raciocínio da música, a menos que eles mostrassem ou fizessem uma alusão à sua origem. Portanto, quando Tod Browning fez Drácula (1931), “O Lago dos Cisnes” foi estabelecido como a música-tema quando Drácula e diversos outros personagens passavam a noite assistindo a um balé.

Coincidência ou não, para os góticos, a música clássica é uma das mais belas e admiradas. A explicação para este fator pode estar relacionada ao fato acima exposto, das trilhas sonoras dos filmes, mas, também, por grande parte dos jovens que fazem parte do movimento virem de famílias de grandes posses e o erudito ser uma das formas que estes jovens encontraram para se diferenciar dos demais de sua geração.

Várias outras canções que aparentemente nada têm a ver com o contexto vampírico foram usadas para darem conotações diferenciadas aos filmes. Entre elas pode-se citar “I’ve

Got You Under My Skin” e “That Old Black Magic”, ambas de Frank Sinatra, propiciaram um fundo leve e sensual para imagens frequentemente frenéticas. “Good Times”, de INXS e Jimmy Barnes, “People Are Strange” de Echo and Bunnymen, usadas no filme “Garotos Perdidos”, de 1987, mostrando a alienação de dois irmãos adolescentes na “capital do crime”. Quando Harry Nilsson atuou como o Conde Downe, ele, ao abdicar do trono dos Dráculas em favor de seu amor humano, Amber, recita a ponto de quase chorar a canção “Without You”, que lamenta a vida sem um ente querido particular. Músicas que a princípio foram feitas e usadas com teor político, como “Sympathy for the Devil”, dos Rolling Stones, também foram usadas só que numa re-gravação dos Guns n’Roses, para dar a entonação necessária à climatização do filme “Entrevista com o Vampiro”.

Nos gêneros não rock’n roll, as opções são escassas. Há a música “Vampire”, em canções populares americanas, cantada por Cláudia Schmidt. Na música clássica que foi, desde seus primórdios, dedicada a temas religiosos, como por exemplo, a “Dança Macabra” de Saint-Saens, só conheceu a imagem do vampiro no século XIX, fase do auge do fascínio romântico pelo vampirismo. O compositor alemão Heirich August Marschner escreveu uma ópera de vampiro, *Der Vampyr* (1829), uma de apenas duas óperas do gênero conhecidas. A outra é *Lamia*, de August Enna, que estreou em 1899 em Bruxelas, Bélgica.

No Brasil, no entanto, as músicas relacionadas ao tema do vampiro não são numerosas e estas, geralmente, só focalizam dois aspectos do uso freqüente em músicas norte-americanas ou européias: o aspecto sexual e romântico ou a manifestação política.

As músicas “Doce Vampiro”, da roqueira Rita Lee e “A Dança do Vampiro” do grupo de Axé Music, Asa de Águia, são exemplos de canções que retratam, mesmo que de forma bastante diferenciada de uma para outra, a relação psico-sexual existente entre o vampiro e sua vítima.

Porém, com um destaque para as questões políticas e sociais do Brasil, destacam-se três canções no cenário do roque brasileiro: “Noite Negra”, Rita Lee, “Teatro dos Vampiros”, Renato Russo – líder da banda Legião Urbana e “Vampiro”, de Jorge Mautner. Esta última, no entanto, dependendo da leitura que for feita, pode se enquadrar, também, na questão psico-sexual.



**Vampiro** (Jorge Mautner)

Eu uso óculos escuros pras minhas lágrimas esconder  
 E quando você vem para o meu lado, ai, as lágrimas começam acorrer  
 E eu sinto aquela coisa no meu peito  
 Eu sinto aquela grande confusão  
 Eu sei que eu sou um vampiro que nunca vai ter paz no coração  
 Às vezes eu fico pensando porque é que eu faço as coisas assim  
 E a noite de verão ela vai passando, com aquele seu cheiro louco de jasmim  
 E eu fico embriagado de você  
 Eu fico embriagado de paixão  
 No meu corpo o sangue não corre, não, corre fogo e lava de vulcão  
 Eu fiz uma canção cantando todo o amor que eu sinto por você  
 Você ficava escutando impassível e eu cantando do teu lado a morrer  
 E ainda teve a cara de pau  
 De dizer naquele tom tão educado  
 "Oh! pero que letra más hermosa, que habla de un corazón apasionado"  
 Por isso é que eu sou um vampiro e com meu cavalo negro eu apronto  
 E vou sugando o sangue dos meninos e das meninas que eu encontro  
 Por isso é bom não se aproximar  
 Muito perto dos meus olhos  
 Senão eu te dou uma mordida que deixa na sua carne aquela ferida  
 Na minha boca eu sinto a saliva que já secou  
 De tanto esperar aquele beijo, ai, aquele beijo que nunca chegou  
 Você é uma loucura em minha vida  
 Você é uma navalha para os meus olhos

**Teatro dos Vampiros** (Renato Russo)

Sempre precisei de um pouco de atenção  
 Acho que não sei quem sou  
 Só sei do que não gosto  
 E destes dias tão estranhos  
 Fica poeira se escondendo pelos cantos  
 Este é o nosso mundo: o que é demais nunca é o bastante  
 E a primeira vez é sempre a última chance.  
 Ninguém vê onde chegamos:  
 Os assassinos estão livres, nós não estamos  
 Vamos sair - mas não temos mais dinheiro  
 Os meus amigos todos estão procurando emprego  
 Voltamos a viver como há dez anos atrás  
 E a cada hora que passa  
 Envelhecemos dez semanas  
 Vamos lá, tudo bem - eu só quero me divertir

Esquecer, dessa noite ter um lugar legal pra ir  
 Já entregamos o alvo e a artilharia  
 Comparamos nossas vidas  
 E esperamos que um dia  
 Nossas vidas possam se encontrar  
 Quando me vi tendo de viver comigo apenas  
 E com o mundo  
 Você me veio como um sonho bom  
 E me assustei  
 Não sou perfeito  
 Eu não esqueço  
 A riqueza que nós temos  
 Ninguém consegue perceber  
 E de pensar nisso tudo, eu, homem feito  
 Tive medo e não consegui dormir.  
 Comparamos nossas vidas  
 E mesmo assim, não tenho pena de ninguém.

As três canções retratam sobre os perigos e mistérios da noite das metrópoles e como a desilusão dos jovens frente às questões da violência e das perspectivas políticas no país, refletem em suas ações.

A música, desta forma, tem servido seja no panorama nacional como internacional, para enfatizar o que abordamos nos últimos tópicos deste capítulo: o envolvimento da imaginação com a realidade.

Os livros, contos e poesias que trabalham com o mito do vampiro, têm recebido destaque e aclamação inflamada dos leitores por questões muito particulares do universo literário. Dentre estas particularidades podemos citar a qualidade dos textos e de seus autores que, mais do que simplesmente transcrever ou desenvolver narrativas de horror, têm se mostrado profundos conhecedores das mitologias, fatos históricos, superstições e medos da população que vive nas regiões por eles trabalhadas, além de conhecerem de forma ampla sobre conceitos da psique desenvolvidos por diferentes linhas da psicologia; a abordagem de uma temática que encanta ao mesmo tempo em que amedronta os homens a centenas de anos; e o fato de mitos, como o dos vampiros, estarem relacionados antes ao mundo da fantasia e da imaginação, o que faz do público alvo estender-se de crianças a idosos.

Mas, a música, ainda exerce mística especial nos seres-humanos. A música serve de trilha sonora não só para filmes e séries de televisão, mas, de forma geral, é a trilha sonora

que permeia os bares noturnos, as festas, o relacionamento entre as pessoas, as lembranças e emoções e, por que não dizer, embala a leitura de livros temáticos?

Nesta pesquisa, a música obteve papel importante nas entrevistas realizadas. Percebi, mesmo que a priori não fizesse parte de meu objeto de investigação, que para compreender o universo gótico em que os entrevistados viviam, necessitaria compreender o porquê de sempre oferecerem certos tipos de músicas para seus amigos (sobretudo o Rock) ou, quando me recebiam em festas e em suas próprias residências, estas estarem sempre cercadas por canções específicas.

Era comum, quando entrevistava uma pessoa mais do que duas vezes no mesmo local, dependendo de seu estado de humor, o ritmo musical e a canção que estava sendo escutada eram diferenciadas das demais. Se tal atitude também é comum para os que não fazem parte deste universo, diferente é que, para estes, cada canção possui um sentido e uma razão de ser executada.

Para os góticos, no entanto, não se caracteriza uma música como gótica apenas por sua semelhança ao vampirismo. A música apreciada deve conter, também, sonoridades mais rústicas, além da sofisticação do Metal. Não raramente se observará músicas que fazem referência à época medieval.

Se, como visto no Capítulo 2, com relação a estilos de comportamento, há divisões no mundo gótico, com relação à música também é possível observá-las. Em entrevistas com algumas bandas nacionais, a quem tive acesso mediante aos líderes que compunham meu grupo de entrevistados da 4ª fase da pesquisa, posto que alguns deles também são líderes de algumas destas bandas, chegou-se, por aproximação de informações, às seguintes subdivisões: 1) Gothic Rock; 2) Industrial/ E.B.M. (Eletronic Body Music); 3) Ethereal; 4) Dark Ambient//Dark Atmospheric; 5) New Age; 6) Medieval e Renascentista; 7) Música clássica e neoclássica (Erudita); 8) Metal.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Nos dois dias em que eu e o grupo de líderes resolvemos debater sobre o tema “música”, cada um deles levou um convidado para nosso encontro. Alguns, músicos conhecidos da tribo, participaram com empenho contando suas experiências neste campo desde a década de 1980.

**A. Gothic Rock** – o instrumental é simples, composto por guitarras, baixo e bateria. Os vocais característicos são graves. São as bandas comumente conhecidas como pós-punk, surgidas no final da década de 1970.

Ex: Bauhaus, Joy Division e Siouxsie and The Banshees

**B. Industrial/ E.B.M. (Electronic Body Music)** – Apesar de serem estilos bem diferentes, as bandas que são enquadradas nestes transitam livremente por elas. Ambos surgiram na década de 1970 e suas bases recorrem ao experimentalismo eletrônico. Mesmo não havendo, inicialmente, preocupação com características básicas musicais como melodia e harmonia, ao longo dos anos tornaram-se comuns os usos de timbres eletrônicos.

Ex: Marilyn Manson, Cabaret Voltaire e Front 242.

**C. Ethereal** – é um dos estilos que foram classificados como Darkwave. No Ethereal encontra-se melodias lentas e suaves. O instrumental é composto por bases eletrônicas de sintetizadores ou orgânicas (acústicas). Há uma forte influência de música folclórica (européia) e de diversas culturas (não européias), além de música erudita e experimentalismo eletrônico. No Ethereal é muito comuns que as músicas soem melancólicas e introspectivas.

Ex: Cocteau Twins, Dead Can Dance e Lycia.

**D. Dark Ambient/Dark Atmospheric** – Não há uma linha muito nítida que divida estes estilos. A semelhança é tanta que alguns até os consideram sinônimos. Também, a sonoridade muitas vezes se confunde com o Ethereal. Neste estilo o instrumental é delicado, com timbres eletrônicos que simulam violinos, sinos e efeitos diversos, como sons da natureza. Há também as bandas que utilizam instrumentos de música erudita, como violinos, cellos e flautas, compondo assim uma sonoridade mais orgânica, considerada neoclássica. Há a influência de música folclórica e os vocais, geralmente, são baseados no canto lírico. Como no Ethereal, muitas músicas soam melancólicas, com uma "tristeza passiva".

Ex: Dargaard, Elend e Autumn Tears.

**E. New Age** – significa literalmente Nova Era, pode ser considerado um movimento artístico-espiritual surgido na década de 1960, composto por diversas crenças orientais. O estilo musical New Age também se caracteriza pela influência da música oriental. Porém, não se resume a isso. O New Age se subdivide em vários segmentos que possuem referências da música erudita e folclórica européia, por exemplo. A sonoridade do New Age é suave e orquestrada. Possui melodias lentas muitas vezes interpretadas através do canto lírico, corais de vozes, sintetizadores e bases eletrônicas.

Ex: Era, Enigma e Enya.

**F. Medieval e Renascentista** – Quando relacionada à música admirada pelos góticos, o termo Medieval pode referir-se à música do período medieval (principalmente da Baixa Idade Média no período de transição para a Renascença) ou ao estilo produzido por bandas e artistas contemporâneos que se inspiram na música medieval. A música do período medieval é caracterizada, inicialmente, por melodias vocálicas sem acompanhamento instrumental, que fluem livremente desenvolvendo-se com suavidade e ritmos irregulares. Posteriormente, surgiu a polifonia e o acompanhamento de instrumentos como flautas, tambores e instrumentos de corda. Estas variações podem ser associadas tanto a música medieval religiosa como a música medieval profana. A música produzida atualmente que é inspirada no período medieval traz, além das características da música medieval de várias fases, também experimentalismos eletrônicos que, algumas vezes, flertam com Ethereal. Alguns artistas tendem a buscar uma sonoridade autêntica da época, enquanto outros produzem músicas com instrumentação mais complexa soando mais "pop".

Ex: Mediaeval Babes, Ataraxia e Arcana.

**G. Música clássica e neoclássica (Erudita)** – No gótico, a música clássica é uma referência que se combina com outros estilos. Por exemplo, sua influência é notada entre estilos como Ethereal e Metal e entre artistas que buscam uma maior sofisticação na sonoridade através violinos, cellos, vocais sopranos e tenores, piano e cravo, por exemplo. Assim, buscam inspiração em compositores de diversas fases como Mozart, Beethoven, Chopin e Strauss. As canções da banda Bauhaus são um bom exemplo dessa ação.

**H. Metal** - Várias subdivisões do Metal são apreciadas na cultura obscura. Entre elas, principalmente, o Gothic Metal, Doom Metal e Metal Sinfônico. Há diversas características comuns entre estes estilos; a mais presente é a utilização de elementos de música clássica, como violinos, pianos, flautas e vocalização lírica. Estes itens combinam-se com as características mais comuns do Metal: guitarras graves, vocais urrados e variação rítmica. Além de letras que abordam o folclore do país natal da banda, ou referências de obras literárias, arcaísmos e expressões em latim, por exemplo.

Algumas bandas destes segmentos podem ter sido influenciadas pelas bandas do Gothic-Rock da década de 1980 e do Doom da década anterior. Além disso, é muito comum serem classificadas também em outros estilos.

Ex: Epica, Tristania e Theatre of Tragedy.

Assim, o estudo dos aspectos simbólicos que a música, o teatro e o individualismo moderno exercem sobre a tribo urbana dos Góticos, o que foi demonstrado em todo este capítulo, completam, dentro dos limites de pesquisa deste mestrado, o objetivo de alinhar a literatura de Anne Rice e os discurso e estéticas dos jovens góticos paulistanos. A literatura gótica, como demonstrado, parece ressaltar mais uma vez, de forma especial, a forma estética e erótica com que os góticos lidam com o próprio corpo, além de oferecer um maior sentido para se compreender a fala e os locais que frequentam.

Este aspecto, porém, que a priori se colocava apenas como um dos focos de investigação desta pesquisa, pois era o que mais me chamava a atenção ao observá-los em espaços como Madame Satã – quais são as mensagens que os góticos querem e transmitem à sociedade paulistana através de sua estética mortuária –, mostrou-se ser, também, a essência da qual, estudada e observada em riquezas de detalhe, tantas quais esta dissertação se permitisse realizar no limite de tempo e de referenciais teóricos que um mestrado possui, me faria chegar mais próxima do objetivo central de meu mestrado: *demonstrar que para os “novos góticos”, diferentemente do que se conhecia na década de 1980, jogadores de RPG ou não, da cidade de São Paulo, o mito do vampiro e o movimento gótico possuem uma co-relação e, o fio que alinhava esses dois aspectos é a estética, que acopla, em si, como demonstram Delleuze e Guattari (2005), a vivência mítica e o nomadismo daquele*

*que perambula sobre o espaço, tendo, no vagar, a busca pelo sentido de sua vida, e uma vivência de tempo diferente daqueles que não compreendem suas simbologias. É, portanto, a eterna busca humana por um sentido.*

Assim, este capítulo, alinhavando os dois anteriores, propô-se a demonstrar aspectos teóricos e alguns relatos etnográficos feitos pelas noites paulistanas, acabando por revelar, pelo menos quanto ao espaço da cidade de São Paulo, bem como do comportamento de jovens paulistanos, aspectos que mesclam uma estética fúnebre e obscura a uma busca individual, pautada nos conhecimentos literários e musicais, por um dado sentido de vida e existência que traduz, em atos conscientes ou não, a necessidade de ressacralização do próprio espaço e das próprias ideologias.

Usando de forma metafórica o mito do vampiro e os demais personagens clássicos da literatura romântica de horror, os góticos parecem traduzir, às avessas é fato, um sentimento coletivo que está, a cada dia que passa, mais popularizado nas ações e falas dos cidadãos de São Paulo. Tristeza, melancolia, individualismo e solidão são aspectos hoje bastante comuns ao se falar da população das grandes cidades, em especial quando se faz menção ao comportamento dos jovens que nelas vivem, e a busca por um dado consolo, como demonstra a bela canção “Angel”, abaixo, essência maior da simbologia que sustenta o gótico nas noites da cidade de São Paulo.

**Angel** (tema do filme: “Cidade dos Anjos”) - Sarah Mclachlan

Passando seu tempo esperando  
 Por aquela segunda chance,  
 Por uma pausa que o faria ficar bem  
 Há sempre uma razão para  
 Não se sentir bem o bastante  
 E é difícil no fim do dia,  
 Precisa de alguma distração  
 Oh, uma bela libertação  
 Lembranças passam por minhas veias...  
 Deixe-me ser vazia e insignificante  
 E talvez  
 Eu encontre alguma paz esta noite.

Escape  
 Nos braços de um anjo,  
 Voar para longe daqui,

Deste quarto de hotel escuro e frio  
E da eternidade que você teme.  
Você é arrancado das ruínas  
De seus devaneios silenciosos  
Você está nos braços do anjo,  
Que você encontre algum conforto aqui.

Tão cansado da linha reta,  
E para onde quer que se vire  
Há abutres e ladrões atrás de você  
E a tempestade continua,  
Confundindo você.  
Continua construindo as mentiras  
Que você compensa por tudo o que precisa  
Não faz diferença  
Escapar uma última vez.  
É mais fácil acreditar  
Nessa suave loucura, oh  
Nesta tristeza gloriosa, que me faz ajoelhar

Escape  
Nos braços de um anjo,  
Voar para longe daqui,  
Deste quarto de hotel escuro e frio  
E da eternidade que você teme.  
Você é arrancado das ruínas  
De seus devaneios silenciosos  
Você está nos braços do anjo,  
Que você encontre algum conforto aqui.





© 2009 Warner Bros. Entertainment Inc. All Rights Reserved.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O poeta é um fingidor. Finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente. E os que lêem o que escreve, na dor lida sentem bem. Não as duas que ele teve, mas só a que eles não tem”.*

Fernando Pessoa, Autopsicografia.

“A cidade é um hieróglifo”. Com essa frase, Margullis (1997: 11) inicia sua interpretação sobre o que significa fazer antropologia nas cidades modernas atuais, sobretudo quando a temática a ser observada diz respeito aos jovens e suas inúmeras tribos. Para o autor, entender esses hieróglifos é estar além do tempo e do espaço, é perguntar-se por uma cultura da cidade, e indagar os múltiplos sistemas de significados e expressões: qual é o significado das linguagens? Das articulações entre os espaços urbanos, bairros e arquiteturas? Porque falar da cultura da noite é fazer menção a uma cultura atemporal?

A partir destas perguntas, Margullis (1997) sugere aos pesquisadores que quiserem enveredar por este campo de pesquisa, que o estudo da cultura da noite, quer seja este realizado em suas bases econômicas, políticas, sociais ou culturais, precisam ter o cuidado de construir continuamente a relação entre os signos apresentados. Signos, estes, que se transformam em códigos culturais, e cujo decifrar só pode ser realizado por alguém “de dentro” do grupo, ou algum *outsider*, cuja permissão seja concedida por seus grupos de sociabilidade.

Ao ter escolhido os góticos de São Paulo como objeto de pesquisa, reparei que, ao incorporar as teorias de Margullis (1997) à minha metodologia de pesquisa, conseguiria atingir, de forma mais eficaz, meu maior objetivo: demonstrar que, para os “novos góticos”, diferentemente do que se conhecia na década de 1980, jogadores de RPG ou não, da cidade de São Paulo, o mito do vampiro e o movimento gótico possuem uma co-relação e, o fio que alinhava esses dois aspectos é a estética, que acopla, em si, como demonstram Delleuze e Guattari (2005), a vivência mítica e o nomadismo daquele que perambula sobre o espaço, tendo, no vagar, a busca pelo sentido de sua vida, e uma vivência de tempo diferente

daqueles que não compreendem suas simbologias – uma eterna busca humana por um sentido.

Esta dissertação procurou, assim, seguir um caminho lógico, através de relatos etnográficos em alguns espaços góticos da cidade de São Paulo, demonstrando duas preocupações principais:

1. Compreender quais são as mensagens que os góticos querem e transmitem à sociedade paulistana através de sua estética mortuária;
2. Apontar e estudar quais são as simbologias e mitos que fazem com que esta estética, europeia a princípio, sejam utilizadas enquanto construção identitária de um grupo seleta na cidade de São Paulo, vislumbrado, em especial, no vestuário, local por eles freqüentados, gosto musical, artístico e formas de demonstrar o corpo.

Preocupando-se não só em conhecer os góticos em seus espaços de convívio na cidade de São Paulo, também se estudou as obras artísticas – em especial a literária – posto que estas os ajudam a construir suas noções estéticas atuais. Para entender esses significados, bem como o que chamei de “novos góticos”, foi preciso definir alguns procedimentos de pesquisa, a saber: 1) conhecer, de forma geral, quem são os góticos e como eles surgiram na cidade de São Paulo; 2) descrever os principais recortes teóricos que serviram de base para as análises que se fazia dos relatos etnográficos nos espaços góticos em São Paulo; 3) descrever a metodologia de pesquisa e, finalmente, 4) apresentar aspectos dos relatos etnográficos privilegiando a manifestação dos mitos, da estética corpórea e discursiva, além dos referências literários e musicais.

## Os caminhos da pesquisa

Os góticos têm sua primeira aparição enquanto tribo urbana, na cidade de São Paulo, no final da década de 1970, junto a “explosão” de diversos outros grupos que representavam então a denominação *underground*, como explicado no capítulo 1, tais como punks e roqueiros, por exemplo.

Característica comum a todos esses grupos *undergrounds*, uma das primeiras e mais importantes manifestações dos góticos em São Paulo dá-se no campo musical, através da

popularização do rock, com bandas como The Cure, Black Sabbath e Bauhaus. Apesar do som base dessas bandas ser, também, o rock, essas ganharam destaque sobre outras tribos, como as dos punks, pois começaram, com grande frequência, mesclar canções fortes com letras melódicas e românticas – ressaltando o ar de lamento – além de teatralizar a forma como se apresentavam esteticamente para o público – privilegiando a cor preta da roupa, com rostos pálidos e maquilados.

Trazendo para o Brasil um movimento que já era tradicional nos Estados Unidos e Canadá, por exemplo, a música gótica começou a ganhar destaque, além dos motivos já acima apresentados, pois foram utilizadas como trilhas sonoras de filmes de vampiros na época, a exemplo da canção “Bela Lugosi’s deade”, considerada como música ícone do grupo na década de 1980, do grupo Bauhaus, que embalou o filme “The Hunger” (Fome de Viver).

Conforme demonstrado no Capítulo 1, filmes como “Fome de Viver” e “Garotos Perdidos” tornaram-se referenciais estéticas para o grupo, pois traziam atores (ou músicos conhecidos, como é o caso de David Bowien) nos papéis principais, ressaltando temáticas como erotismo, relações de gênero, amor e solidão.

Até o ano de 1986, o grupo manteve grande destaque nacional, porém, após elevada exposição – deturpada – de suas ideologias e práticas culturais pela mídia, que o tinha como alvo para demonstrar aspectos da solidão e depressão juvenil, através de inúmeros programas televisivos e matérias nos jornais que enfatizavam apenas esse lado dos góticos de São Paulo, o grupo retraiu-se, só voltando à cena metropolitana após o ano de 1994.

Os motivos para esse ressurgimento dos góticos na cidade de São Paulo (e em todo o Brasil) são inúmeros, mas a própria tribo destaca que algumas coincidências, semelhantes as que ocorreram no final da década de 1970, contribuíram para tal feito. Os góticos começaram a reaparecer na mídia através de personagens de novelas, filmes e, principalmente, mesclada à cultura do RPG – role-playing games – que amparada pela oportunidade de interação e criação de espaços compartilhados, dá oportunidade para que a cultura saia de seu aspecto “secreto” e reservado, que mantinha até então, para novamente crescer em popularidade e número na cidade de São Paulo.

Obras como “Entrevista com o Vampiro”, da escritora Anne Rice, e que se transformaram em filme, tendo sido também utilizadas para a criação de jogos de RPG com

grande popularidade em todo o mundo – como é o caso do jogo “Vampiro, a máscara” – também colaboraram para este ressurgimento.

Tendo percebido então que o trio cinema, literatura e música foram às bases do destaque mundial dos góticos, tanto na década de 1970, quanto a partir de 1994, as indagações que fiz para a construção dessa dissertação de mestrado partiram desse fato. Reparei, então, que o nome de uma escritora norte-americana, tida como a grande escritora gótica do século XX, Anne Rice, era citado em ambas as fases. Porém, em localidades diferentes.

Na década de 1970 e início dos anos 1980, Rice ainda não era internacionalmente conhecida, tendo destaque nacional em seu país de origem, em especial na cidade onde mora e que se tornou responsável pela divulgação do movimento gótico para todo o mundo nos anos seguintes: Nova Orleans.

Rice, como já demonstrado nos capítulos 1 e 2, misturou às suas personagens vampíricas – que invertiam as características ideológicas e estéticas dos clássicos vampiros do século XIX – aspectos encontrados na juventude *underground* de Nova Orleans, criando aspectos de identificação desse público com as personagens dos romances.

Louis, Lestat, Armand, David Talbot, todos esses e mais uma série de quarenta personagens, dentro de seus mais de vinte e nove romances, correspondem ao que se encontra como características do perfil dos góticos em São Paulo, de Nova Orleans e das principais cidades do mundo: personagens jovens, com dinheiro – quer porque nasceram em famílias afortunadas, quer porque acumularam capital ao longo de ano de trabalho – intelectualizados e com profissões polêmicas – artistas, cientistas, pesquisadores de religiosidade, jornalistas, músicos – que sentem-se excluídos da sociedade, à margem dela para ser mais precisa, pois vêem o mundo e o compreendem de forma mais dramática e cruel que a maioria das pessoas da época gostavam de observar. Ao contrário daqueles que diziam: “vai melhorar, é só ter fé que as coisas acabam acontecendo”, esses jovens góticos, bem como os vampiros de Rice, assumiram outro discurso: “o mundo sempre foi ruim, bem como as pessoas que nele vivem. Tudo vai piorar, é só olhar com atenção para ver como a maldade cresce, assim como o egoísmo, o preconceito...”.

As obras de Rice representaram, na época em que surgiram em Nova Orleans, uma simbiose entre elementos míticos clássicos que sempre fascinaram a mente humana – os

monstros, os vampiros, as entidades fantásticas – com o discurso e estética de um grupo que crescia em todo o mundo através da música, principalmente. Lestat, o maior dos vampiros de Rice, é um astro de rock, como já demonstrado no Capítulo 2.

A título de curiosidade, a obra de Anne Rice, na década de 1970, chegou a ser traduzida no Brasil, não ganhando popularidade de massa na época, porém marcando presença em meios mais intelectualizados e ligados ao gótico, já que sua tradutora foi a grande poeta brasileira, simpatizante dessa estética, como demonstram vários estudos sobre suas obras e vida, Clarice Lispector. A 1ª edição brasileira de “Entrevista com o Vampiro” foi em 1976, ano de publicação da obra em Nova Orleans; porém, a 2ª edição só em 1992. Hoje, essa obra, a primeira escrita por Anne Rice, a que foi responsável pelo seu reconhecimento internacional e a que inspirou dois jogos de RPG no início dos anos 1990 e ganhar versão cinematográfica em 1994, já ultrapassou a 12ª edição.

Compreender o porque deste elevado crescimento da estética gótica no Brasil, a partir dos anos 1994, trouxe-me elementos para que então eu pudesse começar a explorar aspectos que realmente chamavam minha atenção em meu trabalho de campo: a utilização do mito do vampiro, e outros como “O Corvo” por exemplo, pelos góticos de São Paulo, através de sua incorporação estética.

Escolhendo o bar Madame Satã – como apresentei no capítulo 2 – como espaço gótico onde eu deveria centralizar meus relatos etnográficos, por ser este espaço o *point* mais tradicional dos góticos na cidade de São Paulo desde a década de 1970, procurei alinhar os elementos que já conhecia das histórias de Rice, dos jogos de RPG e dos filmes de Vampiro às formas como os góticos faziam seus discursos, vestiam-se, escolhiam seus parceiros e relacionavam-se quando adentravam ao Madame Satã ou em outros bares e espaços góticos da cidade de São Paulo.

Observava-os todos os finais de semana, e percebia que, mesmo já tendo estado no Madame Satã vezes sem conta, inclusive com grupos de amigos, a cada dia que lá retornava, novas descobertas eram realizadas. Um olhar, um sorriso, uma forma de caminhar pelo bar... todos esses aspectos começaram a chamar-me a atenção para temáticas que, antes, apenas haviam perpassado minha investigação, porém, não tinham ganho o destaque merecido.

Ao longo dos capítulos dessa dissertação, procurei demonstrar como essas temáticas se alinhavam, deixando perceptível que, entre o que os góticos passam para a sociedade e o que eles “gostariam” de passar – coloco entre aspas porque muitos fazem questão de salientar que pouco se importam se passam ou não uma mensagem, porém, esses mesmos são categóricos dizendo o quanto se incomodam das pessoas os rotularem e tirarem conclusões de seus discursos e estéticas sem conhecê-los mais profundamente – , há temáticas-chaves que preenchem lacunas que a observação etnográfica depara-se.

Foi por este motivo que, ao longo dos capítulos 2 e 3, apresentei a seguinte lógica ao leitor: 1) apresentação do cenário – a casa noturna Madame Satã; 2) apresentação do público que frequenta o bar; 3) descrição das principais semelhanças estéticas e simbólicas entre o discurso gótico e a literatura de Anne Rice.

### **1) Apresentação do cenário – a casa noturna Madame Satã**

O maior objetivo deste sub-capítulo, presente no Capítulo 2, foi o de destacar os principais aspectos estéticos e simbólicos presentes tanto na construção do espaço interno da casa, como no local onde ela se encontra alocada na cidade de São Paulo.

Para dar fundamentação teórica a esses aspectos estéticos e simbólicos, recorri a teóricos como Mircea Eliade (1998), que fala da importância do centro para os seres humanos, além de Pires (2004), Del Priore (2000) e Gil (1994), que teorizam sobre os temas noite e monstrosidade, mostrando como esses interagem com o imaginário popular daqueles que co-habitam o espaço com seres que tendem a classificar como monstruosos.

### **2) Apresentação do Público que frequenta o Bar**

Partindo, então, do pressuposto de que é na noite que se encontram os seres malévolos – começando-se pelo vampiro, que também só é encontrado nas ruas após o pôr do sol – a segunda etapa foi descrever o público que frequentava o Madame Satã, fazendo uso, então, de todas as particularidades que obtive através dos relatos etnográficos realizados ao longo dos quatro anos de duração desta pesquisa.

Apresentou-se, assim, a diferença entre darks (primeira denominação que os góticos receberam no Brasil na década de 1980, como exposto no capítulo 1) e góticos; o que é ser gótico, para os integrantes da tribo; a importância que o mito do vampiro e outros seres

obscuros têm na representação estética e discursiva dos góticos de São Paulo; quais são as sub-divisões presentes dentro da tribo que se denomina como “gótico”, mostrando que entre eles há códigos e padrões de condutas que demonstram os mais e menos engajados no movimento; a forma como eles lidam com a sexualidade e com as relações de gênero, valorizando, assim, o termo androginia e, por fim, como o corpo e os adereços estéticos falam e representam muito dos próprios góticos se observados atentamente.

Teóricos como Bataille (1988) e Le Breton (2003), foram fundamentais para se alinhar o que era observado através do trabalho de campo e o conhecimento que eu já possuía, por conta de estudos anteriores e paralelos necessários a melhor compreensão do que observava através de leituras e entrevistas com os integrantes da tribo, dos mitos e simbologias que são referências para os góticos de São Paulo.

Porém, quando me deparei com a fala de Bataille (1988), de que o erotismo representa, simbolicamente, o desejo do homem em reunir-se com seus deuses e reconquistar o status divino perdido no começo dos tempos, fazendo deste ato uma procura eterna e mística, motivada por um desejo muito forte, uma certa “nostalgia”, que atua como força motriz, energia que anima o ser humano, utilizando-se da sexualidade como meio capaz de mover o homem em direção à eternidade perdida, reunindo-o em comunhão com seus semelhantes e com suas divindades, anulando, assim, as mazelas da existência humana, compreendi como deveria estruturar o terceiro e último capítulo deste trabalho.

Para mim, fez-se claro de que a única forma que possuía no momento de demonstrar, de maneira mais clara possível, as características estéticas e simbólicas presentes no discurso, no uso do corpo e nas vestimentas dos góticos de São Paulo seria se os comparasse à sua base mítica atual, portanto, as obras de Anne Rice, o que foi feito no 3º Capítulo.

### **3) Descrição das principais semelhanças estéticas e simbólicas entre o discurso gótico e a literatura de Anne Rice**

O objetivo do 3º Capítulo foi, então, de começar a suturar os referenciais teóricos que aponte ao longo do capítulo 2, destacando-se, em especial, os aspectos eróticos e corpóreos que se fundem com aquilo que chamei de principal desafio teórico dessa



dissertação e que foi apresentado logo no primeiro capítulo: alinhar as noções conceituais de tribo urbana, identidade e nomadismo.

As principais atribuições do Capítulo 3 foi discorrer sobre três aspectos: 1) apresentar como o individualismo se faz presente tanto na ação e discurso dos góticos da cidade de São Paulo, quanto nas personagens de Anne Rice, apresentando-se, para isso, as principais características e simbologias que ao longo dos séculos (XVIII a XXI) constituem a chamada literatura gótica, destacando-se a obra “Fausto”, como ícone do mito do individualismo moderno, o que foi feito à luz de Watt (1997); 2) Apresentar, de forma mais pontual, o principal ícone criado por Anne Rice, o Vampiro Lestat, demonstrando o alinhar de suas características discursivas e estética com alguns dos góticos que entrevistei; e, por fim, 3) demonstrar como os aspectos observados nos livros de Rice confundem-se com o que é visto na prática cotidiana da tribo em suas manifestações no teatro, na música e, sobretudo, no uso da máscara (artifícios que os protege ao mesmo passo que deixa visível aspectos simbólicos de suas personalidades).

## **Apresentando o fim para se pensar num novo começo**

A estética e o discurso gótico, como observado em todo este trabalho, valoriza ao máximo o ato erótico, a teatralidade dos movimentos dos corpos e a semelhança visual e simbólica com o mito do vampiro. Ao longo de suas práticas de convívio nos espaços góticos da cidade de São Paulo, procuram vivenciar, mesmo que não saibam, o que Bataille (1988: 16) apresenta como sendo o erotismo sagrado, ações, pois, que resultarão em “aproximar o ato de amor e o sacrifício”, o que “matiza a fusão dos seres com uma transcendência da relação imediata”.

O erotismo sagrado aponta-se, assim, para mim, como um tema que deve ser pensado e amadurecido em uma próxima pesquisa. Fica, para mim, como a lacuna e o desafio teórico para dar continuidade as minhas buscas de entendimento sobre os mitos e simbologias que cercam a cultura gótica na cidade de São Paulo.

Se nesta pesquisa, parti de minhas indagações da Iniciação Científica para este mestrado, encontrando-os em espaços como o Madame Satã; penso que a próxima etapa é compreender como esta estética, este erotismo sagrado, ecoa e encanta os transeuntes da cidade ao mesmo passo que os tripudia e afasta. Porque o bizarro, o grotesco, a

monstruosidade continuam a gerar tantos aficionados nas suas mais diversas formas de manifestação, seja ela literária, cinematográfica, religiosa ou mesmo em sub-cultura juvenil, como as tribos urbanas? O que faz com que temas como o mal esteja retomando um certo lugar de destaque em nossa sociedade? São com todos esses questionamentos que fico ao encerrar essa dissertação e, que certamente, me acompanharão para uma próxima etapa de aquisição de conhecimento.

Quero, portanto, deixar como última imagem deste trabalho o relato do último dia em que estive no Madame Satã, já ao fim de meus relatos etnográficos para o mestrado. Faço-o pela necessidade de demonstrar que todo conhecimento é cíclico... eu parti de uma cena semelhante, há dez anos, para escrever esse trabalho que agora se encerra, e, quero partir desta cena que encerra para começar a pensar em sua continuidade, onde os conceitos sobre noite e monstruosidade, que fundem-se ao conceito de nomadismo de Delleuze e Guatarri (2005), pois há nelas uma série de simbologias que contribuem para que o gótico seja visto como um incitador da “máquina da guerra”, destacando-se sua característica andarilha pelas noites do centro da cidade, poderão ser pensados num outro nível teórico e com um novo objeto de pesquisa, mas sempre remetendo-me as muitas formas de se viver e vislumbrar a juventude na cidade de São Paulo.

Estaciono, então, mais uma vez, o carro nas desertas ruas do centro da cidade. Aqueles casarões antigos, degradados, que um rápido olhar desavisado ou não acostumado relata que algum dia já foram coloridos e com flores na janela. “Casas de avó”, penso. Quando não conhecia tão de perto esta região a tinha como um lugar sombrio, um lugar que nunca gostei de ir sozinha. Talvez, este lugar continue sendo sombrio...

Antes de sair do carro observo pelo retrovisor cinco ou seis rapazes chegando. Todos de preto, casacos-sobretudo negros e longos, cabelos compridos e presos. Um deles traz nas mãos um garrafão de vinho, outro traz copos plásticos. Eles caminhavam lentamente, riem discretamente de um pequeno comentário feito pelo jovem mais alto e mais distante do grupo. Passam rapidamente por mim e viram na esquina seguinte, onde fica a entrada do bar.

Penso em como eles se apresentam sombrios. Desço do carro e encontro-me com velhos amigos de meu primo. Ao virar na mesma esquina que os jovens que acabei de observar pelo retrovisor, verifico, mais uma vez, a cena a qual frequento há anos e todos os

finais de semana prendia-me a atenção. O grupo que eu havia observado está perto de um boteco que fica em frente ao Madame Satã.

Faltam dez minutos para a meia noite, portanto, dez minutos para a casa abrir. Na rua, há dezenas de pessoas. Mulheres vestidas com roupas justas e pretas, grandes saltos e maquiadas de forma a ressaltar a palidez do rosto: olhos muito escuros, boca com tons pretos e vinho. Unhas negras.

Ao lado, alguns jovens sentados no chão com garrafões de vinho e copos plásticos na mão. A todo instante, mais e mais jovens chegam a Rua Conselheiro Ramalho, no centro da cidade de São Paulo, e aglomeram-se frente a um casarão todo pintado de preto, poucos sorriem, muitos caminham lentamente pelas ruas e olham soturnamente para aqueles que os observam.

Do outro lado da rua, porém, novas cenas chamam-me a atenção. São jovens também, só que vestidos com longas saias e ternos, com bíblias na mão. Eles passam, olham para os sombrios góticos e fazem o sinal da cruz, apressando os passos. Ao meu lado estão duas meninas góticas, elas dão um passo para trás e fazem, também, o sinal da cruz ao encará-las. Um dos jovens do outro lado grita: “blasfêmia”... uma gritaria começa em frente ao bar, e danças frenéticas acompanham risos dos jovens de preto que “incorporam” em si a visão do profano.

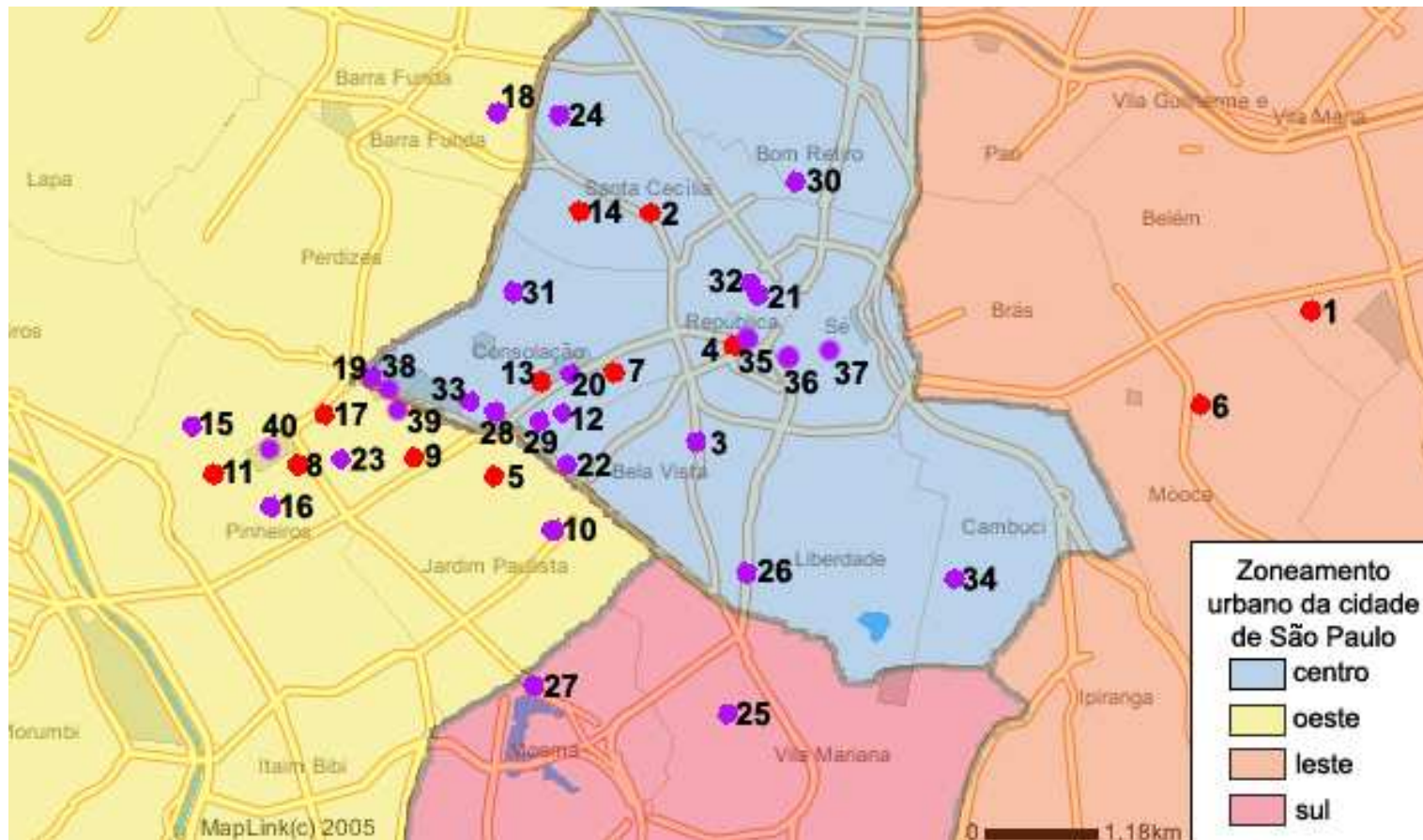
No dia seguinte, no mesmo horário, a cena se repete. Apesar dos muitos caminhos possíveis para sair do culto evangélico que ocorre ao final da mesma rua em que se localiza o Madame Satã, os jovens com as bíblias nas mãos resolvem passar, novamente, em frente aos góticos. Desta vez, encontro-me na calçada de passagem desses jovens e escuto duas das adolescentes que vinham um pouco mais atrás do grupo central de oito pessoas: “são tão assustadores, mas são tão bonitos...”. Atravesso a rua e entro no bar, certamente, tenho mais coisas a pesquisar naquela região da cidade de São Paulo.

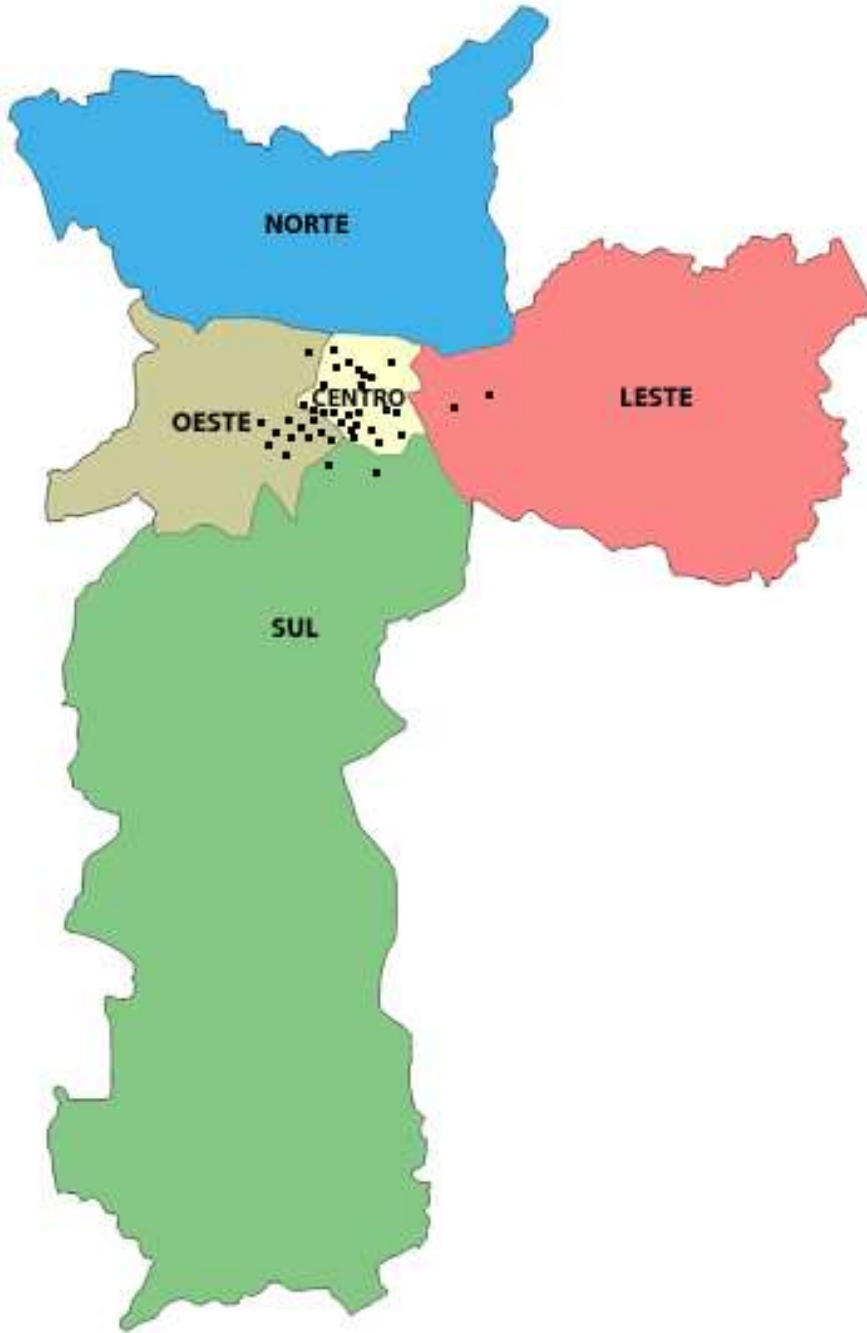
**ANEXOS**



# ANEXO A

## O CIRCUITO GÓTICO NA CIDADE DE SÃO PAULO





Fonte: <http://www.telelistas.net>

**Localização dos pontos  
(Vermelho – circuito atual; Roxo – circuito de 2000)**

1. After Dark – antigo Inspiral Dark Night
2. Dj Pub
3. Madame Satã
4. Pub Fiction
5. Hole Club
6. Oficina Mooca
7. Crow Club
8. Tribehouse
9. Atari
10. Dj Club Bar Lealro
11. Dynamite
12. A Loca
13. Funhouse
14. Jive
15. Matrix
16. Nias
17. Salamadra
18. Memorial da América Latina
19. Cemitério Araçá
20. Cemitério Consolação
21. Teatro Municipal
22. MASP
23. Gothan Bar / Te Gustas?
24. Eternal Alternative Nigth
25. Holocausto
26. Centro Cultural de São Paulo
27. MAM
28. Cine Belas Artes
29. Espaço Unibanco
30. Pinacoteca do Estado
31. FAAP
32. Galeria do Rock
33. Comix
34. Devir
35. Biblioteca Central (São Paulo)
36. Faculdade de Direito – Largo de São Francisco
37. Catedral da Sé
38. Faculdade de Saúde Pública – USP
39. Faculdade de Medicina – USP
40. Cemitério São Paulo

## ANEXO B

# PERFIL GÓTICO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Universo de Pesquisa: 1.000 entrevistados

### Questionário para Levantamento de Perfil

#### INFORMAÇÕES PESSOAIS

IDADE: \_\_\_\_\_ SEXO: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE PROFISSIONAL: \_\_\_\_\_

- ( ) SÓ ESTUDA  
 ( ) SÓ TRABALHA  
 ( ) TRABALHA E ESTUDA

CARGA HORÁRIA DE TRABALHO SEMANAL: \_\_\_\_\_

RENDA PESSOAL (MENSAL): R\$ \_\_\_\_\_

#### NÍVEL ESCOLAR:

- ( ) ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO  
 ( ) ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO  
 ( ) ENSINO MÉDIO INCOMPLETO  
 ( ) ENSINO MÉDIO COMPLETO  
 ( ) ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO CURSO: \_\_\_\_\_  
 ( ) ENSINO SUPERIOR COMPLETO CURSO: \_\_\_\_\_  
 ( ) PÓS-GRADUAÇÃO INCOMPLETA CURSO: \_\_\_\_\_  
     ( ) STRICTU SENSO   ( ) LATU SENSO  
 ( ) PÓS-GRADUAÇÃO COMPLETA CURSO: \_\_\_\_\_  
     ( ) STRICTU SENSO   ( ) LATU SENSO  
 ( ) OUTROS

#### IDIOMAS:

- ( ) INGLÊS NÍVEL: \_\_\_\_\_  
 ( ) FRANCÊS NÍVEL: \_\_\_\_\_  
 ( ) ESPANHOL NÍVEL: \_\_\_\_\_  
 ( ) ALEMÃO OUTROS: \_\_\_\_\_  
 ( ) NENHUM



**CONSTITUIÇÃO FAMILIAR**

QUEM SÃO AS PESSOAS COM AS QUAIS VOCÊ DIVIDE SUA CASA?

---

---

QUEM SÃO AS PESSOAS QUE VOCÊ CONSIDERA SUA FAMÍLIA?

---

---

QUAL SUA RENDA FAMILIAR?

---

**SOBRE SEUS GOSTOS CULTURAIS**

QUAIS SÃO OS SEUS HOBBIES?

---

---

---

VOCÊ PRÁTICA ALGUMA ATIVIDADE ARTÍSTICA? QUAL?

---

---

---

---

QUAL SEU ESTILO MUSICAL PREDILETO?

---

QUAL SUA BANDA OU CANTOR(A) PREDILETO(A)?

---

QUAL FILME OU PROGRAMA DE TELEVISÃO MAIS LHE MARCOU EM SUA INFÂNCIA? POR QUE?

---

---

---

---

QUAL FILME VOCÊ CONSIDERA COMO SENDO DE GRANDE IMPORTÂNCIA EM SUA VIDA? POR QUE?

---

---

---

---

---



---

SE VOCÊ PUDESSE SER UMA PERSONAGEM DE FILME OU DA LITERATURA, QUAL VOCÊ SERIA? POR QUE?

---



---



---



---



---

QUAL SEU ESTILO DE FILME PREDILETO?

---

VOCÊ TEM O HÁBITO DA LEITURA? ( ) SIM ( ) NÃO

QUAL TIPO DE MATERIAL VOCÊ COSTUMA A LER COM FREQUÊNCIA (MAIS DE 3 VEZES NA SEMANA)?

---



---



---



---

QUAIS SÃO AS OBRAS LITERÁRIAS QUE VOCÊ MAIS GOSTOU?

---



---



---



---



---

VOCÊ VIAJA FREQUENTEMENTE OU JÁ VIAJOU? QUAIS FORAM OS DESTINOS E OS PRINCIPAIS MOTIVOS PARA ESTAS VIAGENS?

---



---



---



---

**JOGO RÁPIDO**

UMA COR: \_\_\_\_\_

UMA IMAGEM: \_\_\_\_\_

UM AMULETO: \_\_\_\_\_

UM SÍMBOLO: \_\_\_\_\_

RELIGIÃO: \_\_\_\_\_

DEUS: \_\_\_\_\_

DIABO: \_\_\_\_\_

MORTE: \_\_\_\_\_

ESTAR VIVO É \_\_\_\_\_

ESTAR MORTO É \_\_\_\_\_

OPÇÃO SEXUAL: \_\_\_\_\_

TATUAGEM: \_\_\_\_\_

PRECONCEITO: \_\_\_\_\_

AMOR: \_\_\_\_\_

PAIXÃO: \_\_\_\_\_

SEU CORPO: \_\_\_\_\_

DINHEIRO: \_\_\_\_\_

---

### **RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA**

#### **Observações Importantes:**

- Como a maioria das perguntas foi aberta, o título usado para agrupá-las deu-se através das semelhanças obtidas, por exemplo:

- questionário 250 – minha família são minha mãe e meu irmão caçula
- questionário 677 – minha família são meus pais

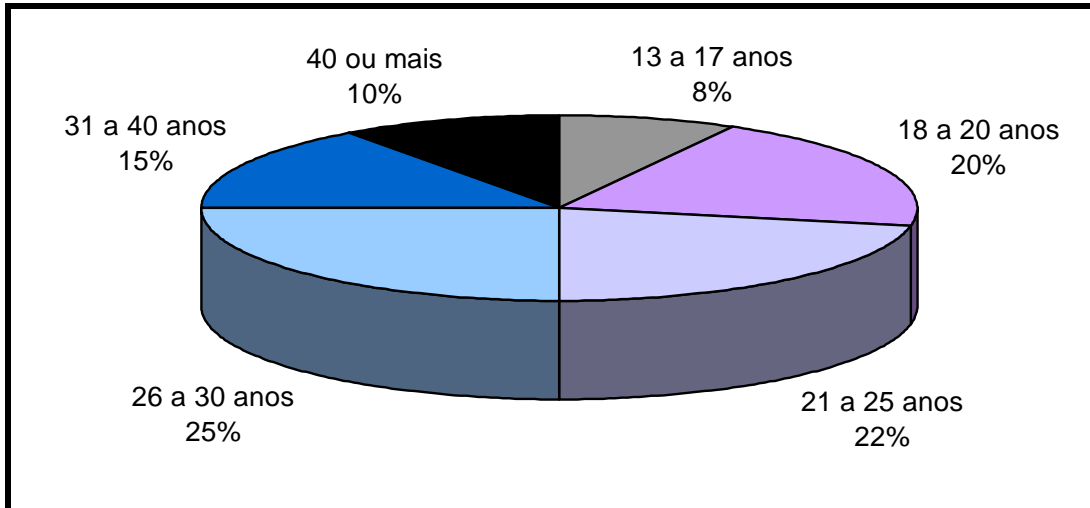
Em ambos os casos, foram classificados como “pais e irmãos”

- Dados importantes que componham características abstratas como “Outros”, estão explicados logo após o gráfico em que os dados são apresentados, bem como informações extras que sejam relevantes para análises feitas durante toda a pesquisa.

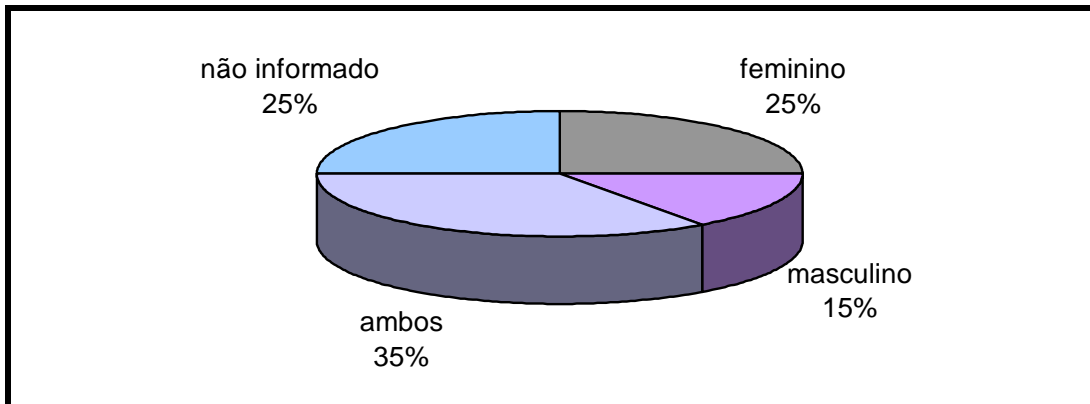
---

## 1. Informações Pessoais

### GRÁFICO 1 - IDADE

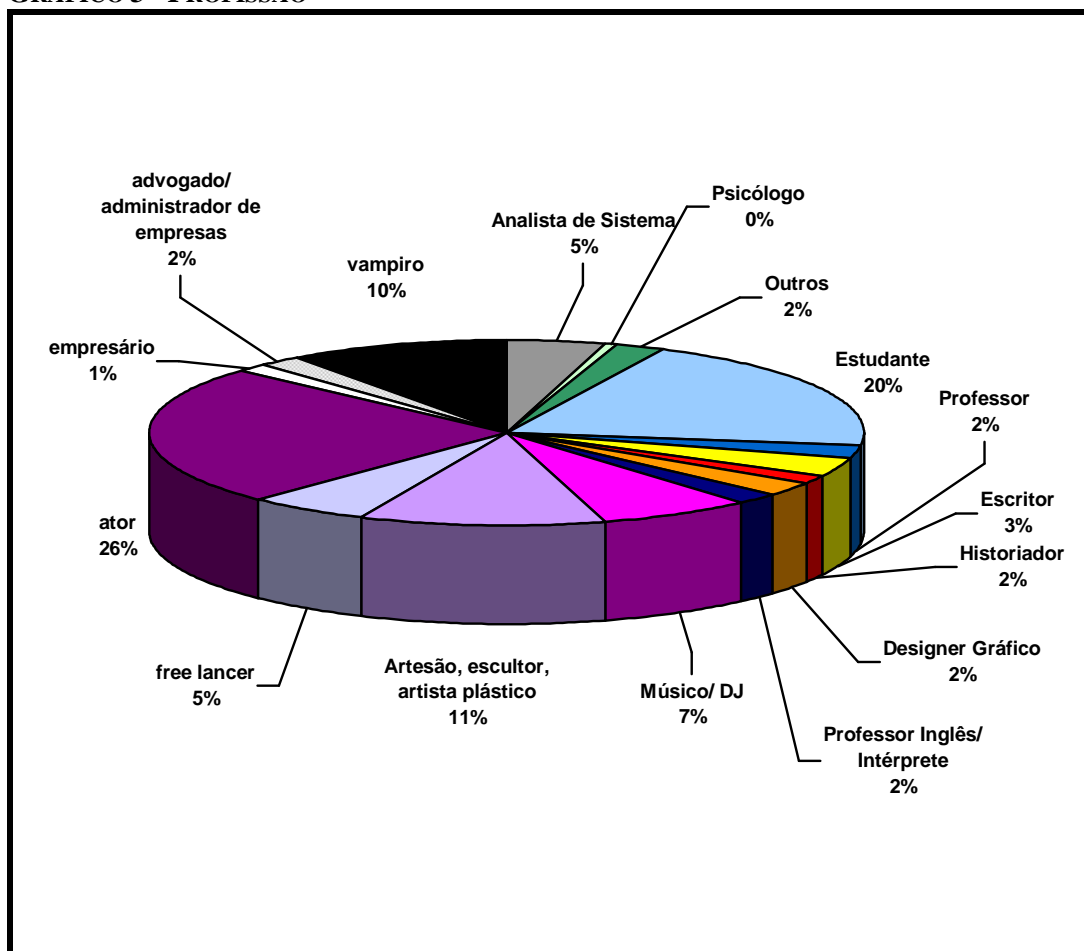


### GRÁFICO 2 - SEXO



**TABELA 2 - ATIVIDADE PROFISSIONAL**

Grupos por Aproximação	Só Estuda	Só Trabalha	Estuda e Trabalha	Carga Horária de Trabalho Semanal (média)
Grupo A (18 a 20 anos)	52%	10%	38%	40 h
Grupo B (21 a 25 anos)	60%	22%	18%	40 a 60 h
Grupo C (26 a 30 anos)	10%	39%	51%	40 a 60 h
Grupo D (31 a 35 anos)	12%	60%	28%	40 a 60 h
Grupo E (36 anos ou mais)	0%	24,5%	75,5%	50 a 60 h

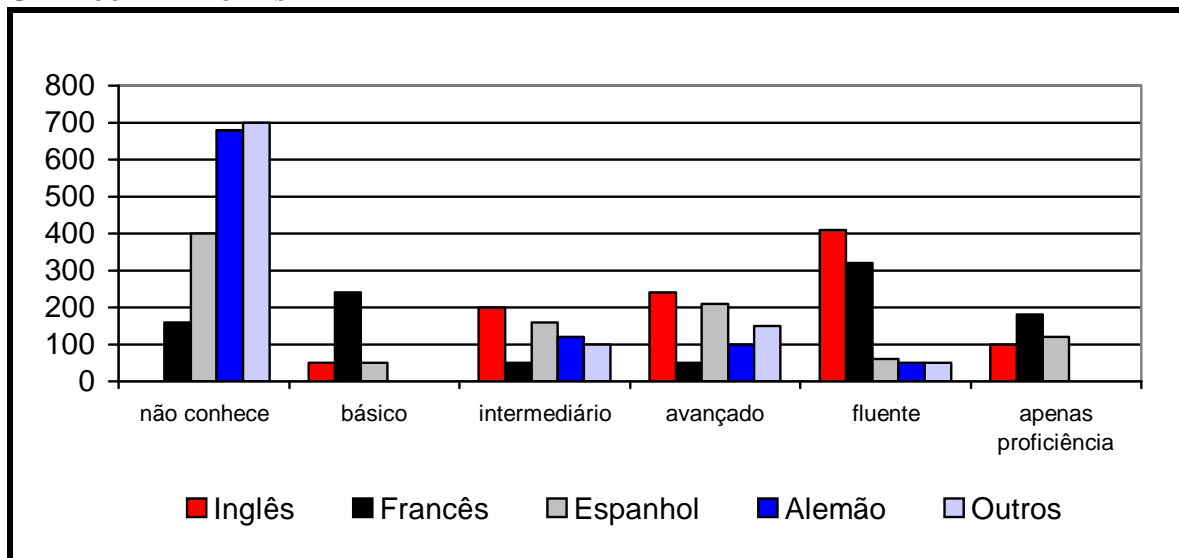
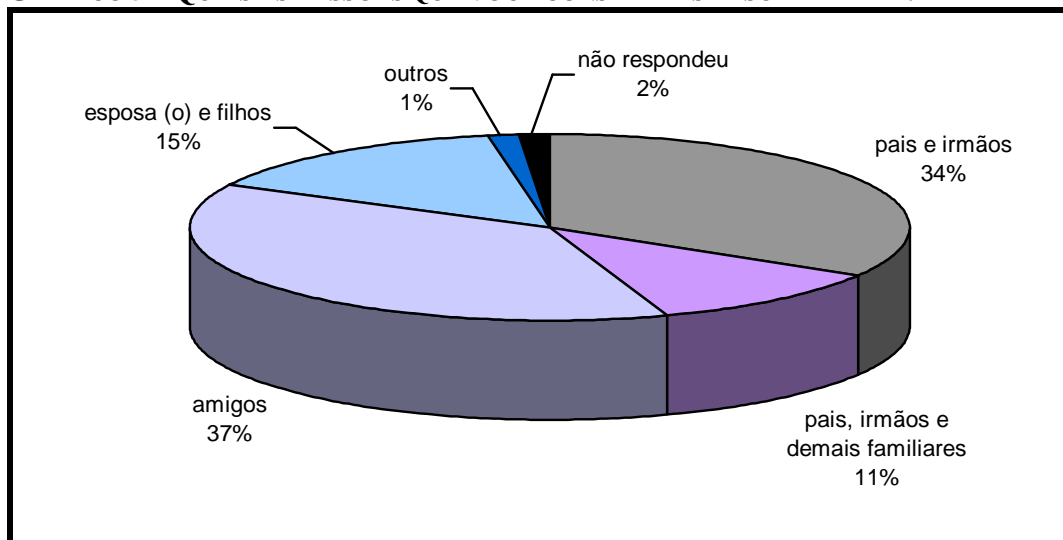
**GRÁFICO 3 - PROFISSÃO<sup>45</sup>**

<sup>45</sup> Outros: fisioterapeuta, médico, vendedor, veterinário, estilista, engenheiro.

**TABELA 3 - NÍVEL ESCOLAR**

Grupos por Aproximação <sup>46</sup>	Escolaridade	Nº de pessoas que moram em sua residência	Renda Familiar em média
<b>Grupo A</b> <b>17,5%</b>	Ensino Médio Incompleto – 35% Ensino Médio Completo – 42% Universitário Incompleto – 12% Universitário Completo – 10% Pós-Graduação – 1%	5 ou mais	40 salários mínimos ou +
<b>Grupo B</b> <b>32,0%</b>	Ensino Médio Incompleto – 45% Ensino Médio Completo – 22% Universitário Incompleto – 25% Universitário Completo – 4,3% Pós-Graduação – 3,7%	3 a 4 pessoas	30 SM
<b>Grupo C</b> <b>28,0%</b>	Ensino Médio Incompleto – 2% Ensino Médio Completo – 17% Universitário Incompleto – 24% Universitário Completo – 54% Pós-Graduação – 3%	2 a 3 pessoas	30 SM
<b>Grupo D</b> <b>10,2%</b>	Ensino Médio Incompleto – 0% Ensino Médio Completo – 0% Universitário Incompleto – 42% Universitário Completo – 48% Pós-Graduação – 10%	1 a 2 pessoas	15 a 20 SM
<b>Grupo E</b> <b>12,3%</b>	Ensino Médio Incompleto – 0% Ensino Médio Completo – 0% Universitário Incompleto – 5% Universitário Completo – 87% Pós-Graduação – 8%	Mora sozinho	8 a 14 SM

<sup>46</sup> Os grupos por aproximação foram montados através das semelhanças existentes nos demais dados que compõe a tabela: escolaridade, número de pessoas que moram na residência e renda média da família.

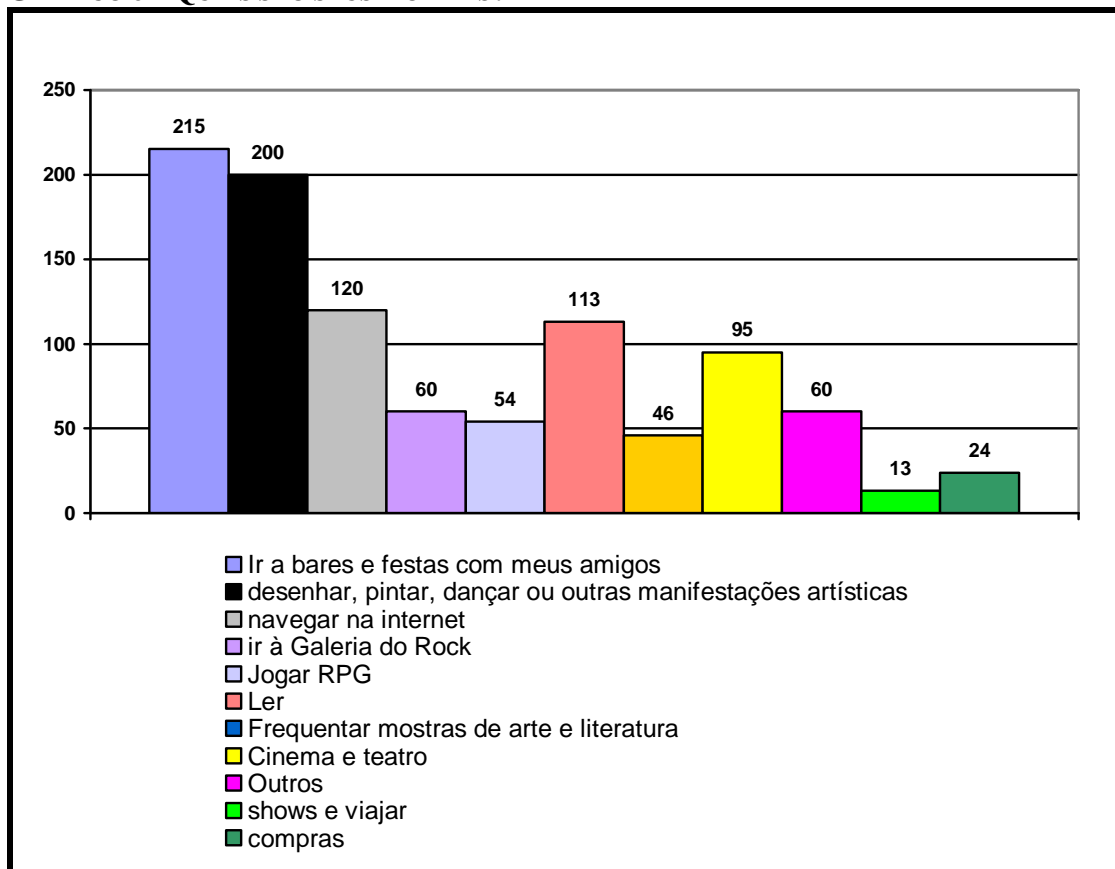
GRÁFICO 4 – IDIOMAS<sup>47</sup>GRÁFICO 5 – QUAIS AS PESSOAS QUE VOCÊ CONSIDERA SER SUA FAMÍLIA?<sup>48</sup>

<sup>47</sup> Outros: Italiano e Japonês

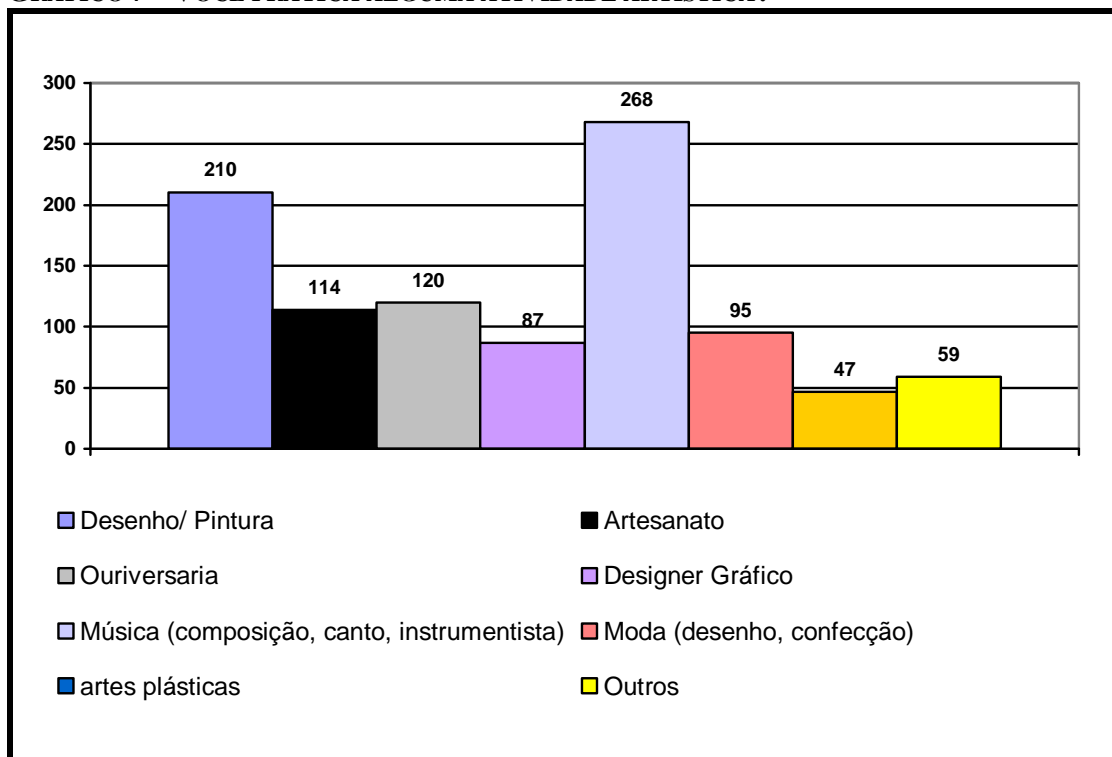
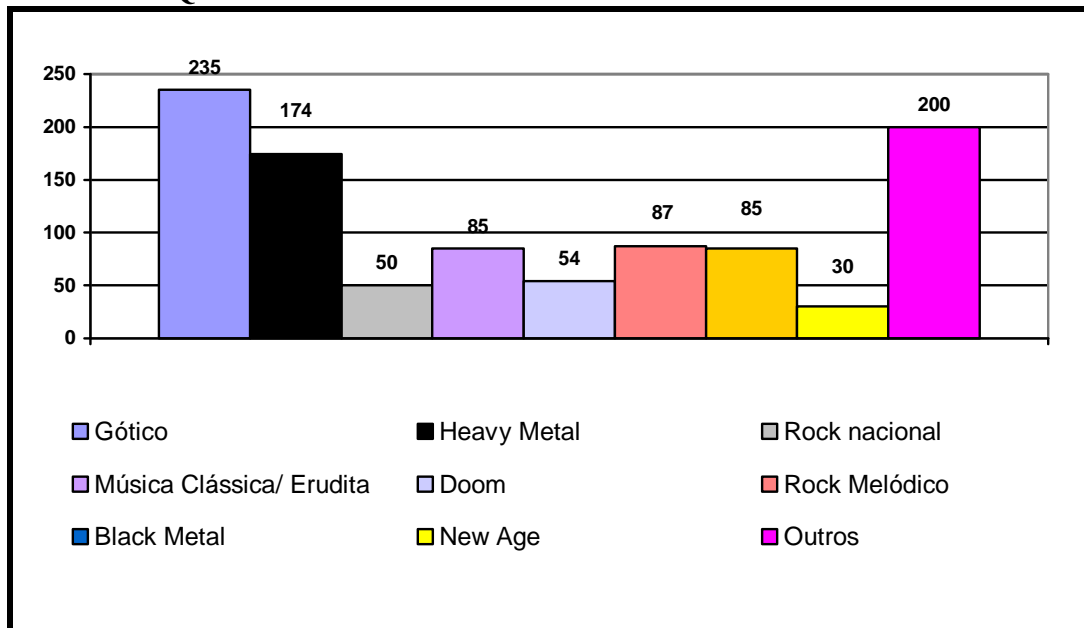
<sup>48</sup> Outros: ex-companheiros com o qual possuem filhos; animais de estimação; colegas de trabalho.

## 2. SOBRE SEUS GOSTOS PESSOAIS

### GRÁFICO 6 – QUAIS SÃO SEUS HOBBIES?

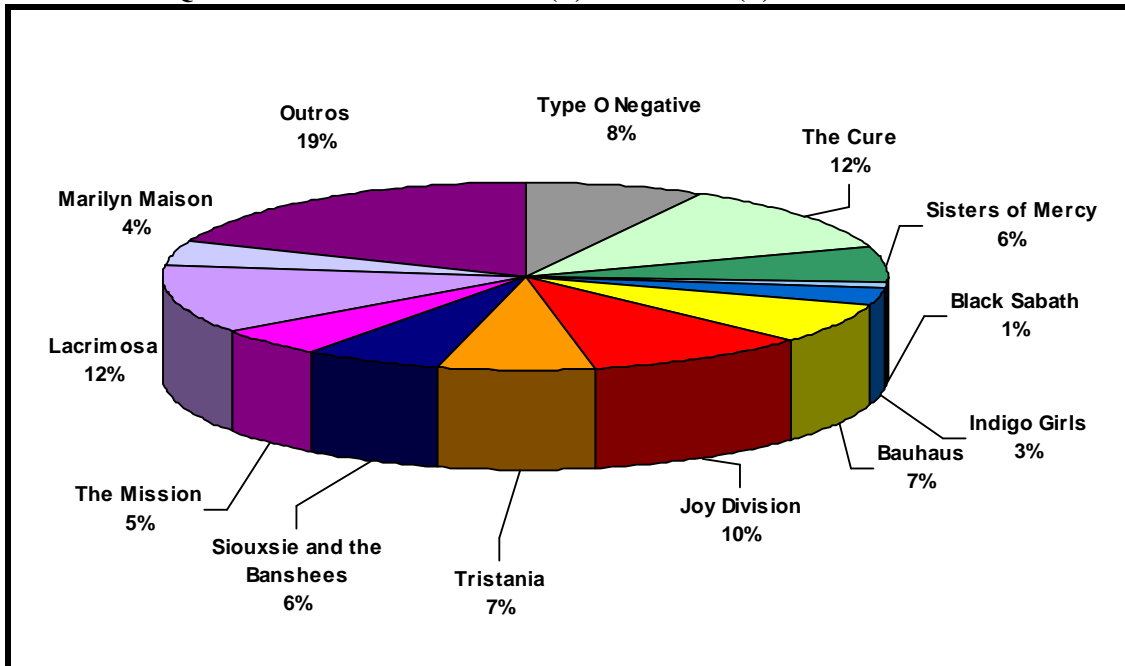




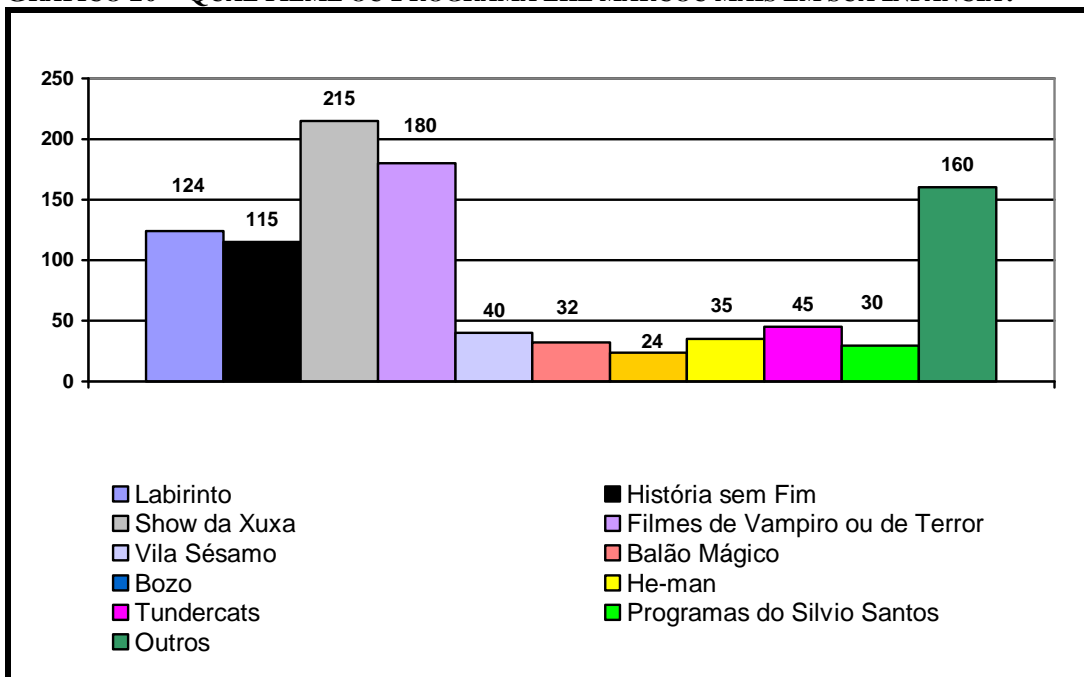
**GRÁFICO 7 – VOCÊ PRÁTICA ALGUMA ATIVIDADE ARTÍSTICA?****GRÁFICO 8 – QUAL SEU ESTILO MUSICAL PREDILETO?<sup>49</sup>**

<sup>49</sup> Outros: Música Popular Brasileira (MPB); músicas regionais; músicas religiosas (Gospel).

**GRÁFICO 9 – QUAL SUA BANDA OU CANTOR(A) PREDILETO(A)?<sup>50</sup>**



**GRÁFICO 10 – QUAL FILME OU PROGRAMA LHE MARCOU MAIS EM SUA INFÂNCIA?<sup>51</sup>**



<sup>50</sup> **Outros:** Nirvana; Lorena Mackenith; Led Zeppelin; Pink Floyd; AC/DC; Gun's in Roses; David Bowie; Halloween; Sarah Brightman; Eric Clepton; bandas de Jazz e Blues; Bjork.

<sup>51</sup> **Outros:** Caverna do Dragão (desenho); séries de heróis japoneses (Jiraya; Jaspion, entre outros); série de filmes espaciais (Jornada nas Estrelas; Perdidos no Espaço); desenhos da Disney®.

GRÁFICO 11 – QUE FILME MAIS LHE MARCOU EM SUA VIDA?

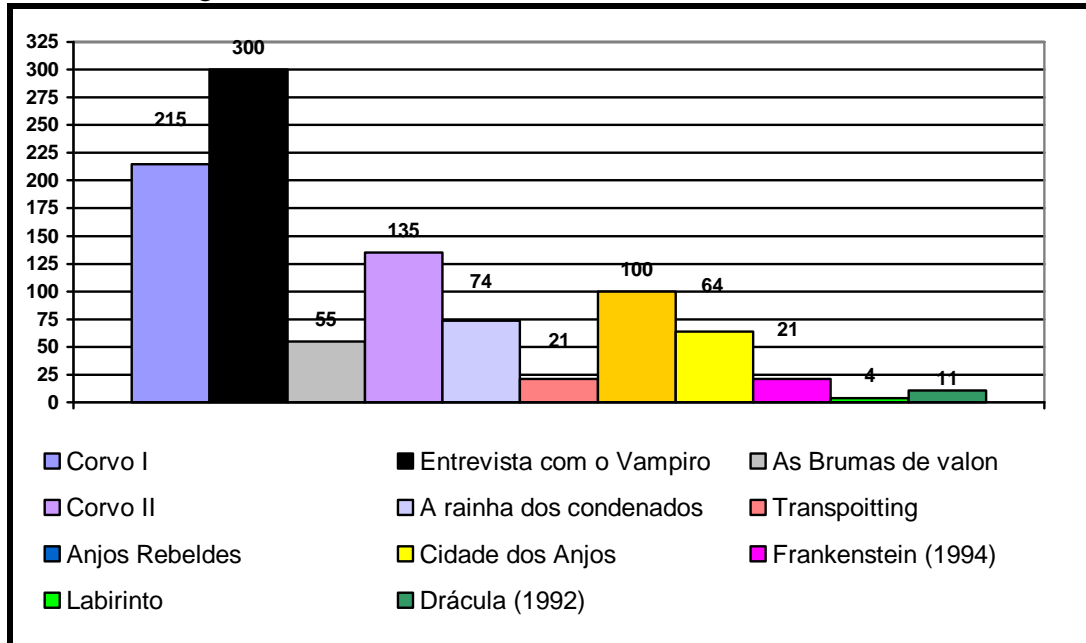
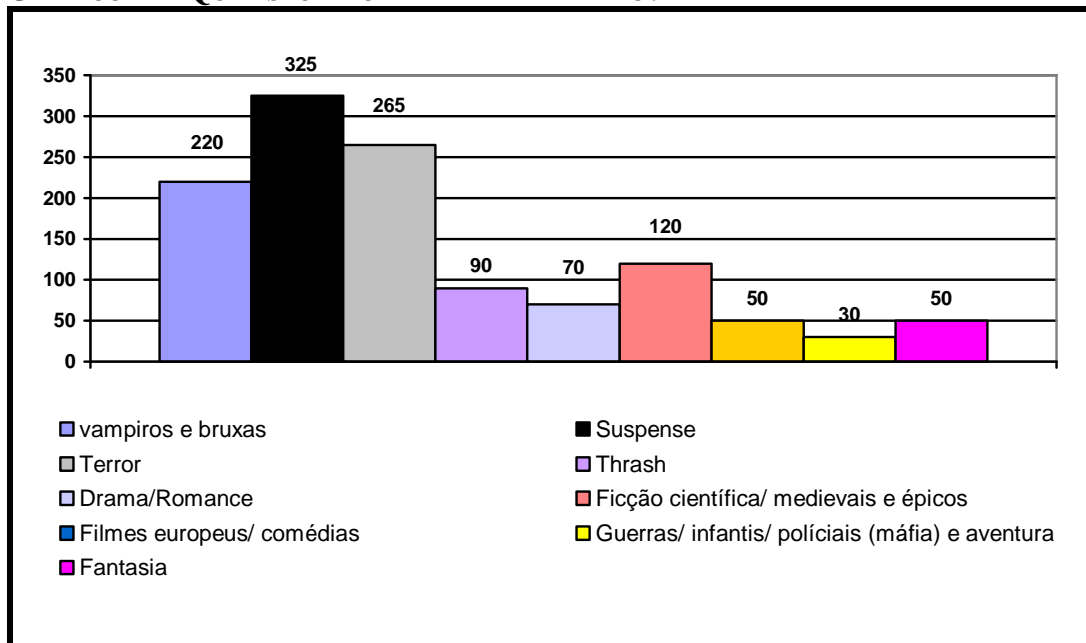
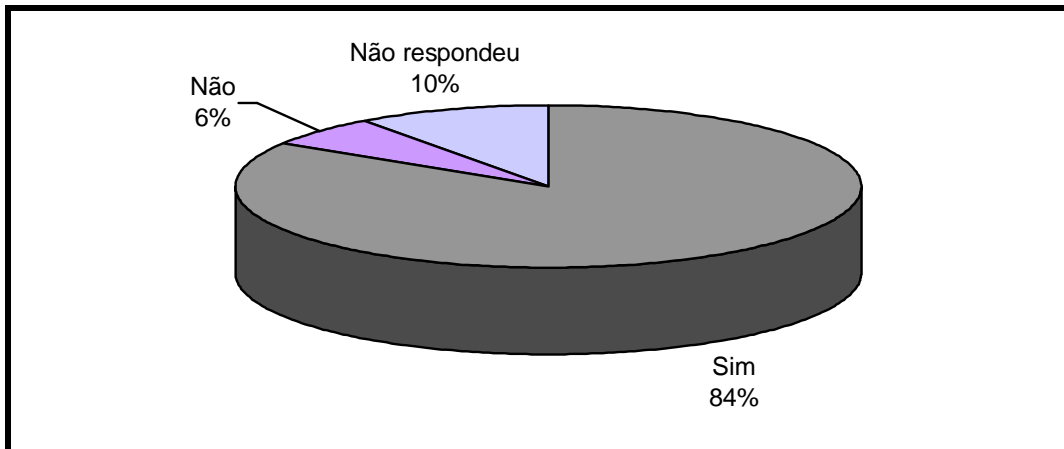
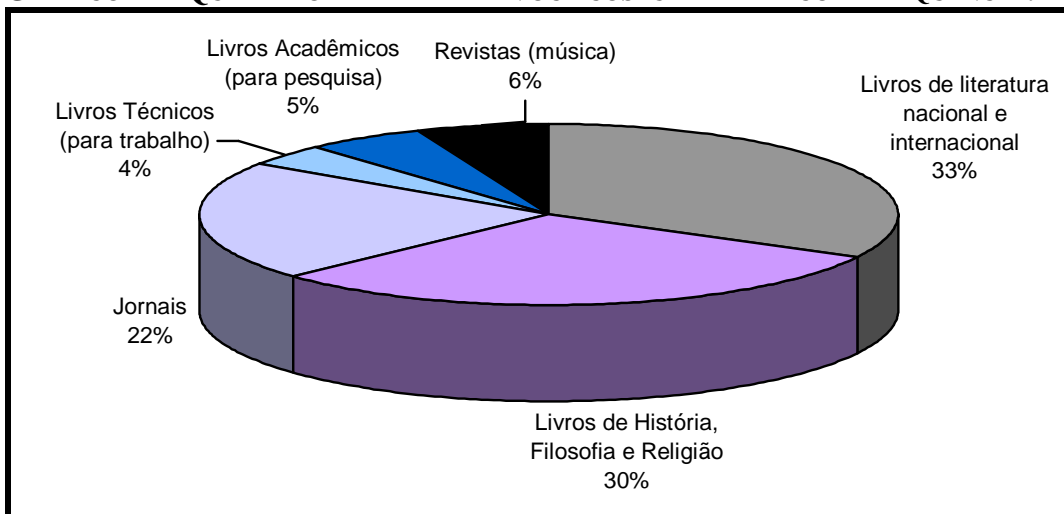
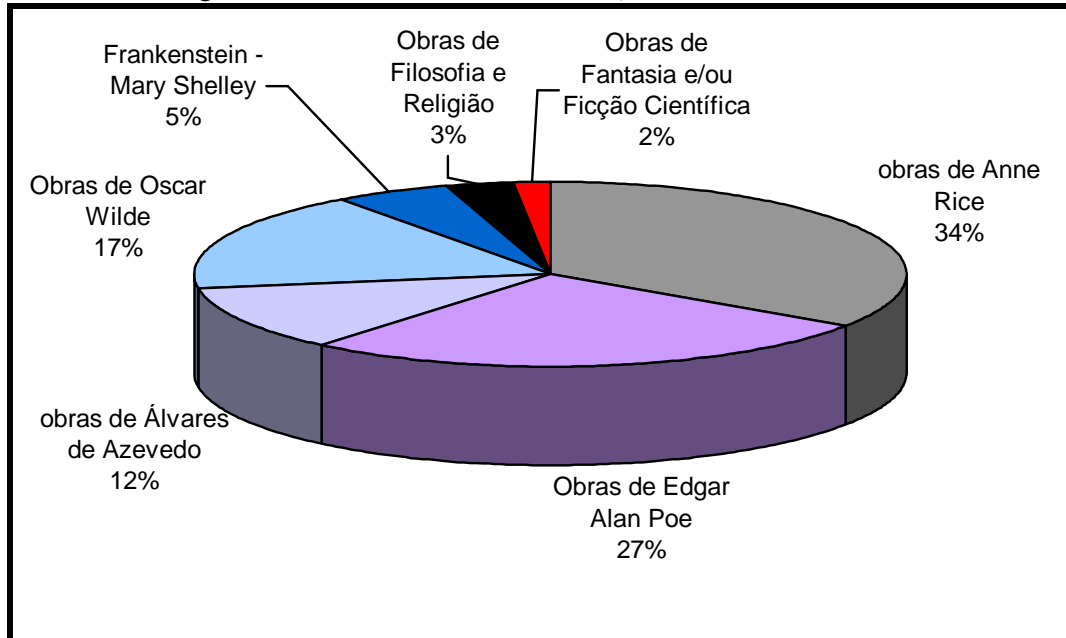
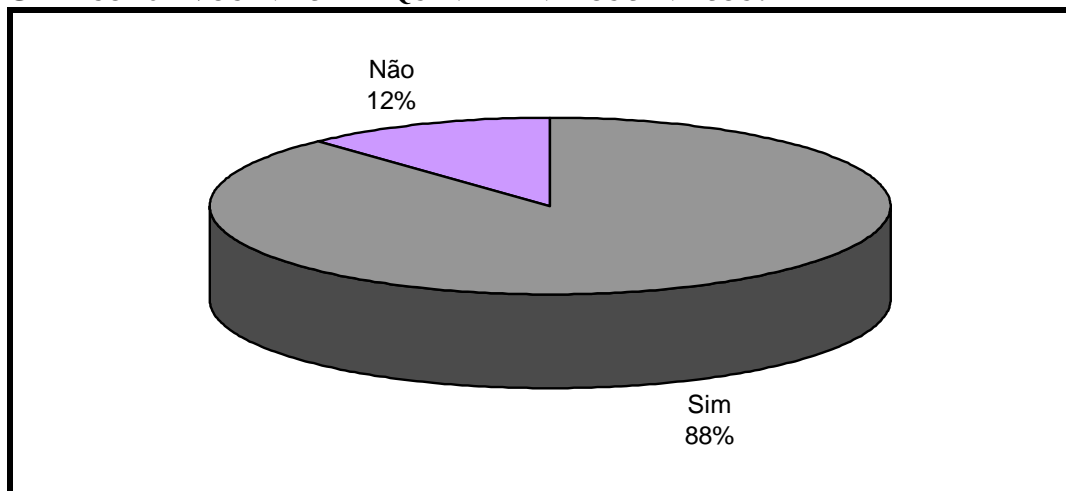


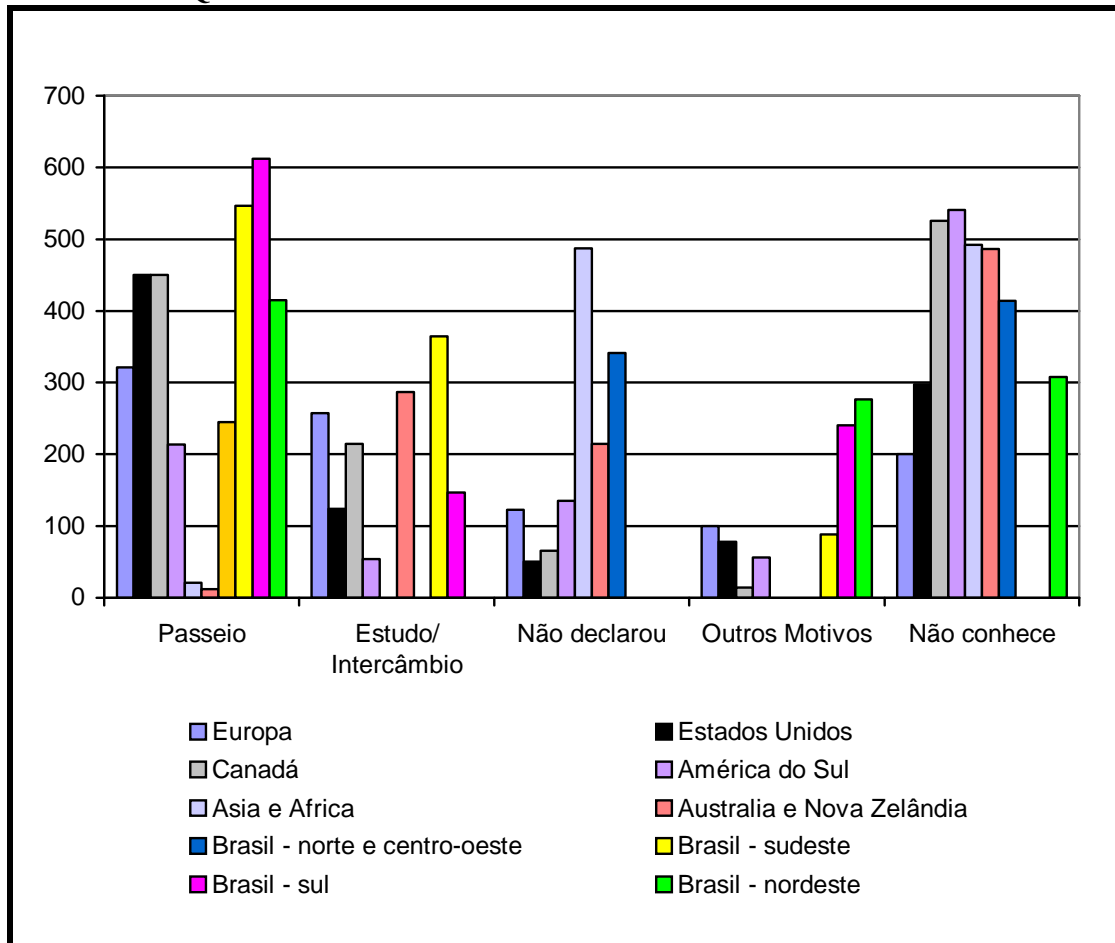
GRÁFICO 12 – QUAL SEU TIPO DE FILME PREFERIDO?



**GRÁFICO 13 – VOCÊ TEM O HÁBITO DA LEITURA?****GRÁFICO 14 – QUAL TIPO DE MATERIAL VOCÊ COSTUMA A LER COM FREQUÊNCIA?**

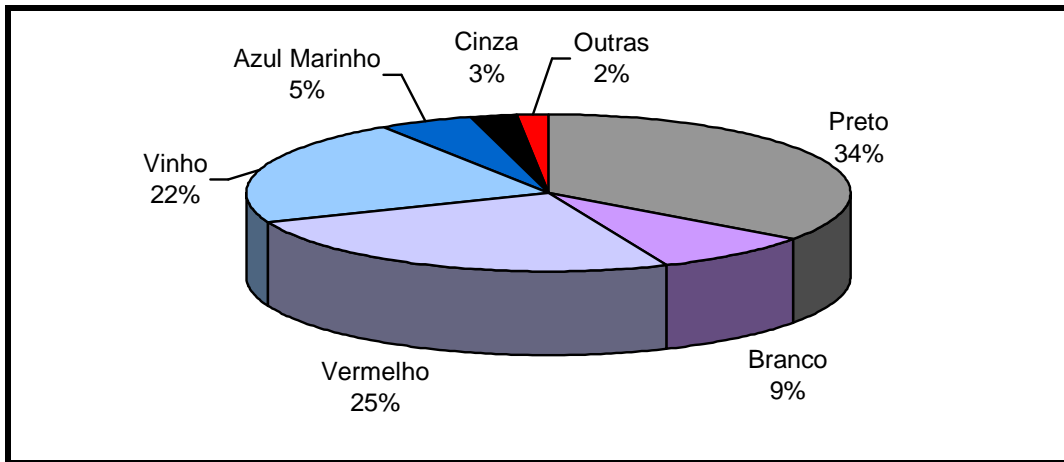
**GRÁFICO 15 – QUAIS SÃO AS OBRAS LITERÁRIAS QUE VOCÊ MAIS GOSTOU?****GRÁFICO 16 – VOCÊ VIAJA FREQUENTEMENTE OU JÁ VIAJOU?**

**GRÁFICO 17 – QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESTINOS E OS PRINCIPAIS MOTIVOS?**

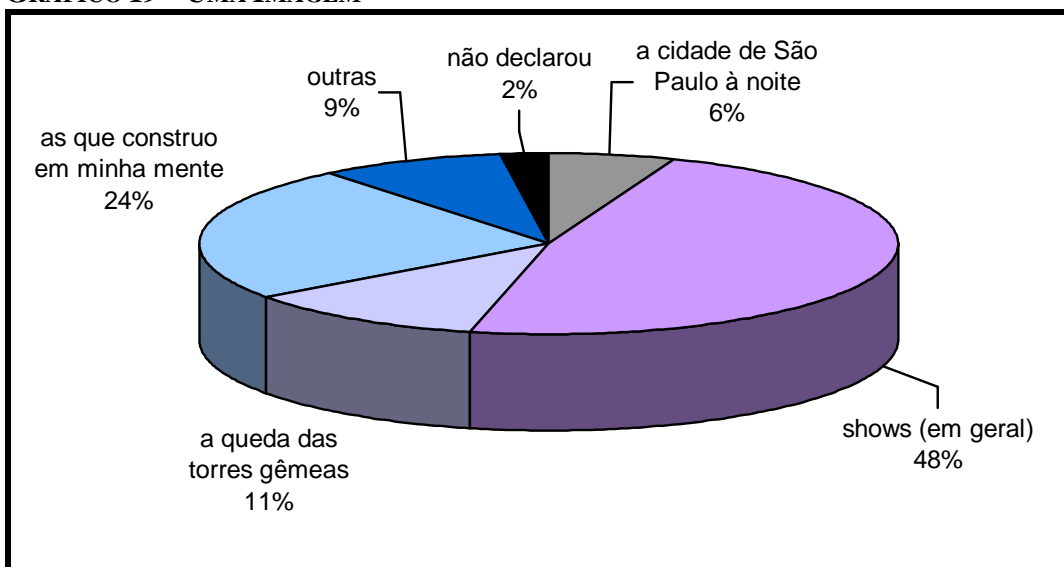


### 3 - JOGO RÁPIDO

**GRÁFICO 18 – UMA COR**<sup>52</sup>

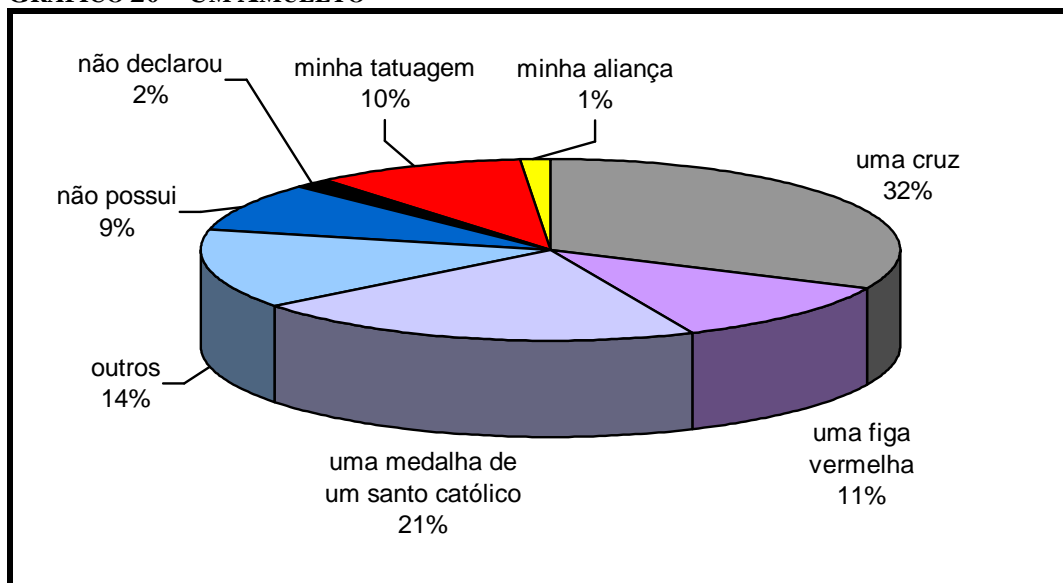
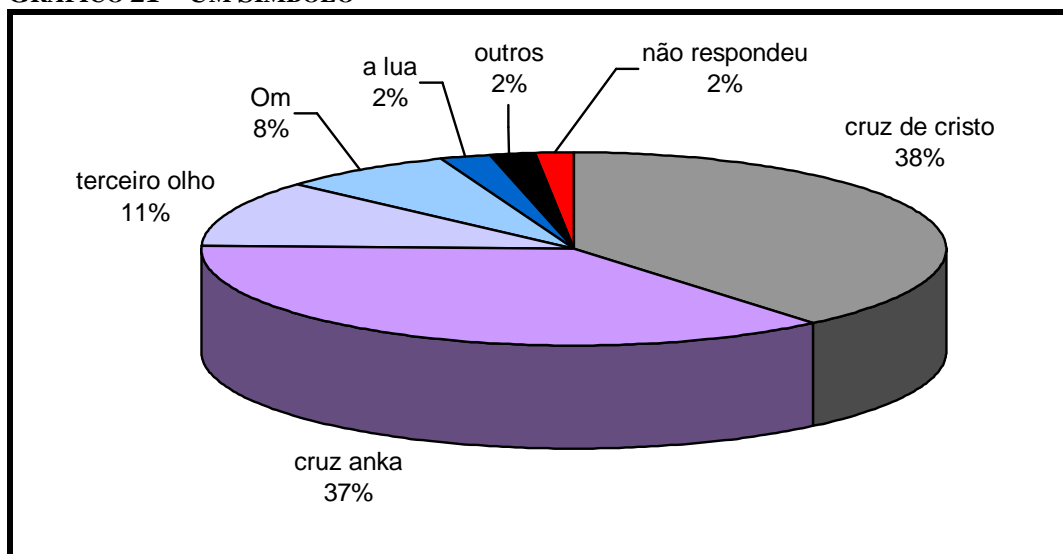


**GRÁFICO 19 – UMA IMAGEM**<sup>53</sup>



<sup>52</sup> Outras: rosa, púrpura, azul celeste, prata, ouro e violeta.

<sup>53</sup> Outras: quando conheci meu (minha) companheiro(a); ver meu filho dormindo; o funeral de meus pais; a miséria e a pobreza; as catástrofes naturais; meus sonhos; minha visão quando estou só.

GRÁFICO 20 – UM AMULETO<sup>54</sup>GRÁFICO 21 – UM SÍMBOLO<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Outros: foto de minha mãe; um pequeno frasco com o sangue de meu companheiro; um colar que ganhei na infância; uma pedra energética; sementes de romã; um anel com uma insígnia.

Uma medalha de Santo católico (apenas dos que especificaram): São Cristóvão; Santo Expedito; São Francisco de Assis; Santa Rita de Cássia; Nossa Senhora; São Judas Tadeu.

Minha Tatuagem (apenas dos que especificaram): meu nome; uma cruz com flores; a imagem da morte com o cajado; o terceiro olho; Osíris; Lestat; uma rosa ensangüentada; as máscaras do teatro; a flor de Liz; o brasão de minha família; um gato preto; meu signo.

<sup>55</sup> Outros: a pedra do meu signo; minha carta do baralho cigano; a imagem de Krishna; gatos (espalhados por toda a casa); uma tesoura; estrela de Davi.



GRÁFICO 22 – RELIGIÃO

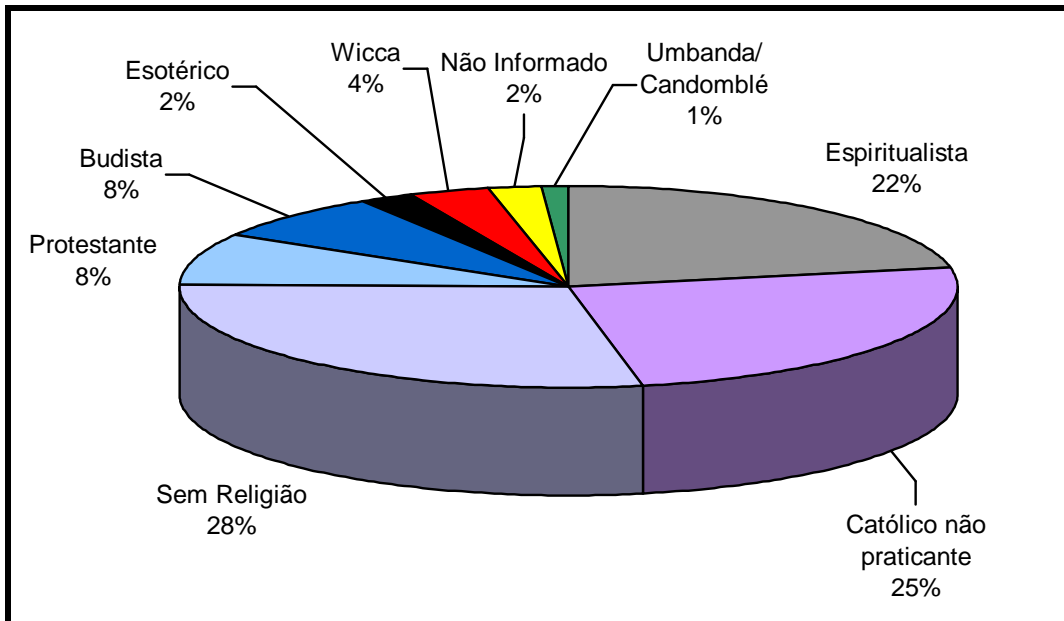
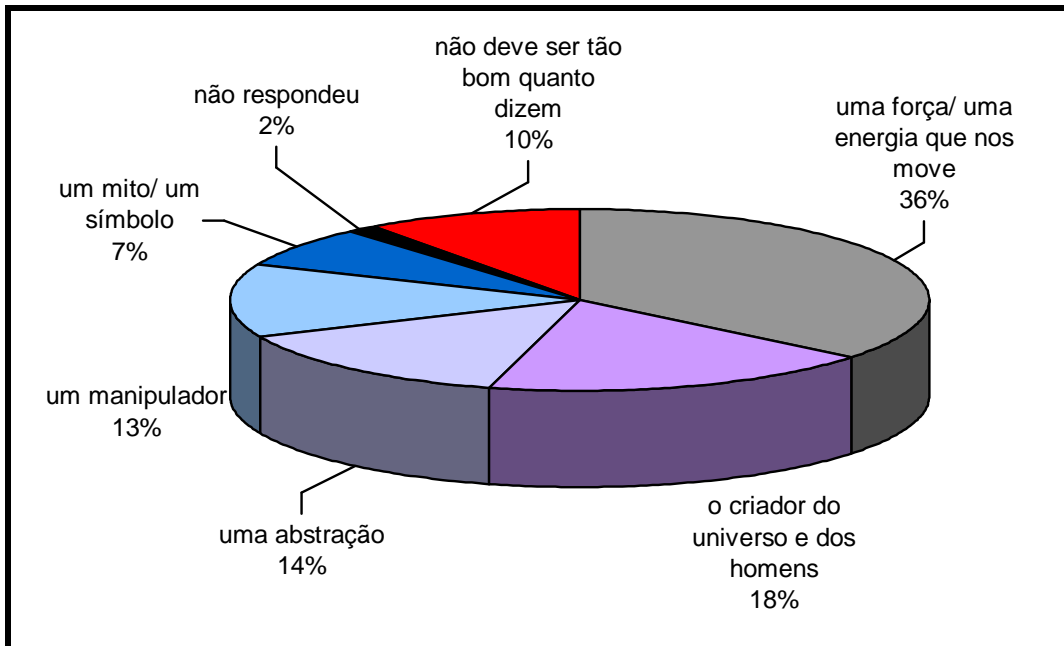
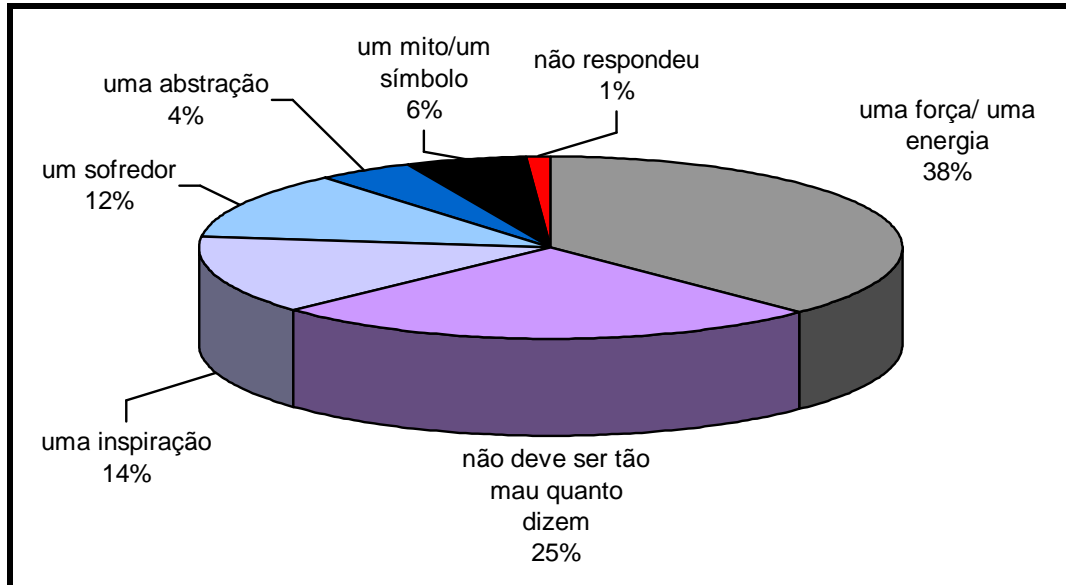
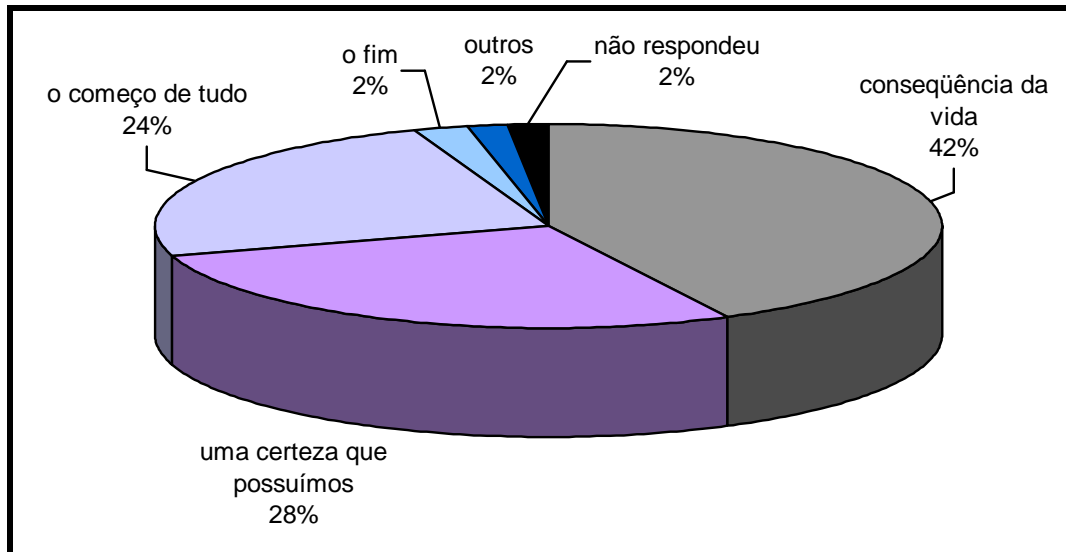
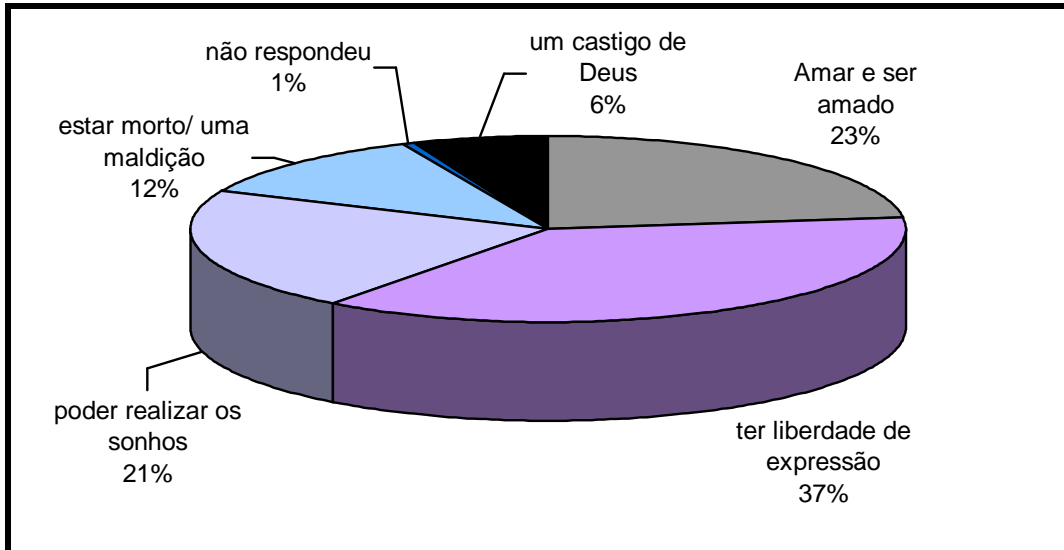
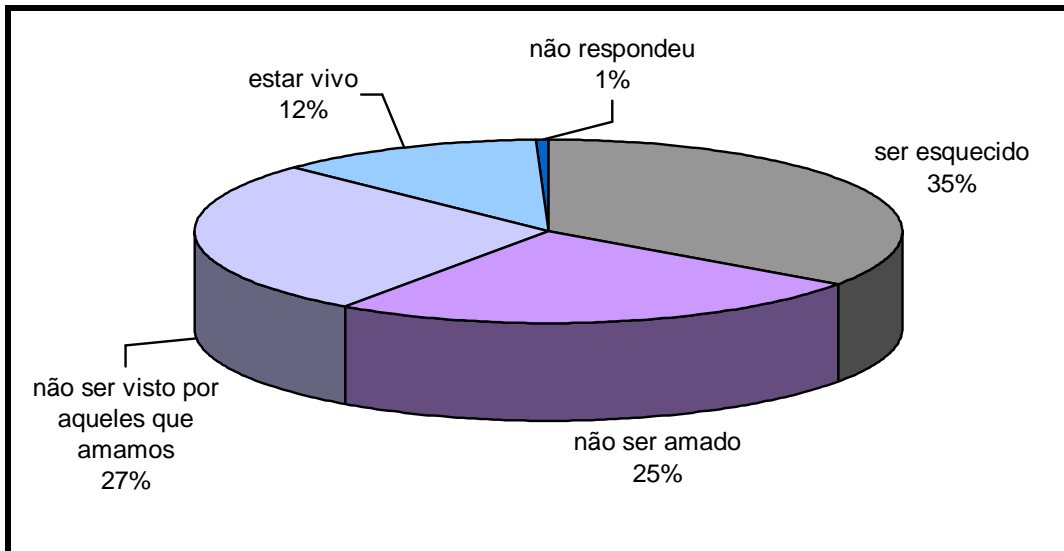
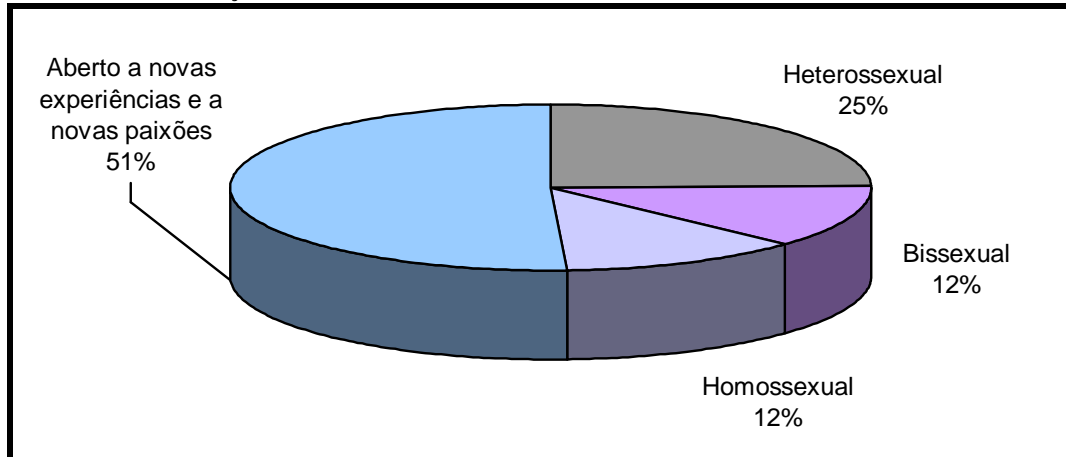
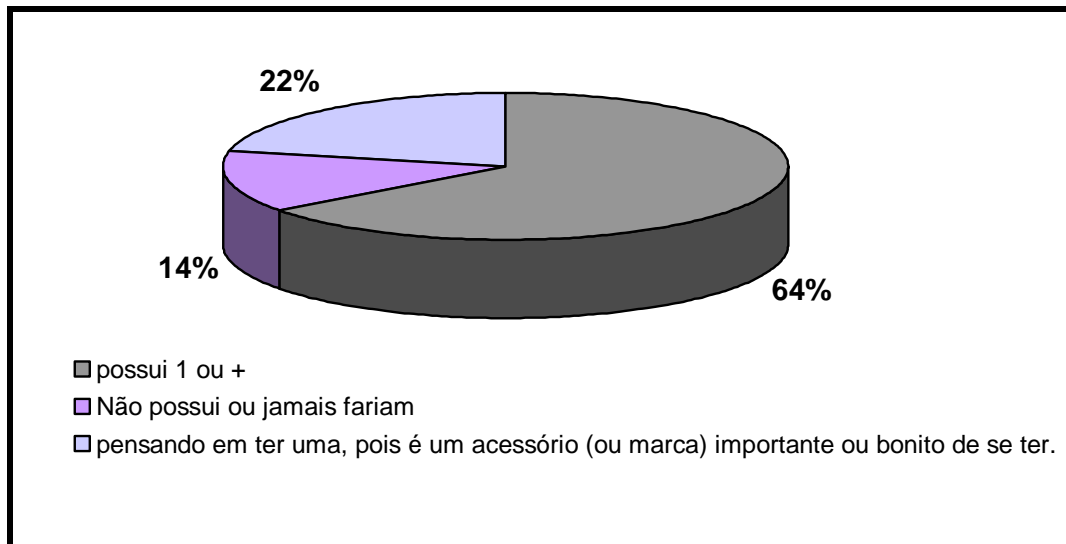


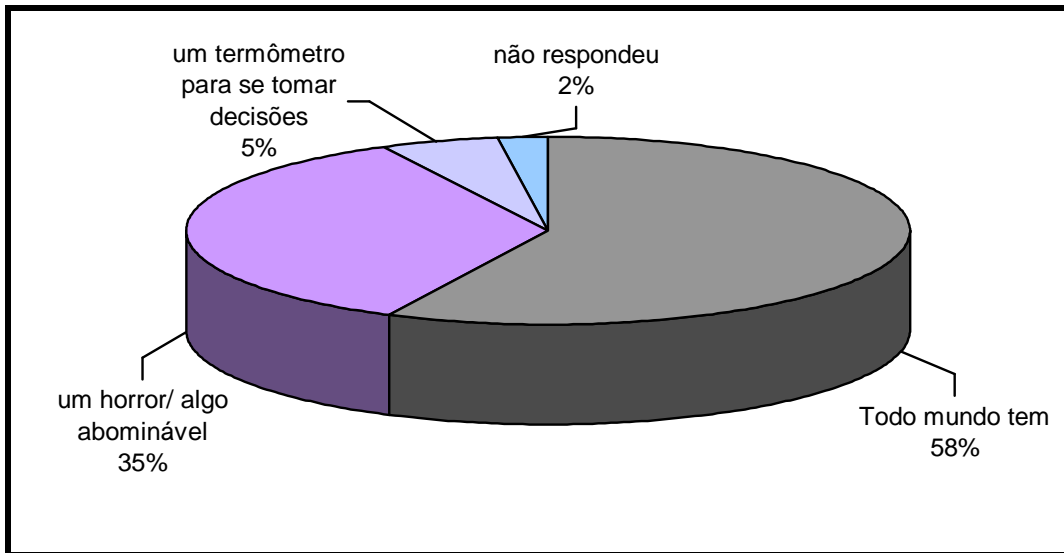
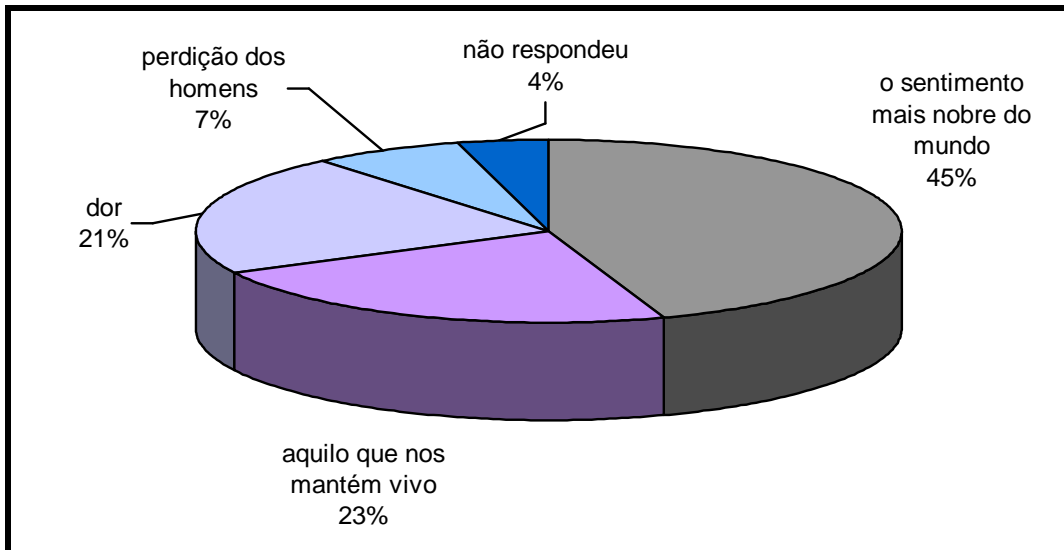
GRÁFICO 23 – DEUS

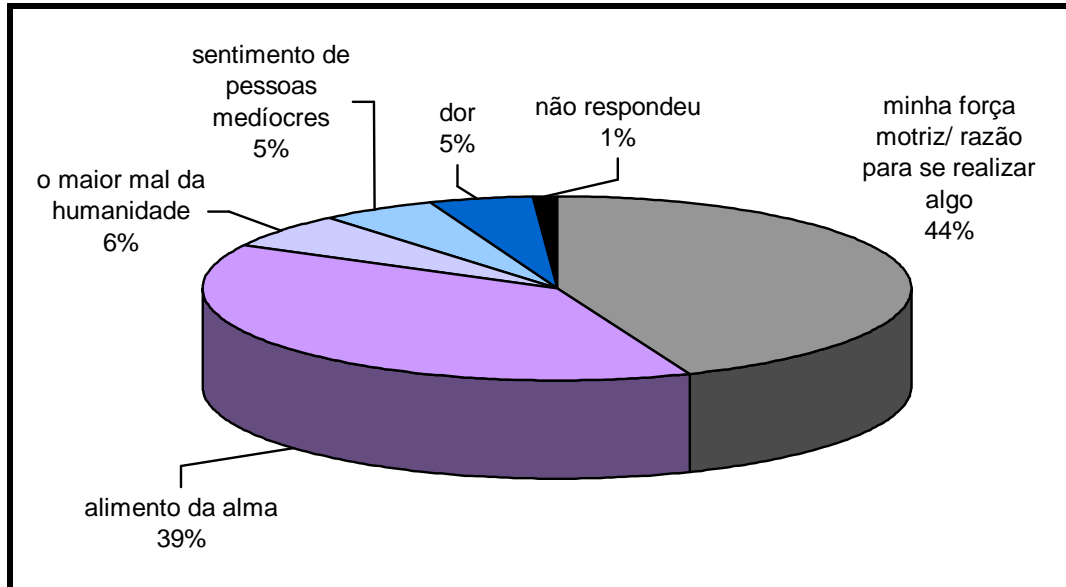
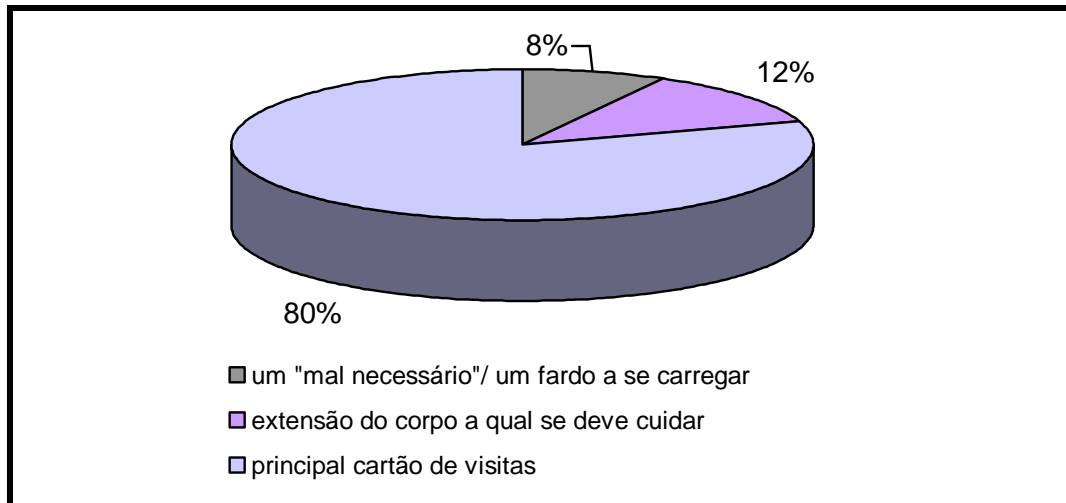


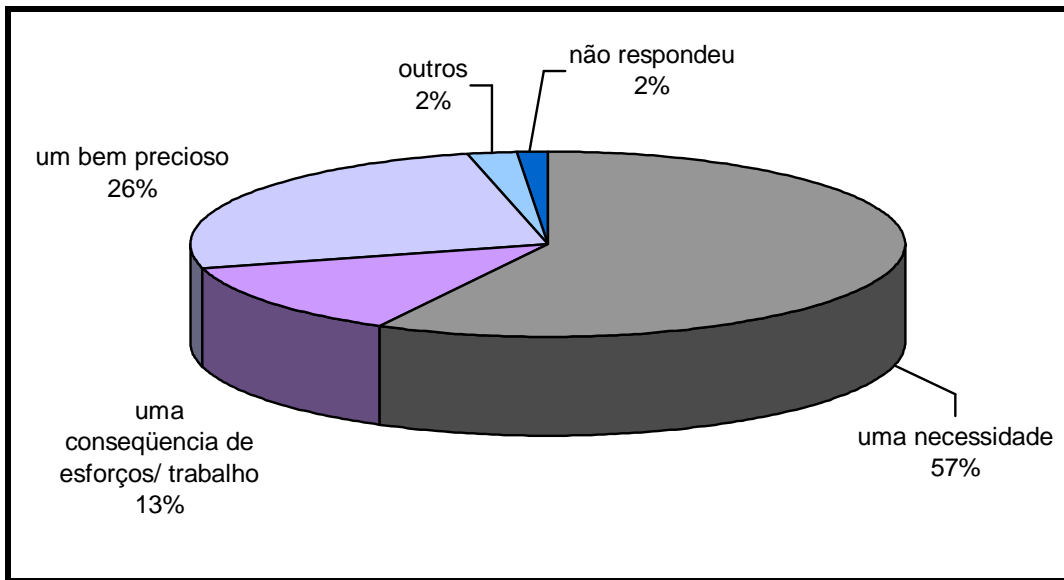
**GRÁFICO 24 – DIABO****GRÁFICO 25 - MORTE**

**GRÁFICO 26 – ESTAR VIVO É...****GRÁFICO 27 – ESTAR MORTO É...**

**GRÁFICO 28 – OPÇÃO SEXUAL****GRÁFICO 29 – TATUAGEM**

**GRÁFICO 30 – PRECONCEITO****GRÁFICO 31 – AMOR**

**GRÁFICO 32 – PAIXÃO****GRÁFICO 33 – SEU CORPO**

**GRÁFICO 34 – DINHEIRO<sup>56</sup>**

<sup>56</sup> Outros: uma dádiva de Deus; algo obsoleto; a garantia de uma boa vida.

## ANEXO C

# QUESTIONÁRIOS DA 2ª E DA 3ª FASE DAS ENTREVISTAS

---

### Questionário da 2ª Fase das Entrevistas

Você se considera gótico?

Como você se tornou gótico? O que o levou a este movimento?

Qual a diferença entre góticos e darks?

O que é ser gótico?

Se você pudesse escolher um mito ou uma imagem para definir o movimento gótico, qual você escolheria e por quê?

Todo gótico é vampiro? E todo vampiro, é gótico?

---

### Questionário da 3ª Fase das Entrevistas

#### 1ª PARTE – SOBRE VOCÊ E O UNIVERSO GÓTICO

1. Como foi sua entrada para o universo gótico? Quantos anos tinha?
2. O que significa, hoje, ser considerado “gótico”?
3. Como você classificaria a estética gótica, hoje, no Brasil? E na cidade de São Paulo?
4. Qual é o papel da arte, da música, e da literatura na construção da estética gótica?
5. Muito se fala que o gótico está intimamente ligado ao mito do vampiro. Outros, ainda, atribuem a personagem “Corvo” a áurea do movimento. Qual é a sua opinião sobre isso?



6. Anne Rice é considerada, hoje, por muitos críticos literários, uma das mais importantes escritoras góticas da atualidade. Você conhece suas obras? O que acha de suas personagens?
7. Uma das personagens marcantes de Anne Rice é o Vampiro Lestat. Ele se intitula como um ser sensualista e cético. Qual é a sua opinião sobre essas características de Lestat? Há uma predominância delas em você, particularmente, ou no gótico?
8. A cultura gótica é uma das menos compreendidas na sociedade de hoje, talvez seja por isso que tanto se fala em uma cultura obscura. O que essa cultura, de fato, representa para você?
9. Como você definiria a cultura da noite gótica na cidade de São Paulo?
10. Em que, o relacionamento de sua família influi no fato de você pertence a cultura gótica? O que sua família acha de sua escolha?
11. Como você definiria o romantismo? E o romântico?
12. Quais são, em sua opinião, os autores góticos mais importantes? Por Que?
13. Como você classificaria a literatura gótica de hoje?
14. E a música gótica? Quais são as bandas mais importantes?
15. Muitos dos que viveram o boom deste movimento na década de 1980 o acham diferente e quase antagonico do que assistimos hoje nas ruas. Qual é a sua opinião sobre isso?
16. Você acha que a sociedade tem preconceito ou medo dos que se dizem pertencer à cultura gótica? Por que?
17. Na sua opinião, existe alguma bandeira a ser defendida, hoje, pelos góticos?
18. Qual é a importância do centro da cidade de São Paulo para a cultura gótica?
19. Qual a sua opinião sobre os autores considerados clássicos desta cultura: Álvares de Azevedo, Edgar Allan Poe, Shelley e Byron.

## **2ª PARTE – SOBRE AS SIMBOLOGIAS UNIVERSAIS**

1. Qual sua opinião sobre:

Deus

Demônio

Religião

Sociedade

Morte

Sadomasoquismo

Arte

Drogas

2. A relação vida e morte talvez seja a temática central de muitos seres humanos. Como você a vê? Você acredita em vida após a morte?
3. Certa vez entrevistei uma jovem gótica que me ofereceu algumas reflexões, demonstradas abaixo. Qual é a sua opinião sobre elas? Você se identifica ou não com suas afirmações?

“Não escolhemos ser ou não góticos. Na verdade, nascemos góticos. Há uma certa predisposição para isso”.

“O gótico é aquele que observa o mundo sobre um outro ângulo, sobre uma outra perspectiva social. É como se tivéssemos um filtro – escuro – que nos permitisse ver além das aparências. Para nós, o que vale, é a essência das pessoas”.

“Vivem dizendo por aí que nós somos tristes e téticos. Olha, a história não é bem assim. Aparentamos a tristeza para ver se conseguimos tocar o coração ou a sensibilidade das pessoas. Tem muita gente rindo que está, na verdade, morrendo. Nós somos a vida, a essência dela. Muito me espantam as pessoas que vivem num mundo tão cruel como este se importarem com aqueles que assumem as cores ditas como tristes”.

“O preto que usamos tem a ver com o luto, sim! Estamos de luto para com a hipocrisia do mundo, para com a maldade, para com a ignorância...”


“Não há mais nada na vida além da beleza da arte... a arte é bela. Viver sob uma estética obscura é forçar com que as pessoas olhem para o espelho, isso é arte. Quando assumimos as simbologias da morte física – isso inclui o fato de alguns serem adeptos ao sadomasoquismo – é porque só encontramos a redenção através da liberdade! Liberdade para amar, agir, sentir e sofrer. Ora, somos humanos sim... mas somos humanos tidos como monstruosos. A vida não parece ser eterna?”.

## ANEXO D

### GÓTICOS E O JOGO DE RPG

#### Jogador 1

Jogador 1		
Sexo: Masculino	Idade: 18 anos	
Escolaridade: Ensino médio incompleto	Tempo que joga RPG: 4 anos	
Tempo em que participa do movimento gótico: 3 anos		
História de Vida: Pertencente a uma família cujos pais são professores de escola pública. Sempre esteve em contato com livros de história, uma vez que o pai é historiador. Possui duas irmãs e acredita ser a “ovelha negra da família”. Se considera uma pessoa introspectiva e séria. Crê que seus maiores prazeres encontram-se nos jogos de RPG, nas saídas com os amigos, nos bares e nas drogas. Pretende fazer faculdade de filosofia e estudar sobre religiões antigas.		
Personagem do Jogador 1		
Clã: Tremere	Natureza: Fria/Vingativa	Comportamento: calmo
Geração: 10ª	Refúgio: Porão	Conceito: pesquisador
Características da Personagem: Seu personagem nasceu em Paris, no séc. XVII. Possuía dois irmãos que o renegaram, roubando-lhe a fortuna da família e o deixando na miséria. Em momento de desespero adentrou a uma ordem religiosa, lá conheceu seu mestre que o ajudou com os estudos e o transformou em vampiro.		

<p>Tremere</p> 	<p>Características Principais</p>	<p>Os vampiros deste clã geralmente são vistos como pavorosos, pouco confiáveis, temíveis ou ultrajados o que não os faz ser ignorados pelos demais; dominam uma espécie de arte, feitiçaria vampírica, que aprenderam através de seus próprios artifícios – tal feitiçaria às vezes é mais forte que o próprio sangue, pois envolve rituais e magias; possuem uma rígida hierarquia dentro do clã; adoram fazer joguetes de diplomacias e intrigas contra novos vampiros; por possuírem muitos inimigos tentam cultivar tantos aliados quanto possível, ao mesmo tempo que se esforçam para ampliar seu domínio sobre a magia; são muito esforçados e disciplinados, transformando o estudo em potência contra inimigos; procuram, nas grandes metrópoles, manter escolas para abrigarem suas “capelas” – estas, geralmente, estão em universidades, monastérios e fortalezas bem defendidas.</p>
--	-----------------------------------	--


	Apelido	Feiticeiros
	Aparência	Estes vampiros mágicos geralmente adotam imagens imponentes ou sinistras. Alguns preferem ternos clássicos, outros, ainda, aparências mais antiquadas com cortes dos anos 40. Muitos deles usam amuletos e talismãs gravados com símbolos cabalísticos ou arcanos como sinal de seu aprendizado. Apesar de individualmente os feiticeiros poderem se transformar de imaculados meticolosos em desordenados e excêntricos, os olhos destes magos vampíricos brilham com uma perspicácia misteriosa e uma acuidade assustadora.
	Refúgio	Apesar de os Feiticeiros poderem manter individualmente seus próprios refúgios (freqüentemente completos com uma extensa biblioteca), o clã mantém uma capela em todas as cidades que abrigam sempre uma forte presença do Tremere. As capelas são abertas a todas as linhagens Tremere e absolutamente proibida às demais. Os Feiticeiros são notórios por seus bem guardados refúgios; praticamente todos possuem proteções místicas que até mesmo outros Tremere teriam dificuldade em evitar.
Antecedência	Procuram “aprendizes” de natureza agressiva e mente consciente e pouco se importam com rebeldes da Nova Era. Como dedicam suas não-vidas a buscas ocultas ou de natureza erudita, procuram pessoas de ambos os sexos dispostos a tais desafios.	

---

**Jogador 2**


Jogador 2	
Sexo: Feminino	Idade: 23 anos
Escolaridade: Superior incompleto (psicologia)	Tempo que joga RPG: 6 anos
Tempo em que participa do movimento gótico: 7 anos	
<p>História de Vida: Quando era adolescente acreditava que seu estilo de vida, bem como a de seus pais, estavam muito distante da realidade da sociedade. Seus pais sempre acreditaram que os estilos musicais e os filmes deviam influenciá-la, lhe fazendo mal. Faz psicologia para melhor entender o porquê de seu sentimento de melancolia profunda há tantos anos. Acredita que o movimento gótico lhe ajudou a sentir-se mais amada no mundo.</p>	
Personagem do Jogador 2	

Clã: Brujah	Natureza: Sobrevivente	Comportamento: Galante (é tão extravagante quanto amoral)
Geração: 10ª	Refúgio: Casa	Conceito: Exibicionista
<p>Características da Personagem: nasceu no início do séc. XIX em uma família rica e reconhecida na sociedade. Teve uma vida muito reprimida, porém sempre aproveitou seus momentos livres para estudar magias, o que sempre a fascinou. Como sempre foi muito bonita precisou aprender a utilizar seu carisma e as palavras ideais para conquistar e manipular as pessoas para fazer o que ela desejava. Apaixonou-se por Patrick, um rapaz sério que a desejava como esposa. Apaixonada, aceitou pedido e na viagem para Londres, junto a Patrick, foi por ele transformada em uma vampira. Depois de muito sofrimento aprendeu a ser uma verdadeira Brujah e, quanto mais sofria, mais violenta se tornava. Ao mesmo tempo, aperfeiçoou suas técnicas de ocultismo e planeja, a cada dia, como vingar-se de Patrick.</p>		

	Características Principais	Composto de rebeldes, com ou sem causa; Individualistas, extrovertidos e turbulentos; carregam o desejo de mudança social; contém alguns dos membros mais violentos da Camarilla; reivindicam uma história rica em guerreiros-poetas, tendo adaptado este conceito às noites modernas; apóiam-se em um comportamento caótico para expressarem suas idéias; são respeitados por suas artes de luta e a prontidão que eles se reúnem sob uma mesma bandeira. São a força física da Camarilla.
	Apelido	Ralé
	Aparência	Se vestem como querem, o que os pode fazer adotar de estilos radicais e aparências ousadas (skinheads e anarquistas) a um pedante de óculos com terno de lã (assumindo ares de um reformista ou liberal). No entanto, estereótipos sobre o clã os definem usando jaqueta de motociclista, jeans esfarrapados, botas militares e cabelos compridos ou com cortes ousados.
	Refúgio	Onde quiserem, mas possuem preferências pelas cidades.
	Antecedências	É um clã muito desorganizado e com brigas internas, uma vez que compreende desde motoqueiros anarquistas a fascistas vociferantes e radicais niilistas. Para os Brujah, o que importa é que os jovens possuam causas ou assuntos prediletos de ardente importância pessoal. Recrutam jovens universitários para o clã.

## Jogador 3

Jogador 3		
Sexo: masculino	Idade: 19 anos	
Escolaridade: superior incompleto (turismo)	Tempo que joga RPG: 5 anos	
Tempo em que participa do movimento gótico: 2 anos		
<p>História de Vida: das possibilidades que teve com sua família, conhecer o mundo das religiões espiritualistas e a boa vida que o dinheiro pode proporcionar caracterizam-se, para ele, nas mais importantes. Acredita que teve uma infância comum mas, após a morte de seu avô a quem era demasiadamente apegado, começou a estudar sobre a morte e religiões e movimentos alternativos ligados à temática. Conheceu o mundo gótico através da namorada. Apesar de jogar “Vampiro, a Máscara”, diz que um de seus jogos prediletos é “Lobisomem, o Apocalipse”. Para ele, este jogo está mais próximo à sua filosofia de vida.</p>		
Personagem do Jogador 3		
Clã: Ventrue	Natureza: Filantropia	Comportamento: Diretor (odeia o caos e está sempre assumindo o controle para acertar as coisas)
Geração: 13 <sup>a</sup>	Refúgio: Sede da empresa de seu senhor	Conceito: assassino
<p>Características da Personagem: Recentemente abraçado, nasceu durante a Revolução Industrial. Durante sua vida frequentou a nata da sociedade européia, mas nunca foi bem aceito por ser um “novo rico”. Nascido na Escócia, sua nacionalidade interferiu em sua posição social, mas por ser grande negociador foi permitido continuar a frequentar clubes e reuniões. Filho de proletários, amava sua família e muito se preocupava com ela. Amou muitas mulheres na vida mas nunca teve um grande amor. Durante as duas grandes guerras do séc. XX, foi convocado e treinado tornando-se um excelente assassino, especializando-se em armas nobres. Chamando a atenção do clã Ventrue por suas habilidades de negociador e guerreiro, foi abraçado e mandado para cuidar das finanças do clã. Após alguns anos retendo muitas posses e conhecimento, costuma ser requisitado para trabalhar com espionagem. Droga, corrupção, armas, nada é problema desde que pague pelo serviço.</p>		

<p>Ventrue</p> 	<p>Características Principais</p>	<p>Os vampiros deste clã têm a reputação de serem honrados, gentis e de gosto impecável; desde os tempos remotos têm sido um clã de liderança, reforçando as tradições antigas e procurando moldar o destino dos membros – são os que preservam a estabilidade e mantêm a ordem na Camarilla; alguns membros os consideram arrogantes e avarentos, no entanto a responsabilidade pela manutenção da Máscara é deste clã, o que os faz sentir carregar o mundo em suas costas; são muito preocupados com o conforto imediato e se consideram nobres, no sentido clássico da palavra, lutando para manter a posição daqueles abaixo deles; são os reis, cavaleiros e barões das noites modernas; se um vampiro deste clã não souber manter sua influência, de nada lhe adiantará ter reputação e determinação; os Ventrue cultivam a influência e – sempre que podem – o controle sobre a mídia, polícia, política, saúde e medicina, crime organizado, indústria, finanças, transporte e até mesmo a Igreja dos mortais; cobram para ajudar outros vampiros; gravitam nos altos níveis da sociedade mortal, onde sua sofisticação lhes serve bem; desfrutam do privilégio da liderança com orgulho e calmamente carregam seu fardo.</p>
	<p>Apelido</p>	<p>Sangue Azul</p>
	<p>Aparência</p>	<p>Os vampiros deste clã cultivam aparências clássicas e tradicionais. Ao seu modo, fazem uso freqüente do estilo dos seus dias ativos; uma pessoa consegue adivinhar a idade de um Ventrue determinando o período da história ao qual suas roupas pertencem. São sempre elegantes e requintados, mas raramente adotam fortes tendências masculinas pós-modernas. O lema é se destacar sem destoar.</p>
	<p>Refúgio</p>	<p>Apenas os melhores. Os Ventrue comumente se abrigam em mansões ou propriedades valiosas. Como são sempre de famílias ricas, alguns de seus refúgios podem ser casas ancestrais.</p>

	Antecedência	Aqueles que são escolhidos para fazer parte do clã são tradicionalmente procedentes de profissionais ou de famílias de alto nível social, apesar de nas noites modernas o clã pode recrutar qualquer pessoa notável. São criteriosos na escolha, não o fazendo por capricho, uma vez que para o clã, só a nata pode se associar a eles.
--	--------------	---



## **ANEXO E**

### **COMUNIDADES GÓTICAS NO ORKUT: ESTÉTICA E VIOLÊNCIA.**



Atualmente, existem cerca de 281 comunidades góticas no Orkut brasileiro, isso se apenas as procurarmos através do termo “Gótico”. Com o objetivo de ilustrar através de outros exemplos para além dos que já foram dados no corpo do texto, em especial, para o que foi exposto no 3º Capítulo desta dissertação, ao tratar da violência estética e discursiva presente quando se fala de góticos na cidade de São Paulo, abaixo exponho algumas dessas comunidades.




É importante relatar que não foram modificadas nenhuma das linguagens utilizadas na divulgação dessas comunidades, incluindo-se gírias, palavras de baixo calão ou erros de ortografia, mantendo, desta forma, a fonte fidedigna para análise do leitor. Para demonstrar como os dois aspectos de violência simbólica para com a sociedade, em especial, pela forma como os góticos fazem uso de simbologias e imagens comuns a toda sociedade para imprimem significados às suas ideologias e vivências estéticas (Cf. item I – O Teatro e a Máscara, em 3.3 As Histórias de Anne Rice e os Góticos em São Paulo, nesta dissertação), os exemplos abaixo das comunidades do orkut dividem-se em dois:

- 1) aquelas que contemplam os integrantes da tribo em todo o Brasil, propiciando-os mais um espaço de troca de experiências (colaborando para que o jovem gótico assuma, como exposto no 3º capítulo, a primeira forma de violência simbólica: como portador desta violência, ao passo que representa o obscuro, o medo, o sinistro ou mesmo os perigos da noite das metrópoles brasileiras);
- 2) aquelas que integram pessoas com o intuito de satirizar, ridicularizar ou depreciar o grupo e/ou a estética gótica (demonstrando, conforme citado no 3º capítulo, a segunda forma de violência simbólica que faz, dos góticos de São Paulo, receptor e vítima desta violência, uma vez que são incompreendidos por

sua estética e ideologia, sendo punidos por serem diferentes da maioria dos jovens).

### Exemplos de Comunidades

	<p><a href="#">Terror, Fantástico e Gótico</a> 4.119 membros Comunidade para os amantes da Literatura de Terror, Fantástico e Gótico.</p> <p>*****</p> <p>Edgar Allan Poe, Lord Byron, Mary Shelley, Bram Stoker, H. P. Lovecraft, E. T. A. Hoffman, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Guy de Maupassant, Horace Walpole, Ambrose Bierce, Arthur Conan Doyle, Algernon Blackwood, Robert Louis Steverson, Stephen King, Ray Bradbury, Clive Barker, Ira Levin, Jorge Luis Borges, Anne Rice e outros...</p> <p>Conheça novos autores, divida suas opiniões, critique, indique livros, expanda suas opções de leitura.</p> <p>*****</p> <p>Sempre que possível, olhe nas páginas anteriores. Tem muita discussão legal por lá que vale a pena receber novos comentários.</p> <p>*****</p> <p>&gt; &gt; <a href="http://orbita.starmedia.com/necrose">http://orbita.starmedia.com/necrose</a></p>
	<p><a href="#">Entendendo o que é o "Gótico"</a> 2.995 membros</p> <p>._ Comunidade criada para discutir as opiniões e dúvidas de cada um a respeito do que é ser gótico e de como deve ser o "Ser gótico"</p> <p>.</p> <p>._ Nesta comunidade não serão bem vindos preconceitos de qualquer tipo, este é um espaço puramente informativo, onde vamos conceituar, e não pré-conceituar.</p> <p>.</p> <p>._ NÃO é permitido: Propagandas de outras comunidades, jogos e agressões verbais.</p> <p>.</p> <p>._ Deletarei qualquer tópico/post que contenha isso, se voltar a acontecer, pode correr o risco de ser banido da comunidade.</p> <p>.</p> <p>._ Por favor, escrevam em português, ninguém é obrigado a conhecer linguagens de internet.</p> <p>.</p> <p>._ Achismos não são tolerados. Alguem cria um tópico com uma pergunta, pense bem antes de responde-lo, só responda com o que você SABE e não com o que você ACHA. Posts que começarem com "eu acho" serão descartados. Estamos aqui para ajudar e não para confundir.</p> <p>.</p> <p>._ Não tem opinião própria, e só vai postar "concordando?", não poste.</p>

	<p><a href="#">Odeio Poser Metido a Gótico!</a> 1.803 membros Essa comunidade é pra você que odeia poser metido a gótico, que infelizmente estão infestando o nosso mundo.</p> <p>Aqueles infelizes que ficam andando de sobretudo e coturno, todo de preto naquele sol de rachar, com o CD do nightwish ou evanescence no diskman caríssimo que o papai deu.</p> <p>Aqueles idiotas que usam aqueles lápis de olho borrados, ou até com gotinhas e batom preto, 24hrs por dia.</p> <p>Aquelas pessoas que, SEM DÚVIDAS, não têm noção de ridículo, que vai no cemitério à noite pra dizer: "UI, eu sou um gótico malvado"</p> <p>Idiotas com ankhs e pentagramas invertidos, spikes até a morte, com pose de satanista e maquiagens góticas ridículas.</p> <p>Junte-se à nós e compartilhe suas experiências.</p> <p>Regras: 1- Veja se já não existe o tópico antes de criar outro igual. 2- Propagandas de comunidade no eventos, por favor. 3- Tópicos com ofensas pessoais, racismo ou homofobia serão deletados.</p> <p>LEIAM AS REGRAS ANTES DE ENTRAR NA COMUNDIDADE!</p> <p>Comunidade moderada. Posers não entram mais aqui. :)</p>
	<p><a href="#">Coração Gótico</a> 1.039 membros .:CORAÇÃO GÓTICO:. .:respectivamnte...</p> <p>GOTICO: [Do b.-lat. gothicu &lt; b.-lat. Gothi, orum, 'Godos'.] Adj. 1. Relativo a godos ou proveniente deles. 2. Criado ou usado pelos godos.</p> <p>(ô). [Do b.-lat. gothu.] S. m. 1. Etnôn. Indivíduo dos godos, povo antigo da Germânia, que do séc. III ao V invadiu os impérios romanos do Ocidente e do Oriente. Dividiam-se em ostrogodos (godos do Leste) e visigodos (godos do Oeste). ..... Status do Moderador: [ ]No Orkut. [x]Fora do Orkut. -----</p>
	<p><a href="#">Eu odeio wannabe de gótico!</a> 809 membros você não suporta mais aquelas pattys que antes amavam os backstreet boys e só andavam de rosa, e agora andam de preto, ouvem evanescence e se dizem "as góticas" só por isso??? Sempre de preto, mas nunca sem um detalhe em rosa, "senão mamãe reclama por que perde meu jeitinho meigo?" Tem vontade de estrangular aquela sua vizinha que até a semana anterior se dizia "punk skatista" só por que ouvia patty lavigne? Não suporta gente dizendo que ouve "gófique métau", e que é depressivo, ama a morte, se corta todos os dias, e</p>

	<p>todas essas baboseiras esdrúxulas inventadas pela mídia pra vender Cd? Não agüenta mais imbecil dizendo que nasceu gótico, que tem alma gótica, que "estuda o goticismo"(sendo que essa porra nem existe), que o gótico vem dos Godos e coisas do tipo? Então aqui é seu lugar! que comece a temporada de caça!!</p> <p>Se você curte EBM, post-punk, darkwave, synth pop, 80's e coisas do gênero, seja bem vindo. EMOS e pessoas que ouvem "GOTHIC METAL", FORA!!!!</p>
	<p><a href="#">Refugio Gótico...</a> 757 membros</p> <p>Para aqueles que sentem-se bem, apreciam a beleza doce de um cemitério... Para todos que um dia choraram entre tumulos ou simplesmente vagam apreciando a arquitetura e clima perfeito do lugar... Sejam bem vindos...</p>
	<p><a href="#">Namoro Gótico</a> 551 membros</p> <p>Namoro Gtico</p> <p>Para pessoas goticas ou para pessoas que querem namorar ou namorar pessoas gticas... Procure o seu verdadeiro amor aqui</p> <p>Gothic Love... Gothic Life...</p> <p>Ou seja essa comunidade foi feita para quem quer namorar ou namora gotico</p> <p>De preferenca s goticos</p> <hr/> <p>Please NO POSER's!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!</p>
	<p><a href="#">Quero um(a) gótico(a)!!!!</a> 499 membros</p> <p>Comunidade para aqueles que estão a procura dessa espécime rara, mas tão linda, fofa e gótica...Pois é, amamos góticos assumidamente e queremos um ou uma só para nós...Por quê é tão fácil ver pagodeiros e axezeiros por aí mas gótico é tão difícil de encontrar? Essa é a pergunta que não quer calar...</p> <p>*E pra alegria dos garotos, eu mudei o nome da comunidade...Estão satisfeitos agora?</p>
	<p><a href="#">O que é gótico para você?</a> 452 membros</p> <p>O que vem na sua cabeça quando voce ve a palavra Gótico? Qual o significado do Goticismo pra você?</p> <p>Aqui é o lugar certo para expor sua idéias sobre o que você acha desta cultura, o que pensa em relação aos góticos e o que acha de tudo isso.Esteja apto a dizer o que realmente você reflete sobre o Goticismo, sem medo de achar que sua idéia não seja válida. Pois o que vale é a opnião verdadeira, que faz com que empenhe-se sobre este assunto.</p>
	<p><a href="#">Eu NÃO sou gótico(a), p*rra!</a> 428 membros</p> <p>- Oi, vc é gótica? - Não, sou de libra ¬¬</p> <p>Para quem não gosta nem quer ser rotulado, seja lá do que for</p>

	<p><a href="#">Afro-gótico</a> 381 membros Yo!</p>
	<p><a href="#">Eu Odeio "Gótico"!!</a> 368 membros Se você sente coceira no rabo ao passar por uma escadaria e encontrar seres (cuja presença de racha ou de protuberância se torna uma característica impossível de apontar devido ao uso excessivo de maquiagem, tinta de cabelo e esmalte preto) bebendo vinho e usando roupas pretas pesadas no sol escaldante do meio dia Se você sente asco com Dani Filth wannabes e garotas que abrem as pernas só porque determinado meliante É um Dani F. wannabe Se você se envergonha por aquelas pessoas que frequentam o cemitério durante o dia e à noite rezam por perdão pela falta de respeito que têm Se você sente desgosto ao ver crianças com camisetas de bandas que desconhecem pagando de fodões e fazendo a vida de seus pais um inferno só porque acham legal Se você espancaria um filho até a morte se ele se encaixasse em alguma das categorias citadas...</p> <p>Puxem uma cadeira e sentem no chão</p> <p>Essa comunidade é pra quem ODEIA GÓTICO!</p>
	<p><a href="#">Vampirismo gótico</a> 347 membros Imortalidade , penumbra e liberdade .</p> <p>Comunidade para góticos e adeptos do vampirismo trocarem suas idéias , poesias , músicas e convívências do dia-à-dia .</p>
	<p><a href="#">Metal Melodico &amp; Gótico</a> 306 membros ++++ Dedicado aos verdadeiros Metals E Gothics existentes!! ++++</p>
	<p><a href="#">UMBRAL - Espaço Gótico</a> 262 membros Alguém lembra-se do Umbral? Foi uma casa noturna na Rua Sergipe (travessa da Consolação), que acabou como tantas outras casas de sons alternativos em São Paulo.</p> <p>Esse espaço está reservado para relembrar o pouco tempo que o Umbral ficou aberto e tb para informações sobre novas casas ou eventos que estejam acontecendo.</p>
	<p><a href="#">Sangue Gótico</a> 240 membros " Só deixarei de te amar Quando o véu de minha morte cobrir minha face. É na minha sepultura nascerá uma rosa, Cujas pétalas estarão escritas em letras de sangue - Te amo. "</p> <p>Comunidade criada para trocar/discutir qualquer tipo de poesia, imagens, textos, blogs intitulados 'góticos'... Seja bem-vindo(a) ao Sangue Gótico.</p>

	<p><a href="#">Arte No Escuro - Rock Gótico</a> 219 membros        ++++++</p> <p>Herdeiro da tradição gótica de bandas inglesas como Bauhaus e The Cure, o grupo formado em abril de 1985 por Luiz Antônio Alves, o Lui, (vocal) Pedro Hyena (baixo - ex-Sociais), Adriano Lívio (guitarra) e Paulo Coelho (bateria), agradava pelo sua estética e clima sombrio das canções. O vocalista foi substituído por Marielle Loyola (vocaís - ex-Escola de Escândalos e, depois, Volkana), em fevereiro de 1986, quando mudou-se para o Rio.</p> <p>+++++</p> <p>Formação da Banda:</p> <p>Marielle - Voz        Paulo Coelho - Guitarra        Pedro Hiena - Baixo        Adriano - Bateria</p> <p>+++++</p> <p>Discografia:</p> <p>Arte No Escuro (1988)</p> <p>01. Beije-me Cowboy        02. Na Noite        03. Celebrações        04. Entre as Aves de Rapina        05. Vencidos        06. Boró        07. No fim        08. As Rosas</p> <p>+++++</p> <p>Maiores informações: <a href="http://www.pmart.co.uk/ae">www.pmart.co.uk/ae</a></p>
	<p><a href="#">Gótico Curitiba</a> 218 membros</p> <p>Comunidade criada para servir de ponte no orkut para a lista de discussão gotico_curitiba, que durante alguns anos serviu de principal meio de comunicação virtual para a reduzida cena curitibana.</p> <p>Não é pretendido aqui discutir rótulos ou pendências de "gótico X não-gótico", mas apenas agrupar pessoas de gosto por temas e uma estética em comum.</p> <p>Falta de respeito, spam, e fake profiles serão automaticamente deletados.</p> <p>Visite:  <a href="http://br.groups.yahoo.com/group/gotico_curitiba/">http://br.groups.yahoo.com/group/gotico_curitiba/</a></p>
	<p><a href="#">Eventos Gótico/Alternativos</a> 187 membros</p> <p>Comunidade destinada a reunir todos os eventos do Brasil relacionados dentro de culturas Gótica/Alternativas em todo o Brasil.</p> <p>Para você que pretende divulgar e para você que anda a espera de eventos em sua região!</p> <p>Eventos musicais, literários, teatrais, até mesmo RPG's, Animes, confraternizações de grupos, etc.</p>

	<p>***** TODOS OS TÓPICOS DO FÓRUM DA COMUNIDADE SÃO INFORMATIVOS!</p> <p>Ler o tópico REGRAS do fórum antes de postar algo na comunidade!!! *****</p> <p>ATENÇÃO!!! 'KABARET VAMPIRE' Projekt [electro-gótico e electros afins...] gravando 1º CD: 'Nosso Deus, Nosso Diabo' PROCURA uma pessoa do Rio de Janeiro com teclado para trabalho sério! Não precisa ser virtuosa no instrumento! A sexualidade também não importa; com tanto que não seja contaminado pelo câncer chamado 'preconceito...'</p> <p>As influências sonoras do projekt: 'Clan Of Xymox', 'Gargula Valzer', 'Voz Del Fuego', 'Urban Citizen' e 'Das Ich'.</p> <p>VOCALIZAÇÕES NO IDIOMA: Port</p>
	<p><a href="#">Rock Gótico Anos 80</a> 180 membros A comunidade para aqueles que são fãs do rock gótico dos anos 80, the cure, the smiths, echo and the bunnymen, joy division...</p>
	<p><a href="#">Curto Estilo Gótico</a> 173 membros Para aquelas pessoas que não são góticas, mas curtem o preto, o vinho, respeitão os góticos e admiram seu estilo...</p>
	<p><a href="#">Sou Gótico(a) e não Treviso(a)</a> 155 membros ATENÇÃO! COMUNIDADE ORIGINAL! ®*</p> <p>(Ps: Evite clones, quando criada não havia nenhuma outra com esse nome;)) *®*'`~*.~..*~`*®*'`~*.~..*~`*®*'`~*.~..*~`*~`</p> <p>Se você não aguenta mais ser comparado com os trevosinhos from hell 666, esta é sua comunidade...</p> <p>Se você simplesmente da Gargalhadas ao ouvir histórias de que Godos e góticos são a mesma coisa...entre e debata, crie tópicos, defenda seu ponto de vista Do que é o GÓTICO...</p> <p>Vamos acabar com certas lendas, com determinadas comparações.... Vamos defender o Dark, o 'verdadeiro significado de ser gótico` `!!!</p>
	<p><a href="#">Gótico Salvador</a> 146 membros Esta comunidade foi criada no intuito de aproximar mais os fãs da "cultura obscura" de Salvador. Tenho muito prazer em ser o primeiro a fazê-la. Disponibilizo esse espaço para quem deseja publicar suas poesias, contos ou qualquer tipo de divulgação da cultura gótica em Salvador...Assim como Eventos e Encontros a parte.</p>

	<p><a href="#">Ser gótico ã é só usar preto!</a> 123 membros Comunidade criada, às pessoas que conhecem e sabem sobre a cultura gótica, aqueles que acreditam, que não é apenas, usar somente preto, escutar músicas góticas... GOTICO NÃO É UM VISUAL E SIM UMA IDEOLOGIA DE VIDA... Sejam bem vindos...</p>
	<p><a href="#">É Dark, não "Gótico"!!!</a> 120 membros Bom, alguém aí já viu alguma construção do séc.XII, baseada na arquitetura Gótica, com belos arcobotantes &amp; arcos ogivais, vitrais coloridos &amp; trágicos, estátuas religiosas e agulhas apontando para o céu; aqui no Brasil? Não? Bom, isso quer dizer que o estilo Gótico não veio para o Brasil, certo? (afinal, surgiu no séc.XII, na França.) Então, por que diabos vocês que ouvem Cruxshadows e Einstürzende Neubaten insistem em se chamar de "Góticos"? Quando a subcultura chegou ao Brasil, em meados dos anos 80, foi denominada "Dark", então... "É DARK, NÃO 'GÓTICO'!!!" Se for postar, seja maduro de assumir o que escreve. não são permitidos posts anônimos.</p>
	<p><a href="#">Msn Gótico - Brasil</a> 120 membros vamos reunir os góticos do Brasil no msn e trocar ideias com gente que gosta das mesmas coisas que a gente!!</p>
	<p><a href="#">O Eri Johnson já foi gótico !</a> 114 membros Quem não se lembra do personagem Reginaldo, interpretado pelo ator Eri Johnson na novela "De Corpo e Alma"?</p> <p>Mas porque ele era tão odiado pelos góticos? ... rssss</p> <p>Será que era pelo sinal de hang loose (normalmente usado pelos surfistas)??? rsss</p> <p>Se vocês lembram do Reginal - O Gótico, entre para esta Comunidade! .. rsss</p>
	<p><a href="#">++Eu Sou Gótico++</a> 91 membros Goticismo Você já nasce gótico e descobre isso enquanto cresce, até o dia em que descobre a cultura gótica. Geralmente essa descoberta ocorre com a arte, ouvindo-se uma música em algum lugar, vendo imagens relacionadas à nossa cultura e sentido-se bem com elas. A cultura gótica consiste, não exatamente num mundo cheio de lágrimas, mas sim, num mundo obscuro, profundo, num mundo na qual há sentimento, paixão, delírios e até mesmo razão. São esses sentimentos que causam o distanciamento de nós góticos do mundo dos demais mortais. Esse distanciamento na maioria das vezes se torna um círculo vicioso e nos faz cair num poço de profunda melancolia. Essa tristeza invade nossas almas, tornando-nos criaturas frias e distantes, muitas vezes estranhas para os demais. Sentimos um amor profundo pelas artes, além de sentimentalismo exagerado, ou então, uma frieza e distância inexpugnáveis. Perfeição e sombriedade são duas outras coisas presentes na alma de um gótico, além da capacidade de amar eternamente.</p>
	<p><a href="#">Gótico + Cristão</a> 88 membros Esta comunidade é pra quem é Gótico e Cristão...quem é Punck...quem Adora Deus em Primeiro lugar independente do seu estilo.</p>



	<p><a href="#">Darks, gótico, metaleiros...</a> 86 membros</p> <p>O que você tem contra darks, góticos, metaleiros...  Nós também somos gente, vlw...  nós só representamos a desigualdade que existe no mundo.  Por que ter medo da gente?  Por que se afastar quando estamos passando?  Por que olhar estranho pra gente?  Kralhu, usar preto naum quer dizer q somos o diabo, ou algo parecido...  por que implicar com as pessoas q soh usam preto?  por que naum implicaum com as patricinhas, com os playboys...  podiam ter medo d qq um, podiam ser contra qq cor...  maix resolveram imlicar com o preto, e com os darks.  Não sei porque ter medo, mas se quiser continuar tendo medo...foda-se  naum eh a gent q tah cum medo...  PLIS ME ADD!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!  KUANTU + GENTI DARK...GOTHIK..METALEIRUS...E  ETC...PRECISU DA OPINIAUM D VCS  ME ADD NO ORKUT E NO MSN...PLIS...VAUM LAH NO MEU PERFIL...DARK KISSES  †††ANNY GOTHIC†††</p>
	<p><a href="#">Mundo Gótico</a> 87 membros</p> <p>*Para você meu amigo ou minha amiga que vive nesse mundo dos Góticos e que ignora a falta de respeito de outras pessoas que tiram onda com a sua cara, aqui você sera compreendido...*</p> <p>*(((([[[[{{{ATENÇÃ@}}}}]]]])))*  *Se você é Poser caia fora o mais rapido possivel*</p>
	<p><a href="#">Acho ridiculo metido a gótico</a> 74 membros</p> <p>Essa comunidade pra vc q acha ridiculo essas pessoas q dão uma de gótico, ainda agora que a moda é virar gótico. Nada contra o goticismo original, é contra as pessoas q pensam q são góticas quando a ideologia deles naum tem nada a ver com o verdadeiro gótico.e tudo tem q ser um a bosta dark,um cemiterio ,e bebem vinho imaginando q fosse sangue,naum ri pq num fica bem pra moral,e acha ser gótico e se vestir de preto,tudo e a merda das trevas e bla bla ...enfim essas lesera aew  A modinha agora é "eu sou gótico"  ahhh q coisa de prego!!!</p>
	<p><a href="#">Eu tenho um amigo Gótico</a> 74 membros</p> <p>Para você que tinha um amigo normal, e simplesmente de uma hora pra outra ele ficou meio diferente, ELE AGORA É UM GÓTICO!!!</p>
	<p><a href="#">Gótico - Ribeirão Preto/Região</a> 67 membros</p> <p>Comunidade criada com o intuito de reunir as pessoas de Ribeirão e região que se identificam, são ou apenas apreciam a cultura gótica em geral, seja ela na poesia, na arquitetura, na música, pintura e etc...</p> <p>Goths, Gothic metal, Cyber Goths, Pós punk, death rock, 80's, Neo Goths e todas as diversas vertentes.</p> <p>Sejam bem vindos...</p>

	<p><a href="#">Visto preto e não sou gótico</a> 66 membros  se você se veste de preto porque gosta, simplesmente porque acha q fica legal e está cheio daquelas pessoas que falam: "Nossa você é gótico!" ou "Ah, paga pau de gothico!" entaum esta é a sua comunidade...  Naum q seja ruim ser gothico, alguns de nós até apreciam o goticismo, mas puta merda eu naum tenho dinheiro ra ser gótico nem tanta tendeência suicida assim!  ;) )</p>
	<p><a href="#">Odeio que me chamem de Gótico</a> 66 membros  Só pq vc anda de preto as pessoas confundem vc com gótico? Vc odeia qdo chega algum idiota e fala pra vc "E ae Gótico?" Vc odeia q cheguem umas meninhas e te chamem de Vampiresco?  Só pq vc usa coturno te chamam de gótico? Vc odeia pessoas q pensam q quem ouve metal é gótico?</p> <p>Essa então é a sua comunidade!!!  -----  Qualquer Gótico será deletado dos membros e por favor, sem brigas entre os membros da comunidade, se quiserem brigar usem os Scrapbooks.</p>
	<p><a href="#">Um Romance Gótico</a> 63 membros  Uma paixão nascida do encontro de duas almas solitárias...</p> <p>Um Romance Gótico</p> <p>Poemas inspirados na paixão oculta e resplandescente nas sombras...</p> <p>Um Romance Gótico</p> <p>Um amor que destruiu toda a solidão da vida maldita e deu novo sentido à torturante existência...</p> <p>Um Romance Gótico</p> <p>Adormecidos juntos num caixão cheio de calor...</p> <p>Um Romance Gótico</p> <p>O cemitério é o lugar de nossas orgias...</p>
	<p><a href="#">SOU GÓTICO, SOU DO BEM!!!</a> 63 membros  PARA ACABAR DE UMA VEZ POR TODAS COM ESSE MALDITO PRECONCEITO.</p> <p>GÓTICO NÃO É GENTE DO MAL!!!!!!</p>
	<p><a href="#">A Procura do Gótico Perfeito</a> 63 membros  Procuramos um ser de inteligência mútua.  Que seja sincero e fiel.  Que nos leve à passear em cemitérios.  Que nos envolva com seus encantos e mistérios.  Que goste de nós como nós somos e não por prazeres da carne.  Que nos respeite e nos ame.  Que tenha seus defeitos mas que adimita-os.</p> <p>.Você garota está á procura de alguém assim?  .Você gótico tem essas qualidades?  .Join!</p> <p>~Criadoras da comu:</p> <p>Yasmin  <a href="http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=13184153065761699401">http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=13184153065761699401</a></p>

	<p>Renata <a href="http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16869369057013978682">http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16869369057013978682</a></p> <p>-----</p> <p>Na foto... Dyego (Dark Dygo) Namorando <a href="http://www.orkut">http://www.orkut</a></p>
--	--

## Modelo de página gótica do Orkut

wilma.regina@uol.com.br | [Configurações](#) | [Ajuda](#) | [Sair](#)

[Página inicial](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Mídia](#) | [O que há de novo](#)

**orkut** beta





## error, Fantástico e Gótico



**descrição:** Comunidade para os amantes da Literatura de Terror, Fantástico e Gótico.

\*\*\*\*\*

Edgar Allan Poe, Lord Byron, Mary Shelley, Bram Stoker, H. P. Lovecraft, E. T. A. Hoffman, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Guy de Maupassant, Horace Walpole, Ambrose Bierce, Arthur Conan Doyle, Algernon Blackwood, Robert Louis Steverson, Stephen King, Ray Bradbury, Clive Barker, Ira Levin, Jorge Luis Borges, Anne Rice e outros...

Conheça novos autores, divida suas opiniões, critique, indique livros, expanda suas opções de leitura.

\*\*\*\*\*

Sempre que possível, olhe nas páginas anteriores. Tem muita

**membros (4.119)**

 <a href="#">Bruno (111)</a>	 <a href="#">Juliana (134)</a>	 <a href="#">Wilma (156)</a>	 <a href="#">João (134)</a>
 <a href="#">Fábio Fabrício (515)</a>	 <a href="#">Tati (78)</a>	 <a href="#">Eduante (84)</a>	 <a href="#">Jesse (149)</a>

[»» ver membros](#)

**comunidades relacionadas**

 <a href="#">Jorge Luis Borges (638)</a>	 <a href="#">Lovecraft Brasil (1.622)</a>	 <a href="#">Edgar Allan Poe (Brasil) (10.689)</a>
--	---	--

-  [ver fórum](#)
-  [ver eventos](#)
-  [convidar amigos](#)
-  [falso! denunciar](#)
-  [sair da comunidade](#)

discussão legal por lá que vale a pena receber novos comentários.

\*\*\*\*\*

> >

<http://orbita.starmedia.com/necrose>

categoria: Artes e Entretenimento

dono: [Marcio Bucaneiro Delgado](#)

tipo: pública

fórum: não-anônimo

idioma: **Português**

local: Brasil

criado em: 9 de Agosto de 2004

membros: 4.119



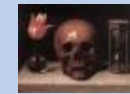
[Lord Byron](#)  
(7.372)



[Anne Rice - Brasil](#)  
(8.995)



[Granamyr é o cara!](#)  
(168)



[Sociedade Epicuréia](#)  
(1.425)



[Góticos no Brasil](#)  
(12.996)



[Álvares de Azevedo](#)  
(8.514)

#### fórum

[ver todos os tópicos](#)



tópico	autor	postagens	última postagem
<a href="#">Vc já sentiu MEDO lendo?</a>	<a href="#">Marcio Bucaneiro</a>	78	14/04/2006 - 17:54
<a href="#">Stephen King: gênio, lixo, mediano, irregular?</a>	<a href="#">Marcio Bucaneiro</a>	17	14/04/2006 - 08:20
<a href="#">She walks in beauty - L. Byron</a>	<a href="#">Marconi</a>	1	13/04/2006 - 10:31
<a href="#">Convite ao grupo Eletro-Gótic</a>	<a href="#">Avalon Mage</a>	1	13/04/2006 - 10:29
<a href="#">REMAKE DE A PROFECIA</a>	<a href="#">B. Resedá</a>	5	13/04/2006 - 08:30

>> novo tópico

#### eventos

[ver todos os eventos](#)

título	dono(a)	cidade	data
<a href="#">HOLOCAUSTO II EDIÇÃO OPEN BAR COM BANDAS</a>	<a href="#">Nani</a>	SÃO PAULO	14/04/2006

 <a href="#">Filmes Assustadores</a>	<a href="#">Wagner</a>	orkut	20/04/2006
 <a href="#">VAMPARTY (CONVENÇÃO dos VAMPIROS)</a>	<a href="#">Lola</a>	Rio de Janeiro	21/04/2006

[» criar evento](#)

serviço filiado ao Google

[orkut in english](#) | [Sobre o orkut](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)

# ANEXO F

## LISTAS GÓTICAS DE DISCUSSÃO NA INTERNET

Abaixo, estão alguns exemplos de listas de discussão entre os góticos de São Paulo. As que aqui foram expostas (com suas redações inalteradas tal como disponíveis para o público), estão alocadas no portal [www.yahoo.com.br](http://www.yahoo.com.br).

### 1 **gotico**

394 associados, Arquivos: Somente moderadores

Lista de discussão moderada sobre a cultura gótica. Pertinente ao Projeto Catedral, que trabalha com a produção de eventos góticos. O website do projeto abriga mais de 250 músicas (mp3, realaudio e mid), mais de 20 temas góticos para Windows, vídeos, filmes e shows... tudo completo para download!

### 2 **simsa objetos**

370 associados, Arquivos: Somente moderadores

Grupo criado para os fãs de "The Sims". Equipe: Civana / AnjoMau / Tio Sim / Uli / Tita / Faraó / Rafaela Nossos outros Grupos: \*skins=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_skins](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_skins) (NEW) (famosos, góticos, tv series, natalinos, etc) \*faces/skins=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_faces](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_faces) \*houses=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_casas](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_casas) \*walls/floors/roofs=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_revestimentos](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_revestimentos) Orkut:  
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8379381>

### 3 **teen gothz**

293 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Tópicos: Gótico, wicca, vampirismo, literatura, artes, música, baladas, discussões sobre Fanta Uva, Venerar o Rei Humberto.. Ser teen gótico é.. - Dançar com a parede, independente do lugar onde vc esteja ou da música que esteja rolando. Dance forró com a parede, dance techno com a parede, dance lambada com a parede. Não importa, dance sempre com a parede. - Jamais cumprimente alguém usando a palavra 'Saudações' ou despeça-se dizendo 'Blood kisses', isso não é teen, isso é brega! - Tenha um ...([mais](#))

#### 4 **livros-vampiros-goticos**

282 associados, Arquivos: É necessário ser associado

" Uma lista gótica para góticos! " Quer anos 80 vá no Trash 80, aqui é uma lista gótica de respeito eheheh! Cultura Gótica Baladas exclusivamente Góticas (nada de meio 80's, meio goth) Livros e e-books Vampiros Poesias românticas, depressivas, mórbidas... Cemitérios Casos Conselhos amigáveis para os camaradas depressivos Religião Enfim... há tanta coisa... Sincerely not yours, Dan Erick

#### 5 **gothic\_darkness**

272 associados, Arquivos: É necessário ser associado

"Antes de mais nada...Não confundam o Gótico com Depressão...Somos considerados por muitos como melancólicos e deprimidos, nos culpam de gostar de sermos "infelizes"...Bom mas o que é felicidade pra eles?É fechar os olhos e fingirmos que o mundo é perfeito?Que milhares de pessoas não morrem de fome? aH Isso é ridículo...Gosto do mórbido, do frio,do misterioso e do obscuro mas não gosto do triste e depressivo e não sou eu que vivo a falsidade imposta pela sociedade.Não temos o medo de dormir, mas ...[\(mais\)](#)

#### 6 **simsa**

264 associados, Arquivos: Somente moderadores

Grupo criado para os fãs de "The Sims". Equipe: Civana / AnjoMau / Tio Sim / Uli / Tita / Faraó / Rafaela Nossos outros Grupos: \*skins=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_skins](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_skins) (NEW) (famosos, góticos, tv series, natalinos, etc) \*houses=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_casas](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_casas) \*objects=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_objetos](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_objetos) \*walls/floors/roofs=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_revestimentos](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_revestimentos) Orkut:  
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8379381>

#### 7 **simsa\_revestimentos**

127 associados, Arquivos: Somente moderadores

Grupo criado para os fãs de "The Sims". Equipe: Civana / AnjoMau / Tio Sim / Uli / Tita / Faraó / Rafaela Nossos outros Grupos: \*skins=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_skins](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_skins) (NEW) (famosos, góticos, tv series, natalinos, etc) \*faces/skins=  
<http://br.groups.yahoo.com/group/simsa> \*houses=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_casas](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_casas) \*objects=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_objetos](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_objetos) Orkut:  
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8379381>



8 **simsa casas**

115 associados, Arquivos: Somente moderadores

Grupo criado para os fãs de "The Sims". Equipe: Civana / AnjoMau / Tio Sim / Uli / Tita / Faraó / Rafaela Nossos outros Grupos: \*skins=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_skins](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_skins) (NEW) (famosos, góticos, tv series, natalinos, etc) \*faces/skins= <http://br.groups.yahoo.com/group/simsa> \*objects=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_objetos](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_objetos) \*walls/floors/roofs=  
[http://br.groups.yahoo.com/group/simsa\\_revestimentos](http://br.groups.yahoo.com/group/simsa_revestimentos) Orkut:  
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8379381>

9 **MalaDiretaGoticoDF**

95 associados, Arquivos: Somente moderadores

Mala direta eletrônica de divulgação de eventos góticos no Distrito Federal - Brasil Site do grupo de distribuição e discussão GóticoDF:  
<http://br.groups.yahoo.com/group/GoticoDF>

10 **goticosdebh**

50 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Grupo criado para os góticos de Minas Gerais, principalmente para os de Belo Horizonte para discutir sobre música, arte, arquitetura, tatoos e piercings, estilo de vida e outros assuntos...

11 **goticos body and soul**

40 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Rio de Janeiro, RJ. Este grupo foi criado para os amantes das trevas, do medieval, do romantismo. Aqueles que amam o obscuro, em todas as suas formas, e não aceitam a falsa e antiga ligação do negro com o mal. Todos os góticos com profundo amor pela arte e pela noite serão bem-vindos.

12 **misticos romanticos e goticos**

32 associados, Arquivos: Público

Para quem acredita em coisas que podem acontecer sem uma explicação exata Do que está acontecendo. Você que acredita que existem forças que estão em Nossa presença sem se identificar, você que acredita no sobrenatural e ter ter alguém que seja muito especial a você por ai, que você acredita que existe uma "Alma Gêmea" sua por ai... Para quem curte na sua essência Romances, momentos ao luar... Curte uma música cool ao lado de uma boa Pessoa... "o tipo certo de pessoa Errada"!!!!!! §§§ Integre-se ...(mais)

13 **thesimshackeado**32 associados, Arquivos: [Público](#)

Objetos especiais e hackeados para o The Sims 1 ! Apenas objetos especiais neste grupo, ou seja, objetos que sejam mais do que apenas um artefato de decoração, objetos que nos ajudem a ganhar forças, poderes especiais ou atividades que normalmente não existiriam no jogo original. Evite ser desagradável e observe os tópicos antes de mandar mensagens ou um arquivos inúteis ou repetidos. Preserve os direitos autorais e mantenha as fontes originais. Para compartilhar skins do TS1, entre em sims ...([mais](#))

14 **goticoszs**

24 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Grupo de discussão sobre temas góticos. Atuamos na Zona Sul de São Paulo, fotos divulgando cemitérios da região, música gótica, tristania, whitin temptation, clan of ximox, dead can dance, poemas, byron, e muito mais...

15 **punk metal gotico**

20 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Esse grupo é para quem curte o rock de verdade! Aqui vc irá encontrar fotos e notícias de bandas como: Marilyn Manson, Guns N' Roses, Nirvana, Red Hot Chili Peppers, e muito mais! Para os góticos Anti-Cristo... Um prato cheio, orações católicas convertidas para Anti-Cristo!!! Esperamos que gostem... (Estamos em andamento)

16 **gothicunionbrazil**13 associados, Arquivos: [Público](#)

Grupo de um Gótico para todos os Góticos do Brasil. Discussões, enquetes, eventos e tudo o mais que sua mentes possam criar e desejar. Encontre pessoas com as mesmas opiniões, desejos, e perspectivas que você. Essa é a União Gótica..contra os Posers! Contra os Skinheads! Contra a Hipocrisia Dominante! In Union we stand !!

17 **goticos de bh**10 associados, Arquivos: [Público](#)

Um grupo para controle e contato dos Góticos de BH! Teremos encontros semanais e quinzenais em lugares variados para curtir a noite, o sombrio, o metal, ghotic, heavy, death, thrash, musica, luais... Vamos conversar, discutir diferentes pontos de vistas, etc... Se você é um Gótico, mora em BH e, assim como nós, cansou de ficar a toa sabado e domingo a noite, junte-se a nós! Moderação: Gwynn Ap Nudd (não serão permitidos spams fora do contexto do grupo)

18 **darkland\_nick**10 associados, Arquivos: [Público](#)

SAUDAÇÕES!!!ESTE GRUPO É PERA PESSOAS QUE ADMIRA,MÚSICAS,CULTURA,GÓTICOS,VAMPIROS,CYBER,ETC... E QUE QUEIRA FAZER NOVAS AMIZADES.

19 **goticosriomafra**

9 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Este grupo tem como principal objetivo reunir pessoas de Rio-Mafra e cidades próximas, interessados na literatura(contos, horror gótico, etc.), musica(Dark-Ambient,Post Punk, Alternativa, Goth Rock, Dark Eletro, Doom & Gothic Metal), e a cultura obscura como um todo! ESTE É O MUNDO DOS GÓTICOS, SOMBRIO E LAGUIDAMENTE ROMÂNTICO, UMA ETERNA BUSCA, GUIADA PELA NOITE E SEUS MISTÉRIOS!

20 **darksims1**9 associados, Arquivos: [Público](#)

Para compartilhar objetos e skins góticos, mórdidos e macabros do jogo The Sims 1. Grupo originário do The sims hackeado do orkut. Evite ser desagradável e observe os tópicos antes de mandar mensagens ou um arquivos inúteis ou repetidos. Preserve os direitos autorais e mantenha as fontes originais. Para compartilhar outros objetos especiais, entre em The Sims hackeado (TS1)  
<http://br.groups.yahoo.com/group/thesimshackeado> ou procure outro grupo Para compartilhar skins do TS1, entre em sims skins ...[\(mais\)](#)

21 **naescuridaoeterna**

8 associados, Arquivos: É necessário ser associado

A criação deste vem a vincular para trazer troca d idéias,conhecimentos e sabedorias sobre os góticos.Expor idéias conclusões e etc

22 **melancolicsoul**

6 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Para todos que são Góticos em espírito e não apenas nas vestes pretas. Que assim o são, não por gosto mas por natureza.Aqui os comédias não poderão se esconder no visú.

23 **chikelety\_hagoura**

6 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Bichas, sapas, loucos, freaks, góticos, punks, doentes, bizarros, grotescos, sem-noção, estranhos, ovelhas-negras, roqueiros doidões, escrotos, páreas da sociedade, rebeldes sem causa... Já nos rotularam de tudo... Agora é a nossa vez! Nos encontramos, nós, os estranhos...e somos uma família cada vez maior e mais feliz! E que a oposição vá se f\*\*\*\* hãgoura! "Borboletas unidas jamais serão vencidas!"

24 **dark water**

6 associados, Arquivos: [É necessário ser associado](#)

góticos no more góticos no more góticos no more Góticos - O Retorno Maldito &amp; Televisão Digital Ex-água mineral e tie-in em filmes. "We are goths no more" góticos no more góticos no more góticos no more

25 **simskins1**

5 associados, Arquivos: [Público](#)

Compartilhamento de skins para o The Sims 1. Grupo originário do The sims hackeado do orkut. Nesse grupo não são bem-vindos skins eróticos nem objetos. Evite ser desagradável e observe os tópicos antes de mandar mensagens ou um arquivos inúteis ou repetidos. Preserve os direitos autorais e mantenha as fontes originais. Para compartilhar outros objetos especiais par The sims 1, entre em The Sims hackeado <http://br.groups.yahoo.com/group/thesimshackeado> ou procure outro grupo Para compartilhar ...([mais](#))

26 **croftclorus**

< 5 associados, Arquivos: [Público](#)

Junte se ao meu grupo e vamos compartilhar nossa tristeza e melancolia...para góticos de verdade.

27 **soul gothic**

< 5 associados, Arquivos: [Público](#)

Não há um estatuto que defina com exatidão o que faz de alguém um gótico. Cada um deles terá sua própria concepção (ao menos deveria ter)... Também, é preciso ter em mente que quando falamos de um estilo pessoal, falamos de estereótipos nada rígidos. Particularmente, considero gótico aquele que é genuinamente atraído pelo mórbido e vive de mãos dadas ao que psicologia considera a Sombra da personalidade. O Vampiro, mais do que uma simples influência, é um alicerce da cultura gótica. Seu aspecto ...([mais](#))

28 **darquel**

< 5 associados, Arquivos: [É necessário ser associado](#)

meu grupo tem em base a trilha sonora da rainha dos condenados e seus atributos góticos em si.

29 **lindinho**

< 5 associados, Arquivos: [Público](#)

Não há um estatuto que defina com exatidão o que faz de alguém um gótico. Cada um deles terá sua própria concepção (ao menos deveria ter)... Também, é preciso ter em mente que quando falamos de um estilo pessoal, falamos de estereótipos nada rígidos. Particularmente, considero gótico aquele que é genuinamente atraído pelo mórbido e vive de mãos dadas ao que psicologia considera a Sombra da personalidade. O Vampiro, mais do que uma simples influência, é um alicerce da cultura gótica. Seu aspecto ...[\(mais\)](#)

30 **goticos de ipatinga**

< 5 associados, Arquivos: [Público](#)

Grupo para os góticos malocados de Ipatinga

31 **satandivine**

< 5 associados, Arquivos: [É necessário ser associado](#)

Este grupo é apenas para pessoas com atitudes radicais sobre o assunto. Góticos e gays não são bem vindos

32 **darknook**

< 5 associados, Arquivos: [É necessário ser associado](#)

Fala sobre muitas coisas, principalmente sobre os mundos Dark's, Vampiros, Góticos, Rock N'Roll & Etc...ok.

33 **24circulodoinferno**

< 5 associados, Arquivos: [Público](#)

Amigos e conhecidos frequentadores do BLOG VIGESIMO QUARTO CIRCULO DO INFERNO. Vamos trocar informações e opiniões. Vamos fazer amizade, mesmo que no inferno. Depressivos, góticos, infelizes, solitários e reclusos por opção, O 24o Círculo será sua moradia aqui e no além!

34 **fgothgate**

< 5 associados, Arquivos: Público

Grupo de e-mail dos Góticos de Florianópolis e região.

35 **gothic\_sc**

< 5 associados, Arquivos: É necessário ser associado

Unindo os góticos de todo o Estado de SC!

36 **almas\_perdidas**

< 5 associados, Arquivos: Público

música,literatura,artes,arquitetura,ocultismo,e tudo relacionado a cultura gótica...este grupo foi criado para nós góticos podermos nos comunicar e trocar idéias sobre esse mundo maravilhoso e obscuro!!!!!!

37 **goticos\_floripa**

< 5 associados, Arquivos: Público

Irmãos Góticos de Floripa: uní-vos!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia e Materiais Especiais

A BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABREU, James de Lemos. **Na trilha das tribos urbanas da galeria 24 de maio: sonhos e ruínas na vida de jovens rockers paulistanos**, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia) PUC-SP. São Paulo.

ACHILLI, Justin (org.). **Vampiro: a máscara: um jogo de narrativa de horror pessoal**. 3ª ed. São Paulo: Devir, 1999.

\_\_\_\_\_. **Clanbook: Giovanni**. USA: White Wolf, 1997.

Admirável Gado Novo. Zé Ramalho. **O Grande Encontro: Alceu – Elba – Geraldo Azevedo – Zé Ramalho**. Faixa 9, n. 743214178720 Sony & BMG. s/d. 1 CD-ROM.

AGUIAR, Flávio. “Visões do inferno ou o retorno da aura”. In: NOVAES, Adauto (et. al.). **O olhar**. 9ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ALIGUIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Trad. Hernani Donato, Ilustrações Gustave Doré, São Paulo: Circulo do Livro, 1994.

ALMEIDA, Maria Ângela V. M. F. **Por minha culpa, minha máxima culpa: a vitimização do sagrado e a culpabilização do sujeito: legitimações para um projeto de controle social na cultura brasileira**, 1999. 290 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia) PUC-SP. São Paulo.

ALVES, Cilaine. **O Belo e o Disforme: Álvares de Azevedo e a ironia Romântica**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1998.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984. (Tempo de Libertação; 7)

ALVIM, Rosilene e GOUVEIA, Patrícia (org.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos.** São Paulo: CAPA, 2000.

Angel. Sarah Maclachlan. **Cidade dos Anjos.** Faixa 6, n. 093624686729 Warner Music. s/d. 1 CD-ROM.

ANSPACH, Silvia. **Arte, cura, loucura: uma trajetória rumo à identidade individuada.** São Paulo: Annablume, 2000.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUGÉ, Marc. **A Guerra dos Sonhos.** Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1988a. (Travessia do Século).

\_\_\_\_\_. **El Viajero Subterráneo: un Etnólogo en el Metro.** Barcelona: Gedisa Editorial, 1988b.

AZEVEDO, Aluizio. **O Cortiço.** São Paulo: Paulus, 2003.

AZEVEDO, Álvares de. "O Poeta" In: AZEVEDO, Álvares. **Lira dos Vinte Anos.** São Paulo: FTD, 1994. (Grandes Leituras).

\_\_\_\_\_. **Lira dos Vinte Anos.** São Paulo: FTD, 1994. (Grandes Leituras).

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Poética do Espaço.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance.** Trad. Aurora Fornoni Bernardini (et.al.). 5ª ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

BALANDIER, Georges. **O contorno: poder e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.

\_\_\_\_\_. **A desordem: elogio do movimento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.

\_\_\_\_\_. **El Poder em Escenas: De la Representación Del Poder al Poder de la Representación.** Barcelona: Paidós, 1994.

BARCINSKI, André. **Maldito: a vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão.** São Paulo: 34, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sepultura: toda a história.** São Paulo: 34, 1999. (Col. Todos os Cantos).



BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. 3ª ed., Trad. João Bénard da Costa, Lisboa: Antígona, 1988.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?** Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **Todos os homens são mortais**. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Nova Fronteira, 1965.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. 2ª ed. Trad. Luiz Cláudio do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Bela Lugosi's dead. Bauhaus. **Gotham**. Faixa 3, Dico 2, n. 782388015028 Alternative & Inlie Rock. 1999. 1 CD-ROM.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BLASS, Leila Maria da Silva. "Desfile e produção artística: as interfaces do carnaval", In: PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria (Org.). **Tribos Urbanas: Produção artística e identidades**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2004. (Estudos e Investigações, 31).

BOLEN, Jean Shinoda. **Os Deuses e os Homens: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos**. Trad. Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 2002. (Amor e Psique).

BOWKER, John. **Os sentidos da morte**. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

BRACONS, José. **Saber ver a arte gótica**. Trad. Jamir Martins. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Saber ver a arte)

BRANCO, Lúcia Castelo. **Eros Travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

BROWN, Dan. **Anjos e Demônios**. Trad. Maria Luiza Newlands da Silveira, Rio de Janeiro: Sextante, 2005. (ed. Especial ilustrada).

BRUCATO, Phil e WIECK, Stewart. **Mago, a ascensão**. Trad. Marcel Wakami. São Paulo: Devir, 1997.

BRÜSEKE, Franz Josef. "A técnica moderna e o retorno do sagrado". **Tempo Social, Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 11 (1): 209-230, mai. 1999.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens**. Trad. Ana Luiza Andrade, Belo Horizonte, MG, Chapecó, SC: UFMG, Universitária Argos, 2002.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 34, 2000.

CALIL, Marinês Antunes. “O Retrato do National Disco Club: os Neodândis no Final dos Anos 80”. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lílian de Lucca (org.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000.

CALVINO, Italo (Org.). **Contos fantásticos do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Seis propostas para o próximo milênio**. 3ª ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: mitologia primitiva**. 4ª ed. São Paulo: Palas Athena, 1997.

\_\_\_\_\_. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1999.

\_\_\_\_\_. **Para viver os mitos**. Trad. Anita Moraes. São Paulo: Cultrix, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **La Globalización Imaginada**. Argentina: Paidós, 2001.

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: FFLECH/USP, 2002.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. Trad. Roberta Barni, São Paulo: Studio Nobel, Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, Instituto Italiano di Cultura, 1996.

CASSADA, Jackie; STRATTON, Richard e SUMMERS, Cyntia. **Libellus Sanguinis: keepers of the world: a sourcebook for “Vampire, the dark ages”**. USA: White Wolf, 1998.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **Da rua ao palco: notas sobre a forma do teatro na cidade de São Paulo**. São Paulo: 1982.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo In: CARDOSO, Sérgio (et. al.). **Os sentidos da paixão**. 12ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Cristina Rodrigues e Arthur Guerra. Lisboa: Teorema, 2000.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CONTADOR, Antonio J. C. **Para uma cultura juvenil negra em Portugal**: a música, a estética, o estilo, o corpo e o processo de identificação dos jovens negros portugueses, 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação). Universidade de Lisboa. Portugal.

COSTA, Flávio Moreira da (org.). **13 dos Melhores Contos de Vampiros da Literatura Universal**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

COSTA, Márcia Regina da. **Os “carecas do subúrbio”**: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa, 2000.

CROWN, Steve. **Clanbook**: Brujah. USA: White Wolf, 1992.

DANSKY, Richard E. (org.). **Guide to the Camarilla**. USA: White Wolf, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do velho e do novo mundo (séc. XVI a XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELEMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**: 1300 – 1800, uma cidade sitiada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Pecado e o Medo**: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Trad. Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (vol. I).

\_\_\_\_\_. **O Pecado e o Medo**: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Trad. Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (vol. II).

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caifa. São Paulo: 34, 2005. v. 5.

DERNER, Dalia. **Um estudo sobre identidade na era da internet; <http://www.Teclando.net/> identidade**, 2000. Dissertação (Mestrado em Semiótica) PUC-SP. São Paulo.

Doce Vampiro. Rita Lee. **Série Gold – Acústico MTV Rita Lee**. Faixa 3, n. 731453228627 Universal Music. s/d. 1 CD-ROM.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Trad. Sonia Pereira da Silva, Lisboa: Edições 70, 1991. (Perspectivas do Homem, 39).

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. Trad. Eugênio Michel da Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: Unesp, 1998. (Prismas)

\_\_\_\_\_. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Trad. Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Estampa, 1982.

\_\_\_\_\_. **O tempo das catedrais**: a arte e a sociedade 980-1420. Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1978.

DURAND, G. **Mito, símbolo e mitodologia**. Lisboa: Presença, 19[??].

DURST, Rogério. **Madame Satã**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Encanto Radical).

EDINGER, E. **Ego e arquétipo**. São Paulo: Cultrix, 1989.

EDMUNDSON, Mark. **Nightmare on main srteet: angels, sadomasochism and the culture of gothic**. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 1997.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tratado de história das religiões**. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIAS, Norbert e SCOTOSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENDE, Michael. **A história sem fim**. Trad. Maria do Carmo Cary. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ESPECIAL JOVENS, **Revista Veja**, nº 24, ano 36, São Paulo: Abril, ago. 2003.

\_\_\_\_\_, **Revista Veja**, nº 32, ano 37, São Paulo: Abril, jun. 2004.

ESSINGER, Silvio. **Punk**: anarquia planetária e a cena brasileira. São Paulo: 34, 1999. (Ouvindo Musical).

EYMERICH, Nicolau. **Manual dos Inquisidores**. Trad. Maria José Lopes da Silva. Rio de Janeiro, Brasília: Rosa dos Tempos, Fundação Universidade de Brasília, 1993.

FERREIRA, Cid Vale (org.). **Voivode: estudos sobre os vampiros**. Jundiaí, SP: Pandemonium, 2002. (Carcasse).

FLEUR, Melvin L. de. **Teorias de comunicação de massa**. Trad. Marcelo A. Corção. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FORTUNA, Carlos & SILVA, Augusto Santos. “A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, Percursos, Paisagens Culturais**. Portugal: Oeiras, 1999.

FORTUNA, Marlene. **A poética da expressão oral no teatro: o ator um jogador**, 1995. 295 p. Dissertação (Mestrado em Semiótica) PUC-SP, São Paulo.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. 6ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 20ª ed., Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 29ª ed., Trad. Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 2004.

FOURNIER, V. **Les formes nouvelles des tribus urbaines: Voyage au coeur de quelques formes contemporaines de marginalité culturelle**. Paris: Georg, 1999.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Vol. XIV – A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos).

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Edusp, Cortez, Fapesp, 2000.

FULCANELLI. **El misterio de las catredales**. Barcelona: Plaza & Janes, 1976.

GAIMAN, Neil. **Sandman: os caçadores de sonhos**. Ilustração Yoshitaka Amano, Lisboa: DC Comics, 2000.

GANDILLAC, Maurice de. “O amor na Idade Média”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Desejo**. 6ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GARDIN, Carlos. **Da ação teatral ao teatro de ação**, 1984. 127 p. Tese (Doutorado em Semiótica). PUC-SP. São Paulo.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **Negara:** o estado teatral no século XIX. Trad. Miguel Vale de Almeida. Rio de Janeiro: Difel, 1991.

GIL, José. **Monstros**. Lisboa: Quetzal, 1994.

GINZBURG, Carlo. **História noturna:** decifrando o Sabá. Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GOETHE, J. W. **Fausto**. 4ª ed., Trad. Silvio Meira, São Paulo: Círculo do Livro, 1996.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 4ª ed. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOIDA. **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1990.

GOMBRICH, E. F. **A história da arte**. 15ª ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1993.

GOMES, Manuel João. “Retrato (desconjuntado) da senhora Ann Radcliffe e não só”. In: RADCLIFFE, Ann. **O Italiano ou o Confessionário dos Penitentes Negros**. Lisboa: Estampa, 1979.

GOZZOLLI, Maria Cristina. **Como reconhecer a arte gótica**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GUERRIERO, Silas (org.). **Antropos e psique:** o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **Lê Goût de L'avenir**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

HAGGARD, Henry Rider. **Ela**. Trad. Merle Scoss, São Paulo: Axi Mundi, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6ª ed., Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARTSHORN, Jennifer. **Vampiro, a idade das trevas:** um RPG de horror gótico. Trad. Marcel Murakami. São Paulo: Devir, 1998.

HARVEY, John. **Homens de Preto**. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo: Unesp, 2003.

HATCH, Robert. **Clanbook:** Nosferatu. USA: White Wolf, 1993.

HENDERSON, Joseph L. “Os mitos antigos e o homem moderno”. In: JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (Ed. Especial brasileira).

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. **Estudos de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

\_\_\_\_\_. **Uma busca interior em psicologia e religião**. São Paulo: Paulinas, 1984.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2ª ed. 29ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. Trad. João Paulo Monteiro. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Estudos, 4).

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 11ª ed, Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Divulgação do Livro, 1969.

\_\_\_\_\_. **Retorno ao Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1959.

IRWIN, William (et. al.). **Buffy, a caça-vampiros e a Filosofia. Medos e calafrios em Sunnydale**. Trad. Marcos Malvezzi leal. São Paulo: Madras, 2004.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

JANOTTI JR., Jelder S. **Heavy metal: o universo tribal e o espaço dos sonhos**, 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UNICAMP. Campinas, SP.

JANSON, H. W. **História da Arte**. 5ª ed., Trad. J. A. Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a. (Ed. Especial brasileira).

\_\_\_\_\_. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1999b.

KAGAN, Susan R. “Música, Vampiros”. In: MELTON, J. Gordon. **O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos**. Trad. James F. Sunderlank Cook. São Paulo: Makron Books, 1995.

KEHL, Maria Rita. “A psicanálise e o domínio das paixões”. In: CARDOSO, Sérgio (et. al.). **Os sentidos da paixão**. 12ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. “Masculino/feminino: o olhar da sedução”. In: NOVAES, Adauto (et. al.). **O olhar**. 9ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KELEMAN, Stanley. **Viver o seu morrer**. Trad. Maya Hantonver. São Paulo: Summus, 1997.

KEMP, Kênia. **Grupos de estilo jovens: o “rock underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punk” e “trash” em São Paulo, 1993**. 228 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia). UNICAMP. Campinas, SP.

\_\_\_\_\_. “Identidade Cultural” In: GUERRIERO, Silas (org.). **Antropos e psique: o outro e sua subjetividade**. São Paulo: Olho d’Água, 2002. p. 65-85.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Trad. Paulo Fróes. 6ª ed. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1991.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. Trad. Paulo Menezes. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Trad. Marina Appenzeller, Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE FANNU, Sheridan. “Carmilla” In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). **13 dos Melhores Contos de Vampiros da Literatura Universal**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Portugal, Estampa, 1994.

LEBRUN, Gerard. “O conceito de paixão”. In: CARDOSO, Sérgio (et. al.). **Os sentidos da paixão**. 12ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEFORT, Claude. “Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Desejo**. 6ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LEITE JR., Jorge. **Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo, 2000**. 177 p. Relatório Final (Iniciação Científica em Ciências Sociais) PUC-SP. São Paulo.

LEPOUTRE, David. **Coeur de Banlieue: Codes, rites et Languages**. Paris: Jacob, 1997.

LEVISKY, David Leo (org.). **Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.



LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual**. Rio de Janeiro: 34, 1996.

LINK, Luther. **O diabo**: a máscara sem rosto. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIRA, Alberto. **A magia e o diabo no século XX**. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1983.

LOBIANCO JR., Eithel. **O sublime gótico Batman**, 1998. 136 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP. São Paulo.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar**: (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MABLY, G. “De la législation, Ouvres completes”, vol. IX, In: FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. 29ª ed., Trad. Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 2004.

MACEDO, Lulie e KORMANN, Alessandra. “Todas as caras da metrópole”, **Revista da Folha**, p. 6-34, 24 ago. 2003.

MACIEL, Corintha. **Mitodrama**: o universo mítico e seu poder de cura. São Paulo: Agora, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A Parte do Diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Trad. Aluísio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Graal, 1985. (Tendências, 7).

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. (Ensaio & Teoria)

\_\_\_\_\_. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lílian de Lucca (org.) **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17, nº 49, jun. 2002, p. 11-29.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Mystica Urbe:** um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

\_\_\_\_\_. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole” In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lílian de Lucca (org.) **Na metrópole:** textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1996.

\_\_\_\_\_. “Tribos Urbanas: metáfora ou categoria”, **Cadernos de Campo – Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia**, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é a morte.** São Paulo: Brasiliense, 1998. (Primeiros Passos, 151).

MARGULLIS, Mario. **La Cultura de la Noche. La Vida Nocturna de los Jóvens em Buenos Aires.** Buenos Aires: Biblos, 1997.

MARTINS, Luiz Renato. “Do erotismo à parte maldita”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Desejo.** 6ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MATHESON, Richard. “Eu sou a lenda”. In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). **13 dos Melhores Contos de Vampiros da Literatura Universal.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MATOS, Olgária. “Desejo de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Desejo.** 6ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MEDEIROS, Sérgio. Matthew Gregory Lewis, “A Monja Ensanguentada”. In: NICOLAU, s.d.: s.l., pp. 13.

MELTON, J. Gordon. **O livro dos vampiros:** a enciclopédia dos mortos-vivos. Trad. James F. Sunderlank Cook. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENEZES, Paulo. “Blade Runner: entre o passado e o futuro”. **Tempo Social, Rev Sociol. USP**, São Paulo, 11 (1): 137 – 156, maio. 1999.

MEYER, R. dos S. A. “Metrópole e Urbanismo: São Paulo anos 50”, 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) USP. São Paulo. In: FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo:** trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Edusp, Cortez, Fapesp, 2000.

MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

MINOIS, Georges. **História dos Infernos**. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1997.

MOORE, Alan & DELANO, Jamie. **Hellblazer**. EUA: DC Comics, 1985.

MORAES, Marco A. C. “A prisão Libertina: o erotismo do vampiro”. In: FERREIRA, Cid Vale (org.). **Voivode**: estudos sobre os vampiros. Jundiaí, SP: Pandemonium, 2002a. (Carcasse).

\_\_\_\_\_. “O Vampiro: um retrato em mosaico” In: FERREIRA, Cid Vale (org.). **Voivode**: estudos sobre os vampiros. Jundiaí, SP: Pandemonium, 2002b. (Carcasse).

MORIN, Edgar. **Cinema ou o homem imaginário**. Trad. Antonio-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio D’Água, 1997a.

\_\_\_\_\_. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Trad. Hermano Neves. 6ª ed. Portugal: Europa-América, 2000.

\_\_\_\_\_. “Os campos estéticos” In: MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no século XX. O Espírito do Tempo 1**: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

\_\_\_\_\_. **O homem e a morte**. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

MTV. **Dossiê jovem**. São Paulo: 1999.

MUGGIATI, Roberto. **Rock**: da utopia à incerteza (1967-1984). São Paulo: Brasiliense, 1985. (Tudo é História, 100)

MURICY, Kátia. “Benjamin: política e paixão”. In: CARDOSO, Sérgio (et. al.). **Os sentidos da paixão**. 12ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Música da Noite. Charles Hart e Andrew Loyd Webber. **O Fantasma da Ópera**. Faixa 5, n. 7891397005135 Cid. s/d. 1 CD-ROM.

NICOLAS, Pierre-Alexandre. **O segredo das catedrais**. São Paulo: TRIOM, Centro de Estudos Marina e Martin Harvey, 19[??].

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de espelhos**: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: Edusp, 1993.

O’BARR, James. **O Corvo**. Trad. Renato Rodrigues e Maurício Muniz, São Paulo: Pandora Books, 1993.

OLIVEIRA, Ana Paula de. “A Face maquiada do rock”, **Folha de S.Paulo**, Folhateen, p. 6-7, 12 jul. 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

ORWELL, George. **1984**. 11ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

OTTO, Walter F. “Dionysus: myth and cult”. Trad e Introd. Robert B. Palmer. EUA: University Press, 1965. In: BOLEN, Jean Shinoda. **Os Deuses e os Homens: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos**. Trad. Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 2002. (Amor e Psique).

PAIS, José Machado. “Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais”, In: PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria (Org.). **Tribos Urbanas: Produção artística e identidades**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2004. (Estudos e Investigações, 31).

\_\_\_\_\_. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PÉCORA, Antonio Alcir Bérnadez. “O demônio mudo”. In: NOVAES, Adauto (et. al.). **O olhar**. 9ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PEIXOTO, Nelson Brissac. “As imagens e o outro”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Desejo**. 6ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

People are strange. The Doors. **The Best of The Doors: digitally & Remastered**. Faixa !!, n. 075596246828 Warner Music. 2001. 1 CD-ROM.

PETERSON, Michel. **Estética e política do romance contemporâneo**. Trad. Ricardo Iuri Canko. Porto Alegre: UFRGS, 1995. (Ensaio CPG – Letras; 2).

PINTO, José Nêumanne. **Os cem melhores poetas brasileiros do século**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

PINTO, Paulo Roberto Giardullo. “O Panóptico: Foucault confirma Orwell”, **Revista Espaço Acadêmico**, n. 28, set. 2003, mensal, ISSN: 15196186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/028/28cpinto.htm> Acesso em: 02 fev. 2005.

PIRES, Eliane Nogueira. **Juventude, Lazer e Sociabilidade: trajetos e percursos na noite**, 2004. 193 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) PUC-SP, São Paulo.

POE, Edgar Allan. **“O Corvo” e suas traduções**. 2ª ed. Ampl., Org. Ivo Barroso, Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

\_\_\_\_\_. “O Corvo”. Trad. Machado de Assis, Rio de Janeiro: s.l., 1883. In: POE, Edgar Allan. **“O Corvo” e suas traduções**. 2ª ed. Ampl., Org. Ivo Barroso, Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

\_\_\_\_\_. **Histórias Extraordinárias**. Trad. Brenno Silveira e outros. São Paulo: Nova Cultural, Círculo do Livro, 1993.

\_\_\_\_\_. “O Homem da Multidão”, EUA: 1840. In: CARLO, Ivan. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Virtual Books, 2003. Disponível em: [http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/Teorias\\_da\\_Comunicacao.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/Teorias_da_Comunicacao.htm), Acesso em: 15 dez. 2005.

PRADO, Adélia. “A arte como experiência religiosa”. In: TENÓRIO, Waldecy (org.). **O simbólico e o diabólico: dramas e tramas**. São Paulo, Educ, 1999.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas, SP: Unicamp, 1996. (Repertórios).

\_\_\_\_\_. **El pacto com la serpiente: paralipómenos de “La carne, la muerte y el diablo en la literatura romântica”**. Trad. Ida Vitale. México: Fondo de Cultura Econômica, 1988.

QUEIROZ, José J. e outros. **Interfaces do sagrado: em véspera de milênio**. São Paulo: Olho d’Água, 1996.

RADCLIFFE, Ann. **O Italiano ou o Confessionário dos Penitentes Negros**. Lisboa: Estampa, 1979.

RAYMOND, Bayer. **História da estética**. Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1978.

REIN-HAGEN, Mark (org.). **Vampiro: a máscara: um “roleplaying game” de horror pessoal**. São Paulo: Devir, 1994.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Jorge Cláudio (org.). **O humano, lugar do sagrado**. 5ª ed. São Paulo: Olho d’Água, 1999.

\_\_\_\_\_. **Moradas do mistério**. São Paulo: Olho d’Água, 2000.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social, Rev. Sociol.** USP, São Paulo, 11 (1): 189-195, maio. 1999.

RICE, Anne. **A Fazenda Blackwood: crônicas vampirescas**. Trad. Alyda Christina Sauer, Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

\_\_\_\_\_. **A história do ladrão de corpos: crônicas vampirescas**. 2ª ed. Trad. Aluyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- \_\_\_\_\_. **A Hora das Bruxas I.** Trad. Waldéa Barcellos, São Paulo: Rocco, 1997a.
- \_\_\_\_\_. **A Hora das Bruxas II.** Trad. Waldéa Barcellos, São Paulo: Rocco, 1995a.
- \_\_\_\_\_. **A Múmia.** Trad. Fábio Fernandes, São Paulo: Rocco, 1995b.
- \_\_\_\_\_. **A Rainha dos Condenados.** 5ª ed. Trad. Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.
- \_\_\_\_\_. **Beauty's Punishment.** EUA: Simon & Schuster, 1994. (Publicado originalmente com seu pseudônimo A. N. Roquelaine)
- \_\_\_\_\_. **Beauty's Release.** EUA: Penguin, 1985. (Publicado originalmente com seu pseudônimo A. N. Roquelaine)
- \_\_\_\_\_. **Belinda.** EUA: Berkley Publishing, 2000b.
- \_\_\_\_\_. **Chore para o céu.** Trad. Ivo de Oliveira, Rio de Janeiro: Rocco, 1996a.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista com o vampiro.** Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Lasher.** Trad. Waldéa Barcellos, São Paulo: Rocco, 1996b.
- \_\_\_\_\_. **Memnoch: as crônicas vampirescas.** Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.
- \_\_\_\_\_. **Merrick.** Trad. Waldéa Barcellos, Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O Despertar da Bela Adormecida.** Lisboa: Europa-america, 2005. (Publicado originalmente com seu pseudônimo A. N. Roquelaine)
- \_\_\_\_\_. "O senhor de Rampling Gate". In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). **13 dos Melhores Contos de Vampiros da Literatura Universal.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **O Servo dos Ossos.** Trad. Léa Viveiros de Castro, São Paulo: Rocco, 1998a.
- \_\_\_\_\_. **O vampiro Armand.** Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.
- \_\_\_\_\_. **O vampiro Lestat: segundo volume das crônicas vampirescas.** Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.
- \_\_\_\_\_. **Pandora: novos contos vampirescos.** Trad. Adalgisa Campos da Silva, Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

\_\_\_\_\_. **Sangue e Ouro:** as crônicas vampirescas. Trad. Waldéa Barcellos, São Paulo: Rocco, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Taltos:** as vidas dos bruxos Mayfair. Trad. Waldéa barcellos, Rio de Janeiro: Rocco, 1996c.

\_\_\_\_\_. **The Feast of all saints.** EUA: Ballantine Books, 1986.

\_\_\_\_\_. **Violino.** Trad. Mario Molina, Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Vittorio, o vampiro.** Trad. Alberto Lopes, Rio de Janeiro: Rocco, 2000d.

RILEY, Michael. **Conversations with Anne Rice:** an intimate, enlightening portrait of her life and work. New York: Ballantine Books, 1996.

ROCHA, Everardo. **O que é mito.** São Paulo: Brasiliense, 1996. (Primeiros Passos, 151).

ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-estar na modernidade:** ensaios. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SADE, M. In: BATAILLE, Georges. **O Erotismo.** 3ª ed., Trad. João Bénard da Costa, Lisboa: Antígona, 1988.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História.** Trad. Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANCHES, M. Carmo Cabêdo & MARTINS, Humberto. “Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis. Traços noturnos”. (Percursos Juvenis na noite do Bairro Alto). 1995.

SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus (contra os pagãos).** Petrópolis: Vozes, Federação Agostiniana Brasileira, livro XVI, VIII, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Globalização e as Ciências Sociais.** São Paulo: Cortez, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 12ª ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, N. “Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20”. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. In: FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Edusp, Cortez, Fapesp, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª ed. Rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SHUA, Ana Maria. **Contos judaicos com fantasmas & demônios**. São Paulo: Shalom, 1994.

SICUTERI, Roberto. **Lilith: a lua negra**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SILVA, Ignacio Assis. **Figuratização e metamorfose: o mito de Narciso**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Prismas, 1995.

SILVA, Regina Helena Alves da & FRANÇA, Vera Regina Veiga. “A comunicação como tessitura da complexidade: cidade, favela e experiência comunicativa”, **Revista Margem**, Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Fapesp), n. 1, mar. 1992. São Paulo: 2000.

SILVA, Wilma Regina Alves da. **A Função Estruturadora do Jogo de “RPG” na Tribo Urbana dos Góticos na cidade de São Paulo**, 2002. 330 p. Relatório Final (Iniciação Científica. Departamento de Teologia e Ciências da Religião) PUC-SP. São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Tribos Urbanas, Você e Eu: conversas com a juventude**. São Paulo: Paulinas, 2004.

SIMMEL, George. “Antropologia das sociedades secretas”. In: BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.

\_\_\_\_\_. “A metrópole e a vida mental”. Trad. Sérgio marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SKOOG, Sven e SSOULBAN, Lucien. **Clanbook: Baal: a black dog clanbook for “vampire: the dark ages” for adults only**. USA: White Wolf, 1998.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Trad. Rubens Figueiredo, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Daniela de Andrade A. G. de. **Internet, imaginário coletivo e religiosidade no mundo contemporâneo: um estudo preliminar**, 2000. Monografia (Tese de Conclusão de Curso em Psicologia) PUC-SP. São Paulo.



\_\_\_\_\_. “Internet, imaginário coletivo e religiosidade no mundo contemporâneo: um estudo preliminar”. **Boletim Clínico**, Clínica psicológica “Ana Maria Poppovic”, São Paulo, 10: 13-29, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Telma Regina de Paula. **Mundo contemporâneo e totalitarismo: os limites da diferença. Formações identitárias do grupo skinheads no Brasil e na Itália**, 1998. 560 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia). PUC-SP. São Paulo.

STEIN, R. **Incesto e amor humano**. São Paulo: Símbolo, 1978.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

STOKER, Bram. **Drácula**. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1993.

\_\_\_\_\_. **Drácula**. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

\_\_\_\_\_. “O hóspede de Drácula” In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). **13 dos Melhores Contos de Vampiros da Literatura Universal**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989.

SUMMERSON, John. **A língua clássica da Arquitetura**. Trad. Sylvia Fischer. Rev. Mônica Stahel. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Teatro dos Vampiros. Renato Russo. **Acústico MTV: Legião Urbana**. Faixa 7, n. 724352150528 Emi. 1999. 1 CD-ROM.

TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

THOMAS, Louis-Vincent. **Antropologia de la muerte**. Trad. Marcos Lara. México: Fondo de Cultura Económica, 19[??].

TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos anéis**. Trad. Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Obra completa)

TORNERO, J. (et.al.). **Tribus Urbanas: el ânsia de identidad juvenil: entre el culto a la imagen y la autoafirmación através de la violència**. Barcelona: Paidós, 2000.

Vampiro. Jorge Mautner. Disponível em:

<http://jorge-mautner.letras.terra.com.br/letras/46654/> Acesso em: 15 jun. 2005.

VIANNA, Hermano. **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: s.l, 19[??].

VILELA, Marcelo. “Para além do Dark: os primeiros góticos de São Paulo” , **Carcasse**, Disponível em:

[http://www.carcasse.com/revista/passaros\\_negros/para\\_alem\\_do\\_dark/index.php](http://www.carcasse.com/revista/passaros_negros/para_alem_do_dark/index.php), Acesso em: 02 jan. 2006.

VILLAÇA, Alcides. “Na Intimidade Romântica”. In: AZEVEDO, Álvares. **Lira dos Vinte Anos**. São Paulo: FTD, 1994. (Grandes Leituras).

WAGNER, Matt. **Sandman: mystery theatre – the vamp**. Ilustração Guy Davis. EUA: DC Comics, 2005.

WARNER, Marina. **Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores**. Trad. Telma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WATT, Ian. **Mitos do Individualismo Moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe**. Trad. Mario Pontes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WILDE, Oscar. **O Fantasma de Caterville. O Príncipe Feliz**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Clube do Livro, 1946.

WISNIK, José Miguel. “Iluminações profanas (poetas, profetas, drogados)” In: NOVAES, Aduino (et. al.). **O olhar**. 9ª Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Trad. Maria Isabel Gaspar. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Col. a).

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!:** cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. Trad. Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003. (Estado de Sítio).

## Filmografia

A BRUXA de Blair 2 – O Livro das Sombras. Direção de Joe Berlinger. EUA: Paris Filmes, 2000. 1 fita de vídeo (90 min.), VHS, son., color., leg.

A DANÇA da Morte. Direção de Mick Garris. EUA: Warner Bros, Abril Vídeo, 1994. 1 fita de vídeo (180 min.), VHS, son., color., leg.

A HISTÓRIA sem fim. Direção de Wolfgang Petersen. Munique: Warner Bros, [s.n], 1984. 1 fita de vídeo (94 min.), NTSC, VHS, son., color., dub.

A LENDA do Cavaleiro sem cabeça. Direção de Tim Burton. EUA: Paramount Pictures, CIC Vídeo, 1999. 1 fita de vídeo (105 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

A LIGA Extraordinária. Direção de Steve Norrington. EUA: Fox Home Entertainment, 2003. 1 DVD (110 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color.

A RAINHA dos Condenados. Direção de Michael Rymer. EUA: Warner Home Vídeo, 2002. 1 DVD (101 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

A SOMBRA do Vampiro. Direção de E. Elias Merhige. EUA/Reino Unido: [s.n], 2000. Bobina Cinematográfica (92 min.), son., color., leg.

ADVOGADO do Diabo: o mal tem seus meios de vencer. Direção de Taylor Hackford. EUA: Warner Bros, [s.n], 1997. 1 fita de vídeo (145 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

ANJOS Rebeldes. Direção de Gregory Widen. EUA: Flash Star, TVV TV Vídeo, 1994. 1 fita de vídeo (94 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

ANJOS Rebeldes 2. Direção de Greg Spence. EUA: Dimension Filmes, 1998. 1 fita de vídeo (83 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

ANJOS Rebeldes 3: o ascendente. Direção de Patrick Lussier. EUA: Dimension Filmes, 2000. 1 fita de vídeo (93 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

AS BRUMAS de Avalon. Direção de Uli Edel. EUA: Warner Bros, Videolar, 2001. 1 fita de vídeo (178 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

BELEZA Americana. Direção de Sam Mendes. EUA: Dream Works Pictures, CIC Vídeo, 1999. 1 fita de vídeo (122 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

BLADE – O Caçador de Vampiros. Direção de Stephen Norrington. EUA: Warner Bros, Warner Home Vídeo, 1998. 1 DVD (120 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

BLADE II – O caçador de vampiros. Direção de Guilherme Del Toro. EUA: Playarte Home Vídeo, 2002. 1 DVD (118 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

CARRIE, a Estranha. Direção de Brian dePalma. EUA: [s.n], Videolar, 1976. DVD (98 min.), NTSC, son., color., leg.

CONTOS Proibidos do Marquês de Sade. Direção de Philip Kaufman. EUA: FOX, Videolar, 2000. 1 fita de vídeo (124 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

CONSTANTINE. Direção de Francis Lawrence. EUA: Warner Bros, 2005. 1 DVD (121 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

DA MAGIA à Sedução. Direção de Griffin Dune. Canadá: Warner Bros, [s.n], 1999. 1 fita de vídeo (105 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

DENISE está chamando. Direção de Hal Salwen. EUA: Davis Entreteniment, Alpha Filmes, 1995. 1 fita de vídeo, NTSC, VHS, son., color., leg.

DISCOVERY – Vampiros. A sede pela verdade. Documentário. EUA: Playarte Home Vídeo, 2002. 1 DVD (50 min.), Dolby Digital, color., tela cheia.

DRÁCULA II – A Ascensão. Direção de Patrick Lussier. EUA: Europa Home Vídeo, 2003. 1 fita de vídeo (85 min.), VHS, color., leg.

DRÁCULA 2000. Direção de Patrick Lusser. EUA: Lumière, Videolar, 2000. 1 fita de vídeo (100 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

DRACULA de Bram Stoker: o amor nunca morre. Direção de Francis Ford Coppola. EUA: Columbia Tristar Pictures, Videolar, 1992. 1 fita de vídeo (127 min.), NTSCS, VHS, son., color., leg.

DRÁCULA. Direção de Dan Curtis. EUA: [s.n], Mundial Filmes, 1985. 1 fita de vídeo (101 min.), VHS, son., color., leg.

DRACULA. Direção de Tod Browning. EUA: [s.n], 1931. 1 fita de vídeo (75 min.), VHS, son., p&b., leg.

DUNGEONS & Dragons: a aventura começa agora. Direção de Courtney Solomon. EUA: J&M Entreteniment, Europa Filmes, 2001. 1 fita de vídeo (108 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

ENTREVISTA com o Vampiro. Direção de Neil Jordan. EUA: Warner Bros, [s.n], 1994. 1 fita de vídeo (122 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

FINAL Fantasy. EUA: Columbia/Square pictures, Columbia, 2001. 1 fita de vídeo (106 min.), VHS, NTSC, son., color., dub.

FOME de viver. Direção de Tony Scott. INGL: 1983. 1 fita de vídeo (100 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

FRANKENSTEIN de Mary Shelley. Direção de Kenneth Branagh. EUA: Columbia/Tristar, Videolar, 1994. 1 fita de vídeo (118 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

HACKERS: Piratas de Computador. Direção de Iain Softley. EUA: MGM/UA, [s.n], 1995. 1 fita de vídeo (105 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

INOCENTE Mordida. Direção de John Landis. EUA: warner Bros, Videolar, 1993. 1 fita de vídeo (110 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

JOHN Carpenters apresenta Vampiros: os Mortos. Direção de Tommy Lee Wallace. EUA: Columbia Tristar Home Vídeo, 2002. 1 DVD (93 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

JOVENS Bruxas. Direção de Andrew Fleming. EUA: Columbia Pictures, Videolar, 1996. DVD (101 min.), NTSC, son., color., leg.

LENDA Urbana. Direção de Jamie Blanks. EUA: Tristar/Phoenix, Videolar, 1998. 1 fita de vídeo (100 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

MENSAGEM para você. Direção de Nora Ephron. EUA: Warner Bros, [s.n], 1998. 1 fita de vídeo (120 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

MORCEGOS. Direção de Louis Morneau. EUA: Columbia Tristar Pictures, 1999. 1 fita de vídeo (90 min.), VHS, color., leg.

O CORVO. Direção de Alex Royas. EUA: Buena Vista Pictures e Miramax Filmes, 1994. 1 DVD (99 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

O CORVO II: a cidade dos anjos. Direção de Tim Pope. EUA: Miramax, Videolar, 1996. 1 fita de vídeo (86 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

O CORVO III: a salvação. Direção de Bhanat Nallari. EUA: Miramax Filmes, 2000. 1 fita de vídeo (90 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

O FANTASMA da Ópera. Direção de Joel Schumacher. EUA/INGL: Universal Pictures, 2004. 1 DVD (141 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

O MORRO dos Ventos Uivantes. Direção de Peter Kosminsky. EUA: Paramount Pictures, Videolar, 1992. 1 fita de vídeo (102 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

O PEQUENO Vampiro. Direção de Ulrich Edel. EUA: Warner Home Vídeo, 2000. 1 DVD (94 min.), Dolby Digital, Standard, color..

O SENHOR dos anéis: a sociedade do anel. Direção de Peter Jackson. EUA/Nova Zelândia, 2001. Bobina Cinematográfica (178 min.), son., color., leg.

O SENHOR dos anéis: as duas torres. Direção de Peter Jackson. EUA/Nova Zelândia, 2003. Bobina Cinematográfica (179 min.), son., color., leg.

O SENHOR dos anéis: o retorno do rei. Direção de Peter Jackson. EUA/Nova Zelândia, 2004. Bobina Cinematográfica (200 min.), son., color., leg.

O VAMPIRO da Noite. Direção de Terence Fisher. Ingl.: Warner Home Vídeo, 1958. 1 DVD (82 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

OS ESPÍRITOS. Direção de Peter Jackson. EUA: Universal City, CIC Vídeo, 1996. 1 fita de vídeo (109 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

OS GAROTOS Perdidos. Direção de Joel Schumacher. EUA: Warner Bros, Trademark, 1987. 1 fita de vídeo (98 min.), VHS, son., color., leg.

OS OUTROS. Direção de Alejandro Amenábar. EUA/Espanha/França: Miramax/Lumière, 2001. Bobina Cinematográfica (104 min.), son., color., leg.

POSSUIDOS. Direção de Gregory Hobert. EUA: Warner Bros, [s.n], 1998. 1 fita de vídeo (125 min.), VHS, son., color., leg.

SANDMAN: o mestre dos sonhos. Direção de Eric Wooster. EUA: Comics, Alphavien Home Vídeo, 1994. 1 fita de vídeo (100 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

SMALVILLE – 1ª temporada. Direção de David Nutter. EUA, 2001. 1 DVD (922 min.), Dolby Digital, Surround Sound, color., widescreen.

STIGMATA. Direção de Rupert Wainwright. EUA: Metrô Golden/Mayer Pictures, Videolar, 1999. 1 fita de vídeo (107 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

TRAINSPOTTING sem limites. Direção de Danny Boyle. EUA: Channel Four, Alpha Filmes, 1996. 1 fita de vídeo (90 min.), VHS, NTSC, son., color., leg.

VAMPIROS de Jonh Carpenters. Direção de John Carpenters. EUA: Columbia Tristar Pictures, Largo, 1998. 1 fita de vídeo (108 min.), NTSC, VHS, son., color., leg.

VAMPIROS do Deserto. Direção de I. S. Cardone. EUA: Columbia Tristar Pictures, 2001. 1 fita de vídeo (90 min.), VHS, son., color., leg.

## Sites e Blogs Góticos Pesquisados

A COMUNIDADE. Site voltado ao vampirismo, contendo literatura, notícias, magia, imagens, música e filmes. Disponível em: <http://www.vampirusbrasil.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

ADORÁVEL NOITE. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. A maior ênfase do site está em literatura e fanzines góticos. Disponível em: [www.contonoturno.hpg.com.br](http://www.contonoturno.hpg.com.br), Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

ALMAS GÓTICAS. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão Disponível em: [www.almasgoticas.cjb.net](http://www.almasgoticas.cjb.net) Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

ANGELS FALLS. Blog Gótico (Portugal). Disponível em: <http://www.profetizamorta.blogs.sapo.pt> Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

CARCASSE. O maior portal gótico do Brasil, reunindo não só informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão, mas, também, artigos dos próprios góticos. Disponível em: [www.carcasse.com](http://www.carcasse.com) Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

CRANES STYLE. Site de loja especializada em roupas e acessórios góticos. Disponível em: <http://www.cranesstyles.com.br> Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

DARK DIMENSIONS. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. Disponível em: <http://www.darkdimensions.com.br> Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

DARK SOUL. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. Disponível em: <http://www.darksoul.com.br>, Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

DARK SP. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. Disponível em: <http://www.darksp.com.br>, Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

DARKEST DESIRES STYLE. Site de loja especializada em roupas e acessórios góticos. Disponível em: <http://www.darkestdesires.net> Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

DARKLAND GOTHIC. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. Disponível em: <http://www.darklandgothic.ubbi.com.br> Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

FEUR FREI. Fotolog do grupo de pirofagia da região do Grande ABC Paulista Feuer Frei. Disponível em: <http://www.fotolog.com/grupofeuerfrei>. Acesso em: 2006.

FRATER PENDRAGON. Escola medieval de esgrima, que realiza performances em eventos em geral. Também fazem apresentações de espadas, facas, lâminas em geral, sabres, réplicas, etc. Disponível em: <http://www.fraterpendragon.hpg.com.br>. Acesso em: jan. 2006.

GOTHIC SANCTUARY. Site Gótico de São José dos Campos/SP – cultura gótica, ocultismo, literatura, bandas góticas e outras. Disponível em: <http://www.gothic-sanctuary.7vip.net>. Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

GOTHICO NIGHT. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. Disponível em: <http://goticonight.blig.ig.com.br/> Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

GÓTICO RP. Site Gótico de Ribeirão Preto, SP, contendo poemas, contos, informações sobre vampirismo, bandas, eventos e fotos, links gerais e fórum de discussão. Disponível em: <http://www.goticorp.cjb.net>. Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

GOTICO SP. Site com informações sobre a cultura gótica, eventos, shows, links para bandas, poesias e listas de discussão. Disponível em: <http://www.goticosp.com.br/> Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

GÓTICOS E A PAIXÃO PELO MUNDO DAS TREVAS. Blog gótico. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/gothic/materias/paixao.htm> Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

INCONDICIONALMENTE. Site contendo informações sobre a cultura gótica e alternativa, bandas, notícias e casas noturnas. Disponível em: <http://www.incondicionalmente.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

LACRIMOSA. Site oficial do Fan-Club brasileiro da banda LACRIMOSA, com letras traduzidas, história, fotos e entrevistas da banda. Disponível em: <http://www.lacrimosabrasilfanclub.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

MORBIDART. Cultura Gótica, Poesias, Imagens, Arquitetura e Escultura Gótica. Disponível em: <http://www.morbidart.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

MUNDO GÓTICO. Blog gótico. Disponível em: [http://www.lady\\_darkness.blogger.com.br](http://www.lady_darkness.blogger.com.br) Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

MUNDO VAMPYR: comunidade vampírica brasileira. Site sobre vampirismo, contendo contos, histórias, poemas, dicas de livros, filmes sobre o assunto, links diversos, personalização do Windows, serviço de email, lista de discussão e guestbook. Disponível em: <http://www.vampyr.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.



MY GRIMORIE. Blog gótico. Disponível em: [http://www.mah\\_gothicgirl.bigblogger.com.br/index](http://www.mah_gothicgirl.bigblogger.com.br/index). Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

NIGHTWISH. Site sobre a banda NightWish, contendo letras, traduções, biografia, curiosidades, fotos, downloads e links. Disponível em: <http://www.angelsfallfirst.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2004.

PÁGINA GÓTICA. Site sobre a cultura gótica, arte, música, foto e literatura gótica, simbolismo, wicca, vampirismo, satanismo, downloads. Disponível em: <http://www.paginagotica.com>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

PROFECIAS. Site de loja especializada em roupas, acessórios e objetos de decoração góticos. Disponível em: <http://www.profeciasnet.com.br/>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

SEBO 264. Site da Livraria SEBO 264, uma estação da economia e ponto de encontro de intelectuais, estudantes, escritores, poetas, artistas e leitores paulistanos, que participa de alguns eventos dos góticos em São Paulo. Disponível em: <http://www.sebo264.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2004.

SEDUÇÃO & VAMPIROS. Site sobre 'Vampiros', contendo contos, fotos, desenhos, filmes, seriados, R.P.G., músicas, bate-papo e contos. Disponível em: <http://www.seducaovampiros.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

SOMBRAS DA MADRUGADA. Site contendo arte gótica, crônicas em geral e links. Disponível em: [http://www.orbita.starmedia.com/~venom\\_ice](http://www.orbita.starmedia.com/~venom_ice). Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

SWORD PENDRAGON. Site de uma empresa de tatuagens artísticas e body piercings. Disponível em: <http://www.swordpendragon.hpg.com.br>. Acesso em: mar. 2004.

THE BLACK DEATH. Site sobre os estilos musicais black metal e death metal. Disponível em: <http://www.profanation.cjb.net>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

THORNS. Site de banda nacional gótica, com informações sobre eventos, shows e curiosidades da cultura gótica em São Paulo. Disponível em: <http://www.thorns.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

UMBRAUM. Poesias, fotos, cinema, Drácula e outros assuntos ligados ao gótico. Disponível em: <http://www.umbraum.com>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

VAMPIRE. Blog gótico. Disponível em: [http://www.gothic-girl.weblogger.terra.com.br/200405\\_gothic-girl\\_arquivo.htm](http://www.gothic-girl.weblogger.terra.com.br/200405_gothic-girl_arquivo.htm). Acesso em: mar. 2005 a jan. 2006.

VAMPIRIA. Antiga comunidade gótica na Internet conhecida como Sadland, contendo o site pessoal do artista Bonés, especializado em moda, jóias e acessórios góticos. Disponível em: <http://www.vampiria.com.br>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

VIRTUA ROCK. Notícias e eventos sobre o cenário gótico e metal. Contém também letras de músicas, classificados, cadastro de bandas, tablaturas e cifras entre outros. Disponível em: <http://www.virtuarock.com.br> Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.

VULTOS NOTURNOS. Site voltado à divulgação de poemas e bandas Góticas e Doom Metal. Contém tablaturas, mp3, matérias sobre vampiros. Disponível em: <http://www.vultosnoturnos.cjb.net>. Acesso em: mar. 2003 a jan. 2006.